MARCELINO PEREIRA GONÇALVES

CONSTRUÇÕES ELEMENTARES DE PLANTA CIRCULAR DA SERRA DO CALDEIRÃO

REFÚGIOS DE TURISMO CULTURAL E DE NATUREZA

Orientadora Científica – Prof.ª Doutora Ana M. Moya Pellitero
Co-orientadora – Prof.ª Doutora Clara Gonçalves

Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes

Portimão
2015

MARCELINO PEREIRA GONÇALVES

CONSTRUÇÕES ELEMENTARES DE PLANTA CIRCULAR DA SERRA DO CALDEIRÃO

REFÚGIOS DE TURISMO CULTURAL E DE NATUREZA

Dissertação apresentada para a obtenção do grau de mestre no Curso de Mestrado em Arquitectura, conferido pelo Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes.

Orientadora Científica – Prof.ª Doutora Ana M. Moya Pellitero.
Co-orientadora – Prof.ª Doutora Clara Gonçalves.

Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes

Portimão
2015

MARCELINO PEREIRA GONÇALVES

CONSTRUÇÕES ELEMENTARES DE PLANTA CIRCULAR DA SERRA DO CALDEIRÃO: REFÚGIOS DE TURISMO CULTURAL E DE NATUREZA.

Dissertação defendida em provas públicas no Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes, no dia 30/10/2015 perante o júri nomeado pelo Despacho de Nomeação nº. 14/2015, com a seguinte composição:

Presidente:

Prof. Doutor Mostafa Zekri (Professor Associado, ISMAT)

Arguente:

Prof.ª Doutora Ana Paula Parreira Correia Rainha (Professora Associada, ISMAT)

Orientador:

Prof.ª Doutora Ana Maria Moya Pellitero (Bolseira, FCT)

Co-Orientador:

Prof.ª Doutora Clara Germana Ramalho Moutinho Gonçalves (Professora Associada, ISMAT)

Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes

Portimão

2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço incondicionalmente todos aqueles que directamente ou indirectamente contribuíram para o desenvolvimento da presente dissertação, nomeadamente:

- A população residente na Serra do Caldeirão, pela sua amabilidade, hospitalidade e disponibilidade para informar e esclarecer nas mais diversas matérias e dúvidas sobre a Serra e as construções elementares de planta circular. Em particular Henrique Francisco Guerreiro, João Lourenço, José Afonso, José Alberto Pires, José António Silvestre, Manuel Mateus Gonçalves, Maria Trindade Venâncio e Rogério dos Reis Simão, pelos conhecimentos transmitidos;

- A orientadora científica, na qualidade de Professora Doutora Ana M. Moya Pellitero e co-orientadora na qualidade de Professora Doutora Clara Gonçalves, pelo apoio, pelos concelhos, pela orientação e pelas sistemáticas revisões.

- A toda a família pelo interrupto apoio e em particular a minha esposa e filhos pelo carinho e incentivo que sempre manifestaram;

- A todos os professores que contribuíram para a minha formação e valorização académica. Nomeadamente o professor Doutor Luís Conceição, professor Doutor Mostafa Zekri, professor José Lima Ferreira, professor Doutor Luís António Durão, professora Isa Sequeira, professor Valdemar Coutinho, professor Estevão Duarte, professor Josué Eliziário, professor Doutor Guilherme Quintino, professor Doutor Tiago de Proença de Oliveira, professora Cláudia Mourinho Ramos, professora Doutora Ana M. Moya Pellitero, professor Rui Sambado e professora Doutora Clara Gonçalves.

RESUMO

A presente dissertação de Mestrado desenvolve-se no objectivo de estudar as construções elementares de planta circular existentes na Serra do Caldeirão, no intuito de explorar um conceito base para desenvolver um projecto de arquitectura contemporânea vernacular. E contribuir com ideias programáticas para ajudar no desenvolvimento cultural e económico de um território desfavorecido existente no Algarve.

Estas construções de planta circular são elementos arquitectónicos singulares na paisagem da Serra do Caldeirão, para as quais existe interesse na divulgação, na reabilitação, na protecção, e na preservação, pois remontam aos princípios base da construção, revelam parte das origens da nossa arquitectura vernacular e são fragmentos valiosíssimos do nosso património histórico rural, testemunhos e herança do nosso passado em vias de desaparecimento.

É surpreendente a forma como integram o local e a paisagem envolvente, como são ecologicamente sustentáveis na construção e durante a sua existência, recorrendo sempre a materiais naturais e locais. Notavelmente satisfazendo a utilização para que são concebidas e aferindo, no caso das que podem constituir abrigo humano, um conforto térmico interior único sem recorrer a tecnologias e materiais mais recentes.

Neste âmbito e para um estudo completo conjugou-se o trabalho de pesquisa bibliográfica com um inédito e exaustivo levantamento no território, que analisa e pesquisa os exemplares originais existentes. Em sistemática interacção com as populações locais, no intuído de absorver a herança e o conhecimento de pessoas ainda capazes de construir, restaurar e conservar este tipo de edificações, bem como recolher informação sobre antecedentes históricos relevantes.

A dissertação estrutura-se em duas partes. A primeira parte de investigação e análise contextual, incide na teoria da arquitectura, com uma breve investigação sobre o mito da "cabana primitiva" e os protótipos da arquitectura, mais concretamente no modelo puro do *tholos* e sua evolução no tempo. Direccionando-se depois para o estudo do território seleccionado, a Serra do Caldeirão e naturalmente ao pormenor as construções elementares de planta circular, que são classificadas em quatro tipos. Consoante os materiais aplicados na sua construção: as edificações erigidas inteiramente em pedra, em materiais vegetais, num conceito híbrido utilizando as duas técnicas anteriores e finalmente as edificações em pedra e cobertura em telha artesanal. Como trabalho conclusivo desta primeira parte, apresenta-se a catalogação do levantamento e investigação de campo. Na segunda parte, implementa-se o conhecimento arquitectónico destas construções de planta circular, num conjunto edificado de nova planta na aldeia do Barranco do Velho. Inicia-se o trabalho com uma breve análise sobre a localidade onde se integra o projecto, seguindo à apresentação do programa e do conceito para desenvolvimento de um empreendimento de turismo em espaço rural, mais concretamente na inovadora tipologia de refúgios de turismo cultural e de natureza. Finalizando com apresentação da proposta de requalificação da paisagem e arquitectónica.

PALAVRAS-CHAVE: Construções de Planta Circular, Reabilitação do Património, Empreendimento de turismo, Construção Vernacular e Serra do Caldeirão.

ABSTRACT

The present dissertation unfolds with the aims to study the basic constructions of circular plan, as it exists in the 'Serra do Caldeirão', in an effort to explore the fundamental concept in order to develop a project of contemporary and vernacular architecture; and to contribute with programmatic ideas to enable the cultural and economic development of a depressed area of the Algarve.

These constructions of circular plan are exceptional architectonic elements in the landscape of the 'Serra do Caldeirão'. There is an interest in the marketing, the rehabilitation, the protection and the preservation of this mentioned area, as these elements date back to the basic origins of construction and architecture. They reveal, in part, the origins of our native architecture and they are extremely valuable fragments of our rustic history; evidence and legacy of our past, in danger of extinction.

It is surprising the way in which they integrate in the area and the compelling landscape, and how they are ecologically sustainable in their construction and durability, always using natural and local materials. They remarkably fulfil the application for which they were created, in the case of those which constitute human shelters, provide unique and comfortable warm interior without turning to more recent technologies and materials.

To this extent and for a more complete study, the task of bibliographic research is combined with an inedited and exhaustive survey of the region, in order to analyze and investigate the existing original constructions. There is a systematic interaction with the local population, with the aim of absorbing the heritage and the knowledge of individuals still capable of building, restoring and conserving these types of construction, as well as gathering information about relevant historical records.

This dissertation is structured in two parts. The first part consists of research and contextual analysis, relating to the theory of architecture, with a brief study of the myth of the 'primitive hut' and the prototypes of architecture, more precisely, in the pure example of the *tholos* and its histórica evolution. Later it leads to the study of the selected area of the 'Serra do Caldeirão' and, in greater detail, the elementary circular plan constructions, which are classified in four types, depending on the materials used in their construction: buildings completely made of stone; vegetable matter; a hybrid concept using both of these techniques; and finally, the constructions in stone with craft tiles on the roof. This first part concludes with a catalogue of the research and field work.

The second part comprises the architectural cognition of these circular building plans, in an ensemble made out of new plans in the village of 'Barranco do Velho'. The task begins with a brief analysis of the area where the project takes place, followed by the presentation of the programme and the concept for the development of a rural tourism enterprise. In other words, the innovative typology of nature and cultural tourism refuges. It concludes with the presentation of the proposal of architectonic reassesment of the landscape.

KEY WORDS: Circular Plan Constructions, Heritage Rehabilitation, Tourism Developments, Vernacular Construction and 'Serra do Caldeirão'.

PREFÁCIO

Pela presente dissertação pretende-se promover a reflexão sobre a forma como a arquitectura também pode ajudar a dinamizar e promover regiões ou territórios mais desfavorecidos economicamente. A arquitectura como meio dinamizador. Normalmente estas regiões são poupadas sistematicamente no tempo à acção humana, muitas vezes impensada em prole do interesse desmedido, e por isso preservando em si a genuinidade humana, natural, cultural e urbana. Estabelecem-se aqui desde logo, mediante a procura do inédito na inovação dos tempos, fortes premissas para atrair interesse que valorize a riqueza destes segmentos e quiçá melhorar ou introduzir novas dinâmicas no investimento. Naturalmente que nestes casos se implora por uma intervenção cirúrgica, que não implemente dinâmicas agressivas num meio normalmente humilde, ao mesmo tempo que impõe a necessidade de um rumo que avalie e corrija os erros cometidos no passado em regiões entretanto mais desenvolvidas.

A escolha do local para intervir incidiu sobre um terreno localizado dentro da malha urbana de uma pequena aldeia, estabelecida no interior da Serra do Caldeirão, denominada de Barranco do Velho. Houve a necessidade de estudar a localidade e o território onde se insere de forma a encontrar um conceito, linhas orientadoras e argumentos válidos para viabilizar e atrair um projecto único que dinamiza-se o local e a região.

Na descontracção e envolvimento de um ambiente naturalmente acolhedor, pontualizado por pequenas povoações de características singulares, não foi tarefa árdua encontrar o ambicionado. Certo que na Serra do Caldeirão, tudo possui uma mística muito particular, mas de entre o verde resplandecente da floresta e o branco do casario tosco e embrenhado existem elementos edificados que se destacam pela sua curiosa forma cilíndrica e/ou cónica, que se realçam na paisagem com particular integração e formosura. Destaque para os palheiros circulares, os moinhos de vento e os poços entre os mais conhecidos, mas existem mais…

Desta forma foi encontrado o objectivo de estudo, para estabelecer a base para desenvolvimento de um projecto de arquitectura que dinamize economicamente a região que integra, ao mesmo tempo que se presta contributo na valorização do património edificado local e para a arquitectura, num trabalho inédito. A dissertação envereda pelo estudo das construções elementares de planta circular da Serra do Caldeirão, para concretização final de um empreendimento de turismo em espaço rural, mais concretamente um complexo constituído por refúgios de turismo cultural e de natureza.

INDICE

INTRODUÇÃO
ENQUADRAMENTO 8
OBJECTIVOS 9
METODOLOGIA 10
ESTRUTURA DO TRABALHO 11
ESTADO DA ARTE 12
RELEVÂNCIA 15
.PRIMEIRA PARTE – INVESTIGAÇÃO E ANÁLISE CONTEXTUAL 17
1. BREVE INTRODUÇÃO HISTÓRICA DA ORIGEM DAS CONSTRUÇÕES 18
1.1. A "CABANA PRIMITIVA" NO PENSAMENTO DA ARQUITECTURA 18
1.2. O *THOLOS* – PROVENIÊNCIA E EVOLUÇÃO 25
1.3. CONSTATAÇÕES FINAIS 29
2. SERRA DO CALDEIRÃO 31
2.1. HISTÓRIA 32
2.2. NUCLEOS URBANOS E POPULAÇÃO 39
2.3. PATRIMÓNIO CULTURAL 46
2.4. PATRIMÓNIO NATURAL 49
2.5. ECONOMIA 50
3. CONSTRUÇÕES ELEMENTARES DE PLANTA CIRCULAR NA SERRA DO CALDEIRÃO 54
3.1. ENQUADRAMENTO 55
3.2. CONSTRUÇÕES DE PLANTA CIRCULAR EDIFICADAS INTEIRAMENTE EM TERRA E PEDRA 56
3.2.1. EIRAS 56
3.2.2. POÇOS 59
3.2.3. CORTELHOS CIRCULARES 62
3.2.4. FORNOS CIRCULARES 65
3.2.5. MALHÕES 69
3.3. CONSTRUÇÕES DE PLANTA CIRCULAR EDIFICADAS INTEIRAMENTE EM MATERIAIS VEGETAIS 70
3.3.1. CHOÇOS 71
3.4. CONSTRUÇÕES DE PLANTA CIRCULAR EDIFICADAS EM TERRA, PEDRA E COBERTURAS EM MATERIAIS VEGETAIS 71
3.4.1. PALHEIROS CIRCULARES 73
3.4.2. MOINHOS DE VENTO 81
3.5. CONSTRUÇÕES DE PLANTA CIRCULAR EDIFICADAS EM TERRA, PEDRA E COBERTURAS EM TELHA ARTESANAL 89
3.5.1. CABANAS CIRCULARES 90
3.6. MATERIAIS UTILIZADOS NAS CONSTRUÇÕES ELEMENTARES DE PLANTA CIRCULAR 93
3.7. CONSTATAÇÕES FINAIS 96
4. INVESTIGAÇÃO DE CAMPO E ANÁLISE COMPARATIVA DE EXISTÊNCIAS DA SERRA DO CALDEIRÃO 97
4.1. FICHAS DE CATALOGAÇÃO E LEVANTAMENTO DE CONSTRUÇÕES DE PLANTA CIRCULAR 99
.SEGUNDA PARTE – OPERAÇÃO URBANISTICA 124
5. LOCAL DE INTERVENÇÃO – BARRANCO DO VELHO 125
5.1. IDENTIDADE 126
5.2. LOCALIZAÇÃO 128
5.3. DEMOGRAFIA, POPULAÇÃO RESIDENTE E VISITANTES 129
5.4. ESPAÇO URBANO 130
5.5. COMUNICAÇÕES 133
5.6. ECONOMIA LOCAL 133
5.7. QUALIDADE DE VIDA 135
5.8. TRANSFORMAÇÕES RELEVANTES 135
5.9. DIAGNÓSTICO E CRÍTICA GERAL 136
5.10. ANÁLISE DO LOCAL DE INTERVENÇÃO 136
6. PROGRAMA E CONCEITO PARA UM EMPREENDIMENTO DE TURISMO EM ESPAÇO RURAL – REFÚGIOS DE TURISMO CULTURAL E DE NATUREZA 150
6.1. O PROGRAMA 150
6.1. O CONCEITO 151
7. PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO DA PAISAGEM 153
8. DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA ARQUITECTÓNICA 159
CONCLUSÃO 169
BIBLIOGRAFIA 171
INFOGRAFIA 176

INTRODUÇÃO

ENQUADRAMENTO

Em toda a sua extensão a Serra do Caldeirão, integra o território que serve de base à presente investigação, cujo objecto de estudo são as construções elementares de planta circular. Não apenas porque enquadra uma vasta área rural onde este tipo de construção ainda prevalece muito subordinado às práticas agrícolas mas, também, porque constitui um território que pouco tem sofrido com o desenvolvimento urbano e especulação imobiliária - as principais actividades que poderiam propiciar o seu rápido desaparecimento.

A Serra do Caldeirão constitui o local que ao longo do tempo melhor conseguiu preservar todo um conhecimento que lhe foi legado por diversos povos e culturas, que a povoaram durante várias e diferentes épocas. Nunca foi também considerado estrategicamente um território que equacionasse interesses económicos ou de outra natureza: foi quase sempre mantido à parte de grandes conflitos, que implicariam, naturalmente, a destruição do património legado. Esta destruição poderá ter acontecido pontualmente num ou outro local que tenham mantido uma resistência mais convicta nos seus ideais, mas a distância e a difícil comunicação entre povoados, nunca erradicava a herança e o conhecimento anterior na sua totalidade. Sabe-se, que aqui a força dos elementos do meio natural é exercida com maior agressividade, mas que a população também soube manter e preservar tudo aquilo que era do seu interesse.



Figura 1. Imagem de uma povoação da Serra do Caldeirão. (Corte Pinheiro - Almodôvar)

Fonte: O Autor.

Certo é que as construções de planta circular se encontram um pouco por toda a serra e sob processos construtivas muito idênticos na mesma tipologia, que podem denunciar conhecimentos ancestrais (até dos primórdios da civilização humana), onde apenas se alteram os materiais empregues consoante a sua abundância no local.

Na sua maioria estas edificações estão na actualidade muito degradadas e sem utilização, não só porque sempre tiveram uma forte ligação à actividade agrícola - sector em forte decadência nas últimas décadas em Portugal em geral, e em particular na Serra do Caldeirão - mas também pela crescente desertificação humana que assolou essencialmente as regiões do interior, pela introdução dos sistemas industrializados e porque já são raríssimas as pessoas capazes de efectuar o seu aproveitamento, manutenção, restauro ou edificação.

Por tudo isto, considera-se muito importante promover a sua preservação num território que desde sempre as acolheu de uma forma muito particular. É necessário a criação de documentos que as salvaguarde, como no caso da presente dissertação, na medida em que descreva, com detalhe, as diferentes tipologias, tais como os choços, os poços, as eiras os malhões, os fornos circulares, os cortelhos circulares, os palheiros circulares, os moinhos de vento e as cabanas circulares. Na presente dissertação recai especial atenção e interesse sobre os palheiros circulares que, pela sua simplicidade e forma singular, poderão indiciar um elemento de identidade local e inspiração para desenvolver um empreendimento de turismo em espaço rural – refúgios de turismo cultural e de natureza. Este empreendimento terá implantação num terreno com 13409.00 m2, localizado na aldeia do Barranco do Velho, na freguesia de Salir, do concelho de Loulé, em plena Serra do Caldeirão.

OBJECTIVOS

O presente trabalho visa estudar ao detalhe as construções elementares de planta circular existentes na Serra do Caldeirão, estabelecendo as suas diferentes tipologias. São objectivos iniciais promover a reflexão sobre a sua possível originalidade primordial e o seu aparecimento neste território.

Em seguida, procura-se perceber a sua abundância na paisagem, através de um exigente levantamento de campo que efectiva a localização, identificação e características construtivas de um número considerável de existências, para melhor compreender o seu uso no mundo rural, a sua morfologia, o tipo de materiais que são usualmente empregues e a forma como são edificados.

Pretende-se também, contribuir para uma reflexão sobre a sua importância na Serra do Caldeirão como herança digna de preservação e valorização patrimonial, cultural, icónica, identitária que possa ajudar a promover uma região economicamente desfavorecida e a dinamizar a actividade turística e todas as outras que lhe são inerentes.

Além do mais, facultar uma dissertação que analise pormenorizadamente cada tipologia, de forma a constituir um documento que promova a divulgação e preservação das construções de planta circular na Serra do Caldeirão - que caminham a passos largos para um processo de degradação colocando-as em vias de desaparecimento num futuro próximo.



Figura 2. Imagem de um palheiro circular. (Mealha – Cachopo)

Fonte: O Autor.

Apoiado na investigação tipológica das construções de planta circular, pretende-se desenvolver o projecto de arquitectura de um empreendimento de turismo em espaço rural, enquadrado na tipologia de refúgios de turismo cultural e de natureza. Objectiva-se a criação de um complexo de alojamentos temporários distribuídos por unidades independentes, dentro da mesma propriedade, que explore o enquadramento paisagístico, as amenidades rurais envolventes, a qualidade ambiental e valorize também os produtos e os serviços produzidos na região, ou seja, que promova o interesse turístico e dinamização económica da Serra do Caldeirão.

METODOLOGIA

Mediante a realização de uma exaustiva investigação de campo, que analisou grande parte do território da Serra do Caldeirão através do contacto directo com as construções elementares de planta circular, seus proprietários e os poucos mestres construtores, tende-se a um trabalho exigente que prese pela coerência dos factos e a realidade constatada. Além do mais, a sistemática interacção com a população local permite avaliar a importância e o conhecimento popular sobre este tipo de construções.

A consulta bibliográfica consolidou e enriqueceu todos os conhecimentos adquiridos.

No desenvolvimento do trabalho, propõe-se uma evolução construtiva e morfológica, num sistemático aperfeiçoamento da forma e dos sistemas construtivos, mediante as exigências a que se subordinavam estas tipologias arquitectónicas. No entanto, deve haver uma análise crítica na interpretação entre diferentes tipologias: a evolução que parece lógica ter acontecido dos palheiros circulares para os moinhos de ventos e que envolve formas e sistemas construtivos é pouco provável que

tenha acontecido de uma eira para um poço. Neste último exemplo não é aplicável o termo evolução no seu sentido mais estrito, mas num sentido mais genérico, isto é, os sistemas construtivos usados numa das tipologias, certamente contribui para encontrar a melhor solução de edificação da outra e o seu aperfeiçoamento construtivo.

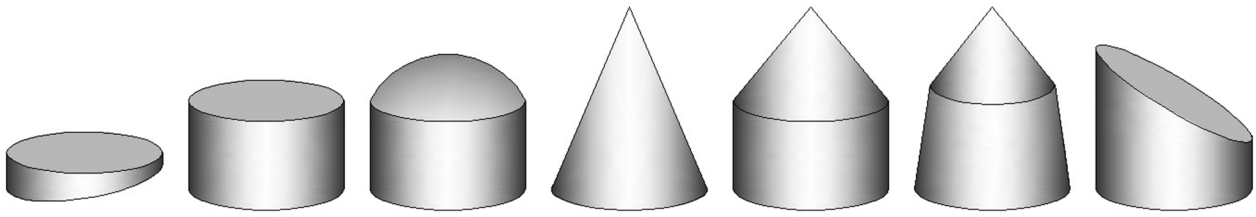


Figura 3. Estudo da evolução das formas e da volumetria das construções circulares na Serra do Caldeirão.
Fonte: O Autor.

Este foi, aparentemente, o processo mais lógico para justificar estas singulares existências e a sua forma circular que ainda hoje podem ser observadas além da Serra do Caldeirão em restritas áreas do território beirão e alentejano.

Para melhor estudar as construções elementares de planta circular, também se considerou relevante classifica-las em tipos – mais concretamente em quatro tipos - consoante os materiais aplicados na sua construção e organizá-los consoante a sua evolução (do mais arcaico para o mais evoluído) ou seja, em edificações de planta circular erigidas inteiramente em materiais vegetais (choços), edificações erigidas inteiramente em terra e pedra (poços, eiras, malhões, fornos e cortelhos circulares), edificações erigidas em terra, pedra e cobertura em materiais vegetais (palheiros circulares e moinhos de vento) e, por último, em edificações em terra, pedra e cobertura em telha artesanal (cabanas circulares).

Mediante o estudo efectuado, e com base no conhecimento adquirido, desenvolveu-se um projecto de arquitectura para um empreendimento de turismo em espaço rural – refúgios de turismo cultural e de natureza - que encontra inspiração nas construções de planta circular, em particular nos palheiros circulares e suas elementares técnicas construtivas.

ESTRUTURA DO TRABALHO

A presente dissertação estrutura-se por duas partes destintas, onde cada parte é constituída por quatro capítulos. A primeira parte do trabalho integra toda a investigação realizada em torno das construções circulares, quer no território de estudo quer bibliográfica, na segunda parte está consagrado todo o desenvolvimento da operação urbanística e a análise do local de intervenção.

Na primeira parte, o primeiro capítulo "Breve introdução histórica da origem das construções" introduz a reflexão em torno da originalidade do comum das construções, mas sempre evidenciando uma especial atenção e enfoque no plano das edificações de planta circular. De Vitrúvio aos teóricos do Renascimento até aos dias de hoje, o mito da "cabana primitiva" representa a tentativa de justificar as

origens da arquitectura e todo o seu processo evolutivo. É realizada uma curta alegoria a um dos protótipos elementares da arquitectura greco-romana, o *tholos* e sua evolução na história da arquitectura.

No capítulo seguinte "Serra do Caldeirão" será analisado o território designado onde se inserem as construções elementares de planta circular, objecto do presente estudo. O capítulo é repartido por subcapítulos que exploram a história, os núcleos urbanos e a população, o património cultural e natural e a economia local.

O rigor da informação sobre as construções elementares de planta circular nas diferentes tipologias recai no terceiro capítulo, "Construções elementares de planta circular na Serra do Caldeirão", onde se aprofunda a temática com forte recurso bibliográfico e na base de investigação de campo efectuada. Está devidamente catalogada no capítulo seguinte "Investigação de campo e análise comparativa de existências" de forma a constituir-se como o testemunho para futuras investigações ou reconstrução, restauro ou reprodução de exemplares com as mesmas características.

A segunda parte "Operação urbanística" congratula as conclusões que reflectem a concretização em projecto arquitectónico do conhecimento adquirido. Desenvolve-se uma análise cuidadosa do local onde se interveio, descreve-se o conceito que serve o programa para promover a operação urbanística. Aqui se apresentam as peças desenhadas da proposta arquitectónica e toda uma proposta de requalificação da paisagem na envolvente imediata.

ESTADO DA ARTE

Não existe muita bibliografia referenciada ao presente tema de investigação. No entanto a informação encontrada é bastante útil e diversificada. Indicando uma provável origem de algumas construções elementares de planta circular (nomeadamente os choços, os palheiros circulares e os moinhos de vento), revelando parte da sua história, e apresentando alguns detalhes sobre exemplares existentes, materiais utilizados na sua estrutura e sistemas construtivos implementados. Garantindo uma base estruturada para desenvolver uma investigação fundada e participativa de outras opiniões.

A obra *Construções Primitivas em Portugal* de Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano e Benjamim Pereira, publicado pela primeira vez em 1969, revela um levantamento cuidadoso das edificações simples e morfologicamente elementares que povoavam as paisagens rurais de norte a sul do território nacional, nos anos anteriores à sua publicação. Considera-se uma obra importantíssima dentro da temática das construções elementares, dado que documenta todo o conjunto de tipologias e soluções técnicas que relevam a utilização de materiais locais, os saberes ancestrais e o poder inventivo e estético de conhecimentos transmitidos socialmente, numa altura que este tipo de construções ainda era amplamente utilizado.

Por outro lado, uma recentíssima publicação de Outubro de 2014 de Miguel Reimão Costa, *Casas e Montes da Serra entre as Estremas do Alentejo e do Algarve*, não esconde o grande entusiasmo do autor e o seu saber por todo o legado edificado na Serra do Caldeirão, revelando a vontade e a experiencia adquirida na participação de muitos outros estudos no mesmo território. Constitui um documento actual que documenta uma profunda pesquisa territorial e bibliográfica, que descreve com rigor o património urbano da Serra do Caldeirão, com breves apontamentos às construções circulares, nomeadamente aos

fornos, cortelhos e palheiros.

No que se refere a pormenores construtivos e descrição de detalhes, merece destaque a obra *Materiais, sistemas e técnicas de construção tradicional* publicado pela CCDRA (Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve), que muito tem contribuído para a preservação do património edificado, no que concerne à recuperação do uso, aplicação de materiais locais e divulgação de técnicas de construção tradicional.

Outra instituição que merece destaque neste domínio é a associação In Loco que, através do programa LEADER, procura apoiar, publicações que promovam e divulguem a Serra do Caldeirão ou outros territórios desfavorecidos. Um exemplo de uma obra apoiada pela associação In Loco e extremamente importante para o desenvolvimento deste trabalho foi *Floridas na Pedra* de Francisco Dias da Costa (1996).

A bibliografia acima mencionada é aquela cujo conteúdo e relevância de informação foram mais adequados para a investigação realizada. No entanto, não deve ser menosprezada toda a outra bibliografia ou infografia mencionada, independentemente da quantidade de informação, pois no todo reúnem as ideias base e esclarecem a temática.

Relativamente ao desenvolvimento do projecto, e atendendo ao estudo de casos, foi efectuada uma pesquisa para avaliar se já existiram trabalhos no mesmo âmbito. Foram escolhidos dois exemplos, entre muitos, que são dignos de destaque no âmbito da temática:

- Retiro luxuoso de natureza, designado de Naked Stables Private Reserve, localizado no terreno acidentado de um vale florestal a duas horas e meia da cidade de Xangai, na China. Projecto do gabinete de arquitectura Ben Wood Studio Shanghai com coordenação da arquitecta Benjamim Wood, inaugurado em 2011.



Figura 4. Vista panorâmica sobre o retiro luxuoso Naked Stables Private Reserve (Xangai – China). Inaugurado em 2011, autoria do gabinete de arquitectura Ben Wood Studio Shanghai sob coordenação da arquitecta Benjamim Wood.

Fonte: http://gallery.nakedretreats.cn:28903/ (consultado em 09/2015).

Abrangendo uma área de 24 hectares foi concebido sob um forte compromisso ecológico, incluindo 121 quartos distribuídos por 30 casas instaladas sobre a copa das árvores através pilares em madeira e 40 cabanas circulares assentes em solo firme, entre outros edifícios de apoio como restaurantes, spa, centro equestre, galeria, museu e muito mais. As cabanas circulares foram construídas recorrendo a materiais locais, onde as paredes foram concebidas com barro moldado e terra, varões de armaduras, cimento e isolamento e coberturas em materiais vegetais.[1]



Figura 5. Fotografia de uma cabana circular do retiro luxuoso Naked Stables Private Reserve (Xangai – China).

Fonte: http://gallery.nakedretreats.cn:28903/ (consultado em 09/2015).



Figura 6. Fotografia da galeria do chá do retiro luxuoso Naked Stables Private Reserve (Xangai – China).

Fonte: http://gallery.nakedretreats.cn:28903/ (consultado em 09/2015).

[1] JODIDIO, Philip – *Green. Architecture now*. 2ª Edição. Cologne: Taschen, 2012, p. 64-71.

- Empreendimento de turismo em espaço rural na tipologia de refúgios de turismo cultural e de natureza, projecto da responsabilidade de Jorge Pessoa, inaugurado em Março de 2015, localizado em Alcongosta, próximo da cidade do Fundão no distrito de Castelo Branco, a sensivelmente 925 metros de altitude na Serra da Gardunha. Goza de uma orientação privilegiada para norte, permitindo uma observação abrangente sobre a Cova da Beira e a Serra da Estrela. A Natura Glamping, entidade responsável pelo empreendimento, propõe um alojamento singular em domos geodésicos de elevada qualidade que proporcionam um conforto único e uma experiencia invulgar que privilegia o contacto directo com a natureza. Possibilitando ao hóspede a realização de actividades ao ar livre e a exploração do património, da gastronomia e dos costumes da região. Promove, naturalmente, o interesse turístico e a dinamização económica da região onde se insere.



Figura 7. Vista exterior do empreendimento turístico Natura Glamping (Alcongosta – Fundão). Inaugurado em Março de 2015, autoria de Jorge Pessoa.
Fonte: http://www.naturaglamping.com/portal/index.php/pt/ (consultado em 06/2015).



Figura 8. Interior de um alojamento em domo geodésico Natura Glamping (Alcongosta – Fundão).
Fonte: http://www.naturaglamping.com/portal/index.php/pt/ (consultado em 06/2015).



Figura 9. Vista exterior do empreendimento turístico Natura Glamping (Alcongosta – Fundão).
Fonte: http://www.naturaglamping.com/portal/index.php/pt/ (consultado em 06/2015).

RELEVÂNCIA

Da mesma forma que os espigueiros são símbolo icónico, representativo do património edificado de arte popular, claramente associado às paisagens da região do noroeste peninsular (Minho), e em particular, ao

Parque Natural da Peneda-Gerês, as construções circulares, e em particular, os palheiros circulares podem assumir o mesmo reconhecimento para a Serra do Caldeirão, se for efectuada a sua reabilitação, protecção e divulgação atempadamente. Caso contrário, serão apenas testemunhos do nosso passado que se perderão no tempo.

As construções elementares de planta circular são elementos arquitectónicos singulares, na paisagem da Serra do Caldeirão, em relação às quais há todo o interesse em preservar, pois revelam parte das origens da nossa arquitectura vernacular e são fragmentos preciosíssimos do nosso património histórico rural.

Os tipos de construções elementares de planta circular, da Serra do Cadeirão, reflectem uma identidade ancestral de valor histórico importantíssimo. Além disso, é surpreendente a forma como se integram no local e na paisagem envolvente, como são ecologicamente sustentáveis – quer no que respeita à sua construção quer no que respeita à sua existência - recorrendo sempre a materiais naturais e locais. É notavelmente, como desempenham formidavelmente a função para que são concebidos, sem recorrer a tecnologias ou materiais mais recentes.

São objectos que revelam técnicas construtivas bastante interessantes do ponto de vista da eficiência, económica e ecológica, que remontam aos princípios base da construção.

É notável, também, como representam um tipo de construção tradicional mediterrânica que depois de edificada, apenas aceita a sua manutenção ou restauro, e muito raramente a sua alteração ou ampliação. Os exemplos observados encontravam-se restaurados ou degradados (alguns em ruinas), porque não aceitam a evolução para casa compacta ou composta numa solução fácil, como resposta às necessidades crescentes das famílias.

Vários foram os municípios (Almodôvar e Tavira) com interesse na sua preservação, como meio de dinamizar as zonas interiores da Serra do Caldeirão. Por exemplo a Câmara Municipal de Almodôvar, em 2004, apoiou e auxiliou na reabilitação de dois palheiros circulares, existentes na localidade do Monte das Figueiras, freguesia de São Barnabé. Nesta simples acção, restabelece a imagem peculiar da povoação, entretanto desvalorada, garantindo de imediato o interesse cultural e histórico e a sua introdução nos roteiros turísticos, dinamizando e valorizando fortemente o local num contexto rural.

Esta dissertação é um trabalho teórico e prático que deverá ser também valorizado no sentido da reflexão, na forma como presta um vasto contributo na preservação destas particulares construções, ajudando no conhecimento de práticas bastante testadas e comprovadas no tempo (algumas com mais de cinco mil anos de sabedoria), promovendo a recuperação de técnicas com uma forte componente sustentável, ecológica, saudável e criativa. Num mundo que apela urgentemente a mudanças de atitude, evidenciando um economia global que apresenta fortes sinais de insustentabilidade, num apelo crescente à necessidade de preservação dos recursos naturais e uma maior harmonia com a natureza. Numa palestra dada por Gregg Braden (19 de Maio de 2015) no Auditório da Faculdade de Medicina Dentária de Lisboa afirmava: "A solução para os nossos problemas está na sabedoria milenar".[2]

Sobressai aqui, também, o interesse em organizar um documento que salvaguarde estas construções, num momento crucial, que impõe um acto audaz para as retirar de um rumo que vincula o seu desaparecimento a curto prazo.

[2] Pequeno excerto retirado da palestra dada por Gregg Braden a 29 de Maio de 2015 no Auditório da Faculdade de Medicina Dentária de Lisboa.

PRIMEIRA PARTE

INVESTIGAÇÃO E ANÁLISE CONTEXTUAL

1 .

BREVE INTRODUÇÃO HISTÓRICA DA ORIGEM DAS CONSTRUÇÕES

1.1. A "CABANA PRIMITIVA" NO PENSAMENTO DA ARQUITECTURA.

> "Consideremos o homem na sua primeira origem e sem qualquer auxílio; sem outro rumo a não ser o instinto natural das suas necessidades. Precisando de um lugar de repouso ou abrigo.
>
> À beira de um tranquilo riacho vê um prado verde resplandecente diante dos seus olhos, a tenra relva convida-o; ocorre ali, e suavemente tentado sobre este tapete brilhante, não pensa em mais nada senão em desfrutar da paz da natureza; nada lhe falta nem nada deseja. Mas de imediato sente o ardor do sol, que o tende a queimar, obrigando-o a encontrar outro abrigo. Vê um bosque que oferece a frescura da sua sombra; corre a abrigar-se na sua densa vegetação, e está de novo satisfeito.
>
> Sem demora, mil vapores se elevam e para azar se encontram e acumulam, formando espessas nuvens que cobrem o céu provocando uma forte chuvada sobre este maravilhoso bosque. O homem mal protegido no abrigo das suas folhas, não sabe como defender-se de tal humidade incómoda que penetra por todas as partes.
>
> Aparece uma caverna e abriga-se nela, encontrando-se protegido. Mas nova inquietação, também não gosta deste refúgio. Encontra-se numa escuridão profunda e respirando um ar insalubre, toma então a iniciativa de construir o que a natureza não lhe consegue oferecer. O homem quer fazer um abrigo digno que o proteja sem sepulta-lo.
>
> Algumas ramas caídas no bosque são os materiais adequados. Escolhe quatro das mais fortes e ergue-as na vertical perfazendo um quadrado. Em cima coloca outras quatro em trave, e sobre estas coloca outras tantas inclinadas formando duas pendentes. Esta espécie de telhado será coberta de folhas bastante apertadas entre si, para que nem o sol nem a chuva possam penetrar entre ele; estando o homem hospedado. Certo que o frio e o calor farão sentir a incomodidade desta casa, aberta por todas as partes, então preenche os espaços compreendidos entre os pilares e encontrará a protecção total."[3]

O conceito primigénio do homem, a sua sobrevivência no meio e a natureza encaminham a uma das mais importantes reflexões sobre a essência da simplicidade arquitectónica, promovida pelo abade Marc-Antoine Laugier (1713-1769), no objectivo de contribuir para a evolução, renovação e depuração da arquitectura. A teoria da "cabana primitiva", que muito foi debatida pelos teóricos do Renascimento e em diante, até aos dias de hoje, tende a fixar as origens da arquitectura para recuperar o modelo primigénio. Para tal, muito contribuiu a recuperação do primeiro tratado de arquitectura *De Architectura Decem Libri*, escrito no Século I a.C. pelo arquitecto e engenheiro romano Marco Vitrúvio Polião (activo entre 46-30 a.C.).

Para Vitrúvio a origem da arquitectura terá início a partir da descoberta do fogo. O homem será inteligente ao ponto de perceber todas as suas vantagens, desde que o controle e o mantenha aceso. Em

[3] Excerto retirado do artigo escrito por Juan A. Calatrava Escobar, professor/doutor de História de Arte e Licenciado em Direito pela Universidade de Granada, consultado em Maio de 2015 no seguinte endereço: http://www.ugr.es/~pwlac/G08_09JuanA_Calatrava_Escobar.html. (Tradução feita pelo autor).

torno da fogueira o homem está confortável com o seu calor e protegido dos animais selvagens. Perde-se o individualismo e surge o argumento para se estabelecerem em grupos, a fogueira representa a união e o momento para reunião, a necessidade de comunicar impõe-se e estabelece-se o início da sociedade. O fogo é difícil transportar, a fixação no local emerge como uma necessidade dando lugar à casa, as casas convertem-se em aldeias e as aldeias em cidades.

Uns constroem as habitações cobertas de folhagens, outros escavam cavernas sob os montes ou imitam ninhos de andorinha, conjugando um sistema que utiliza lama e pequenos ramos.[4] O aperfeiçoamento a partir destes modelos será uma constante, o homem aprende, imita e aperfeiçoa, mostrando com orgulho todas as suas capacidades e o melhoramento das técnicas face às solicitações naturais impostas.

Vitrúvio baseia a sua tese no conhecimento adquirido durante o tempo que serviu os exércitos de Júlio César, percorrendo diversos territórios e províncias romanas em desenvolvimento, tais como Gália, Hispânia, Lusitânia e Aquitânia, onde era frequente construir com varas de carvalho e/ou palha de colmo. Vitrúvio verifica que o desenvolvimento das artes da construção serão uma constante, as cabanas passarão a ter fortes alicerces com paredes de pedra ou tijolo e as coberturas começam a ser de madeira e telha, passando a casas mais estáveis e confortáveis que privilegiam os materiais abundantes no local.

Considera-se o tratado de arquitectura de Vitrúvio um importante documento que descreve com rigor a possível origem da arquitectura, tendo por base o conhecimento de um vasto território (subdesenvolvido ou em vias de desenvolvimento) que o Império Romano conquistara e administrara. Da mesma opinião partilhavam os grandes arquitectos e teóricos do Renascimento, quando recuperaram o tratado, numa verdadeira ambição humanista do século XV ou XVII, para revelar os verdadeiros princípios da arquitectura.

O arquitecto Leon Battista Alberti (1404-1472) apoiado nas ideias de Vitrúvio, sugere que o princípio básico da arquitectura está nos elementos, parede e cobertura. A partir do momento que se articulam estes elementos forma-se o ambiente protegido, que diferencia o espaço interior e o espaço exterior. Este concebe o princípio da "congregação dos homens". O homem primitivo elege uma região segura e que satisfaça as suas necessidades, depois fixa-se mediante a construção da sua habitação. Alberti não partilha a opinião que o fogo será o elemento fundamental de criação do abrigo, aliás nota-se todo o seu cuidado em separar o compartimento de dormir daquele onde instala o fogo. A ideia fundamental para Alberti é criar um abrigo ao sol e à chuva, com um tecto e por fim dignificar o conforto com a construção das paredes.

No Renascimento as obras teóricas de Filarete (Antonio di Pietro Averlino, 1400-1469), Francesco di Giorgio Martini (1439-1501) ou Leonardo da Vinci (1452-1519) fomentaram a ideia que a arquitectura explora a imitação das formas, mas que também considera as proporções humanas. Por exemplo para Filarete a cabana primitiva será, sem dúvida, a essência da arquitectura, constituída por quatro troncos na vertical, definindo um espaço rectangular e que terminam no topo em forquilha, sobre os quais assentam troncos horizontais formando a cobertura. Os troncos verticais serão segundo o autor, a origem das colunas em arquitectura, que naturalmente consideram as proporções humanas. Se para Alberti os elementos estruturais eram a cobertura e as paredes, nota-se que Filarete restabelece a importância da coluna de Vitrúvio em substituição da parede.

[4] MACIEL, Justino M. – *Vitrúvio. Tratado de arquitectura*. 3ª Edição. Lisboa: Instituto Superior Técnico, 2009, p. 71.

Outro arquitecto que segue nas premissas de Vitrúvio foi Andrea Palladio (1508-1580). Este sugere a "cabana primitiva" em duas plantas e suscita o debate sobre as regras que podiam ser extraídas da natureza para melhorar o trabalho do arquitecto em geral. A sua premissa é a "procura da Razão".

A chegada do Iluminismo e a descoberta do continente americano traduzem-se numa nova reflexão sobre a "cabana primitiva", Juan Caramuel (1606-1682), ilustra o tema no seu tratado *Architectura Civil Reta Y Obliqua* (publicado em 1678), com exemplos extraídos dos índios americanos, reavivando a importância da pureza e do primitivismo na arquitectura.

Mas a primeira grande crítica sobre o facto que a arquitectura não era uma arte por imitação e a negação de que tudo teve origem conforme sintetiza a teoria da "cabana primitiva" virá do arquitecto Claude Perrault (1613-1688). Este coloca em causa toda a tradição vitruviana. Para ele «[…] as proporções são belas ou não segundo os costumes, as condições psicológicas ou históricas do meio onde o homem se insere, não são leis da natureza mas sim convenções.»[5] A beleza e graça da arquitectura não depende da imitação, porque senão quanto melhor fosse a imitação mais bela seria a forma. Ou então, seguindo este raciocínio, as colunas seriam tanto mais belas quanto mais se parecessem com os troncos de árvores utilizados nas primeiras cabanas.[6]

Claude Perrault representa a sua cabana sob duas formas, ambas de planta centralizada, mas de diferente proporção. Uma gerada a partir de uma planta quadrada, que se ergue por paredes feitas de troncos de madeira e cobertura no mesmo tipo de material, mas curiosamente em forma de pirâmide. Outra de planta circular, com paredes aparentemente de terra e cobertura cónica, em muito semelhante aos actuais palheiros circulares da Serra do caldeirão. Ambas consideram um revestimento exterior a partir de argamassas de terra ou argila que inviabilizam a entrada de água no seu interior.

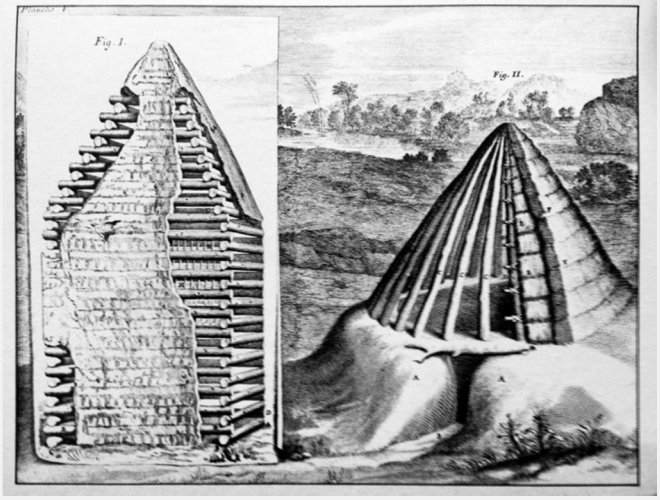


Figura 10. Claude Perrault – As duas formas de representação da "cabana primitiva".

Fonte: http://jaumeprat.com/la-cabana-primitiva-y-algunas-derivadas/ (consultado em 05/2015)

A teorização no âmbito da arquitectura encontrará durante o século XVII e princípios do século XVIII um forte desenvolvimento no âmbito do tema da "cabana primitiva". Michel de Frémin (viveu no

[5] MASIERO, Roberto - *Estética de la arquitectura*. Madrid: A. Machado Libros, S.A., 2003, p. 132.

[6] Informação com base no artigo escrito por Juan A. Calatrava Escobar, professor/doutor de História de Arte e Licenciado em Direito pela Universidade de Granada, consultado em Maio de 2015 no seguinte endereço:http://www.ugr.es/~pwlac/G08_09JuanA_Calatrava_Escobar.html.

século XVIII) será outro teórico a propor outra linha de orientação, subordinada aos aspectos construtivos e funcionais da "cabana primitiva", ou seja ao conceito de que a origem da arquitectura está inteiramente associada ao uso para que se destina.

Ainda no contexto da teorização da "cabana primitiva" surge outro grande nome, aquele do abade Marc-Antoine Laugier que publica em 1755 a sua segunda edição revista de *Essai sur L'Architecture.* Laugier não deixa dúvidas, no prefácio da sua obra, que Vitrúvio só pode ensinar aquilo que se fazia na sua época e que não era correcto segui-lo sem questionar a sua ideia primitiva. Laugier considera a "cabana primitiva" a base de toda a forma arquitectónica, como estrutura pura original que tem como elementos base a coluna, a arquitrave e o frontão, sem necessidade de elementos decorativos.[7]



Figura 11. Marc-Antoine Laugier – A cabana primitiva segundo o seu princípio.

Fonte: http://www.archdaily.com.br/br/01-169735/ensaio-sobre-a-arquitetura-marc-antoine-laugier (consultado em 05/2015).

Note-se o empenho e o tempo disponibilizado por tantos arquitectos no passado em definir a origem da construção humana, num mito que nos remete de modo imediato para os valores simbólicos da "cabana primitiva". As diferentes ideias dos autores ao longo da história são formuladas com novas teorias que algumas vezes colidem nos seus pontos de vista.

Para Jacques-François Blondel (1705-1774), a teoria da "cabana primitiva" surge da necessidade do homem ter um refúgio contra o clima e os animais ferozes. Utilizando na sua construção os juncos, as folhas, os ramos de árvores, as canas e o barro para edificar, dando origem aos dois tipos de construção básica os choços e as cabanas. Seria, segundo ele, o início dos espaços urbanos, mediante um homem que cada vez mais valoriza o agrupamento, originando a sociedade.

Um autor que virá repudiar as teorias do Renascimento (a imitação e/ou a proporções humanas) será o arquitecto Jean-Nicolas-Louis Durand (1760-1834). No seu livro *Précis des Leçons d'Architecture,* publicado em 1819, define que os princípios maiores da arquitectura reservavam-se apenas à utilidade pública ou privada, a sociedade, a economia e a felicidade dos seus ocupantes.

Francesco Milizia (1725-1798), um dos mais importantes teóricos da arquitectura italiana do final do século XVIII, reivindica o valor da "cabana primitiva" e reitera a sua opinião a par de Laugier, mas

[7] Informação com base no artigo escrito por Juan A. Calatrava Escobar, professor/doutor de História de Arte e Licenciado em Direito pela Universidade de Granada, consultado em Maio de 2015 no seguinte endereço:http://www.ugr.es/~pwlac/G08_09JuanA_Calatrava_Escobar.html.

defendendo dois princípios básicos da arquitectura: a arquitectura grega com imitação na "cabana primitiva" e a arquitectura gótica como imitação do bosque. O modelo formado pela natureza, contém a verdade da arquitectura e é a origem da arquitectura civil. Não se deve desprezar o esforço dos primeiros homens, que durante muito tempo viveram em choços de forma cónica ou cubica, privilegiando a comodidade e a estabilidade e só por fim a beleza.

Para Antoine-Chrysostone Quatremère de Quincy (1755-1849), o homem constrói inicialmente abrigos de madeira (ramos e troncos de árvores), de acordo com o clima e os costumes, revelando todas as suas habilidades mecânicas na arte da carpintaria. No seu *Dictionary of architecture* que pública em 1832, define três arquétipos de edifícios primitivos: a *cabana*, a *tenda* e a *caverna*. A estes três arquétipos corresponde o paradigma da estrutura, da pele e da massa respectivamente. A *cabana* foi o único modelo digno de reprodução, dadas as suas capacidades de evolução e melhoramento. A *tenda* constitui uma construção muito singela e de carácter provisório, edificada pelos chineses, a *caverna* é o modelo mais semelhante à arquitectura egípcia, mas é extremamente pesada para ser reproduzir de forma fácil.[8]

Eugène Emannuel Viollet-Le-Duc (1814-1879), estabelece um conceito de cabana muito original, mas que a localização dependente da existência de duas árvores jovens próximas e altas. Sem arranca-las o homem trepa ao seu topo e aproxima-lhes as extremidades superiores atando-as com juncos. Depois desce e sob uma implantação circular, aproxima mais troncos finos que também ata às duas principais árvores. Finalmente preenche todos os espaços vazios com ramas de árvore e folhas que são cobertas por argila. A pequena entrada da cabana construída encontra-se orientada para a parte oposta aos ventos dominantes.



Figura 12. Viollet-Le-Duc – Idealização de cabana primitiva.

Fonte: http://arqhabitacao.blogspot.pt/2007/07/viollet-le-duc-descreve-cabana.html (consultado em 05/2015).

Ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX, vemos que o tema da "cabana primitiva" é muito explorado e que cada teórico da arquitectura nos proporciona e enriquece com uma nova interpretação. Resta observar como os arquitectos do século XX e XXI interpretam a temática da "cabana primitiva" perante um discurso já reivindicado. Óscar Niemeyer (1907-2012), no projecto da Catedral Metropolitana de

[8] Informação com base no artigo "Casa e lar: a essência da arquitectura" escrito por Jorge Marão Carnielo Miguel, professor/doutor no Departamento de Arquitectura e Urbanismo da Universidade Estadual de Londrina, publicado online para a revista VITRUVIUS, consultado em Junho de 2015 no seguinte endereço: http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.029/746.

Nossa Senhora Aparecida, inaugurado em 1970, em Brasília, desenha um espaço sagrado religioso que pode ser interpretado, no seu conceito inicial como uma "cabana primitiva", tal como definida por Viollet-Le-Duc.[9] O edifício apresenta-se como a união de troncos encostados que permite a criação de um espaço circular no seu interior.

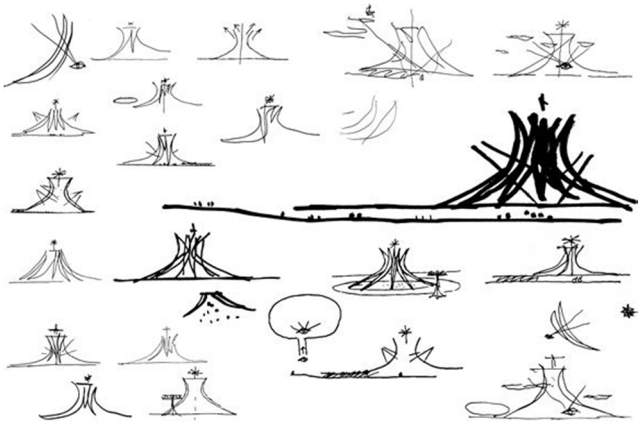


Figura 13. Óscar Niemeyer – Esboços da Catedral Metropolitana de Nossa Senhora Aparecida, em Brasília.
Fonte:http://ograndedialogo.blogspot.pt/2015/05/catedral-romana-de-brasilia-conheca-um.html (consultado em 05/2015).



Figura 14. Óscar Niemeyer - Catedral Metropolitana de Nossa Senhora Aparecida, em Brasília.
Fonte:http://ograndedialogo.blogspot.pt/2015/05/catedral-romana-de-brasilia-conheca-um.html (consultado em 05/2015).

Observa-se como Frank Lloyd Wright (1867-1959), na sua obra Winslow House, inaugurada em 1894 em River Forest, Illinois nos Estados Unidos da América recuperar o conceito da "cabana primitiva" de Vitrúvio, para o qual o elemento fogo subordina a necessidade de protecção e uma progressão em sociedade. A casa de Winslow desenvolve-se claramente em torno da lareira e da sua chaminé.

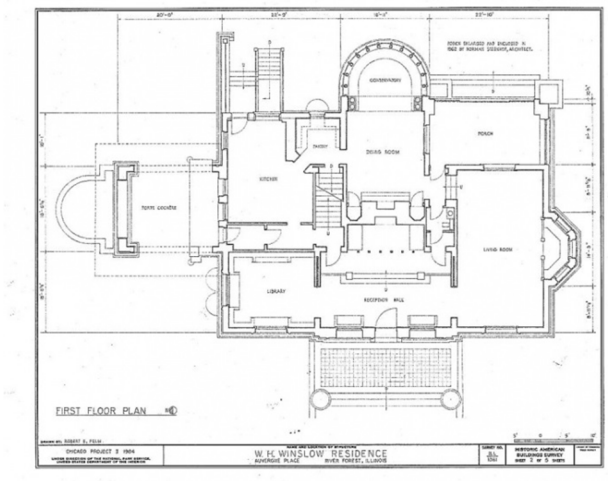


Figura 15. Frank Lloyd Wright – Planta da casa Winslow House.
Fonte: http://pt.wikiarquitectura.com/index.php/Casa_Winslow (consultado em 06/2015).



Figura 16. Frank Lloyd Wright – Fotografia da casa Winslow House.
Fonte: https://www.pinterest.com/pin/306104105895236427/ (consultado em 05/2015).

[9] Informação com base no artigo "Mais sobre a cabana primitiva…" escrito por Ingrid Herzog Holz, graduada em Arquitectura e Urbanismo pela Universidade Federal do Espírito Santo em 2009, publicado online no blog ARQHABITAÇÃO, consultado em Junho de 2015 no seguinte endereço: http://arqhabitacao.blogspot.pt/2007/07/mais-sobre-cabana-primitiva.html.

O projecto da Capela Bruder Klaus (2007), em Cologne, na Alemanha de Peter Zumthor (N.1943), pode ser interpretado como uma "cabana primitiva", tal como descrevia Claude Perrault.

Peter Zumthor apresenta o seu projecto como um processo se superposição dimensional. O arquitecto inicia a construção com a cofragem que define a primeira dimensão. Esta moldará o único material existente no edifício, o betão armado na cor da terra. Na cofragem é utilizada uma estrutura idêntica aquela que define Claude Perrault, para a "cabana primitiva" no século XVII, constituída por uma série de troncos na vertical que formam uma espécie de pirâmide deformada. Uma estrutura de madeira que se assemelha à "cabana primitiva" e que por si só já poderia ser habitada.

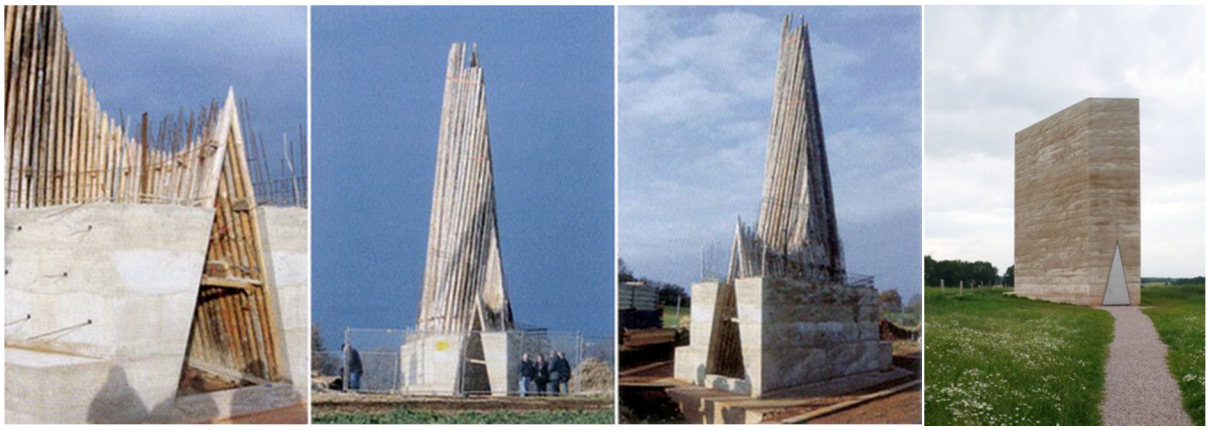


Figura 17. Peter Zumthor – Construção da capela Bruder Klaus.

Fonte: http://archinect.com/forum/thread/118619969/what-is-rammed-concrete-material-that-use-for-bruder-klaus-field-chapel-peter-zumthor (consultado em 05/2015).

Para Zumthor o betão armado será a segunda dimensão que cobre toda a cofragem e foi moldado exteriormente, para definir a forma de um prisma que se ergue aos céus. A espessura de betão armado aumenta com a altura da estrutura, atingindo a estabilidade por geometria.

A terceira dimensão consiste em valorizar a segunda. O espaço interior criado depois de fraguado o betão armado aparece com a destruição da cofragem. Para retirar esta cofragem, o arquitecto escolhe atear fogo à estrutura, ardendo durante três dias. O resultado é um interior escuro e na forma exacta da cofragem. Simbolicamente, o edifício e sem a menor vontade de apagar os vestígios do incêndio, incorpora a quarta dimensão do tempo de forma permanente.

> "Este processo pode induzir a arquitectura tectónica na arquitectura estereotómica, num retorno evidente à cabana/caverna primitiva. Uma caverna culta, artificial de uma capacidade de abstracção análoga ao que um templo dórico pode representar para uma construção em madeira."[10]

[10] Excerto retirado do artigo "La Cabana Primitiva Y algumas derivadas" escrito por Rodrigo Vargas, publicado online no blog ARQUITECTURA ENTRE D'ALTRES SOLUCIONS, consultado em Maio de 2015 no seguinte endereço: http://jaumeprat.com/la-cabana-primitiva-y-algunas-derivadas/ (Tradução feita pelo autor).

No topo do edifício surge uma abertura para o interior que não foi betonada e que lembra o óculo do Panteão de Roma, deixando entrar a luz de forma mística, sendo absorvida pelas paredes negras do incêndio que aleatoriamente contém pequenos orifícios por onde cintila a luz exterior. Um projecto que reabre o debate sobre as origens da arquitectura primitiva e o refúgio primigénio.

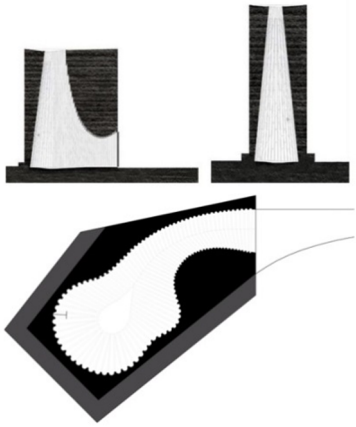


Figura 18. Peter Zumthor – Cortes e planta da capela Bruder Klaus.
Fonte: http://www.archdaily.com/106352/bruder-klaus-field-chapel-peter-zumthor/ (consultado em 05/2015).



Figura 19. Peter Zumthor – Óculo interior da capela Bruder Klaus.
Fonte: http://www.archdaily.com/106352/bruder-klaus-field-chapel-peter-zumthor/ (consultado em 05/2015).

1.2. O THOLOS[11] – PROVENIÊNCIA E EVOLUÇÃO

O grande mentor dos protótipos da arquitectura Greco-Romana, Fernando Chueca Goitia, não inviabiliza a hipótese de o *tholos* representar a evolução arquitectónica das "cabanas circulares" pré-históricas.

Os protótipos elementares são seis: o *megarón-templo*, o *propileu* (que surge do templo), a *stoa* (também conhecido por pórtico), o *tholos* (templo circular), a *exedra* e o *arco de triunfo,* no entanto nesta dissertação abordaremos apenas o *tholos.*[12]

De entre os três protótipos principais na arquitectura (*o templo, a stoa e o tholos*) o *tholos* é aquele que se afigura como o templo menor, dedicado às divindades menores, mas de um valor importantíssimo no decurso da história de arte.[13]

[11] *Tholo* – Edifício de planta circular, frequentemente com função sagrada, ou monumentos megalíticos da pré-história ou de falsa cúpula designados a templos ou sepulturas, mas sempre de planta circular. DAVIES, Penelope J. E. [et al.] – *A nova história da arte de Janson*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, p. 9 do grossário.
[12] GOITIA, Fernando Chueca – *Protótipos na Arquitectura Greco-Romana e a sua influência no mundo ocidental*. Lisboa: Ulmeiro Universidade, 1996, p. 21.
[13] Idem, p. 61.



Figura 20. Tholos de Delfos – Grécia.

Fonte: http://arquitecturaadmasuno.blogspot.pt/2013/09/arquitectura-griega.html (consultado em 05/2015).

O templo de planta circular poderá representar a evolução das cabanas circulares pré-históricas, cobertas com uma cobertura cónica, presente em muitas civilizações primitivas. O *tholos* mais antigo que se tem conhecimento é o de Delfos, construído por volta do ano 580 a.C., mas não apresenta uma estrutura que reivindique qualquer ligação a construções pré-históricas. Apesar de arcaico já preserva um entablamento dórico. Outro edifício também muito antigo deste tipo é o *tholos* da Ágora de Atenas, datado do ano de 465 a.C. e muito mencionado nos textos de Aristóteles (385a.C.-322a.C.), como espaço de reuniões e confraternização. Tudo indica que seriam espaços de utilização esporádica para realização de assembleias que poderiam ser ou não intercaladas com refeições em círculo.

O *tholos* da Ágora de Atenas é um edifício amplo com cerca de 17 metros de diâmetro, apresenta uma única entrada num muro circular cego, com pequenas aberturas de iluminação. No interior e para ajudar a cobertura a vencer a distância no diâmetro do muro, estavam dispostas em círculo seis colunas. Tudo indica que inicialmente as colunas estavam apenas consagradas ao espaço interior e tinham como principal função sustentar os esforços da cobertura. Mais tarde e respeitando a evolução dos templos, as colunas seriam também aplicadas no exterior.

O *tholos* de Epidauro construído por volta de 360-330 a.C. será o exemplo vivo dessa evolução. Apresentando 14 colunas coríntias no interior e 26 colunas dóricas no exterior, fazendo uma diferenciação nítida entre o interior e o exterior.

O austero aspecto do *tholos* da Ágora de Atenas receberá durante o império romano, por ordem do imperador César Augusto (63a.C.-14d.C) um pequeno pórtico (pronaos[14]) sobre a entrada, não sendo considerada uma evolução dentro deste tipo arquétipo, certo é que estabelece a inspiração para o imperador Adriano (76-138) mandar edificar o Panteão de Roma. Um dos maiores *tholos* que foi construído, mas partindo para uma forma composta que propicia o início da conjugação de dois temas simples, mas contraditórios. O mesmo acontecerá no Templo de Vénus em Baalbeck (273), localizado no Líbano, mas numa forma bem mais complexa.

[14] Pronaos – átrio coberto, ladeado por colunas que antecedia a entrada do *naos* no templo clássico. ALFONSO, Ernesto d'; SAMSA, Danilo – *Guia de história da arquitectura. Estilos arquitectónicos*. Barcarena: Editorial Presença, 2006.

Esta forma composta que alia um pronaos de um templo rectangular com um templo circular teve grande aceitação na antiguidade, mas também no mundo moderno desde o Renascimento ao Neoclassicismo. Inúmeras obras construídas respeitam esta associação em Itália e um pouco por toda a Europa. São exemplos: a Igreja de Sam Carlo al Corso (1847) em Milão de Carlo Amati (1776-1852), a Igreja de Sam Francisco de Paula (1824) em Nápoles de Pietro Bianchi (1787-1849), a Igreja de Santo Andrea al Quirinale (1670) em Roma de Gian Lorenzo Bernini (1598-1680), ou a Igreja de San António (1763) em Montefrio na província de Granada, entre outros.



Figura 21. Donato Bramante – Tempietto de San Pietro em Roma.
Fonte: https://www.pinterest.com/pin/279997301807298649/ (consultado em 06/2015).

Porém o *tholos* como modelo único, e na sua forma isolada, também continua a ser amplamente utilizado, evoluindo ou adaptando-se à época e/ou estilo que viria a enquadrar. No Renascimento o templo circular fornece a Donato di Angelo del Pasciuccio, mais conhecido por Bramante (1444-1514) as premissas básicas para desenvolver uma das suas mais emblemáticas obras, o Tempietto de San Pietro in Montorio (1500) em Roma, dotado de uma precisão e elegância que integrou os tratados de Sérlio e de Palladio. Não existirá arquitecto renascentista que não o considere uma peça de riquíssima arquitectura, digna de edificar nos locais mais requintados da sociedade. No mosteiro de El Escorial (1584) em Madrid o arquitecto Juan de Herrera (1530-1597) não esquece o tempietto como peça fulcral. Ainda no Renascimento o *tholos* ergue-se sobre basílicas, santuários e igrejas sob forma de maravilhosas cúpulas, por iniciativa de Bramante, Giuliano da Sangallo (1443-1516) e Miguel Ângelo (1475-1564). A basílica de Sant'Andrea della Valle (1650) em Roma da autoria de Carlo Maderno (1555-1629), a basílica de Santa Maria de Carignano (1552) em Génova de Galeazzo Alessi (1512-1572) são bons exemplos que seguem de perto esta tendência.[15]

Mas não só no Renascimento o *tholos* tem forte utilização, no Neoclassicismo é um elemento preciosíssimo de estruturação arquitectónica, podendo assumir uma escala e uma forma de dimensões

[15] GOITIA, Fernando Chueca – *Protótipos na Arquitectura Greco-Romana e a sua influência no mundo ocidental*. Lisboa: Ulmeiro Universidade, 1996, p. 90.

consideráveis, constituindo edifícios únicos. Exemplo o majestoso Teatro de Carroussel em Paris de Étienne-Louis Boullée (1728-1799) ou o Barriére Monceau em Paris de Claude Nicolas Ledoux (1736-1806). Em igual período poderá ainda surgir na composição de edifícios a agregação com outros modelos simples, implementando nos edifícios uma nova imagem de composição.



Figura 22. Étienne-Louis Boullée - Teatro de Carroussel em Paris.

Fonte: http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b77010123.r=.langPT (consultado em 05/2015).

No Romantismo não se prescinde do *tholos* erguido sob forma de *tempietto* isolado, localizado normalmente em pontos estratégicos que em conjunto com a beleza natural ajudam fortemente a realçar e belo e o sublime, nos maravilhosos jardins projectados dos palácios ingleses.



Figura 23. Henry Hoare – Stoourhead Gardens (1755).

Fonte: Clara Gonçalves.

1.3. CONSTATAÇÕES FINAIS

É curioso, todo manifesto teórico que se desenvolveu em torno do mito da "cabana primitiva". Todos os intervenientes dispostos a dar o seu contributo tendem a introduzir uma nova abordagem ou a alterar ligeiramente as premissas da anterior, mas dificilmente será a interpretação da verdade absoluta, introduzindo apenas algum contributo digno de reflexão na temática. Considera-se que existe, um pouco por todas as abordagens a tendência para manipular o conceito da arquitectura primigénia, num claro objectivo de justificar o trabalho desenvolvido pelo próprio autor, ou mesmo toda uma corrente ou moda arquitectónica da época.

Por exemplo a idealização da "cabana primitiva" adoptado por Laugier, introduz numa clara defesa à origem da arquitectura grega e de valorização da arquitectura clássica, quando define a sua cabana com colunas, arquitrave e frontão.

Ao passo que Viollet-Le-Duc estabelece no seu modelo de "cabana primitiva" uma clara defesa ao seu trabalho na arquitectura revivalista do séc. XIX e adoração pelo gótico, conforme pode ser verificado através das imagens seguintes.

Apesar da extensa teorização em torno do mito da "cabana primitiva" parece existir ainda muito para reflectir e muito há que acrescentar para atingir na sua plenitude um modelo ou modelos evidentes e convincentes. Verdade absoluta será difícil apurar, contudo parece existir uma certa tendência para encaminhar a "cabana primitiva" a um princípio de construção elementar de planta circular, aquele que o homem no seu estado mais primitivo, facilmente constrói com troncos, ramos, folhagem ou colmo, sem necessidade de recorrer à experiencia de equilíbrio ou a sistemas de estabilidade mais exigentes. Deve contudo, ficar claro que a arquitectura primigénia, certamente não assentou num modelo ou forma única global, mas sim na diversidade exercida por força dos materiais existentes no local, o clima e os elementos agressores. Estabelecendo um conceito puro diferente de região para região, do primeiro abrigo concebido pelo homem.



Figura 24. Viollet-Le-Duc – Idealização de cabana primitiva.

Fonte: http://arqhabitacao.blogspot.pt/2007/07/viollet-le-duc-descreve-cabana.html (consultado em 05/2015).



Figura 25. Viollet-Le-Duc – Desenho de idealização Gótica.

Fonte: http://arqhabitacao.blogspot.pt/2007/07/viollet-le-duc-descreve-cabana.html (consultado em 05/2015).

Relativamente ao *tholos*, o templo circular, que é um dos protótipos elementares da arquitectura greco-romana, não foi possível confirmar se a sua evolução provém das cabanas circulares pré-históricas, com cobertura cónica, mas um dos grandes teóricos da temática, Chueca Gotia, não coloca de parte essa possibilidade, até porque parece lógico. Aliás, fazendo fé nisso os historiadores e arqueólogos, adoptam o termo para identificar monumentos megalíticos da pré-história de planta circular ou templos e sepulturas de falsa cúpula. O intuito desta breve abordagem, e considerando essa hipótese, é lançar a reflexão sobre uma possível evolução das construções elementares de planta circular (cabana pré-histórica de cobertura cónica) até ao apogeu da sua exuberância.

2 .

SERRA DO CALDEIRÃO

A Serra do Caldeirão, ou Serra de Mu, como também é designada e conhecida, é considerada a maior cordilheira montanhosa do sul de Portugal e uma das maiores do país, correspondendo em grande parte ao interior algarvio. Marcando a fronteira e alteração no relevo com o sul alentejano.

Atinge uma altitude máxima de 578 metros no Caldeirão, nas proximidades da pequena povoação dos Cavalos, no concelho de Loulé.[16]

Constitui um vasto território entre a ribeira de Odelouca e os planaltos do nordeste algarvio, caracterizado por uma paisagem muito particular de serros arredondados, fruto de vastos períodos de exposição à erosão, pertencendo ao Maciço Hespérico, da qual a sua formação coincide com o final do período Carbónico, sendo considerados os terrenos mais antigos de Portugal. São os vestígios vivos que restam da gigantesca cadeia montanhosa Hercínica, que se estendia desde a América do Norte à Asia, quando há biliões de anos o planeta Terra constituía um único continente.[17]



Figura 26. Vista panorâmica sobre a Serra do Caldeirão. (Minhoto – Ameixial)

Fonte: O Autor.

A Serra do Caldeirão constitui uma barreira física natural que influência o clima no litoral algarvio. Levantando os ventos frios provenientes do quadrante norte e as depressões de noroeste, originando a

[16] CASTRO, Celestino; MARTINS, Pires Artur; TORRES, Fernando – *Arquitectura Popular em Portugal*. Volume 2. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004, p. 243.

[17] Informação retirada do site da Câmara Municipal de São Brás de Alportel, consultada em Junho de 2015 no seguinte endereço: http://www.cm-sbras.pt/pt/menu/220/percursos-pedestres.aspx

jusante um micro clima de características mediterrânicas, tão apreciado pelas suas temperaturas suaves e fraca precipitação de inverno.

A Serra forma um maciço antigo constituído por formações rochosas de xisto argiloso e grauvaque que originam solos de partículas finas mas pouco férteis,[18] ocupando uma vasta área do interior dos concelhos de Tavira, Loulé e São Brás de Alportel no distrito de Faro; e Almodôvar no distrito de Beja.

Representa ainda um dos mais amplos centros orográficos de Portugal que integra o nascente de diversos cursos de água, nomeadamente os rios Mira e Arade e as ribeiras de Odelouca, Vascão, Algibre, Foupana, Odeleite, Alportel e Beliche[19]. Destaque é para o rio Mira, que tem a maior bacia hidrográfica, nascendo no concelho de Almodôvar e percorrendo aproximadamente 145 Km por território alentejano, de sul para norte, à semelhança do rio Sado, até desaguar a meio da Costa Vicentina, em Vila Nova de Milfontes. Com trinta e sete quilómetros navegáveis até Odemira é considerado o rio mais navegável e de águas mais tranquilas do sistema hidrográfico português.

Na Serra do Caldeirão ainda subsiste uma grande riqueza natural de características muito peculiares. A agricultura, a silvicultura e a pastorícia marcam o principal meio de subsistência da população na Serra, no entanto a actividade turística poderá também ser uma área a desenvolver para dinamizar economicamente a região. A constante procura do turismo de natureza, a história, a gastronomia e a cultura são factores estimulantes para o desenvolvimento económico.

2.1. HISTÓRIA

A Serra do Caldeirão está pouco documentada em termos históricos, não só pelo reduzido investimento arqueológico realizado ao longo dos anos, mas também porque o seu vasto território sempre foi marcado pelos difíceis acessos, com vales profundos e densa vegetação, assente numa economia com fracos recursos, que se revelou pouco atractiva no desenvolvimento e fixação populacional. Aliás, desde os seus primórdios que é conhecida por refúgio de povos mais autónomos, renegados ou invasores (nomeadamente local de resistência das guerrilhas miguelistas do Remexido) ou de obstáculo de transição para quem circula entre o Algarve e o Alentejo. Ainda hoje se considera um mundo à parte, onde os seus habitantes não se consideram nem algarvios nem alentejanos, mas sim serranos. Gentes que evitavam o imprevisto ou processos de aculturação violentos, desenvolvendo uma vida despreocupada e sem grandes ambições, lutando pela sobrevivência com fracos recursos económicos. Uma região que sempre soube preservar a cultura e o conhecimento ancestral relevante, de quem por ali passou.

Há conhecimento do Homem do Paleolítico se ter estabelecido no Vale do Guadiana e na região litoral algarvia,[20] pelo que se considera que a Serra do Caldeirão não tenha sido excepção, dadas as suas excelentes condições para a caça, e também, porque era mais segura relativamente a grupos rivais. Mas a confirmação efectiva de ocupação humana só é possível certificar a partir do Neolítico, através da Anta do

[18] CASTRO, Celestino; MARTINS, Pires Artur; TORRES, Fernando – *Arquitectura Popular em Portugal*. Volume 2. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004, p. 248.

[19] COSTA, Francisco Dias – *Floridas na pedra. A Hidrografia do Vascão e a Serra do Cadeirão ou Um*. Faro: Associação "In Loco", 1996, p. 11 a 13.

[20] FERREIRA, Vítor Matias; FREITAS, Eduardo – *A Serra do Caldeirão. Roteiro sócio-cultural*. Faro: Associação "In Loco", 1999, p. 8.

Beringel e da Anta da Pedra do Alagar[21], localizadas a 2 km da povoação da Corte d'Ouro, no concelho de Loulé. Além de que, as Antas ou Dólmenes da Pedras Altas e da Masmorra datadas do IV-III milénio a.C., ambos monumentos Megalíticos do tipo funerários, localizados na proximidade da povoação da Mealha, concelho de Tavira, bem no coração da Serra do Caldeirão, reafirmam toda uma ocupação.[22]

Também a presença humana durante a Idade do Cobre (Calcolítico) poderá ser especulada com a descoberta de povoações, nomeadamente a do Cerro do Castelo de Santa Justa datada do terceiro milénio a.C., descoberta pelo arqueólogo Vítor dos Santos Gonçalves em 1978, nas proximidades da vila de Martim Longo.[23] Um povoado de características muito particulares, que já integrava um sofisticado sistema defensivo, composto por um forte amuralhado de planta elipsóide com nove torres de dimensões variadas de secção aproximadamente circular. Protegendo no seu interior várias habitações de planta circular (com um diâmetro máximo de 2 m) ou ovalada e diversos recintos com diferentes funções (metalurgia, olaria, tecelagem e culinária), adiante designado de castros.[24] Nas escavações arqueológicas foram encontrados objectos de pedra polida (machados e enxós), de cerâmica (pesos de tear, crescentes, colheres, suportes de vaso, pratos e taças), de metal (furadores, machados, lâminas, além de cadinhos, escórias e pingos de fundição de cobre) e de ossos (ídolos sagrados).

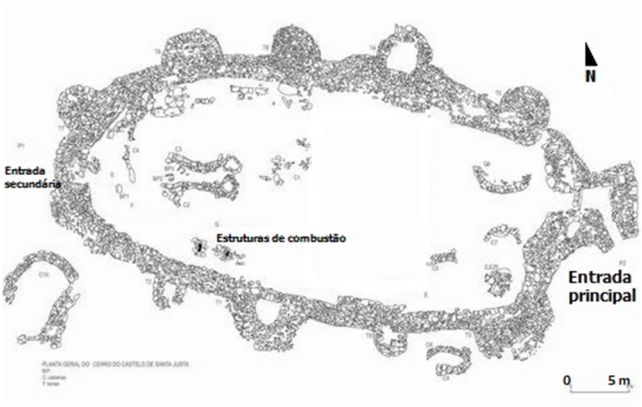


Figura 27. Planta do povoado do Cerro do Castelo de Santa Justa – Martim Longo.

Fonte:http://www.geocaching.com/geocache/GC1NKEG_castelo-santa-justa-calcolitico?guid=ef196a7f-a179-41a6-bd1c-61ae66d6af1d (consultado em 06/2015).



Figura 28. Reconstituição de um povoado semelhante ao Cerro do Castelo de Santa Justa, neste caso Los Millares – em Almería, Espanha.

Fonte: http://megalitismoatlantico.blogspot.pt/2012_11_01_archive.html (consultado em 06/2015)

[21] Globalgarve Cooperação e Desenvolvimento, S.A – *Vilas e aldeias. Algarve Rural*. 2ª Edição. Faro: Globalgarve Coorperação e Desenvolvimento, S.A., 2003, p. 111.

[22] Idem, p. 118.

[23] Informação retirada da nota escrita por A. Martins do site da Direcção-Geral do Património Cultural, consultada em Junho de 2015 no seguinte endereço:http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/69679/

[24] Castro – Recinto circundado por muralhas ou valas defensivas que defendiam no seu interior casas de pedra de planta circular ou quadrada, normalmente localizado no alto de montes ou em colinas de difícil acesso, implementando domínio sob cursos de água, caminhos e encruzilhadas com interesse estratégico. Normalmente associado a povoações pré e proto-históricas na Península Ibérica. GALHANO, Fernando; OLIVEIRA, Veiga Ernesto; PEREIRA, Benjamim – *Construções primitivas em Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994, p. 73.

Em relação a este período, deve-se ainda destacar o Dólmen de Alagoas, o Menhir de Alagoas e objectos avulsos (cerâmicas, machados de pedra polida e ídolos placa) encontrados na zona do barrocal.

Já na Idade do Bronze é possível encontrar achados e sepulturas na Serra relacionadas com a civilização de El Argar,[25] além desta as pequenas comunidades locais serão a partir daí sistematicamente influenciadas por populações do oriente mediterrânico, conhecendo o seu ponto mais alto de evolução com a chamada Cultura de Tartessos,[26] do mítico reino bíblico de Tarshish.

Esta evolução cultural era evidente e destacada relativamente a populações que ocupavam território do centro e norte do actual território português, proveniente do contacto sistemático com populações culturalmente mais avançadas com quem estabeleciam trocas comerciais. O mar Mediterrânico e o rio Anas (actual Guadiana) estabeleciam, neste período, uma importante via de comunicação para que Fenícios, Cartagineses e Gregos de Marselha ou de Ampúrias, circulassem com frequência pelo sul da Península Ibérica, utilizando as suas embarcações. A evolução era tal na Idade do Ferro, que existem referencias[27] a populações indígenas com conhecimento na metalurgia do ferro e com escrita própria baseada no alfabeto fenício, designada actualmente de Escrita do Sudoeste. Comprovada nos dias de hoje por inúmeras estelas[28] encontradas na Serra do Caldeirão e sul do Alentejo. Ao longo da História este terá sido o período que o progresso intelectual e o desenvolvimento das actividades humanas mais marcou a região.



Figura 29. Estela com Escrita do Sudoeste peninsular encontrada na Necrópole da Abóbada no Rosário – Almodôvar.

Fonte: http://pt/%205146/exposicao-quem-nos-escreve-desde-a-serra.aspx (consultado em 04/2015).

[25] Uma das mais importantes civilizações ibéricas da Idade do Bronze, considera-se que o seu principal centro administrativo tenha sido descoberto em escavações arqueológicas perto de Almería, Espanha. Caracterizava-se arquitectonicamente pelos povoados fortificados e as sepulturas tipo *tholos*. FERNÁNDEZ, Francisco Alejo [et al.] – *Cultura andaluza. Geografia, história, arte, literatura, música, cultura popular* – Sevilla: Editorial MAD, S.L., 2003, p. 78 a 79.

[26] Tartessos foi o nome dos homens da primeira civilização do Ocidente herdeira da cultura megalítica andaluza, referenciada pelos gregos. O território que mais se destacou sobre o seu domínio coincide sobre a Costa Sudoeste da Península Ibérica, envolvendo uma vasta área entre as actuais cidades de Huelva, Sevilha e São Fernando (Cádis). Desenvolvendo-se a partir do rio Tartesso, ao qual os romanos chamaram de Baetis e os árabes de Guadalquivir. Os tartessos terão sido extremamente inovadores, desenvolvendo uma escrita e uma língua própria, com influências culturais de egípcios e fenícios, com quem mantinham fortes relações comerciais. BLÁZQUEZ, José Maria – *Tartesos y los orígenes de la colonización fenicia en occidente*. Salamanca: Ediciones Universidad, 1975, p. 11 a 21.

[27] FERREIRA, Vitor Matias; FREITAS, Eduardo – *A Serra do Caldeirão. Roteiro sócio-cultural*. Faro: Associação "In Loco", 1999, p.10.

[28] Estelas - pedras individuais ou monolíticos, nas quais eram efectuadas inscrições. A sua função primordial seria incutir um significado simbólico (funerário, mágico-religioso, territorial ou político).

Outro período marcante da Serra do Caldeirão foi por volta do século V a.C., com a chegada de povos Indo-europeus, em particular os Celtas,[29] um povo nómada e ambicioso pela conquista de território que se organizava em tribos. No entanto, grande parte da região sul estava ocupada pelos Cónios ou Cinetes com que tiveram de partilhar território ou, pelo menos, cultura material, num ambiente mais ou menos tranquilo, suportado por uma agricultura de subsistência, pela caça e pela criação de gado e pontualmente pela exploração mineira, que se viria a desenvolver mais tarde. A riqueza de minerais que provinham de minas alentejanas e a crescente procura no litoral, por povos mercadores mediterrânicos, teriam forte influência na aposta e desenvolvimento da mineração e da actividade metalúrgica.

A riqueza local era evidente pelo que não foi poupada pela conquista dos Romanos nos finais do século III a.C., à semelhança de toda a Península Ibérica. Muito também, pelo apoio que todos os povos peninsulares deram às forças cartaginesas contra o Império de Roma na Segunda Guerra Púnica. A ocupação do território peninsular não foi pacífica, marcada por inúmeras revoltas de povos indígenas, entre eles, Lusitanos e Celtas. As populações da região do Algarve e sul alentejano rapidamente se redimiram ao invasor, dada a exposição à frente de batalha e ao hábito de contacto com outras civilizações da bacia mediterrânica ou talvez num acto de inteligência para obter a imediata protecção dos conquistadores. As forças romanas rapidamente asseguram a conquista de importantes vias de comunicação, nomeadamente o rio Anas, dos principais centros populacionais existentes no litoral e de locais estratégicos de produção de riqueza ligados à mineração, localizados na Serra do Caldeirão e no Alentejo.

Após a conquista e a pacificação dos povos, o Imperio Romano encontra um período de estabilidade a partir do final do século II a.C., aproveitado para desenvolver a agricultura, o comércio e a pesca em todo o litoral algarvio. A Serra e o Barrocal passarão um pouco à parte desta evolução, dados os constrangimentos geográficos. Mais tarde, são construídas estradas para melhor defender o esforço de guerra, mas curiosamente, contornam a Serra a sul, a oriente e a ocidente. Ou seja, manteve a área montanhosa com as mesmas tradições que até aqui tinha ostentado, ou talvez mais pobre ainda, dado o esgotamento dos fracos recursos mineiros.

Os dois séculos seguintes pouco alteraram esta panorâmica. Os Romanos revelam pouco interesse pelo interior do Algarve. Os povoados eram escassos e muitas vezes em locais bastante isolados e as habitações débeis, feitas de materiais locais e vegetais. Sabe-se, contudo, que a utilização de objectos de uso quotidiano foi fortemente difundida por todo o território, de forma a tornar a vida mais confortável, prática e produtiva, de acordo com os princípios da vida romana.

Aquando do declínio de Roma, as trocas comerciais entram em colapso. As cidades são frequentemente invadidas por povos Bárbaros e a sua população é obrigada a fugir para o campo para melhor se defender - das invasões ou focos súbitos de doenças infecciosas. A partir do século V d.C. chegam à Península Ibérica povos oriundos da Germania, tais como os Vândalos, os Alanos, os Suevos e os Visigodos, destabilizando todo o território. A destruição e as pilhagens eram constantes obrigando à construção de muralhas em torno das principais cidades.[30]

Os Alanos, conquistadores da Lusitânia, dominam por um curto período o território algarvio. A estabilidade do pequeno império nunca esteve assegurada por completo, porque apenas era possível

[29] Confirmado através do Center for Celtic Studies (http://www4.uwm.edu/celtic/) consultado em 04/2015.

[30] LOURO, Estanco – *O livro de Alportel. Monografia*. São Brás de Alportel: Câmara Municipal de São Brás de Alportel, 1996, p. 48.

defender pontos estratégicos de interesse económico ou administrativo com as forças militares existentes.

Durante o século VI d.C. predominou a insegurança por toda a região, o que levou as populações a pedir auxílio aos Visigodos, que após anos de guerra conseguem finalmente implantar a ordem. O Algarve sempre passou um pouco à parte destes conflitos, dado que apresentava uma economia muito debilitada, e logo, pouco atractiva. No entanto, a conjuntura mais estável e a forte exposição com influência de mercadores orientais que frequentemente visitavam a região, criavam condições favoráveis para implementar pequenos focos subordinados ao Cristianismo. Primeiro nas cidades e depois nos meios rurais. Começa, ainda por esta altura, a revitalização e ocupação de pequenos aglomerados habitacionais na zona da serra, entretanto destruídos ou abandonados fruto das sucessivas invasões. Este interesse pela ruralização não fará aumentar a área cultivada, dada a decadência comercial e demográfica. Continua a vigorar na serra uma ocupação essencialmente florestal, apenas o barrocal implementa importante cultura arvense (oliveira, laranjeira,...).

No início do século VIII d.C. a invasão muçulmana fragiliza, uma vez mais, a estabilidade das comunidades autóctones. Certo, que a conquista privilegia o controlo das cidades localizadas no litoral, por questões estratégicas, como o domínio de rotas comerciais. O objectivo era nítido em expandir as trocas comerciais e garantir riqueza aos novos senhores, implementando a sistemática utilização da moeda de ouro e de prata. Assumido o controlo de cidades e rotas comerciais pelos muçulmanos, importa, agora, retomar a exploração de recursos naturais com auxílio de escravos, nomeadamente nas minas de prata localizadas na Serra do Caldeirão, referenciadas por diversos geógrafos muçulmanos.[31]

Na medida em que o Islamismo se implementa, são introduzidos novos produtos e novas técnicas agrícolas que exploram a horticultura em pequenos, mas férteis, terrenos no final das vertentes íngremes da Serra. Estas hortas aproveitavam inteligentemente a acumulação de sedimentos transportados pela água da chuva do alto dos montes, possibilitando a introdução de novos produtos agrícolas, mantidos e desenvolvidos sob sistemas de rega inovadores (as cegonhas – em hortas menos produtivos, as noras - em terrenos mais produtivos ou pomares e a irrigação por arrojo e comportas). Este progresso na irrigação agrícola, contribui para alterar radicalmente a dieta alimentar (agora mais na base de produtos hortícolas) da área serrana e promove a fixação de pessoas nas zonas mais hostis. As povoações continuam dispersas pelos montes, existindo agora interesse em reabilitá-las sob as premissas da tradição muçulmana e ocupa-las, mas mantendo a mesma localização próxima de caminhos já existentes, que a invasão pouco alterou. Estas povoações prosperam quanto maiores e mais produtivas forem as áreas agrícolas na envolvente.

A partir de uma determinada dimensão construía-se um centro fortificado para garantir a segurança em situação de invasão. Uma aldeia localizada à entrada da Serra, chamada "Salir" é um bom exemplo deste tipo de aglomerado urbano de maiores dimensões, onde ainda hoje, se pode observar vestígios da parte amuralhada. A agricultura extensiva cresceu fortemente na Serra do Caldeirão, mas não afectou a tradição na pastorícia. Ambas as actividades predominavam a par, preservando curiosamente as velhas formas de organização e construção indígena.

[31] FERREIRA, Vítor Matias; FREITAS, Eduardo – *A Serra do Caldeirão. Roteiro sócio-cultural*. Faro: Associação "In Loco", 1999, p. 13.



Figura 30. Torre de taipa "Muro do Meio" – Fortificação militar islâmica, Almóada. (Salir – Loulé)
Fonte: O Autor.



Figura 31. Torre de taipa "Muro do Meio" – Fortificação militar islâmica, Almóada. (Salir – Loulé)
Fonte: O Autor.

À medida que a Reconquista Cristã avança para sul, a unidade muçulmana perde resistência. Não foi um processo rápido, nomeadamente quando o ocidente do Andaluz formou os impérios Almorávida e Almóada. Os cavaleiros cristãos foram obrigados a rever tacticamente os métodos de conquista, privilegiando a ocupação de pontos estratégicos como Aljustrel e Mértola, na localização de vias importantes que estabeleciam uma rápida inclusão a sul. De olhos postos na reconquista da faixa litoral algarvia, a Serra passa mais uma vez à parte do grande conflito. Os invasores descem a oriente pelo rio Guadiana desde Mértola até à foz e a ocidente de Aljustrel até São Bartolomeu de Messines e depois Estômbar e Alvor. Silves, capital do Algarve, é conquistada por D. Sancho I no segundo quartel do século XII.[32]

A estratégia Cristã era, obviamente, conquistar toda a envolvente da Serra do Caldeirão, em terreno menos acidentado e de melhor circulação evitando flagelar as tropas ao mesmo tempo que isolavam o povo muçulmano de modo a não resistir. O Algarve foi totalmente conquistado e reorganizado no reinado de D. Afonso III, mantendo muitas das estruturas muçulmanas. Instauram-se como principais praças comerciais, para a navegação, as cidades de Faro e Tavira. Loulé transforma-se numa das mais importantes cidades, que estabelecia a ligação comercial entre o interior e o litoral, quando D. Dinis em 1291, no intuito de desenvolver a agricultura, cria a feira anual de produtos agrícolas.[33] Tornava-se a maior feira da região do Algarve, superando mesmo a de Silves.

A costa começava a revelar prosperidade durante o século XV, dado que eram restabelecidas trocas comerciais com mercadores estrangeiros. Na busca de melhores condições de vida a população serrenha desce para o litoral e a serra inicia um processo de acelerada desertificação, tornando-se a população pobre e desprezada. A caça e a devassa florestal serão as principais actividades desenvolvidas. A procura de madeira para a construção naval, para a construção civil, para aquecimento de habitações intensifica-se de tal forma na costa litoral algarvia e sul de Espanha, que a Serra enfrenta a maior

[32] LOURO, Estanco – *O livro de Alportel. Monografia*. São Brás de Alportel: Câmara Municipal de São Brás de Alportel, 1996, p. 50.

[33] RAPOSO, Isabel - *Guia da reabilitação e construção. Cidade de Loulé*. Loulé: Câmara Municipal de Loulé/Faculdade de Arquitectura/Universidades Técnica de Lisboa, 2005, p. 23.

desflorestação de sempre, apenas impedida pelas autoridades régias. Note-se que a desflorestação era protagonizada pelas próprias populações residentes para sustento económico.

No século XVI surgem também as queimadas no intuito de promover o cultivo de cereais, nomeadamente o trigo, por ter grande procura nos mercados. Mas a fraca qualidade do solo, o relevo acidentado e a dificuldade de transporte não favoreciam grandes explorações, a não ser para auto sustento das famílias.

O período pós-medieval (século XVI) estabelece a continuidade das principais actividades até aqui desenvolvidas (a pastorícia, a agricultura extensiva e a silvicultura) dadas as suas limitações naturais. A falta de acessos será outra forte condicionante ao crescimento e fixação de população, onde os povoados que não são mais que pequenas aldeias, dificilmente se restabelecem de períodos de declínio. Este cenário criava condições excepcionais no século XIX de abrigo a legionários miguelistas que lutaram e resistiram insistentemente contra os liberais. O famoso guerrilheiro algarvio Remechido (José Joaquim de Sousa Reis) será quem comanda as tropas. Este será provavelmente o período mais conturbado que a Serra afronta, estabelecendo-se num autêntico campo de batalha.[34] Mas a partir da captura e fuzilamento do Remexido, em 1838, o território serrano recupera a tranquilidade e o ambiente pacato.

O século XX não implementa grandes novidades na Serra do Caldeirão, aliás a desertificação de campos e montes, será uma constante, nomeadamente durante a primeira Grande Guerra (1914-1918) em que Portugal participou, envolvendo a recruta dos jovens do sexo masculino, que em boa parte não regressariam à terra de origem. Outro grande conflito que também contribuiu para a estagnação no desenvolvimento da Serra foi a Guerra Colonial (1961-1974) que diminuiu a população activa.[35] O período mais promissor estabeleceu-se entre estas duas guerras, protagonizado de novo por um forte investimento na agricultura, nomeadamente na produção cerealífera, promovida pelo Estado Novo (1933-1974). A Serra do Caldeirão também manifestou vontade em participar neste impulso económico, mas numa contribuição claramente limitada, dada a pobreza e irregularidade dos solos. O Alentejo foi a região que mais se dinamizou na época, pois apresentava condições naturais excepcionais para contribuir para a auto-sustentabilidade nacional e até exportação de cereais. Segundo José Afonso do sítio dos Cavalos, era um trabalho sazonal, mas que movimentava grandes quantidades de trabalhadores, quando eram feitas as lavouras, as mondas e a ceifa. A Serra e a sua localização estratégica perante o Alentejo, viria a beneficiar de todo este dinamismo económico, contribuindo fortemente com a mão-de-obra, e desta forma, incrementava uma boa fonte de rendimento extra no orçamento familiar. O período entre os anos de 1940 e 1950 revela a excepção à regra e implementa uma nítida prosperidade.[36]

Nos anos de 1980 inicia-se por toda a região litoral do Algarve um forte crescimento da actividade turística. O clima, a hospitalidade, a paisagem a gastronomia, são entre muitos outros, bons argumentos que contribuíram para um claro desenvolvimento económico regional. A Serra do Caldeirão partilha dos mesmos valores que fomentam o turismo, mas pela sua distância das praias, do comodismo de todas as infra-estruturas dos meios urbanos e por uma fraca divulgação, que acaba por não encontrar apoio num forte argumento, estabelece-se à parte e participa muito timidamente deste desenvolvimento. Mais uma

[34] Informação retirada do artigo "O Remexido e a resistência Miguelista no Algarve" escrito por José Carlos Vilhena Mesquita, professor da Universidade do Algarve, licenciado em história pela Universidade de Lisboa. Publicado online no blog ALGARVE – HISTÓRIA E CULTURA, consultado em Junho de 2015 no seguinte endereço: http://algarvehistoriacultura.blogspot.pt/2009/10/o-remexido.html e na Revista nº13 do arquivo municipal de Loulé - Al-'Ulyà.

[35] LOURO, Estanco – *O livro de Alportel. Monografia*. São Brás de Alportel: Câmara Municipal de São Brás de Alportel, 1996, p. 119.

[36] FERREIRA, Vítor Matias; FREITAS, Eduardo – *A Serra do Caldeirão. Roteiro sócio-cultural*. Faro: Associação "In Loco", 1999, p. 27.

vez a sua população activa é atraída para as zonas do litoral mais exposta ao desenvolvimento e na procura de melhor condições de vida e estabilidade económica.

A Serra do Caldeirão apresenta uma história que sistematicamente repudia em primeiro plano os actos invasores e o desenvolvimento. Será mera observadora das metamorfoses envolventes e guardiã do conhecimento dos diversos povos que a tentaram ocupar mediante o seu respeito e exploração.



Figura 32. Imagem de uma povoação da Serra do Caldeirão. (Besteiros – Ameixial)

Fonte: O Autor.

2.2. NUCLEOS URBANOS E POPULAÇÃO

Os pequenos povoados, bem como a ocupação humana mantêm a mesma debilidade do passado. Os pequenos aglomerados urbanos dispersam montes e vales, agarrando firmemente as vertentes da Serra. Cada povoação organiza-se de uma forma diferente, adaptando-se à geografia do local e orientando-se de acordo com os principais acessos, ruas e caminhos. Calcula-se que são factores condicionantes para a sobrevivência destas povoações existência de água e de terrenos cultiváveis nas proximidades. Os pontos elevados também são valorizados, pois possibilitam a observação e contemplação à distância, que antigamente podiam estar relacionados com a necessidade de defesa das populações.

Raramente existe um largo ou elemento que discipline a organização urbana das povoações da Serra, excepto nas aldeias, onde pode existir um elemento arquitectónico mais destacado, como as igrejas, que se destacam da envolvente imediata. Nalguns povoados dispersos podemos encontrar o forno comunitário que integra uma área central, mas é uma construção discreta que integra a malha urbana sem forçar a pré-disposições em seu redor.



Figura 33. Fotografia de uma rua. (Fonte do Corcho – Cachopo)
Fonte: O Autor.



Figura 34. Fotografia de uma rua (Lajes – São Brás de Alportel)
Fonte: O Autor.

As intrincadas ruas ou arruamentos que atravessam estas localidades encontram-se actualmente pavimentados com argamassa de betão, por questões de comunidade/conforto de circulação e salubridade, mas outrora terão sido revestidos com lajes de xisto ou basalto ou simplesmente em terra batida. As ruas são normalmente estreitas e íngremes, prenunciando curvas apertadas que dificultam a circulação de automóveis, mas que antigamente não prejudicavam a movimentação de pessoas e animais de carga e ainda favoreciam o sombreamento do espaço público. Não obstante e apesar da reduzida largura das ruas, próxima da entrada de cada habitação ainda eram construídos os famosos poais[37], de apoio às cargas e descargas das bestas, às lides da casa ou para simplesmente sentar e descansar e/ou socializar nas tardes quentes de verão.

Ainda destas povoações saem normalmente caminhos que estabelecem o acesso às hortas, ao lavadouro e à fonte que abastecia de água potável os seus habitantes. Nem sempre numa localização próxima. No sítio da Fornalha (freguesia de Salir) é necessário percorrer mais de um quilómetro, por uma encosta bastante íngreme para os encontrar no fundo do vale.



Figura 35. Vista panorâmica de uma povoação. (Fornalha – Salir)
Fonte: O Autor.



Figura 36. Vista panorâmica de uma povoação (Monte da Ribeira – Cachopo)
Fonte: O Autor.

[37] Poial – assento ou bancada feita inteiramente em pedra xisto e argamassas de argila, terminado com um capeamento de grandes lajes para regularizar a área utilizável. A sua localização era comum no exterior e na frente das casas, contiguo à fachada e por questões práticas próximo da entrada principal ou junto de fornos de pão. Este elemento também pode ser encontrado no interior das habitações para colocar os cântaros de água. COSTA, Miguel Reimão – *Casas e montes da serra entre as estremas do Alentejo e do Algarve: forma, processo e escala no estudo da arquitectura vernacular*. Porto: Edições Afrontamento, 2014, p. 405.

Cada casa das aldeias da Serra constitui maioritariamente uma unidade independente respeitando a estrutura fundiária, excepto os núcleos mais antigos onde várias habitações são edificadas em conjunto e sistematicamente encostadas, formando uma unidade complexa, que preenche totalmente os espaços entre ruas. Esta forma de construção aglomerada poderá reivindicar vestígios da ocupação muçulmana, podendo ser observados nas localidades de Azinhal dos Mouros, Corte João Marques e Revezes na freguesia do Ameixial.



Figura 37. Planta geral da povoação. (Corte João Marques – Ameixial)

Fonte: COSTA, Miguel Reimão – *Casas e montes da serra entre as estremas do Alentejo e do Algarve: forma, processo e escala no estudo da arquitectura vernacular*. Porto: Edições Afrontamento, 2014, p. 296.



Figura 38. Vista sudeste da povoação. (Corte João Marques – Ameixial)

Fonte: O Autor.



Figura 39. Vista oeste da povoação (Corte João Marques – Ameixial)

Fonte: O Autor.

A Serra do Caldeirão reflecte as marcas do tempo e os pequenos aglomerados urbanos mostram a morte lenta do conhecimento ancestral. A habitação vernacular é o tipo de edificação predominante e a mais procurada para estudo. Pequena, singela e pobre, de planta rectangular com apenas um piso, normalmente com paredes de xisto caiadas de branco no exterior e no interior, em áreas habitáveis, de cobertura inclinada de uma ou duas águas em telha cerâmica de canudo e chaminés atarracadas e improvisadas.



Figura 40. Fotografia de uma chaminé. (Cavalos – Ameixial)

Fonte: O Autor.

O interior com pouca comodidade é constituído por três a cinco compartimentos de reduzida altura, sem mediar espaços de circulação, com acessos garantidos directamente entre eles. Compostos por uma cozinha com lareira, uma casa de estar (pequena sala) e os quartos (sem instalação sanitária), revestidos com pavimento de ladrilho cerâmico e tectos inclinados consoante as coberturas, normalmente suportados por paus de eucalipto e caniço à vista. No exterior, a habitação apresenta um reduzido número de vãos (normalmente uma porta e uma ou duas janelas, nas divisões sem janela é frequente existir uma telha de vidro na cobertura) com ou sem molduras exteriores, orientadas para a rua.[38]

Foi curioso observar em diversas povoações, nomeadamente na Corte João Marques e no Azinhal dos Mouros (Ameixial) habitações que se desmembram em vários corpos edificados, ou seja duas ou três divisões de um lado da rua e outras tantas do outro lado ou numa rua próxima. A rua pública estabelece de uma forma interessante a função de vestíbulo aberto, circulação ou corredor da casa. Uma casa aberta à socialização e às vivências com o exterior.

A fachada de acesso à habitação, e por vezes a única que é caída com cal aérea, está antecedida ou não por um pequeno pátio onde repousam vasos de flores. Em certos casos o pátio protege um limoeiro central ou uma pérgula em paus de madeira, que sustenta uma ou duas videiras. Uma solução básica e um bom exemplo de sistema passivo de arquitectura bioclimática, com o uso da vegetação. De inverno as videiras perdem a folha e permitem o aproveitamento solar na frente da casa, quando o frio

[38] COSTA, Francisco Dias – *Floridas na pedra. A hidrografia do vascão e a Serra do Cadeirão ou Um*. Faro: Associação "In Loco", 1996, p. 86-87.

mais se faz sentir. De verão as videiras criam folhas e sombreiam perfeitamente o pátio, tornam o espaço fresco e acolhedor durante as horas de calor intenso, além de toda a elegância que implementam na frente da casa.



Figura 41. Pormenor de um pátio de uma casa. (Feteira – Cachopo)

Fonte: O Autor.



Figura 42. Pormenor de um pátio de uma casa. (Fonte do Corcho – Cachopo)

Fonte: O Autor.

É também frequente, mais na casa isolada, a existência de um pequeno quintal de apoio. Este acomoda numa localização próxima o forno ou fornalha, o cortelho, a pocilga, o estendal, a lenha para a lareira e o estábulo, quando este não integra as traseiras da casa. Em quintais de maiores dimensões pode ainda existir um poço e uma pequena horta de apoio imediato à faina doméstica. Numa localização, sem compromisso de proximidade fica o palheiro circular ou rectangular, que pode intermediar o apoio à casa com o estábulo e uma horta próxima.

Além desta tipologia mais induzida ao comum trabalhador agrícola e sua família as povoações da Serra do Caldeirão são pontuadas por um tipo de casa maior, a casa do "lavrador".[39] Esta casa como o nome indica, pertence a alguém mais abonado, que tem e explora vastas propriedades de terra, que lhe proporcionavam rendimentos acima da média, com a exploração agrícola ou silvícola e trabalho assalariado. São casas mais espaçosas que se destacam da envolvência pela sua grandeza, pela sua decoração policromática de platibandas, socos e cunhais, pelas cantarias trabalhadas em pedra calcária em torno dos seus vãos, pelas coberturas planas (açoteia em ladrilho cerâmico) ou inclinadas com prenunciados telhados assentes em cimalhas expressivas com grandes e elegantíssimas chaminés, pelos seus amplos pátios e cercas anexas defendidas por muros bem concebidos. No interior com compartimentos altos, espaçosos, independentes e fenestrados, com tectos estucados e trabalhados com adornos, consecutivamente acedidos por um extenso corredor, que se prolonga a partir da entrada.

Apesar da enorme disparidade económica entre a população em geral e os ditos lavradores, é curioso como praticamente todos os habitantes da Serra são legítimos proprietários da sua casa (grande ou pequena) e de uma ou duas hortas para seu sustento.

[39] COSTA, Miguel Reimão – *Casas e montes da serra entre as estremas do Alentejo e do Algarve: forma, processo e escala no estudo da arquitectura vernacular*. Porto: Edições Afrontamento, 2014, p. 161-164.



Figura 43. Exemplo de uma casa do "lavrador". (Vale Luís Neto – Salir)

Fonte: O Autor.



Figura 44. Exemplo de uma casa do "lavrador". (Vale Luís Neto – Salir)

Fonte: O Autor.

As edificações vão sendo pontualmente restauradas ou substituídas por novas, mas subordinadas a materiais industrializados e técnicas construtivas actuais, que infelizmente não se relacionam com os materiais pré-existentes e não permitem a continuidade e preservação da pureza original. Mas a maior parte das edificações estão desocupadas e submetidas à degradação continua.

A baixa densidade populacional agravada pelo envelhecimento generalizado da população, antevê uma desertificação eminente, se entretanto não forem tomadas medidas e incentivos de fixação à população jovem.

Concelhos	Freguesias da Serra do Caldeirão	População residente				Número de eleitores			
		1864	1950	1981	1991	2002	2005	2008	2012
Almodôvar	São Barnabé	978	2262	1296	864	779	688	657	542
Alcoutim	Vaqueiros	1432	2274	1172	870	748	682	646	531
Tavira	Cachopo	2310	3553	1935	1420	1117	994	914	752
São Brás de Alportel	São Brás de Alportel	6015	9597	7506	7526	7632	7809	8586	8839
Loulé	Ameixial	1268	1999	1119	892	706	648	594	476
	Querença	1338	2868	1794	1744	756	713	705	611
	Salir	3028	6507	3641	3385	3041	2873	2857	2580
Silves	São Bartolomeu de Messines	5310	11755	8460	8727	7214	7097	7215	6969

Quadro I. Evolução da população residente e número de eleitores por freguesias que integram a Serra do Caldeirão.

Fonte: FERREIRA, Vítor Matias; FREITAS, Eduardo – *A Serra do Caldeirão. Roteiro sócio-cultural*. Faro: Associação "In Loco", 1999, p. 27. (Recenseamento da população) e Secretaria-Geral. Ministério da Administração Interna. Consultado em Junho de 2015 no seguinte endereço: http://www.sg.mai.gov.pt/AdministracaoEleitoral/RecenseamentoEleitoral/ResultadosRecenseamento/Paginas/default.aspx

Cachopo	População Residente (INE, 2001)			Amostra por distribuição +/- equitativa		
	TOTAL	Homens	Mulheres	TOTAL	Homens	Mulheres
18 aos 24 anos	66	42	24	3	2	1
25 aos 34 anos	47	25	22	2	1	1
35 aos 44 anos	64	25	39	3	1	2
45 aos 54 anos	105	55	50	6	3	3
55 aos 64 anos	176	79	97	9	4	5
65 e mais anos	518	261	257	27	14	13
TOTAL	976	487	489	50	25	25

Quadro II. Amostra da população da freguesia de Cachopo (concelho de Tavira) segundo a idade e o sexo.

Fonte: SOUSA, Vanessa Duarte - *Estudo de Avaliação dos Impactos da Estratégia Regional para as Áreas de Baixa Densidade do Algarve. Relatório Final*. Faro: Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve, 2009, p. 24. (Dados censos 2001- INE).

Com a população a diminuir há mais de 60 anos (desde 1950) pela generalidade das freguesias que ocupam o território da Serra do Caldeirão, o emprego agrícola não constitui argumento para fixação da população activa que procura a região litoral do Algarve para melhores condições de vida e de estabilidade económica. Note-se que a densidade média populacional, da Serra, segundo os Censos realizados em 1991, era de 14 hab./km2, contrastando com os 74 hab./Km2 que é a média do distrito de Faro, hoje será ainda bem mais inferior.[40]

Outrora existira o abegão, o alveitar, o azeiteiro, o barbeiro, o caldeireiro, o capador, o carpinteiro, o cesteiro, a comadre-parteira, a costureira, o ferrador, o ferreiro, o moleiro, o padeiro, o pedreiro, o sapateiro, a tecedeira, o tirador e muitos mais, que mantinham uma trabalhosa e cansativa actividade de campo, mas actualmente boa parte já não existe e os persistentes sobrevivem economicamente sem esperança no futuro. Esta desmotivação evidente aconselha os mais válidos a abandonar as terras altas e procurar mundos mais desenvolvidos e menos exigentes fisicamente.[41]

Durante a investigação no território foi possível verificar que a população residente na sua generalidade provém de gerações anteriores com largo assentamento hereditário na Serra do Caldeirão. Muito raramente se encontra pessoas residentes provenientes de outras regiões do Algarve ou do país, ou com nacionalidade estrangeira.

Actualmente a crise económica inverteu ligeiramente esta tendência. Denota-se pelo território um reavivar do interesse pelas potencialidades da terra, mas maioritariamente por pessoas de uma faixa etária mais elevada, que abandonam a vida activa e a azáfama dos centros urbanos do Algarve litoral e procuram desfrutar uma vida mais saudável durante a reforma. Esta tendência não é evidente nos relatórios estatísticos, porque normalmente estas pessoas não alteram a morada, preservando um dupla residência.

[40] FERREIRA, Vítor Matias; FREITAS, Eduardo – A Serra do Caldeirão. Roteiro sócio-cultural. Faro: Associação "In Loco", 1999, p. 27.

[41] COSTA, Francisco Dias – *Floridas na pedra. A hidrografia do vascão e a Serra do Cadeirão ou Mu*. Faro: Associação "In Loco", 1996, p. 89.



Figura 45. Retrato da população. (Cavalos – Ameixial)

Fonte: O Autor.



Figura 46. Retrato da população. (Monte do Cravo – Cachopo)

Fonte: O Autor.

Durante a realização do trabalho de campo foi possível visitar localidades completamente desprovidas de habitantes e ao inteiro abandono, caso de: Pero d'Elvas, Barrigões, Califórnia, Macheira e Pereirinha no concelho de Loulé.

2.3. PATRIMONIO CULTURAL

A Serra do Caldeirão contempla inúmeros sítios arqueológicos que revelam pequenos fragmentos da sua história. Na freguesia do Ameixial, a dois quilómetros da localidade da Corte d'Ouro, podem ser observadas a Anta de Beringel e a Anta do Alagar, com mais de 4000 anos de existência, são antigos dólmens do período do Neolítico. Também na freguesia de Cachopo e nas proximidades da localidade da Mealha, no cimo dos montes, podem ser contempladas a Anta das Pedras Altas e a Anta da Masmorra, classificadas como Antas de Câmara, ambas Necrópoles Megalíticas[42]. Monumentos constituídos por um conjunto de enormes pedras fincadas na vertical, de planta "piriforme". Duas pedras afrontadas revelam a entrada da Anta e num corredor que estabelece o acesso a um espaço mais amplo, referenciado por câmara fúnebre. Locais místicos e de curiosas particularidades, nomeadamente a sua relação com o solstício de verão.

[42] Globalalgarve Cooperação e Desenvolvimento, S.A – *Vilas e aldeias. Algarve rural*. Faro: Globalgarve Coorperação e Desenvolvimento, S.A., 2003, p. 118.



Figura 47. Anta Megalítica das Pedras Altas. (Mealha – Cachopo)

Fonte: O Autor.



Figura 48. Anta Megalítica da Masmorra. (Mealha – Cachopo)

Fonte: O Autor.

Os achados arqueológicos são também abundantes por todo o território da serra e Baixo Alentejo. Têm sido encontradas inúmeras estelas com escrita do Sudoeste Peninsular. Escrita indecifrada que tem mais de 2500 anos, podendo ser vistas actualmente no Museu da Escrita do Sudoeste em Almodôvar ou no Museu de Arqueologia de Silves.[43] Na localidade de Salir podem ser visitadas as muralhas e alguns torreões (chamado o muro da sabedoria) de um importante castelo construído em taipa no séc. XII por berberes Almóadas.[44]

A serra é amplamente rica em património arquitectónico, de arquitectura popular do tipo rural. Montes e aldeias constituem autênticas exposições de modelos e processos de construção tradicional em xisto, terra, cal e palha. As habitações, os moinhos de vento, os moinhos de água (azenhas), os palheiros circulares, as cabanas, são exemplos. A aldeia do Ameixial marca ainda assim a diferença, dado o tipicismo do casario que a compõe, tornando-a emblemática na região Algarvia.



Figura 49. Fotografia do casario. (Parises – São Brás de Alportel)

Fonte: O Autor.



Figura 50. Fotografia do casario. (Lajes – São Brás de Alportel)

Fonte: O Autor.

[43] Globalalgarve Cooperação e Desenvolvimento, S.A – *Vilas e aldeias. Algarve rural* – Faro: Globalgarve Coorperação e Desenvolvimento, S.A., 2003, p. 56.

[44] Idem, p. 99.

A crença religiosa é notória pois em quase todas as aldeias da Serra do Caldeirão existem igrejas riquíssimas de história. Em Salir a igreja matriz terá sido construída no século XVI e a capela da Nossa Senhora do Pé da Cruz no século XVI. Em Querença existe a Igreja Matriz da Nossa Senhora da Assunção construída no século XVI com um portal no estilo Manuelino e altar da capela-mor com retábulos em talha dourada do período Barroco.[45] Ainda em Querença pode também ser encontrada a Ermida da Nossa Senhora do Pé da Cruz século XVII no estilo Chã.[46] A Igreja Matriz de Santo António no Ameixial desconhece-se o ano de construção, mas é um elegantíssimo edifício de traço muito simples e singelo. Em Cachopo a Igreja de Santo Estevão foi edificada no século XVIII com uma só nave e um altar-mor com imagens de Santo Estevão e São Sebastião.[47] Em São Barnabé a Igreja paroquial de São Barnabé remonta o século XVI e expressa uma arquitectura popular e vernácula com toque maneirista e torre sineira barroca (do século XVIII), no seu interior pode ser observado um magnífico retábulo na capela-mor em talha dourada e policromada do século XVII.



Figura 51. Igreja Matriz de Santo António. (Ameixial – Loulé)
Fonte: O Autor.



Figura 52. Igreja de Santo Estevão. (Cachopo – Tavira)
Fonte: O Autor.

Nesta viagem pelos edifícios religiosos da Serra do Caldeirão é de destacar a Igreja de Nossa Senhora da Conceição no Barranco do Velho, construída durante a primeira metade do século XX e inaugurada em 1944, num local com esplendorosa vista para poente sobre a Serra. Um projecto do arquitecto Veloso Reis Camelo.

No entanto, cultura não é só património edificado. É de destacar a gastronomia local, as memórias da população residente e a tradição musical, as danças tradicionais dos ranchos de folclore da Cortelha, das Barrosas e de Cachopo. Não há palavras que expliquem o paladar, o olfacto, a visão, a audição e o tacto na experiencias destes lugares.

[45] Globalalgarve Cooperação e Desenvolvimento, S.A – *Vilas e aldeias. Algarve rural*. Faro: Globalgarve Coorperação e Desenvolvimento, S.A., 2003, p. 100.

[46] Arquitectura Chã ou Chão – é uma arquitectura nua que oculta experiências vanguardistas, reagindo contra as tendências estrangeiras, que em alguns casos se apropria das soluções clássicas. As igrejas são tipo caixa, com uma única nave, com púlpitos situados nos tramos centrais, no andar superior da igreja corria uma galeria, as paredes permitiam o acesso aos diversos pisos e pontos de observação. Que eram concebidas como fachadas orientadas para o interior, que funcionavam como palcos de observação privilegiada. A decoração surgia apenas na azulejaria, estuques, retábulos ou pintura de interiores. SIZA, Álvaro [et al.] – *J-A Arquitectura Portuguesa Chã*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2001.

[47] Globalalgarve Cooperação e Desenvolvimento, S.A – *Vilas e aldeias. Algarve rural*. Faro: Globalgarve Coorperação e Desenvolvimento, S.A., 2003, p. 118.

2.4. PATRIMONIO NATURAL

O território da Serra do Caldeirão está grande parte integrado em área classificada da Rede Natura 2000.[48] Referente à sua flora a serra é característica pelo seu montado de sobreiro envolto em matagais de esteva, rosmaninho roxo e verde, tojo, urze e giesta, formando uma densa mata que dificilmente é transponível, servindo de excelente abrigo para a fauna. Estes matagais são extremamente inflamáveis na estação quente, que em caso de incêndio torna muito difícil o seu combate, devastando vastas áreas de floresta, como tem acontecido com frequência nos últimos anos (em Julho de 2004, em Julho de 2012).



Figura 53. O sobreiro é muito comum na paisagem. (Barranco do Velho – Salir)

Fonte: O Autor.



Figura 54. O medronheiro é um arbusto luxuriante. (Pêro Ponto – Ameixial)

Fonte: O Autor.

O medronheiro é um arbusto também muito presente e estimado por estas terras. O medronho é um fruto que leva um ano a desenvolver-se, e fica pronto para colher no outono, servindo depois para produzir a aguardente da Serra. Próximo das ribeiras podemos encontrar o carvalho, o loureiro, o loendro, as canas, o junco, as silvas e uma vasta série de arbustos e plantas herbáceas que presam pela proximidade da água. O rosmaninho verde é uma espécie endémica da Península Ibérica que apenas pode ser encontrada no Algarve e Alentejo, com particular incidência na Serra do Caldeirão. Ao longo dos anos foram introduzidas na flora espécies invasoras de plantas e árvores, tais como o eucalipto e a mimosa que se adaptaram perfeitamente ao solo e ao clima, constituindo hoje autenticas pragas na floresta original, devendo ser evitada a sua plantação.[49]

No que respeita à fauna a Serra do Caldeirão já foi habitada por lobos, bufos, grous, corços e linces, mas a devastação da vegetação espontânea para práticas agrícolas, nomeadamente nos anos 30 do século passado, quando foram feitas imensas queimadas para semear searas de trigo, de cevada e de centeio, conduziu à extinção destas espécies. Actualmente a serra é habitat natural do javali, da raposa, do saca-rabos e da gineta no que se refere a mamíferos. Nas aves podemos encontrar o gaio, o melro, o papa-figos, o rouxinol, o chapim, o peto-verde, o pisco, a trepadeira-azul, o pica-pau-malhado-pequeno, o

[48] Verificado nas plantas de ordenamento dos Planos Directores Municipais de Loulé, de Tavira, de Almodôvar, de Silves e de Alcoutim.

[49] Informação obtida na estação de biodiversidade do Barranco do Velho.

mocho-galego, a águia de bonelli e o bico-grossudo. Nas linhas de água encontramos o sapo comum, a rã e o guarda-rios.[50]

Como lugares de grande valor patrimonial natural encontramos as fontes férreas de Cachoupo[51] e São Brás de Alportel, envoltas numa vegetação luxuriante; o Miradouro da Serra do Caldeirão na freguesia do Ameixial, a três quilómetros da localidade dos Cavalos, um dos pontos mais altos onde é possível observar uma paisagem sem igual; a Fonte da Benémola a cinco quilómetros de Querença, que além da paisagem fascinante pode visitar as grutas da Salústreira Menor e Salustreira Maior[52], bem como a ribeira do Vascão, próximo da Revezes também na freguesia do Ameixial, com paisagens paradisíacas, entre outros importantes lugares de interesse.



Figura 55. Fonte da Benémola. (Querença – Loulé)

Fonte: O Autor.



Figura 56. Vista do pôr-do-sol no Miradouro da Serra do Caldeirão. (Cavalos – Ameixial)

Fonte: O Autor.

2.5. ECONOMIA

De entre as três sub-regiões algarvias (Beira-mar, Barrocal e Serra) a Serra é aquela que apresenta uma economia mais debilitada e ainda rudimentar. Longe da especulação imobiliária e da fogosa actividade turística promovida sobre destinos paradisíacos à beira mar da década de 1970 até aos nossos dias, a Serra do Caldeirão marca a diferença pela tranquilidade e o contacto directo com a natureza (geologia, fauna e flora), e a montanha.

Na actualidade surge timidamente uma economia ligada ao turismo de montanha que apela à rotura com a vida agitada dos grandes centros urbanos, incentivada por eventos desportivos (rally, ciclismo de montanha, running/caminhadas), pela promoção gastronómica local baseada nos produtos da época (açordas, cozidos de feijão com carne de porco, galo de campo, gaspacho, lebre ou coelho bravo, ovos com tomate) e pela cultura etnográfica (feiras e festividades religiosas), patrocinados maioritariamente pelas autarquias. Em torno deste ocasional turismo cultural sobrevivem alguns

[50] Informação com base no artigo "Gestão e Conservação da Biodiversidade de Florestas Mediterrânicas: o caso dos Sobreirais da Serra do Caldeirão" escrito por Joana Santana, da ERENA – Ordenamento e Gestão de Recursos Naturais, S.A. Publicado online no site NATURLINK a ligação à natureza, consultado em Junho de 2015 no seguinte endereço: http://naturlink.sapo.pt/Natureza-e-Ambiente/Fauna-e-Flora

[51] Globalalgarve Cooperação e Desenvolvimento, S.A – *Vilas e aldeias. Algarve rural*. Faro: Globalgarve Coorperação e Desenvolvimento, S.A., 2003, p. 119.

[52] Idem, p. 106.

estabelecimentos de restauração localizados nas principais aldeias (Barranco do Velho, Montes Novos, Cachopo, Ameixial, Cortelha, Salir, Malhão e São Barnabé).

A agricultura extensiva é das actividades mais implementadas, mas sempre assente em objectivos de mera sustentabilidade das povoações residentes. Dado que os solos são extremamente magros de terra, estes impossibilitam produções mais ambiciosas. Predominam na sua maioria as culturas da batata, do milho, do feijão, da batata-doce, da cebola, dos alhos, do tomate, da couve, do pimento, da alface, da fava, da abobora, etc.



Figura 57. As pequenas hortas. (Parises – São Brás de Alportel)

Fonte: O Autor



Figura 58. A pastorícia em decadência. (Figueirinha – Ameixial)

Fonte: O Autor.

A pastorícia é das actividades mais antigas na Serra do Caldeirão e aquela que mais se tem ressentido nas últimas duas décadas. Muito trabalhosa e de grandes exigências sanitárias, os rebanhos de cabras e ovelhas vão, aos poucos, desaparecendo dos ermos da serra, dado que é uma actividade pouco produtiva e que em muito está dependente de apoios estatais. Mas contribui em muito para a manutenção da floresta e para a prevenção de incêndios florestais. As pastagens próximas da ribeira do Vascão são as mais procuradas pelos pastores pela sua qualidade, e no intuito de obter um leite de excelência para produzir o famoso queijo fresco.

A silvicultura é a actividade que mais dinamiza economicamente a região, assente na exploração do montado de sobro. A extracção corticeira representa a maior fonte de rendimento da Serra do Caldeirão. Esta cortiça é reconhecida a nível mundial como das melhores em termos de qualidade, sendo muito bem paga, para enrolhar as garrafas do melhor vinho do Porto e champanhes franceses,[53] garantindo óptimas condições de conservação. Mas o valor da cortiça não se remedia apenas à sua qualidade, mas também pela exigência da sua extracção. Uma extracção que apenas pode ser feita manualmente e uma única vez por períodos nunca inferiores a nove anos por árvore e sob condições muito adversas (calor abrasador e trabalho perigoso).

A preservação do medronheiro representa outra grande fonte de rendimento casual, na concepção da afamada bebida espirituosa – aguardente de medronho. Muito apreciada pelo singular sabor, que é concebida de forma artesanal e através da utilização exclusiva de produtos naturais e de

[53] Informação com base no site da Câmara Municipal de São Brás de Alportel, consultada em Junho de 2015 no seguinte endereço: http://www.cm-sbras.pt/pt/menu/220/percursos-pedestres.aspx

produção biológica. Existem pontualmente por toda a Serra do Caldeirão diversos alambiques[54] de produção de aguardente. Pequenas empresas familiares subordinadas a controles higiénico/sanitários que produzem, engarrafam e vendem directamente o produto ao consumidor final ou aos restaurantes e cafés locais.



Figura 59. A cortiça principal meio de subsistência das populações da Serra do Caldeirão. (Barranco do Velho – Salir)

Fonte: O Autor.



Figura 60. O mel biológico da Serra do Caldeirão é de extrema qualidade. (São Barnabé – Almodôvar)

Fonte: O Autor.

A apicultura dedica-se à produção de mel biológico, também muito reconhecido no estrangeiro pelo particular sabor, qualidades medicinais e elevada qualidade. Dado que as abelhas polarizam numa grande variedade de flores silvestres e em particular no Rosmaninho, longe da poluição e de elementos nefastos.

Na pecuária encontramos uma base económica que assenta na tradicional matança do porco. A excepcional qualidade da carne de porco preto criado no campo com bolota, traduz enchidos (chouriças e paios) muito procurados nos centros urbanos mais próximos.

A indústria existente está muito relacionada com a panificação, existindo diversos estabelecimentos que pontuam diversas localidades da serra (Montes Novos, Martinlongo, Pessegueiro, Ameixial, Vale da Rosa, Salir, Malhão). O pão serrenho está muito bem reconhecido no litoral algarvio, mas é proveniente de farinhas importadas, dado que a cultura de trigo na Serra do Caldeirão está quase extinta.

Os estabelecimentos comerciais são muito poucos se lhe retirar os cafés, os restaurantes e as tabernas. Com localização nas sedes de freguesia e não em todas, podem ser encontrados pequenos minimercados, drogarias e lojas de artesanato ou lembranças, em muito vocacionados para os produtos feitos com tradição no local, mas ocupam um valor muito residual na economia global da Serra do Caldeirão. O típico artesanato local são as malhas, os crochés, os bordados, as miniaturas de madeira ou cortiça, as bonecas de trapo, a cestaria, as cadeiras de madeira e vime, os arranjos florais e a doçaria.[55]

[54] Alambique – pequeno alojamento industrial que através de uma caldeira de cobre e uma serpentina de resfriamento permite a destilação do medronho em aguardente ou bagaço.

[55] Globalalgarve Cooperação e Desenvolvimento, S.A. – *Vilas e aldeias. Algarve rural*. Faro: Globalgarve Coorperação e Desenvolvimento, S.A., 2003, p. 84 a 122.

Note-se que grande parte dos produtos produzidos na Serra do Caldeirão são promovidos e escoados em feiras tradicionais da "serra", realizadas um pouco por todo o Algarve durante o verão, promovidas pelas autarquias.

Um dos principais factores que fragiliza economicamente a Serra do Caldeirão são as vias de comunicação. Existem três estradas principais que atravessam a Serra de norte para sul (Estrada Nacional nº2, Estrada Nacional nº124 e Estrada Municipal nº503) de onde parte uma série de estradas municipais e caminhos secundários, estabelecendo uma complexa rede de acessos a todas as localidades e propriedades contornado montes e vales, mas num infindável número de curvas que desincentiva o condutor mais hábil.

3 .

CONSTRUÇÕES ELEMENTARES DE PLANTA CIRCULAR NA SERRA DO CALDEIRÃO

O presente capítulo, dedica-se ao estudo das construções elementares de planta circular encontradas na Serra do Caldeirão, descrevendo as suas diferentes tipologias, utilizações e métodos construtivos. Considera-se elementar, todas as construções sem divisões interiores, compreendendo um compartimento único com poucos vãos de acesso ou de iluminação.

Direccionou-se o estudo, essencialmente, para as construções que ainda hoje denotam e preservam a sua génese primitiva, aproveitando os recursos e os materiais locais. Ou seja, a natureza envolvente fornece inteiramente os materiais construtivos, que muitas vezes são aplicados conforme são extraídos ou ligeiramente aperfeiçoados para melhor cumprir as suas funções, garantir segurança/estabilidade ao edifício ou para melhor resistir aos elementos agressivos do meio ambiente.

Neste sentido foi necessário recorrer às áreas mais ruralizadas do interior algarvio, onde a intervenção urbanística actual ainda não as erradicou ou introduziu técnicas ou materiais de fabrico industrial, e também, porque este tipo de construções está nos dias de hoje, amplamente relacionado com a actividade agrícola.[56]

Neste sentido, e para uma abordagem mais coerente, o levantamento deste tipo de construções foi centrado no coração da Serra do Caldeirão, investigando localidades do interior dos concelhos de Loulé, Tavira, São Brás de Alportel e Almodôvar.

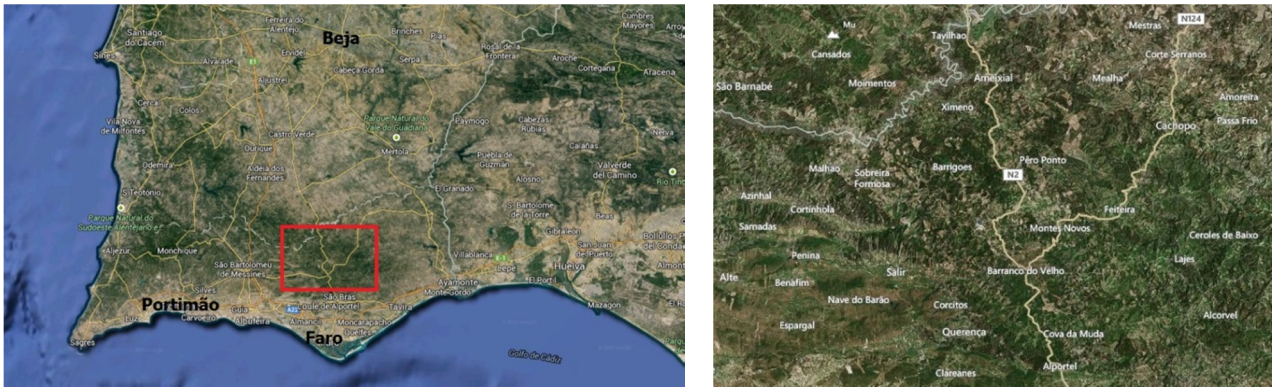


Figura 61/62. Identificação da área em estudo.

Fonte: http://www.google.pt/maps (consultado em 04/2015)

[56] Vários habitantes locais recordam histórias do passado, onde as construções de planta circular, nomeadamente palheiros circulares, eram utilizadas para habitação permanente de famílias mais desfavorecidas economicamente.

3.1. ENQUADRAMENTO

Conforme já estudado as construções circulares, nomeadamente a casas castrejas, terão sido largamente utilizadas na Península Ibérica e em particular na região da Serra do Caldeirão entre povoações calcolíticas da Idade do Cobre e depois amplamente difundidas pelo território pelos povos Celtas no século VI a III a.C., utilizadas como abrigos ou habitações.[57] Contudo verifica-se que estas construções podem ainda ter uma origem muito anterior, que remonta o início do período Neolítico (10000 a.C.-3000 a.C.), nas tradicionais choças inteiramente em materiais vegetais, descobertas em inúmeras estações arqueológicas. Utilizadas por povos nómadas como abrigos provisórios tipo tenda. O surgimento da agricultura, implementa a sedentarização e a necessidade de infra-estruturas de apoio, polarizando por terrenos mais cómodos e menos agrestes, habitações de carácter mais definitivo, mais robusto e mais resistente.[58]

Correspondem a elementos de base edificatória, o que nos remetem para os nossos antepassados com utilização de técnicas muito primitivas, revelando um valor cultural e histórico importantíssimo, enaltecem épocas de luta pela supervivência em manifesta inferioridade em relação à natureza, com níveis económicos e agrícolas muito pobres. Actualmente, apenas observáveis por exemplo em tribos, localizadas no interior do continente africano e que nos remetem para os inícios da civilização.

Curioso é que este tipo de edifícios é encontrado com estrema facilidade um pouco por toda a Serra do Caldeirão e mais do que inicialmente se prévia, com técnicas construtivas idênticas, onde apenas alteram os materiais empregues, consoante a sua abundância local.

Actualmente muito degradados, e praticamente, sem utilização, não só porque estão infimamente ligados à actividade agrícola (um sector muito desprezado e abandonado nas últimas décadas em Portugal), mas também porque já são raríssimas as pessoas capazes de efectuar a sua conservação, reconstrução ou construção.

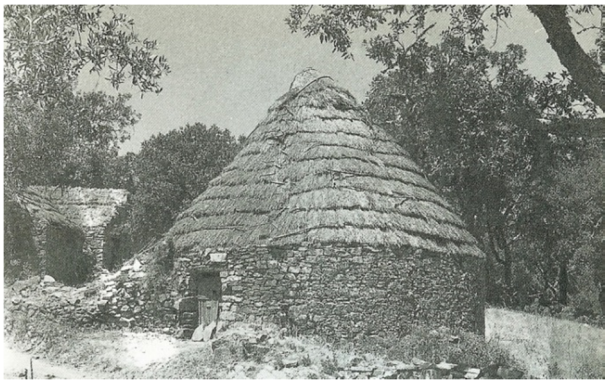


Figura 63. Palheiro circular, antes de 1974. (Cavalos-Ameixial)

Fonte: GALHANO, Fernandes; OLIVEIRA, Veiga Ernesto; PEREIRA, Benjamim – *Construções primitivas em Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994.



Figura 64. Palheiro circular, actualmente em 2015. (Cavalos-Ameixial)

Fonte: O Autor.

[57] Casa castreja – habitações que integram os castros (ver nota de rodapé nº 24). GALHANO, Fernando; OLIVEIRA, Veiga Ernesto; PEREIRA, Benjamim – *Construções primitivas em Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994, p. 73-74.

[58] Idem, p. 99-100.

3.2. CONSTRUÇÕES DE PLANTA CIRCULAR EDIFICADAS INTEIRAMENTE EM TERRA E PEDRA

As construções de planta circular edificadas inteiramente em terra e pedra são tipos de construção muito arcaicos, que estabelecem uma função básica na subsistência das populações antigas. Respeitando estádios de vida e cultura muito simples e primitivos. As construções originais são antigas e raras, mas subsistem na paisagem sob a forma de eiras, de poços, de fornos, de cortelhos e de malhões. As eiras são simples áreas circulares abertas localizadas no cimo dos montes, de chão mais ou menos nivelado e compacto, os poços são construções escavadas no solo que exploram e armazenam água para abastecer as povoações ou regar hortas. Os malhões são simples elementos verticais que servem de abrigo contra o sol e o vento. Os fornos e os cortelhos são de todos os mais trabalhados, possibilitando a criação de um pequeno espaço livre interior, através de uma cúpula em pedra ou tijolo cerâmico maciço, mas não habitável. Devemos considerar que as construções em pedra de cúpula ou falsa cúpula[59] são consideradas muito antigas, remontando o seu surgimento ao IV milénio a.C. na cultura Mesopotâmica[60], ou mesmo datadas entre os anos 1400 e 1200 a.C. na civilização Micénica[61] onde eram utilizadas como templos e túmulos.

3.2.1. EIRAS

Já lá vai o tempo em que os terrenos íngremes da Serra do Caldeirão eram utilizados para a produção de trigo, cevada, aveia, centeio e tremoços. E as zonas mais baixas dos vales, com terrenos mais férteis e húmidos, para a produção de milho e todos os produtos hortícolas para subsistência das populações. Para todos os cereais era necessário um cuidado especial para os separar da palha, depois de devidamente, secos, ceifados e recolhidos aos montes (povoações). Antes de aparecer os sistemas industriais de limpeza, separação e selecção de cereais, rara era a família que tivesse seara e não tivesse uma eira. A faina de colheita dos cereais compreendia, tradicionalmente, quatro fases: a sementeira (no Inverno), a ceifa (em Junho e Julho), o acarreto e a debulha (em Julho e Agosto). Esta última fase era inteiramente realizada na eira.

As eiras são espaços abertos de forma circular, com pavimento lajeado (mais raros) ou simplesmente de terra batida, utilizados principalmente para secar e desgranar os cereais, muito utilizados quando o processo ainda era realizado de forma artesanal utilizado a força humana e o auxílio de animais (burros, machos, mulas, éguas ou cavalos). Normalmente localizavam-se em pontos altos e livres de obstáculos na periferia. Eram tanto mais eficientes, quando mais expostas ao vento e ao sol, independentemente do quadrante.

---

[59] Falsa cúpula – solução arquitectónica muito primitiva de cobertura em pedra, que se distingue pela sistemática sobreposição de fiadas de pedra em anéis horizontais, onde os respectivos diâmetros vão estreitando na medida que definem uma cúpula interior, terminando num pequeno buraco que se fecha com uma ou mais lajes chatas pousadas sobre o último anel. Visto interiormente, as pedras são apoiadas à compressão em consecutivas camadas, mas com a particularidade que avançam ligeiramente sobre aquela onde encontram apoio. COSTA, Miguel Reimão – *Casas e montes da serra entre as estremas do Alentejo e do Algarve: forma, processo e escala no estudo da arquitectura vernacular*. Porto: Edições Afrontamento, 2014, p. 252.

[60] GALHANO, Fernandes; OLIVEIRA, Veiga Ernesto; PEREIRA, Benjamim – *Construções primitivas em Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994, p. 153.

[61] DAVIES, Penelope J. E. [et al.] – *A nova história da arte de Janson*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, p. 99.

O espaço da eira era normalmente cercado por um pequeno murete de xisto para conter a palha e os cereais dentro do raio de acção, para encaminhar os animais durante o pisoteio em movimentos rotativos e para contenção do seu pavimento perfeitamente plano e sensivelmente nivelado.

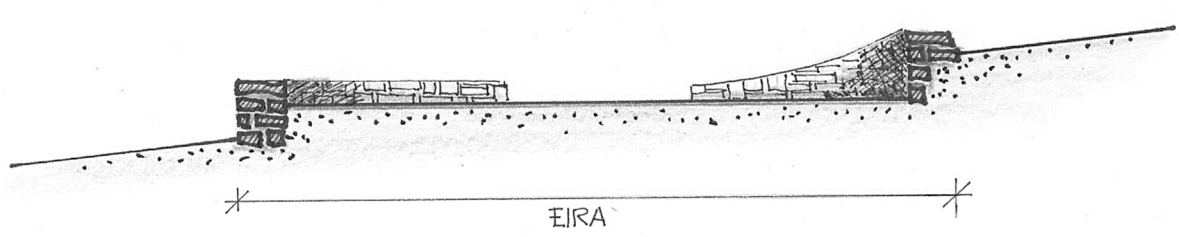


Figura 65. Desenho esquemático de um corte realizado por uma eira localizada na Pereirinha (Ameixial).
Fonte: O Autor.

Em localizações em que o terreno tinha pouco desnível, o murete de delimitação e contenção era substituído por simples pedras de xisto pontiagudas espetadas no solo, descrevendo uma circunferência perfeita, traçada através de um cordel e duas estacas. Na construção da eira uma estaca era espetada no centro do local de implantação, sendo o ponto fixo de onde partia o cordel que na extrema oposta sustinha a outra estaca (que servia de marcador) que faria a delimitação no terreno da área a ocupar. O cordel durante este procedimento de prévia demarcação, deveria permanecer sempre esticado e nunca atado fixamente às estacas, de forma a permitir a sua rotação desimpedida.



Figura 66. Eira. (Vermelhos - Ameixial)
Fonte: O Autor.

O pavimento das eiras lajeado por grandes lajes de pedra de xisto assentes directamente sobre o solo era mais durável e necessitava menos manutenção, pois evitava o crescimento de vegetação. No entanto, as pessoas, preferiam a eira com pavimento em terra batida, porque era mais eficaz na debulha, evitando o esmagamento dos grãos. Este tipo de eira lajeada era mais específico para a debulha de

tremoço.

Maria Trindade Venâncio da Corte João Marques (Ameixial) relembra que a manutenção do pavimento da eira em terra batida era anual e consistia na preparação inicial de uma argamassa de estrume, argila e água, de forma a obter uma pasta consistente. Depois, era distribuída uniformemente por toda a superfície da eira e compactada com ajuda de rebanhos de ovelhas e cabras, e finalmente por burros e/ou mulas em movimentos rotativos. Este último processo era realizado durante largas horas para que ficasse bem compactado. Finalmente, era distribuída por toda a superfície pisada, uma fina camada de terra para ajudar a secagem. A eira ficaria pronta a receber a debulha passados alguns dias, num pavimento com acabamento quase vidrado.

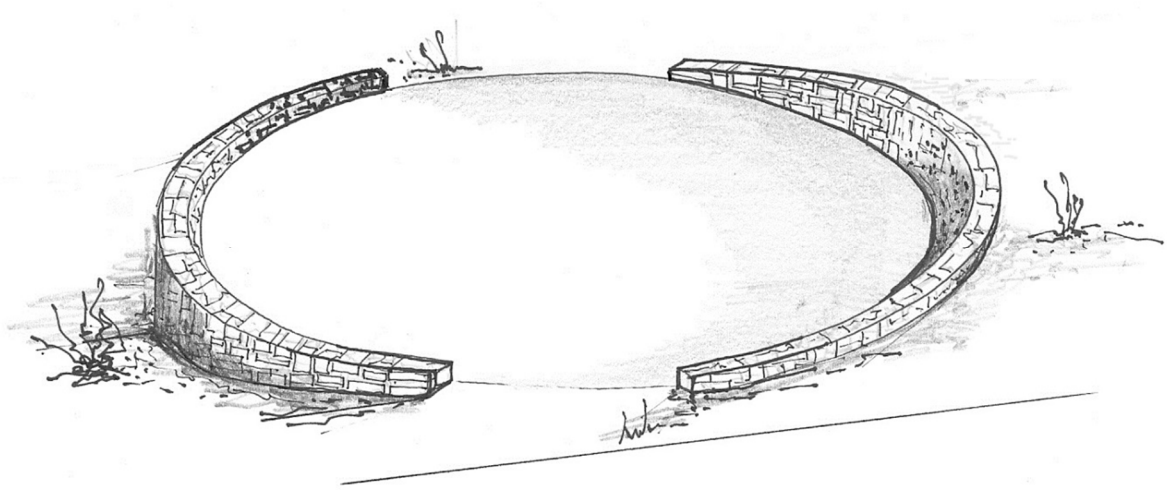


Figura 67. Desenho esquemático de uma eira localizada na Pereirinha (Ameixial).

Fonte: O Autor.

Na debulha participavam homens, mulheres e crianças, os trabalhos pesados eram realizados pelos homens e os trabalhos mais leves (varrer e encher sacos de cereais) pelas mulheres e crianças. A debulha podia ser processada de duas formas, através do pisoteio (com auxilio de gado muar em movimentos rotativos sobre a eira) quando houvesse a necessidade de separar o grão e ao mesmo tempo produção de palha, ou através da malha (realizada manualmente por homens que batem com instrumentos rudimentares de madeira sobre os molhos recém ceifados) que valoriza apenas a obtenção do grão, normalmente aplicada ao tremoço. A debulha terminava com a separação do grão da palha moída, onde o vento assumia particular importância na eira. Num procedimento muito simples, o grão e a palha eram lançados ao ar com ajuda de uma pá de madeira, o vento encarregava-se de fazer a separação, o grão pesado voltava a cair no exacto local de onde foi levantado e a palha mais leve era arrastada para um local mais distante. Por fim para uma limpeza mais eficiente, o cereal para consumo humano, era passado por um joeiro ou arneiro[62] e armazenado para depois ser transportado para o moinho de vento. Ao passo que palha era encaminhada para o palheiro.

[62] Joeiro ou arneiro – instrumentos artesanais circulares ou rectangulares (tipo caixa sem tampa) que permitiam a limpeza e selecção dos cereais através de uma rede muito fina. O cereal bom ficava no interior da caixa, as impurezas e o grão mau saiam para o exterior. Segundo informação de Manuel Mateus Gonçalves residente no sítio dos Cavalos – Ameixial.

Do levantamento de campo realizado para a presente dissertação, foi possível verificar que as eiras ocupam uma área circular que, normalmente, tem entre 10 m a 12 m de diâmetro.

Não terá sido esta a primeira forma humana de manipular o relevo (com aterro e/ou escavação) para sua melhor comodidade, implementando melhorias na ocupação do espaço e sua delimitação?

3.2.2. POÇOS

Como a água sempre será um elemento fundamental para a existência de vida, a sua presença contribuirá sempre para a fixação de pessoas e seus campos de cultivo. A Serra do Caldeirão será, imediatamente a seguir à Serra de Monchique, a região onde ocorre a maior precipitação anual a sul do país. No entanto, nada muito expressivo (índice pluviométrico entre 600 a 1000 mm anual).[63] Como toda a sua área hidrográfica corresponde às altitudes máximas das áreas envolventes (Barrocal e Alentejo). Toda a precipitação é de lá rapidamente escoada. Numa primeira fase, por uma vasta rede de pequenos riachos e ribeiros que recortam os montes, mas que têm um caudal pouco expressivo ou inexistente na maior parte do ano, dado que correspondem ao início de todo um ciclo de acumulação.

Como os caudais só engrossam e se tornam permanentes a altitudes mais baixas e depois de percorrida uma boa quantidade de quilómetros da nascente, alimentados por dezenas de afluentes. As populações verificaram que era fundamental reter a água em locais estratégicos, para garantir a sua subsistência ao longo de todo o ano, e em particular, na estação quente.

Os poços nascem desta necessidade: abastecer povoações e sustentar o regadio de pequenas explorações agrícolas. No entanto, nem todos os locais estão aptos a receber este tipo de construções que exploram a profundidade do solo para obter água em quantidades razoáveis e que ao mesmo tempo reponham o consumo para que nunca lhes falte ao longo ano. Nem sempre isto acontecia, nomeadamente no final do Verão, onde as dificuldades eram, normalmente, mais evidentes em repor a água consumida. Tudo isto está directamente relacionado com a localização.

As localizações coincidiam normalmente com a proximidade de linhas de água expressivas (ribeiras ou riachos) e de preferência em terrenos próximos, onde fosse possível construir um poço que atingisse profundidade superior à da linha de água. Desta forma, a água era conduzida naturalmente pelo solo para o interior do poço. São poços muito vulgares dado que não necessitavam de conhecimentos fora do comum, podendo ser construídos por qualquer agricultor para rega da sua horta. No entanto, a reposição de água está inteiramente dependente da expressividade da linha de água, sendo susceptível de algumas limitações.

63 CASTRO, Celestino; MARTINS, Pires Artur; TORRES, Fernando – *Arquitectura Popular em Portugal*. Volume 2. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004, p. 280.



Figura 68. Poço. (Cavalos – Ameixial)

Fonte: O Autor.

Uma localização também muito explorada, e normalmente mais eficaz na obtenção e preservação de água, era sobre nascentes de água ou lençóis freáticos não muito profundos. No entanto, quando não eram visíveis à superfície do solo, havia a necessidade de aferir o local exacto com alguém que tivesse experiência no assunto, o vedor.[64] Os poços construídos sobre nascente eram, normalmente, os eleitos para abastecimento de água potável das povoações da Serra do Caldeirão, mas subordinados a métodos muito artesanais e deficientes para retirar a água. Cada família era responsável e estava inteiramente encarregue de se deslocar à fonte para buscar água consoante as suas necessidades, em cântaros de cobre ou cantis de barro, e dependendo da distância com ou sem auxílio de bestas. Quando se trata de abastecimento público de água pode ser encontrado o poço isolado, a fonte[65] e o poço para armazenar a água proveniente da primeira ou tão-somente a fonte. Actualmente, os poços ao serviço de abastecimento de água das aldeias estão hermeticamente fechados, para evitar a contaminação das águas e o perigo de queda.

A construção de um poço iniciava-se com a abertura de um buraco no solo, na melhor localização da propriedade e onde se previa a existência de água em abundância. O diâmetro da abertura no solo não estava subordinada a uma medida pré-estabelecida, mas sim às condições físicas do subsolo e de forma a possibilitar os trabalhos de escavação no seu interior por parte de um ou dois homens. Seria tanto mais profundo quando mais distante a água se encontrasse da superfície. O processo de abertura era artesanal com utilização de ferramentas manuais (pá, enxada, picareta), e por vezes, auxiliado com explosivos, (quando se intensificava fortes afloramentos rochosos). Logo que se encontrava água em abundância era iniciada a construção das paredes de suporte e contenção de terras.

[64] RIBEIRO, Vítor, ed. [et al.] – *Materiais, sistemas e técnicas de construção tradicional. Contributo para o estudo da arquitectura vernácula da região oriental da serra do caldeirão*. Faro: CCDR Algarve/Edições Afrontamento, 2008, p. 188.

[65] Fonte - local coincidente com a nascente de água onde se instala um sistema normalmente rudimentar para brotar água continuamente, possibilitando o consumo humano, a recolha e armazenamento em recipientes próprios e o dar de beber a animais domésticos.

Esta fase respeitava uma aceleração nos trabalhos para evitar o alcance da água, na medida em que enchia naturalmente o poço. Muitas vezes teria que haver uma entre-ajuda para construir a parede e esvaziar de água o poço. Estas paredes eram erigidas em pedra de xisto que era reaproveitada da escavação ou de zonas periféricas. Pedra assente sobre pedra, tendo apenas por cuidado o seu travamento nas consecutivas fiadas. Não era utilizada qualquer argamassa de terra ou argila para que as paredes não representassem qualquer obstáculo à entrada de água no poço e para impedir que a parede formasse meio para desenvolvimento de plantas, contaminação ou sedimentação no fundo do poço.

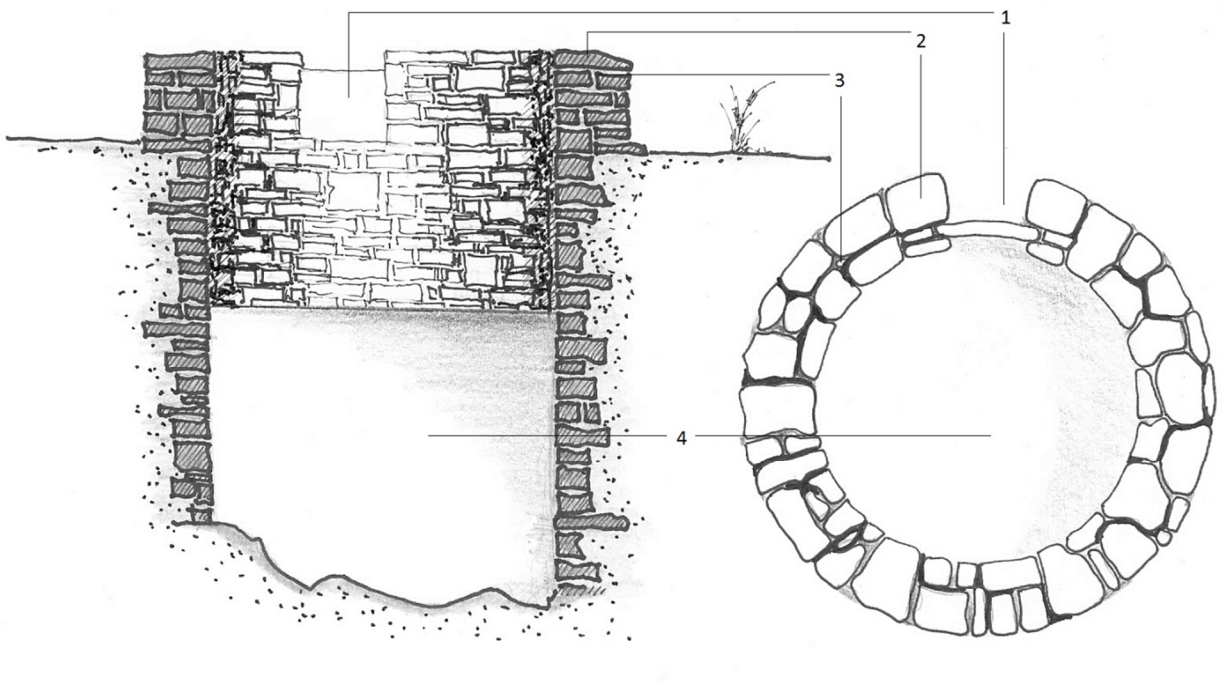


Figura 69. Desenho esquemático de um corte e de uma planta de um poço localizada na Figueirinha (Ameixial).

Fonte: O Autor.

1 – Entrada com guarda em laje de xisto ao alto;
2 – Lavadeiras (capeamento em lajes de xisto);
3 – Gargalo;
4 – Água.

As paredes cilíndricas, ao longo de todo o poço, tornavam a construção muito mais estável e duradoura, chegando à superfície do terreno, onde a partir daí emergia sobre definição de gargalo.[66] No gargalo a alvenaria já podia ser trabalhada de forma diferente e acomodar entre as pedras, terra ou argila para se tornar mais compacta e segura, atingindo uma altura entre 0,40 m a 0,80 m, a partir do nível do solo. O acabamento do gargalo, era normalmente, efectuado com uma ligeira interrupção no murete circular. Esta interrupção seria efectuada no local mais propício para aceder ao poço e por aí alguém se possa debruçar para melhor retirar a água. Uma entrada que podia ser protegida com uma grande laje de xisto ao alto, que teria como principal função criar uma guarda que evitasse a queda acidental.

[66] Gargalo - muro do poço que se destaca do terreno e serve de guarda para evitar a queda de pessoas e animais no seu interior. RIBEIRO, Vitor, ed. [et al.] – *Materiais, sistemas e técnicas de construção tradicional. Contributo para o estudo da arquitectura vernácula da região oriental da serra do caldeirão*. Faro: CCDR Algarve/Edições Afrontamento, 2008, p. 190.



Figura 70. Poço. (Corte Pinheiro - Ameixial)
Fonte: O Autor.

Existiam poços com o murete de gargalo revestido a argamassa de cal hidráulica, mas o mais comum era com pedra à vista e finalizado no topo com um capeamento em lajes de xisto. Estas lajes são designadas vulgarmente por lavadeiras.

Na pesquisa de campo não foi possível observar nenhum engenho tradicional de elevação de água, mas diversos habitantes locais referenciaram a utilização de cegonhas ou picotas. Eram engenhos muito rudimentares feitos com troncos de árvores (pinheiro ou eucalipto) que, através de um sistema de alavanca, permitiam sem grande esforço, e prontamente, retirar uma quantidade de água superior, aquela que seria extraída manualmente com um simples balde puxado por uma corda.

Não será esta a primeira construção humana que explora os recursos naturais de forma a permitir a fixação do homem no local de sua eleição?

3.2.3. CORTELHOS CIRCULARES

Os cortelhos existentes na Serra do Caldeirão invocam certamente origem nos monumentos pré-históricos de natureza funerária, muito presentes na bacia mediterrânica e em muitas áreas do continente europeu, asiático e africano. Note-se que a falsa cúpula já está presente nas ruinas pré-históricas de Arpatchiya, datadas do IV milénio a.C. na Mesopotâmia, e daí parece a sua origem.[67]

Estima-se que a tradição de construções em falsa cúpula tenha sido introduzida no Algarve por povos que transitavam no mar Mediterrâneo durante a Idade do Cobre. Por exemplo esta inovação está presente na necrópole de Alcalar, na freguesia da Mexilhoeira Grande em Portimão, na época associado ao culto fúnebre, apresentando-se sob a forma de um *tholos* enterrado, composto por um corredor e

[67] GALHANO, Fernandes; OLIVEIRA, Veiga Ernesto; PEREIRA, Benjamim – *Construções primitivas em Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994, p. 148-153.

uma câmara. Curiosamente, as Antas de Câmara das Pedras Altas e da Masmorra, localizadas na Serra do Caldeirão, a céu aberto, já parecem induzir as bases para execução destes túmulos funerários. Desde então, propaga-se a todo o território português, mediante ligeiros aperfeiçoamentos para integrara outras utilizações e adaptando-se aos materiais locais. Curiosamente sob diferentes designações; no Alentejo, pocilgas, safurdas, chafurdas, palheiros e currais, na Beira Baixa, tendas, queijeiras e safurdas, na Beira Alta, moinhos de rodízio e abrigos, na Beira Alta e Minho, abrigos e cortes de gado.[68]

Actualmente na Serra do Caldeirão, emergem sob construções de planta circular totalmente erigidas em terra (argila) e pedra de xisto, que integram os anexos ou construções auxiliares à casa vernacular da Serra, tendo como principal função o abrigo nocturno para os animais domésticos. Para garantir a sua estabilidade são pequenos edifícios e de construção muito bem executada, considerando as dimensões e dureza da pedra aplicada.



Figura 71. Cortelho circular. (Corte João Marques - Ameixial)
Fonte: O Autor.



Figura 72. Cortelho circular. (Corte João Marques - Ameixial)
Fonte: O Autor.

Este tipo de construção tira partido das características naturais das pedras, de forma muito engenhosa. A construção forma uma unidade única de paredes e cobertura, onde as consecutivas fiadas de pedra mediante a altura são colocadas no interior ligeiramente sobressaídas sobre a fiada inferior, actuando em equilíbrio no seu formato e peso à compressão, garantindo a formação de um vão de cúpula interior significativo (até 2,50 m)[69]. Toda a estrutura fica mais robusta na medida em que se eleva do solo e prenuncia a falsa cúpula interior. Na falsa cúpula, e dado que a construção é de planta circular, as pedras são dispostas radialmente e sistematicamente encostadas, formando progressivos anéis que estreitam ao longo da construção, até ao fecho central com uma laje chata, que apoia sobre o último anel. Pontualmente a falsa cúpula foi também encontrada na Serra do Caldeirão como cobertura de poços localizados debaixo de árvores.

[68] GALHANO, Fernandes; OLIVEIRA, Veiga Ernesto; PEREIRA, Benjamim – *Construções primitivas em Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994, p. 153-187.

[69] COSTA, Miguel Reimão – *Casas e montes da serra entre as estremas do Alentejo e do Algarve: forma, processo e escala no estudo da arquitectura vernacular*. Porto: Edições Afrontamento, 2014, p. 257.



Figura 73. Vista interior de um tecto de um cortelho em falsa cúpula (Corte João Marques - Ameixial)

Fonte: O Autor.

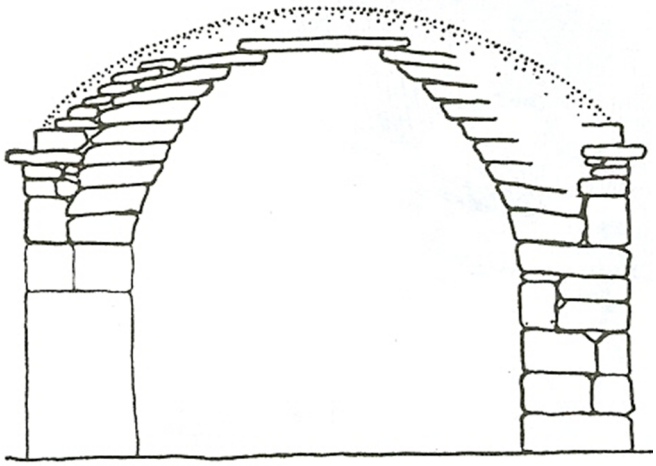


Figura 74. Corte esboçado de um cortelho.

Fonte: GALHANO, Fernandes; OLIVEIRA, Veiga Ernesto; PEREIRA, Benjamim – *Construções primitivas em Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994.

Durante a sua execução os espaços entre pedras (travadas/sobrepostas) é preenchido por terra gorda em argila para melhorar a sua estabilidade e isolamento. Para concluir a cúpula, esta é revestida exteriormente por uma grossa camada da mesma terra para a tornar impermeável, perfazendo uma cobertura convexa, por vezes revestida por lajes de xisto para melhorar o escoamento das águas pluviais. No entanto, por escassas vezes também foram encontradas coberturas com a pedra à vista do lado exterior (exemplo nos Cavalos-Ameixial), ficando por esclarecer se é mero resultado da exposição à erosão. Esta camada de terra possibilita muitas vezes o crescimento de pastos e arbustos sobre os cortelhos, conferindo-lhe um aspecto pitoresco, que quase os confundem com construções circulares de cobertura vegetal.



Figura 75. Cortelho circular. (Corte João Marques - Ameixial)

Fonte: O Autor.

Excluindo a cobertura a construção é normalmente executada a seco deixando nas paredes a pedra à vista sem qualquer revestimento. Regra geral as paredes são muito espessas (até 70 cm) para permitir a execução de dois aparelhos bem executados de pedra de xisto sistematicamente travada entre si, um exterior de prumo que oculta a existência de uma cúpula interior e outro interior que curva quando inicia a falsa cúpula. O pavimento ao nível do solo é frequentemente concebido por lajes de xisto pressionadas contra o terreno, com um acabamento muito irregular.

Os cortelhos circulares apresentam normalmente uma abertura para entrada e saídas dos animais e uma ou duas mais pequenas localizadas a meio da parede para ventilar o espaço interior. A altura máxima do compartimento interior encontrada foi de 1.6 m.

Não serão os cortelhos uma tentativa de dominar e aperfeiçoar a execução de paramentos em pedra, na vontade de tornar a construção mais resistente e duradoura?

3.2.4. FORNOS CIRCULARES

À distância, muitas vezes confundem-se os fornos com os cortelhos, pelo seu aspecto exterior muito idêntico, particularmente quando integram um edifício isolado e surgem sem qualquer revestimento, com a parede em pedra à vista. As diferenças são apenas descortinadas numa observação mais atenta, normalmente determinada por uma altura ligeiramente superior (2.00 m aproximadamente) e uma pequena porta (boca do forno),[70] localizada a meia altura da construção. À semelhança dos cortelhos, integram os anexos ou as construções auxiliares à casa vernacular da Serra, mas com finalidade bem destinta e exclusiva para cozer (pão, costas, bolos e cozinhados) ou para torrar (farinhas e frutos secos). Seria um elemento construído de apoio à cozinha existente na habitação, para confecção de alimentos que integravam a dieta das pessoas da Serra, mas em quantidades que seria impossíveis comportar no compartimento interior da casa.



Figura 76. Forno circular. (Matosa - Ameixial)
Fonte: O Autor.

[70] Boca do Forno – segundo José Alberto do Ameixial é o vão (abertura) por onde é colocada a lenha para queimar e aquecer o forno e o pão ou outros alimentos para cozer.

O forno normalmente integra o logradouro numa área mais limpa e mais prática na relação com a entrada da casa, mediando a proximidade com um local que permitisse um amontoado de lenha (designado correntemente de monturo). De forma isolada, adossado na habitação ou integrado nela, não foi observado um princípio mais implementado. Aliás transpareceu a ideia de que o encosto ou a integração no edifício principal, resulta de ampliações protagonizadas nas casas, ao longo do tempo e para adequação às necessidades dos proprietários. Em todas estas situações pode ainda existir um pequeno alpendre coberto por telha cerâmica de canudo, assente em caniço e paus de eucalipto, para resguardo ao sol e à chuva, perante a boca do forno. Quando existe este alpendre, é usual encontrar sob sua protecção o tradicional poial para apoio à cozedura e a chaminé na cobertura para evacuação de fumos. No entanto, também não é regra a existência de um forno por casa ou família, pode existir o forno comunitário para utilização colectiva dentro dos pequenos aglomerados urbanos.



Figura 77. Forno circular. (Corte João Marques - Ameixial)
Fonte: O Autor.



Figura 78. Forno circular. (Figueirinha - Ameixial)
Fonte: O Autor.

Na dissertação são estudadas as construções de planta circular, de forma cilíndrica e maciça, mas no território também existem de planta quadrada e forma cúbica, ambas, totalmente erigidas em terra e argila, pedra e mormente adobe ou tijolo cerâmico na execução da cúpula interior. Constituindo um elemento único onde as paredes seguem o mesmo critério de construção dos cortelhos, perfazendo na medida em que se elevam, até sensivelmente 1.00 m, o suporte de uma construção inteiramente maciça, cheia por entulho, onde será assente o solo do forno (ou ladrilho de pão), revestido a ladrilho cerâmico. A partir daí as paredes comportam dois aparelhos bem executados, de pedra de xisto no exterior e no interior e na boca do forno com pedra olho-de-sapo ou parda morta (que melhor resistem à acção do fogo) ou com adobes, cacos de telha ou tijolo cerâmico (numa solução construtiva mais recente).[71]

Os fornos já apresentam uma técnica construtiva mais evoluída, nomeadamente na cúpula, abandonado quase por completo a falsa cúpula, e adoptando maioritariamente a técnica mais recente de verdadeira cúpula.

[71] COSTA, Francisco Dias – *Floridas na pedra. A hidrografia do vascão e a Serra do Cadeirão ou Mu*. Faro: Associação "In Loco", 1996, p. 87.



Figura 79. Vista interior de um tecto de um forno circular em verdadeira cúpula (Cavalos - Ameixial)

Fonte: O Autor.



Figura 80. Forno comunitário. (Figueirinha - Ameixial)

Fonte: O Autor.

A cúpula, também com aproximadamente 1.00 m de altura (mas decorrente da capacidade de cozedura de pão pretendida por fornada) em pedra, adobe ou tijolo cerâmico,

> "[…] caracteriza-se por uma estrutura de aduelas convergentes de secção trapezoidal disposta radialmente e firmadas pelo seu próprio formato e peso umas contra outras, até ao fecho que as remata e consolida toda a obra numa unidade solidária."[72]

Durante a sua execução, havia desde logo o cuidado de preencher o espaço do futuro forno com lenha fina e grossa e por fim com palha para apoiar a cúpula durante a sua execução, no final era ateado fogo servindo para cozer os blocos de adobe e/ou a argamassa de rejuntamento. Esta argamassa era fundamentalmente terra gorda em argila que melhorava consideravelmente a estabilidade e o isolamento, por todo o edifício após este procedimento.[73] À semelhança dos cortelhos, a cúpula pode também toda ela ser revestida exteriormente por uma ligeira camada de terra para a tornar impermeável e neste caso para melhorar a inércia térmica de tudo o conjunto.

[72] GALHANO, Fernandes; OLIVEIRA, Veiga Ernesto; PEREIRA, Benjamim – *Construções primitivas em Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994, p. 145.

[73] COSTA, Miguel Reimão – *Casas e montes da serra entre as estremas do Alentejo e do Algarve: forma, processo e escala no estudo da arquitectura vernacular*. Porto: Edições Afrontamento, 2014, p. 252-253.

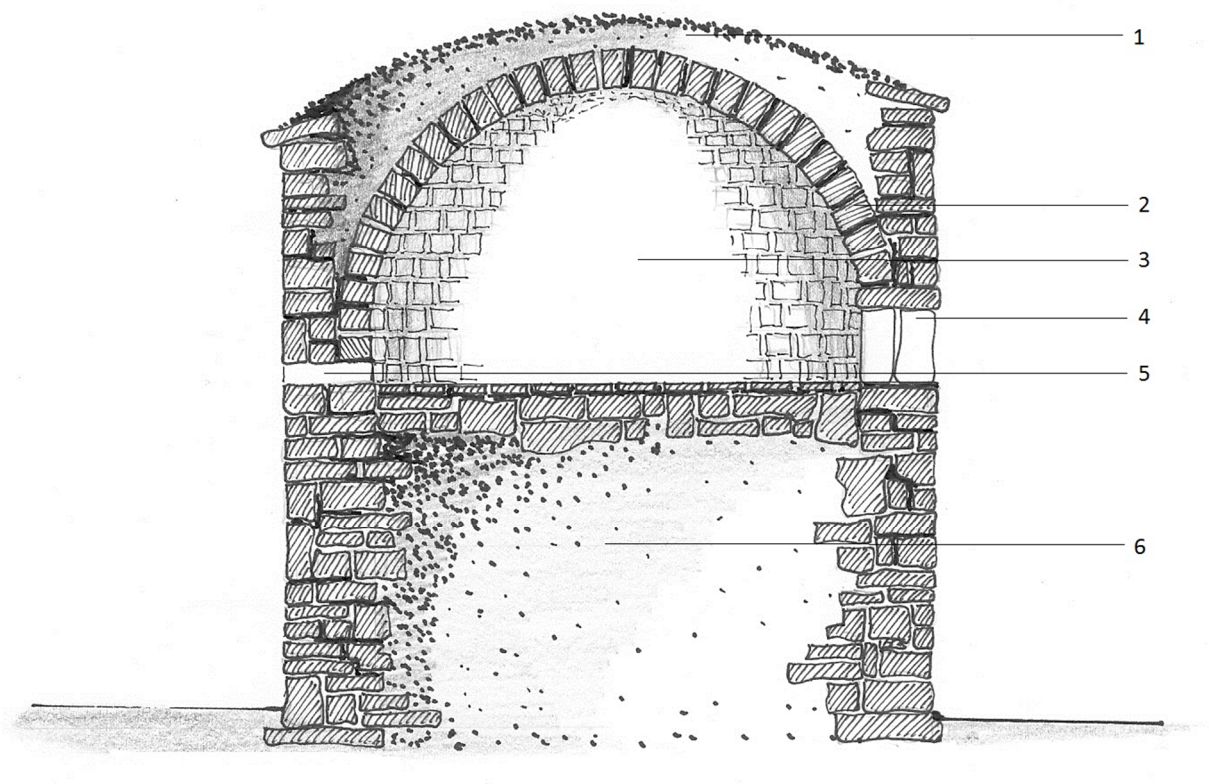


Figura 81. Desenho esquemático de um corte de um forno localizada nas Alcarias (Cachopo).

Fonte: O Autor.

1 – Cobertura revestida com camada de terra;
2 – Verdadeira cúpula em blocos de adobe;
3 – Ouvido do forno;
4 – Boca ou porta do forno em pedra de olho-de-sapo ou parda morta;
5 – Ouvido do forno;
6 – Entulho de terra e pedras.

Contudo, os fornos podem ser facilmente reconhecidos quando utilizam em vez de pedra à vista um revestimento exterior, com argamassa de cal aérea e areia, e posteriormente caiação a branco, por paredes e cobertura, que lhe conferem um aspecto mais cuidado. Nestes casos o topo da cobertura cónica pode ser rematado com um alguidar ou panela de barro invertida. Foram encontrados fornos circulares com cobertura em telha cerâmica, mas deduz-se que tenha sido uma alteração ou aperfeiçoamento recente.

Os fornos têm duas aberturas, normalmente com localização oposta. Uma de dimensões razoáveis (0,50x0,60m como exemplo) à altura do pavimento interior do forno para possibilitar a colocação de lenha, a evacuação dos fumos enquanto arde, a limpeza de cinzas, a colocação de pão para cozer e a sua posterior retirada, correntemente designada de boca ou porta do forno; e outra muito pequena (0,15x0,12m ou menor) ligeiramente acima do pavimento para controlar a temperatura interior e a entrada de ar para facilitar a queima da lenha no forno, denominada de ouvido. Que era encerrado antes de colocar o pão para preservar o calor interior. A boca do forno apresenta normalmente duas configurações diferentes; se a cúpula for construída em adobe ou tijolo cerâmica, a verga do vão é de arco perfeito ou com duas pedras de verga ao alto em triangulação, se for construída em pedra o vão é

frequentemente de forma triangular.[74] Numa solução construtiva mais recente, a boca do forno surge executada em tijolo cerâmico com a verga em arco perfeito.



Figura 82. Fotografia da boca do forno. (Cavalos – Ameixial)
Fonte: O Autor.



Figura 83. Fotografia da traseira do forno com ouvido em posição centrado na parede. (Felizes – São Barnabé)
Fonte: O Autor.

Esta construção robusta permite a utilização de fogo no seu interior e a inércia térmica protagoniza condições excelentes para a cozedura de pão. Para aquecer o forno é corrente utilizar lenha de esteva, de urze ou tojo.

Existem muitos exemplares por toda a Serra do Caldeirão, no entanto poucos são aqueles que são utilizados e a maioria estão muito degradados. Actualmente a população serrana recorre à compra de pão de fabrico industrial, em unidades móveis ambulantes que percorrem toda a Serra.

Não serão os fornos um dos princípios do domínio do fogo e a percepção de todas as suas potencializadas aliadas ao conforto do lar humano?

MALHÕES

Os malhões são amontoados de pedra solta travada entre si, de base circular e forma cónica (também existe de base quadrada e forma paralelepipédica), que normalmente eram edificados pelos pastores, com a dupla função de reunir num único local as pedras soltas à superfície do terreno e assim lhe protagonizar a despedrega e melhorar as pastagens, bem como a de criar um rudimentar abrigo ao vento e ao sol, em locais com poucas árvores. Normalmente localizados em pontos estratégicos (frequentemente nos pontos altos) para possibilitarem uma observação mais abrangente sobre o gado disperso.[75]

As suas dimensões diferem muito, mas raramente ultrapassam os 2.00m de altura em pedra e o 1.70m de diâmetro. O tipo de pedra utilizado é sempre aquele que é encontrado na envolvente imediata.

[74] RIBEIRO, Vitor, ed. [et al.] – *Materiais, sistemas e técnicas de construção tradicional. Contributo para o estudo da arquitectura vernácula da região oriental da serra do caldeirão*. Faro: CCDR Algarve/Edições Afrontamento, 2008, p. 186.
[75] GALHANO, Fernandes; OLIVEIRA, Veiga Ernesto; PEREIRA, Benjamim – *Construções primitivas em Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994, p. 27-28.

No topo do edificado poderão ter uma pedra pontiaguda fixa ao alto ou simplesmente um ramo de arbusto para lhe dignificar sombra e permitir o avistamento à distância.

Não será esta edificação o primeiro ensaio humano para começar a edificar paredes em pedra?



Figura 84. Malhão (Mealha - Cachopo)

Fonte: O Autor.



Figura 85. Malhão (Mealha - Cachopo)

Fonte: O Autor.

3.3. CONSTRUÇÕES DE PLANTA CIRCULAR EDIFICADAS INTEIRAMENTE EM MATERAIS VEGETAIS

Na área em estudo da presente dissertação não foi encontrado nenhum exemplar deste tipo de construção, mas em entrevista alguns habitantes mais idosos frisaram o seu conhecimento, como construções de carácter provisório muito utilizado por pastores para abrigo nas serras, nos meses chuvosos de Inverno. Também os agricultores recorriam frequentemente a este tipo de abrigo, para acondicionar excedentes de uma cultura que não conseguiam armazenar inteiramente em casa.

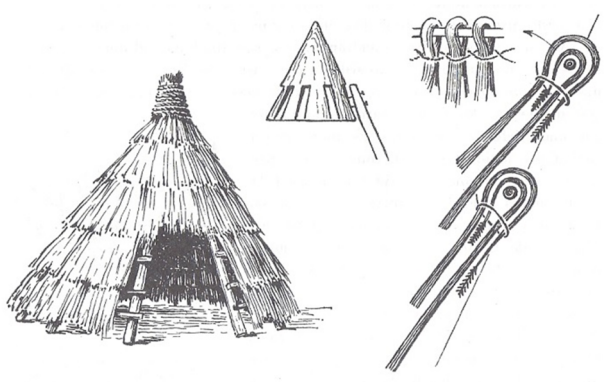


Figura 86. Desenho do choço (Avelal - Sátão)

Fonte: GALHANO, Fernandes; OLIVEIRA, Veiga Ernesto; PEREIRA, Benjamim – *Construções primitivas em Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994.



Figura 87. Fotografia de um choço - antes a 1974 (Avelal - Sátão)

Fonte: GALHANO, Fernandes; OLIVEIRA, Veiga Ernesto; PEREIRA, Benjamim – *Construções primitivas em Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994.

3.3.1. CHOÇOS

Os choços[76] como tradicionalmente são identificadas estas construções, eram construídos inteiramente em materiais vegetais e na sua construção procuravam-se áreas de terrenos mais planos e abrigosos, como hortas ou margem de riachos. São estruturados dependendo do tamanho, por uma armação constituída por um número variável de varas ou paus de pinheiro dispostos em geratriz a partir do topo, definindo uma forma cónica, assente sobre uma pequena área de terreno nivelado e ocupando uma base perfeitamente circular. Estes elementos estruturais eram ligados entre si por cintas (pequenas varas) de cana ou loendro, que mantinham estável o conjunto e permitiam a fixação do seu revestimento final por camadas de colmo, em sucessivas "manchinhas"[77] atadas às cintas e sobrepostas de forma a conseguir um revestimento continuo e sem aberturas. A aplicação era forçosamente feita de baixo para cima, concluindo o topo num atado forte com corda ou cordel de junça. O trabalho de revestimento do choço envolvia normalmente duas pessoas, uma no exterior para acomodar à estrutura as manchinhas e lançar os atados, outra no interior para apoiar os atados, verificar a sua eficácia (aperto) e enviar para o exterior a corda, a fim de garantir a continuidade do trabalho.

A prenunciada inclinação e o facto de se colocarem as manchinhas de baixo para cima, favoreciam o rápido escorrimento da humidade e da água da chuva. Estas construções dispunham de apenas uma pequena abertura para entrada, orientada consoante o seu melhor acesso ou de forma a evitar os ventos predominantes.

Num exemplar de Pinhanço (em Golveia) descrito por Oliveira, Galhano e Pereira (1994) as dimensões eram de 2m de diâmetro, por 1.35m de altura interior. Com uma pequena entrada de 1.06m de largura por 0.77m de altura.

Pela sua forma tão elementar e de concepção quase intuitiva, presente em muitas tribos nos locais mais remotos do planeta, não terá sido a primeira construção humana que utiliza materiais naturais e locais?

3.4. CONSTRUÇÕES DE PLANTA CIRCULAR EDIFICADAS EM TERRA, PEDRA E COBERTURAS EM MATERIAIS VEGETAIS

Este é talvez o tipo de construção de planta circular mais encontrado na Serra do Caldeirão. Aliás na localidade da Mealha, freguesia de Cachopo, concelho de Tavira, foi possível analisar para a presente pesquisa um número considerável destas construções em pedra e cobertura em materiais vegetais. E entrevistar um morador desta povoação, antigo mestre na arte de bem construir estes edifícios, o João Lourenço, o qual se revelou de estrema importância para aprofundar os conhecimentos.

[76] Choços – pequenos abrigos de carácter provisório de planta circular e forma cónica ou semi-cónica, edificados em materiais vegetais encontrados no local. GALHANO, Fernandes; OLIVEIRA, Veiga Ernesto; PEREIRA, Benjamim – *Construções primitivas em Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994, p. 47-50.

[77] Manchinha - feixe de palha de centeio, junco ou colmo sem a espiga ou flor, que é possível envolver pelos dedos das mãos. Atado ao meio. GALHANO, Fernandes; OLIVEIRA, Veiga Ernesto; PEREIRA, Benjamim – *Construções primitivas em Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994, p. 128.

Surge este tipo de construções que utilizam a terra e a pedra nos paramentos para os elevar do chão num evidente compromisso de garantir durabilidade a uma construção cada vez mais de carácter permanente e aliando o conforto na utilização da cobertura em materiais vegetais.

Os palheiros, como são vulgarmente chamados actualmente, surgem provavelmente da evolução directa dos choços. Se os choços foram construções rudimentares introduzidas na Península Ibérica pelas povoações neolíticas num período ainda muito primitivo e de exigente mobilidade dos povos, o período da Idade do Cobre trouxe uma maior necessidade de fixação para explorar *in loco* a riqueza dos metais, traduzindo o inevitável aperfeiçoamento de toda a esfera habitacional e de organização comunitária. Valorizando certamente edifícios mais resistentes aos elementos climáticos e mais cómodos, criando estruturas urbanas mais expressivas e de carácter fixo.

Apesar da designação actual, o certo é que até ao final do século XIX, existem registos de que os palheiros circulares ainda eram utilizadas como habitação.[78] Aliás, não muito distante, no Alentejo, mais concretamente em Marvão ainda podem ser observados exemplares utilizados como habitação. Mas como estas construções não permitiam a possibilidade de desenvolvimento para responder às necessidades crescentes das famílias, foram colocadas de parte como habitações e substituídas aos poucos por construções de planta rectangular ou quadrada. Entretanto assumindo uma utilização secundária para apoio exclusivamente agrícola.

A investigação no território revela pelo contacto com a população, que algumas das existências (Monte das Figueiras no concelho de Almodôvar e Mealha no concelho de Tavira) na Serra do Caldeirão correspondem a uma construção recente (inícios do século XX) propositada para palheiro. Fica confirmado que o uso habitacional perdeu-se no tempo, mas que esta tipologia foi reproduzida confiantemente até à actualidade e com reconhecimento utilitário.



Figura 88. Palheiro circular. (Mealha - Cachopo)

Fonte: O Autor.

[78] RIBEIRO, Vítor, ed. [et al.] – *Materiais, sistemas e técnicas de construção tradicional. Contributo para o estudo da arquitectura vernácula da região oriental da serra do caldeirão*. Faro: CCDR Algarve/Edições Afrontamento, 2008, p. 127.

A presente investigação dedica particular atenção sobre este tipo de construções, não só porque são abundantes na zona de estudo, mas também porque marcam dentro da planta circular e na forma cilíndrica e cónica a evolução posterior para os designados moinhos de vento, abordados nas alíneas seguintes.

Os moinhos de vento apresentam as mesmas características, com paredes em pedra (embora mais robustas e altas para responder às exigências) e cobertura em materiais vegetais, no entanto são reflexo de uma sabedoria humana única, que através do engenho tira partido dos recursos naturais.

3.4.1. PALHEIROS CIRCULARES

Construções localizadas normalmente nas encostas dos montes, junto de pequenas aldeias ou dentro delas, aproveitando propositadamente a morfologia dos terrenos. Raras são as povoações do interior serrano que não têm um exemplar destes palheiros. Aliás, outro estudo que considerou este tipo de construção detectou-as em 130 localidades da Serra do Caldeirão, a par dos cortelhos com cobertura em falsa cúpula.[79]

De planta circular com parede de xisto aparente, assume uma forma cilíndrica na primeira parte em alvenaria que contacta com solo. Normalmente o paramento oscila numa altura que vai desde 1.00 m até 3.50 m em planos inclinados ou mantém uma altura inferior a 2,50m[80] em terrenos mais planos, apresentando o topo de nível, onde pousa uma cobertura cónica revestida a palha de centeio ou junco de ribeira ou mais raramente em tabua ou junça. Estas construções revelam um aspecto muito particular que confere às aldeias rurais uma imagem peculiar.



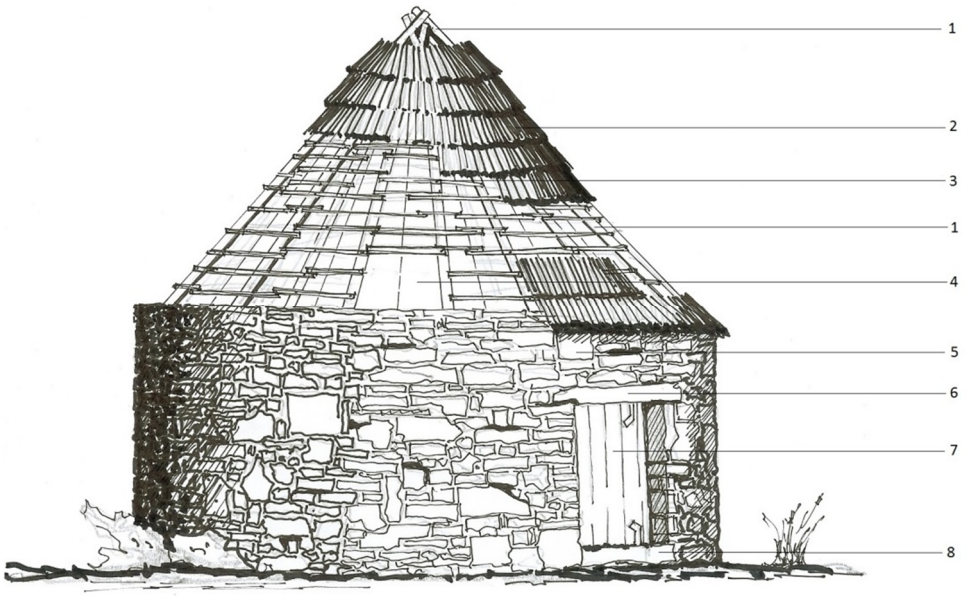
Figura 89. Palheiro circular. (Corte de Ouro - Ameixial)

Fonte: O Autor.

[79] COSTA, Miguel Reimão – *Casas e montes da serra entre as estremas do Alentejo e do Algarve: forma, processo e escala no estudo da arquitectura vernacular*. Porto: Edições Afrontamento, 2014, p. 258.

[80] GALHANO, Fernandes; OLIVEIRA, Veiga Ernesto; PEREIRA, Benjamim – *Construções primitivas em Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994, p. 127.

A parede em pedra de xisto concebida por dois aparelhos (exterior e interior) bastante perfeitos e travadas entre si no desencontro da sobreposição (evitando sistematicamente a continuidade de juntas) em fiadas consecutivas, possuem no seu interior terra crua, oriunda normalmente de locais muito específicos e seleccionados, designados de barreiros, isto é, terras com elevado teor de argila. A terra no interior destas grossíssimas paredes que atingem por vezes os 0,75 m, tem como função primordial a estabilidade do paramento, mas também o isolamento e preenchimento de espaços livres entre pedras, permitindo uma parede opaca e coesa.



1 – Caibro em tronco de pinheiro ou eucalipto;
2 – Cobertura revestida por camadas concêntricas compostas por manchinhas de palha de centeio, tabua, junça ou junco da ribeira;
3 – Ripado em varas de loendro, cana da ribeira ou esteva;
4 – Suposta abertura na cobertura designada de boqueirão. Quando finalizado ou em bom estado era fechada com o mesmo revestimento da restante cobertura;
5 – Parede em aparelho perfeito de pedra de xisto e terra crua ou argila;
6 – Pedra de grande formato utilizada na verga da porta;
7 – Porta em madeira da região;
8 – Pedra de grande formato utilizada na soleira da porta.

Figura 90. Desenho esquemático realizado com base no palheiro circular degradado localizado na Corte de Ouro (Ameixial).

Fonte: O Autor.

Entre os palheiros circulares estudados na Serra do Caldeirão foi possível verificar que têm um diâmetro exterior que oscila entre os 3.50 m e os 6.70 m e uma altura interior que pode ir até aos 3.90 m.

As construções analisadas possuem apenas um vão permanente, uma entrada de baixíssima altura (1,62m máximo encontrado), que normalmente está localizado numa das partes mais elevadas da parede e orientada para o acesso mais favorável. Neste vão, são instaladas portas feitas de madeira local, sem dobradiças, utilizando para o efeito dois paus curvos cravados nas extremidades superiores e inferiores, que são inseridos numa abertura existente na laje de pedra ou tronco localizado na verga e na pedra de soleira, permitindo assim a sua articulação, abrindo ou fechando. O fecho é garantido do lado oposto por uma simples cunha em madeira que se insere num pequeno orifício feito propositadamente na parede. No interior o pavimento é revestido de grandes lajes de pedra de xisto ou ardósia, colocadas normalmente de nível. Também foram encontrados exemplos com o pavimento desnivelado, quando a localização incidia sobre um forte maciço rochoso, ao que tudo indica também uma implantação propositada.



Figura 91. Palheiro circular degradado vista exterior. (Mealha - Cachopo)

Fonte: O Autor.



Figura 92. Cobertura degradada vista interior. (Mealha - Cachopo)

Fonte: O Autor.

A cobertura é realizada à semelhança de um choço de dimensões superiores. Estruturalmente é suportada por troncos de pinheiro, de eucalipto ou mais raramente de azinheiro, de medronheiro ou de freixo, designados de caibros, que descarregam sobre o topo das paredes em intervalos regulares, inseridos dentro de umas pequenas cavidades para inviabilizar a sua deslocação e convergindo ao alto em conjunto, onde são enlaçados, presos e fixos entre si, criando um vértice, de forma a prenunciar uma forma cónica. Estes troncos são ainda presos, entre si, por intermédio de cintas de vara de loendro, cana da ribeira ou esteva, que constituem um autentico ripado interno perpendicular aos caibros, espaçado aleatoriamente entre 30 a 40 cm. Permitindo assim, criar o apoio e a fixação coesa do revestimento exterior (designado de capa ou capota) em palha de centeio, tabua, junça ou junco da ribeira. As varas de ripado são presas à primeira estrutura com cordel ou arame e mais recentemente pregados com pregos.

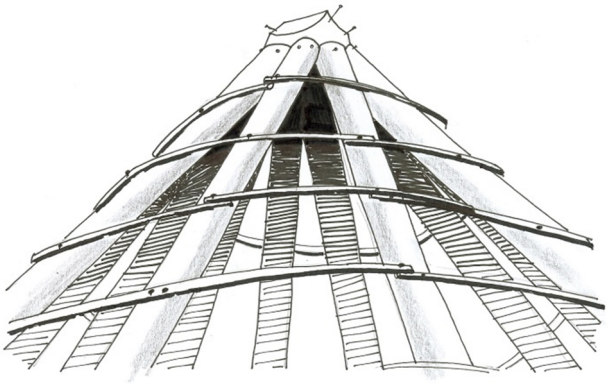


Figura 93. Desenho com detalhe de uma das soluções sobre a junção dos caibros no cume da cobertura e respectivo ripado, antes de assentar o revestimento em palha de centeio.

Fonte: O Autor.

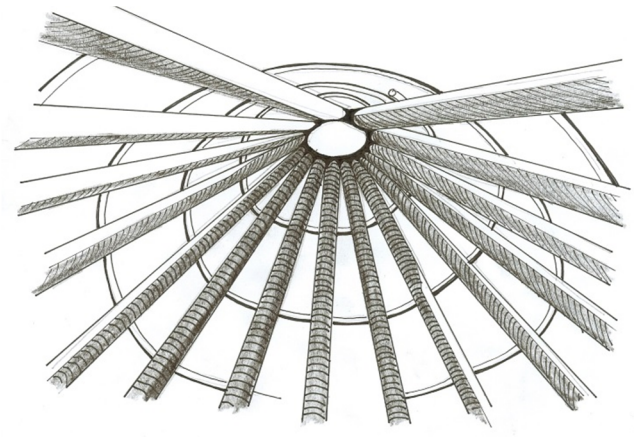


Figura 94. Desenho com vista interior da junção dos caibros no tecto e sua articulação com o ripado, ainda sem o revestimento exterior.

Fonte: O Autor.

Conforme refere João Lourenço (Mealha) o revestimento só é aplicado depois de estar completamente seco e respeita uma aplicação debaixo para cima em fiadas concêntricas de sucessivas

manchinhas, juntas e convenientemente apertadas e amarradas por pontos[81] entre si com cordel de cairo ou sisal, de forma a garantir uma superfície uniforme e sem aberturas. A aplicação destas sucessivas fiadas sobrepostas em cerca de 40 cm é realizada até ao vértice, onde a fiada superior oculta e pousa sobre os elementos de fixação da camada inferior, formando uma cobertura em consecutivos degraus, onde no topo seria colocado o último feixe de palha dobrado ao inverso, e atado fortemente para inviabilizar a penetração de água da chuva. Existem diversas formas de finalizar este topo, por vezes com profunda relação a rituais de superstição da população ou simples intenção de identificação à distância. Podendo ser fixada uma cruz para afastar os maus-olhados ou uma simples manchinha com espiga ao alto, entre outras curiosas formas. Em tempos mais remotos, quando estas construções eram utilizados para habitação e formavam grande parte dos povoados, talvez o topo tivesse um acabamento privilegiado, declarando a identidade do grupo ou o favorecimento a rituais mágicos e crenças irracionais.

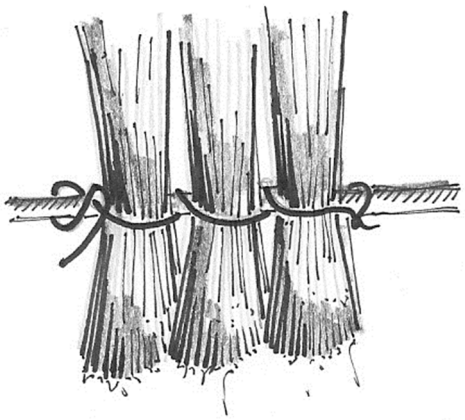


Figura 95. Desenho indicativo do modo com são atadas as manchinhas ao ripado. Na realidade as manchinhas devem ser ajustadas umas contra as outras, de forma a não deixar intervalos.

Fonte: O Autor.

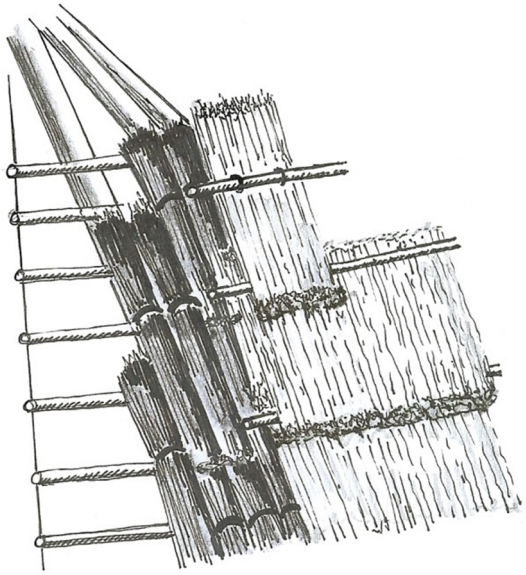


Figura 96. Desenho com a representação das diversas camadas aplicadas na cobertura.

Fonte: O Autor.

Em certos exemplares, excluindo as capas executadas em esteira[82] que apresentam uma forma diferente da anteriormente descrita, foi possível verificar por cada fiada de palha na cobertura, uma estrutura de ripado exterior que a contornavam por completo, sensivelmente a meio e à semelhança do ripado interior, de forma a constituir uma segunda estrutura de reforço à fixação e compressão das

[81] Ponto – amarração com cordel que era feita com auxílio de uma agulha grande (50 cm) improvisada em madeira, atravessando diferentes capas e abraçando o ripado interior e exterior. Espaçada entre 0.40m a 0.50m para fixar as manchinhas de palha e reforçar a estrutura na cobertura. RIBEIRO, Vítor, ed. [et al.] – *Materiais, sistemas e técnicas de construção tradicional. Contributo para o estudo da arquitectura vernácula da região oriental da serra do caldeirão.* Faro: CCDR Algarve/Edições Afrontamento, 2008, p. 87.

[82] Esteira – técnica de execução da capa ou capota, pouco observada na área de estudo, que recorre à junção de feixes de palha (manchinhas) através de um atado (vulgarmente designado de trena) de palha de centeio previamente humedecida. A esteira pode ser executada directamente sobre a estrutura da cobertura, onde era presa aos caibros e/ou ripagem por pontos dados de 15 em 15 cm, ou executada por partes no solo e posteriormente aplicada (desenrolada) sobre a estrutura da cobertura onde é convenientemente ajustada à parte da esteira anteriormente colocada e fixa conforme anteriormente descrito. Neste caso o revestimento fica mais uniforme e sem definição de fiadas, não prenunciando degraus ao longo da cobertura. COSTA, Miguel Reimão – *Casas e montes da serra entre as estremas do Alentejo e do Algarve: forma, processo e escala no estudo da arquitectura vernacular.* Porto: Edições Afrontamento, 2014, p. 262-263.

manchinhas de revestimento. Esta segunda estrutura, ficaria oculta e protegida sob o acomodar das consecutivas fiadas superiores, servindo essencialmente para reforçar o atado mais linearmente e aproximar as manchinhas de forma a minimizar intervalos entre elas.[83] Quando a cobertura finalizada, ficava por meio da espessura da parede onde descarregava, era frequente existir um capeamento em lajes de xisto com inclinação para o exterior e prolongada além da parede 10/15 cm para afastar a água da chuva e evitar a infiltração no paramento.



Figura 97. Topo de palheiro circular terminado com uma manchinha com espiga ao alto. (Mealha - Cachopo)

Fonte: O Autor.



Figura 98. Palheiro circular com capa em esteira. (Corte de Ouro - Ameixial)

Fonte: O Autor.

O ponto fraco das coberturas normalmente incidia na abertura, de nome boqueirão, que tinha por objectivo auxiliar o enchimento do palheiro com palha. Um vão que era fechado com uma pequena estrutura ripada, revestida por manchinhas em consecutivas fiadas no mesmo tipo de revestimento utilizado na capa do palheiro, sendo cuidadosamente encaixada na cobertura, passado quase despercebida no conjunto. Localizada na base da cobertura e imediatamente junto do topo da parede, apresentam umas dimensões aproximadas de 70 cm por 80 cm (largura x altura),[84] aberta onde o seu acesso exterior fosse mais conveniente, aproveitando normalmente o local onde o terreno é mais elevado e a parede mais baixa. Quando a localização fosse em terreno plano estas aberturas orientavam-se para a localização mais favorável e o acesso era possibilitado por pedras que sobressaem da parede, criando degraus em intervalos regulares (em certos casos também se encontram estas pedras sobressaídas das paredes mais elevadas para auxiliar a construção e manutenção da cobertura). A utilização deste vão era ocasional, e normalmente limitada a uma vez por ano, no final no verão para armazenar a palha proveniente da debulha. Para retirar a palha do palheiro era sempre utilizada a porta.

Quando estas construções foram no passado utilizadas para habitação, muito provavelmente não necessitavam desta abertura.

[83] RIBEIRO, Vítor, ed. [et al.] – *Materiais, sistemas e técnicas de construção tradicional. Contributo para o estudo da arquitectura vernácula da região oriental da serra do caldeirão*. Faro: CCDR Algarve/Edições Afrontamento, 2008, p. 86.

[84] GALHANO, Fernandes; OLIVEIRA, Veiga Ernesto; PEREIRA, Benjamim – *Construções primitivas em Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994, p. 129.

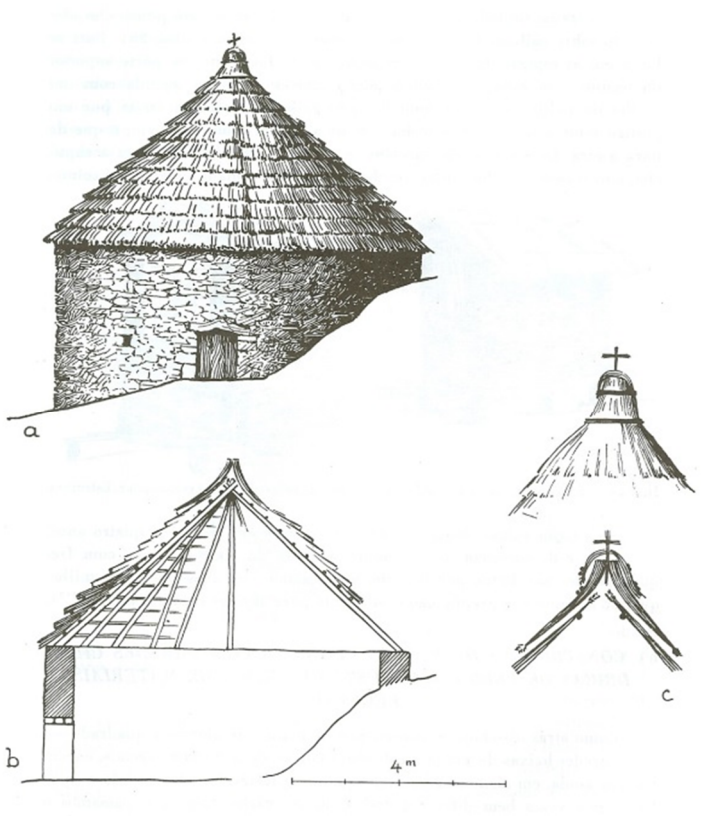


Figura 99. Desenho com detalhe construtivo de palheiro circular. (Barranco do Velho - Salir)

Fonte: GALHANO, Fernandes; OLIVEIRA, Veiga Ernesto; PEREIRA, Benjamim – *Construções primitivas em Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994.



Figura 100. Pormenor da porta de um palheiro circular. (Mealha - Cachopo)

Fonte: O Autor.

Existe nesta tipologia referência aos "palheiros de veio" da Serra do Caldeirão, que apenas se distinguiam dos exemplares de estudo pela particularidade de considerar um poste vertical (veio) centralizado em planta que auxiliava estruturalmente a cobertura, no entanto não foi encontrado nenhum exemplar em boas condições para aferir o seu particular sistema construtivo.[85]

Curiosamente encontrou-se um outro tipo de palheiro circular com cobertura em materiais vegetais, que não é referenciado em bibliografia, com a particularidade que substitui a cobertura cónica por uma cobertura com duas pendentes (águas). Segundo João Lourenço as paredes de xisto são em tudo idênticas ao anteriormente descrito, menos no facto de se elevarem por duas extremidades opostas, onde pousa uma trave de madeira para suporte toda a estrutura do telhado. Esta trave estabelecia o ponto de cumeeira do telhado, onde apoiava uma primeira estrutura, formada por troncos de pinheiro ou eucalipto, que descendiam paralelamente para a parede, com um afastamento entre si de aproximadamente 0.50 m. Em seguida, fixava-se perpendicularmente a estrutura do ripado com varas de loendro, cana da ribeira ou esteva, onde era fixa a capota ou capa em palha de centeio, por fiadas consecutivas desde o ponto mais baixo da cobertura até à cumeeira. Neste tipo de palheiro circular a cobertura apresentava uma pendente menos prenunciada, no entanto aceitava o tradicional boqueirão. São construções mais grosseiras do aspecto estético e mais difíceis de encontrar na Serra, apenas na Mealha (Tavira) foi encontrado um exemplar em razoável estado de conservação.

[85] COSTA, Miguel Reimão – *Casas e montes da serra entre as estremas do Alentejo e do Algarve: forma, processo e escala no estudo da arquitectura vernacular*. Porto: Edições Afrontamento, 2014, p. 261.



Figura 101. Palheiro circular com cobertura em duas pendentes. (Mealha - Cachopo)

Fonte: O Autor.



Figura 102. Palheiro circular degradado com cobertura em duas pendentes. (Parises – São Brás de Alportel)

Fonte: O Autor.

Segundo Rogério Simão (Monte do Cravo) a manutenção da cobertura era normalmente realizada por períodos de cinco anos no final da estação quente, correspondendo à colocação de uma nova capa, mais fina, sobre a existente, que se mantinha frequentemente em bom estado no interior, reforçando toda uma nova aplicação.[86]

Foi possível aferir que este tipo de construções confere um elevado conforto térmico indiferente à estação do ano. De inverno o espaço interior é acolhedor com temperaturas amenas, sem necessidade de recorrer a sistema de aquecimento, aliás até acusticamente todo o edifício, excepto a porta, apresenta um elevado desempenho. O José António Silvestre do Monte das Figueiras, referiu que em criança era normal pernoitar nos palheiros circulares, mesmo em dias de tempestade, pois no interior não havia percepção da agitação exterior. Se de inverno a temperatura interior é amena de verão tudo se inverte, no exterior um calor abrasador no interior uma frescura reconfortante. Para isto muito contribui o pequeno vão (porta), as grossíssimas paredes de xisto e a cobertura numa espessa camada de centeio com muito fraca transmissão térmica.

O palheiro na Serra do Caldeirão quase cessou a sua função, desde que a produção cerealífera entrou em decadência e o gado muar foi substituído por maquinaria agrícola mais expedita e eficiente. O grande número de exemplares contactados está na sua maioria em ruinas e ao abandono, onde apenas perdura a base cilíndrica em pedra de xisto. Existe por parte de muitos proprietários a vontade de os preservar, no entanto para o seu estado actual muito contribui a falta de materiais de construção (palha de centeio) e de mestres na arte de construção e manutenção.

[86] COSTA, Miguel Reimão – *Casas e montes da serra entre as estremas do Alentejo e do Algarve: forma, processo e escala no estudo da arquitectura vernacular*. Porto: Edições Afrontamento, 2014, p. 262.



Figura 103. Palheiro circular. (Mealha - Cachopo)

Fonte: O Autor.

Destaque para os palheiros circulares localizados no Monte das Figueiras (Almodôvar), Cumeada e Corte de Ouro (Loulé) e Mealha (Tavira) que ainda se apresenta num razoável estado de conservação.

Serão os palheiros circulares o reflexo do aperfeiçoamento no tempo e da experiência obtida na construção dos poços, das eiras, dos cortelhos circulares, dos fornos circulares e dos choços?



Figura 104. Palheiros circulares. (Monte das Figueiras – São Barnabé)

Fonte: O Autor.

3.4.2. MOINHOS DE VENTO

Os moinhos de vento (ou de cabresto[87] conforme correntemente denominados pelos moleiros) são muito provavelmente originários da evolução do palheiro circular. Aliás utilizam a mesma forma e os mesmos materiais e sistemas construtivos nos paramentos e na cobertura.

Os moinhos são localizados primordialmente no cimo dos montes para aproveitar ao máximo os ventos, constituindo um elemento particular da paisagem do passado. Seria certamente interessante contemplar os ermos da Serra quando todos eles estavam em óptimas condições e em pleno funcionamento. São imensos os vestígios deste tipo de construção na Serra do Caldeirão, aliás até é frequente encontrar o cimo de um monte partilhado por dois moinhos, denunciando a extrema importância que a agricultura cerealífera reflectia na região e o pão na alimentação destas gentes. Esta abundância está também relacionada com as excelentes condições que a Serra proporcionava para o seu funcionamento, o isolamento dos muitos assentamentos urbanos, a falta de vias de comunicação entre eles e a dificuldade de movimento e transporte de pessoas e cargas num relevo tão acidentado, onde a proximidade a estas humildes estruturas industriais era presada em tempos mais remotos.



Figura 105. Moinho de vento. (Cachopo - Tavira)

Fonte: O Autor.

A sua funcionalidade estava inteiramente vocacionada para a produção de farinhas de cereais (trigo, milho, aveia, cevada e centeio). Afigurava-se um modelo primitivo de indústria sazonal e de

[87] Moinho de cabresto – tipo de moinho de vento de torre fixa que se distinguia pela forma como eram orientadas e sustidas as velas ao vento, através de duas cordas ou duas varas fixas ao focinho do mastro que depois de puxadas na direcção pretendida eram engatas em dois dos dezoito marcos que circundavam o terreiro na periferia do moinho. RIBEIRO, Victor, ed. [et al.] – *Materiais, sistemas e técnicas de construção tradicional. Contributo para o estudo da arquitectura vernácula da região oriental da serra do caldeirão*. Faro: CCDR Algarve/Edições Afrontamento, 2008, p. 148.

modesta produção, mas representava para os moleiros (caso o moinho não obedecesse a uma pertença colectiva, de várias pessoas da localidade mais próxima, situação muito frequente)[88] uma actividade altamente rentável na época, em que se multiplicaram, mas também muito trabalhosa. Actualmente são meros testemunhos do desenvolvimento socioeconómico de outrora, edifícios em processo acelerado de ruina, mas com potencial interesse histórico, cultural, turístico e paisagístico.

Observando este tipo de construção é possível verificar que são edifícios bem mais altos (com aproximadamente 5.00 m, variável consoante a altura e número de pisos interiores), para permitir a rotação das velas ao sabor do vento, e certamente a instalação de todo o mecanismo interior.

Preferencialmente assente sobre forte afloramento rochoso, este solo firme impedia que houvesse desnivelamentos nas fundações e possíveis roturas nos paramentos com o movimento das velas. As paredes destas construções são mais robustas do que as dos palheiros circulares, mas respeitam a mesma técnica construtiva. Apenas no sistema construtivo é aperfeiçoado às exigências, a sua espessura é variável desde a base até ao topo (rondando o 1.50 m na base e o 1.00 m no topo), no interior são normalmente de prumo e no exterior descrevem um tronco de cone numa inclinação acentuada para melhor suportar os esforços aplicados pelas velas durante acção do vento e ao mesmo tempo para melhor suportar o seu peso próprio em altura. A torre, nome pelo qual se designa todo o maciço formado pelas paredes, apresenta um diâmetro de base que oscila entre os 5.20 m e os 7.30 e o de topo variável de acordo com a inclinação do arrasto.[89]

Alguns exemplares deste tipo de construção, apresentam os paramentos pelo exterior (pelo interior raro é aquele que não é) revestidos com uma ligeira camada de argamassa de areia de ribeiro ou rio e cal aérea com acabamento final caiado. Estes moinhos eram conhecidos por moinhos brancos que transformavam o trigo e o milho em farinhas para a alimentação humana. Os moinhos pretos eram aqueles que transformavam a aveia, a cevada e o centeio em farinhas para os animais domésticos. Distinguiam-se dos anteriores pela falta de revestimento exterior nas paredes, onde o xisto é aparente, à semelhança dos palheiros circulares, demonstrando um aspecto mais rude. Na pesquisa e nas entrevistas realizadas houve neste ponto alguma falta de consenso com a bibliografia,[90] quando se refere que o moinho branco mantinha a exclusividade na produção de farinhas para consumo humano. Diversas pessoas dos Besteiros (Ameixial) e de Felizes (São Barnabé) afirmam a existência de moinhos que fabricavam os dois tipos de farinhas para consumo humano e animais, embora que em mós diferentes (cada moinho podia integrar dois pares de mós ou até três embora pouco frequente, moendo em simultâneo)[91]. Ficando por esclarecer se a regra era decorrente de uma área da Serra do Caldeirão ou se a regra foi meramente quebrada no período de declínio dos moinhos de vento, onde os poucos que resistiram tinham que realizar ambos os trabalhos.

[88] COSTA, Francisco Dias – *Floridas na Pedra. A Hidrografia do Vascão e a Serra do Cadeirão ou Mu*. Faro: Associação "In Loco", 1996, p. 30.

[89] Arrasto ou gaivel – recuo em altura que é aplicado na verticalidade da face exterior da parede (cerca de 0.15 m por metro) que dita uma redução constante na espessura da parede desde a base até ao topo, para a tornar mais resistente aos esforços horizontais. RIBEIRO, Vítor, ed. [et al.] – *Materiais, sistemas e técnicas de construção tradicional. Contributo para o estudo da arquitectura vernácula da região oriental da serra do caldeirão*. Faro: CCDR Algarve/Edições Afrontamento, 2008 p. 150.

[90] RIBEIRO, Vítor, ed. [et al.] – *Materiais, sistemas e técnicas de construção tradicional. Contributo para o estudo da arquitectura vernácula da região oriental da serra do caldeirão*. Faro: CCDR Algarve/Edições Afrontamento, 2008, p. 148.

[91] COSTA, Francisco Dias – *Floridas na Pedra. A Hidrografia do Vascão e a Serra do Cadeirão ou Mu*. Faro: Associação "In Loco", 1996, p. 37.

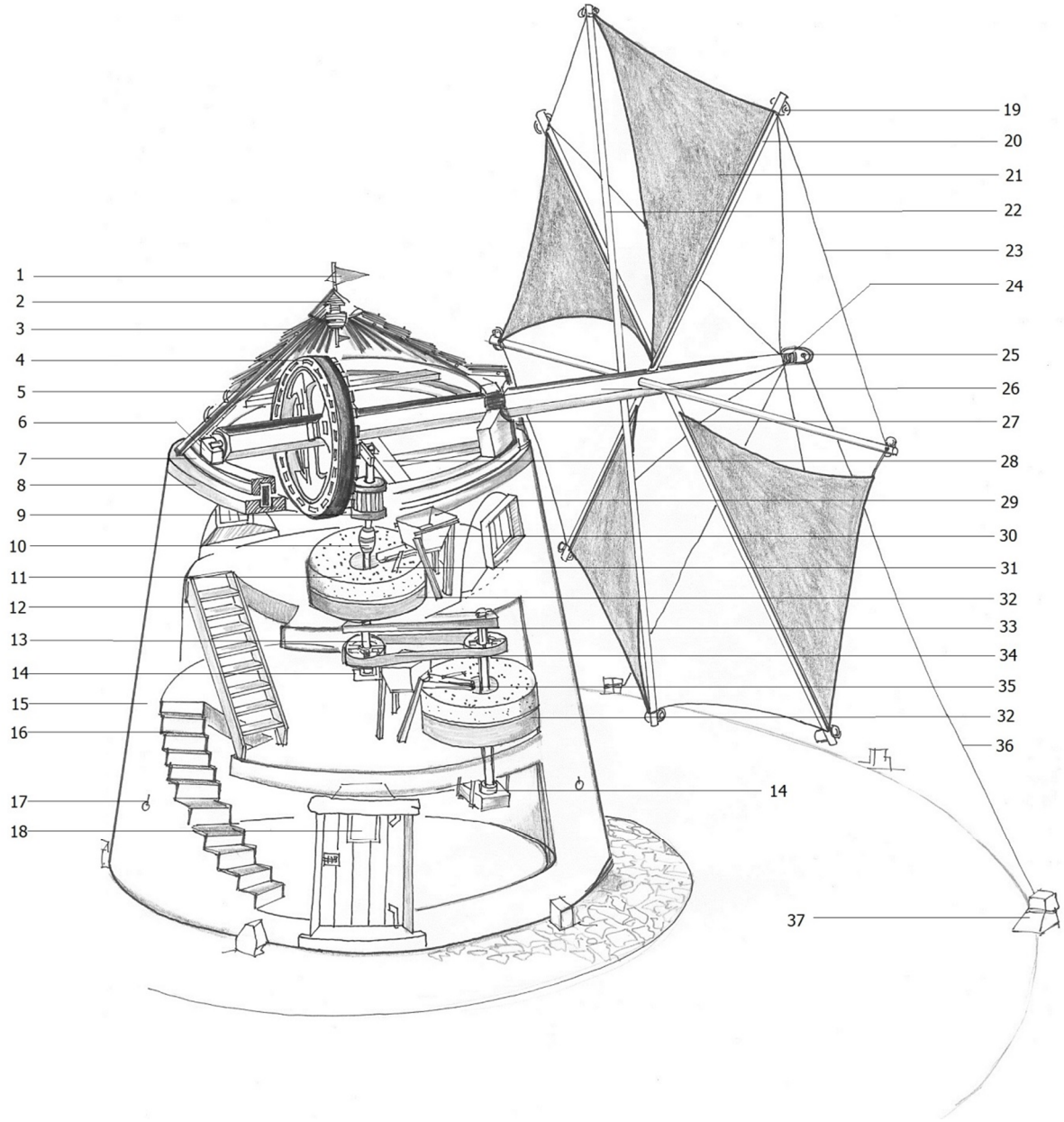


Figura 106. Desenho esquemático realizado com base no moinho da Figueirinha (Ameixial) e no moinho Branco de Cachopo (Tavira).

Fonte: O Autor.

1 – Cata-vento;
2 – Roda de ponto (peça de madeira para fixação dos caibros ao alto);
3 – Revestimento da cobertura com manchinhas de centeio;
4 – Entrosga ou roda dentada com 32 dentes;
5 – Caibro em madeira de eucalipto;
6 – Rabeira (apoio em madeira de eucalipto vermelho);
7 – Frechal de cima ou móvel (aro de madeira de azinho onde assenta a cobertura e o mastro possibilitando a sua orientação ao vento);
8 – Frechal de baixo ou de pedra (componente fixo com carril);
9 – Carrete com sete fúseis em madeira de azinho;
10 – Lobete;
11 – Mó móvel ou andadeira;
12 – Escada de madeira;
13 - Veio central vertical;
14 – Urreiro;
15 – Torre do moinho;
16 – Escada em pedra, com remate a partir da parede;
17 – Estaca ou argola (para prender as bestas ou as velas);
18 – Porta em madeira local;
19 – Búzio, pote cerâmico ou garrafa;
20 – Vara de roupa ou da frente em madeira de eucalipto;
21 – Vela de roupa ou pano;
22 – Vara nua ou de trás em madeira de eucalipto;
23 – Corda para manter igual espaçamento entre varas;
24 – Focinho do mastro;
25 – Trambolho em madeira;
26 – Mastro em madeira de eucalipto de secção oitavada;
27 – Chumaceira da frente (em madeira de eucalipto vermelho);
28 – Frechal em madeira;
29 – Janela em madeira da região;
30 – Toldra ou moega;
31 – Ferrolho para vibrar a quelha;
32 – Mó dormente ou pouso;
33 – Ponte;
34 – Cinta ou correia de transmissão a novo veio;
35 – Quelha ou telha;
36 – Cabresto (corda ou cabo de aço);
37 – Um dos 18 marcos de pedra para atar o cabresto.

O topo das paredes dos moinhos de vento termina com um capeamento em madeira ou pedra calcária (designado frechal de pedra ou de baixo), onde está cavado um carril que permitia deslizar e orientar sobre carros (rodas) o frechal de cima ou móvel[92], a cobertura, o mastro e as velas na direcção do vento. O interior era constituído por dois pisos com um pé-direito normalmente inferior a 2,20 m e o desvão da cobertura cónica onde trabalhava a engrenagem da roda dentada (ou entrosga) de 32 dentes fixa ao mastro.



Figura 107. Interior de moinho de vento, articulação entre entrosga e carrete. (Figueirinha - Ameixial)

Fonte: O Autor.



Figura 108. Interior de moinho de vento, articulação entre a cobertura em chapa de zinco e entrosga. (Figueirinha – Ameixial)

Fonte: O Autor.

No interior tudo era construído em madeira, normalmente de azinho as peças da engrenagem principal e tudo aquilo onde existe uma maior necessidade de resistência aos esforços e ao desgaste (nomeadamente o sobrado entre pisos, a entrosga, o carrete, o lobete, o frechal…) e de pinho ou de eucalipto as escadas de acesso aos diferentes pisos, os caibros da cobertura, o mastro, as pontes, as varas de roupa nas velas, acessórios e peças da engrenagem sem exigências relevantes. À excepção das mós que eram em pedra calcária e nalguns casos a escada de acesso aos diversos pisos, que aproveitava o remate da parede para também ser em pedra xisto. Também foi possível verificar numa grande quantidade de moinhos de vento, com o tecto do piso térreo executado por uma verdadeira cúpula em xisto, rematada a partir das grossas paredes. Este sistema construtivo reforça fortemente todo o conjunto, além de que possibilita no pavimento do primeiro piso uma muito boa resistência à compressão. Esta técnica tem a desvantagem de consumir grande parte da área do piso térreo, no entanto despensa qualquer tipo de manutenção. O sobrado de madeira tem a desvantagem que se degrada com o tempo, necessitando de manutenção, além de que as mós pousadas sobre ele, exercem muito peso forçando a significativos esforços de flexão no vigamento. A utilização de madeira nos sobrados é uma solução extremamente ruidosa quando o moinho está em funcionamento.

[92] Frechal móvel – estrutura circular móvel de madeira de azinho sobre a qual assenta a cobertura do moinho de vento e o respectivo mastro. Facilitando num movimento rotativo a orientação das velas na direcção do vento. RIBEIRO, Vítor, ed. [et al.] – *Materiais, sistemas e técnicas de construção tradicional. Contributo para o estudo da arquitectura vernácula da região oriental da serra do caldeirão*. Faro: CCDR Algarve/Edições Afrontamento, 2008, p. 160.

A cobertura articulável utiliza a forma cónica e o mesmo sistema construtivo e revestimento utilizado nos palheiros circulares, mas numa inclinação menos prenunciada, dada a altura do edifício e naturalmente adaptada aos sistemas mecânicos implementados. No moinho de vento da Figueirinha (Ameixial) foi possível aferir uma altura interior de cobertura, desde o topo da parede até ao ponto mais elevado de 2.05m.



Figura 109. Moinho de vento, pormenor da cobertura e velas. (Cachopo - Tavira)

Fonte: O Autor.

Os moinhos de vento são constituídos por apenas uma porta de entrada/saída, orientada para o local onde os ventos são menos predominantes, para reduzir ao máximo a sua obstrução pelas velas e por um máximo de duas a três janelas de reduzidas dimensões nos níveis superiores. Estas janelas eram edificadas geralmente em localizações opostas e não coincidentes com a porta para não fragilizar as fortes paredes, tendo como principal função a iluminação e ventilação natural do interior. Estes pequenos vãos eram normalmente rasgados a partir do interior do grossíssimo paramento, através de um amplo abobadado, que nasce ligeiramente acima do pavimento do piso, possibilitando a existência de um pequeno poial interior, reconfortantemente posicionado na frente da janela, pouco abaixo da respectiva pedra de peitoril. O poial além do repouso do moleiro auxiliava na picagem da mó móvel ou andadeira que sofria maior desgaste, aquela que girava constantemente. Com ajuda de correntes e a giração do mastro era frequentemente retirar a mó do local de trabalho para sofrer a picagem e assim melhorar a produção e qualidade das farinhas.

O funcionamento de um moinho de vento estava estritamente relacionada com todo um mecanismo cuidadosamente concebido e aperfeiçoado no tempo. No exterior existiam quatro velas triangulares (também designadas de roupa ou pano) de lona, presas por cordas a oito varas (que mediam entre 5 a 7 m, rasando aproximadamente a 1.00 m do solo) fixas ao mastro em perfuração perpendicular em quatro pontos distintos e equidistantes. As quatro varas (ou braços de pano) colocadas nas duas

perfurações mais exteriores do mastro descrevem com ele no centro uma cruz perfeita, sendo nestas varas, cozidas e fixas as velas por todo um lado da sua triangulação. De cada extremidade destas quatro varas parte um cabo esticado até ao focinho do mastro para ajudar na sua estabilidade. Por sua vez, nas duas perfurações do mastro mais próxima da cobertura, são colocadas mais quatro varas (chamadas de varas nuas) com o mesmo comprimento das varas de fronte. Devem também formar entre si uma cruz perfeita, mediando os espaços da cruz formada pelos braços de pano. Pelas extremidades das oito varas deve correr uma corda bem fixa e bem esticada para manter o espaço entre elas sempre iguais. As varas nuas têm por função suster numa posição recuada as pontas das velas que estão livres através de uma corda, formando um tipo de hélice e constituindo o género de umas pás que pela acção do vento forçam à rotação do mastro. O mastro no ponto de perfuração das varas apresenta uma secção oitavada com um diâmetro de 38 cm, a partir da última perfuração exterior aguça-se por um comprimento de 2.00 m até obter uma secção quase circular de 24 cm no focinho do mastro, onde está fixa uma peça em madeira de azinho articulável onde se prende a corda de cabresto.



Figura 110. Exterior de moinho de vento, visionamento das varas das velas e mastro. (Cachopo - Tavira)

Fonte: O Autor.



Figura 111. Pormenor do mastro no local de perfuração e fixação das varas. (Cachopo - Tavira)

Fonte: O Autor.

Nas pontas das varas era frequente existirem pequenos potes de cerâmica, búzios ou mesmo garrafas de água que produziam som na giração das velas. Para o moleiro este som seria a indicação de que o moinho estava a trabalhar na perfeição, a falta dele indicava a inexistência de vento ou o excesso, reivindicando uma actuação rápida de redução na superfície de vela exposta.

O mastro entra no interior da cobertura apoiado sobre uma peça de madeira de eucalipto vermelho, designada de chumaceira da frente. Esta envolve ligeiramente o mastro de forma a mante-lo posicionado, na medida em que permite a sua rotação. No respectivo encaixe, o mastro obtém uma reentrância de secção circular revestida a barras de aço (denominadas sabicas) que minimizam o desgaste por contacto entre peças. A outra extremidade do mastro apoia sobre uma peça de madeira de eucalipto vermelho designada de rabeira, sobre a qual gira o espigão de aço cravado no mastro. Quer a chumaceira da frente, quer a rabeira são fixas ao frechal móvel, que permite a movimentação e orientação conjunta da cobertura, mastro e velas na direcção do vento, através das cordas de cabresto localizadas no exterior.



Figura 112. Pormenor da chumaceira da frente. (Figueirinha - Ameixial)

Fonte: O Autor.



Figura 113. Pormenor da rabeira e respectiva fixação ao frechal móvel. (Figueirinha - Ameixial)

Fonte: O Autor.

No interior do moinho e também fixa ao mastro encontramos a entrosga ou roda dentada, inteiramente de madeira de azinho, constituída por trinta e dois dentes cavilhados lateralmente, que encaixam por sua vez em sete fúseis de um carrete que está fixo a um veio vertical, localizado rigorosamente ao centro do moinho, e que o percorre nos diversos pisos, accionando a giração da mó ou das mós (se existir dois ou mais pares de mós a trabalhar em simultâneo). Este veio é mantido numa posição central com auxílio de uma perfuração existente nos vigamentos de madeira (denominado ponte de cima e ponte de baixo, mediante a sua localização em altura, na torre) que percorrem o diâmetro do moinho e apoiam no frechal móvel ou em duas pequenas cavidades existentes nas paredes de xisto (no caso da ponte debaixo). O veio apoia sobre o urreiro, localizado no piso térreo, uma peça metálica que permite a rotação da sua extremidade, mas mantêm-na sempre no ponto central, com o auxílio do vigamento de madeira.



Figura 114. Conjunto de mós no moinho de vento. (Figueirinha - Ameixial)

Fonte: O Autor.



Figura 115. Toldra existente sobre as mós e respectiva quelha. (Figueirinha – Ameixial)

Fonte: O Autor.

Conforme anteriormente referido os moinhos podem considerar um, dois ou três pares de mós, mas este número está estritamente relacionado com o número de pisos que este comporta (apenas é possível um par por piso) e o tamanho das velas. O seu trabalhar em simultâneo está inteiramente dependente da força do vento, sendo possível desactivar cada par de mós a partir de pontos de interrupção do veio que desencaixam, designados de lobete. Além disso o lobete localizado acima de cada par de mós possibilita remover a mó móvel para picagem, sem necessidade de deslocar o carreto. Esta desactivação deve ser realizada de baixo para cima para individualizar sectores, caso contrário o desencaixe do lobete mais próximo do carrete significa a desactivação todos os conjuntos de mós nos pisos inferiores. Contudo foi possível verificar que nem sempre os diversos grupos de mós encontram localização no enfiamento do mesmo veio, quando enquadram uma localização menos central este grupo trabalha sobre um veio independente que se repudia desde o pavimento ao tecto do piso e gira através de uma cinta que estabelece a ligação com o veio central. Cada conjunto de mós é constituído por duas mós sobrepostas, a de baixo é fixa designada dormente ou poiso (espessura superior a 40 cm) e a de cima é móvel designada andadeira (espessura entre 18 a 30 cm), ambas com um diâmetro de aproximadamente 1.20 m, envolvidas pelos cambeiros, duas peças semicirculares em madeira ou zinco que retém e encaminham a farinha para os respectivos sacos.

Sobre conjunto de mós existe ainda uma toldra, que é um pequeno recipiente afunilado de madeira, onde se coloca o grão (trigo, milho, aveia, cevada, centeio) que através de um orifício na base o encaminha por uma quelha (ou telha) para a abertura central da mó móvel, a fim de iniciar a moagem do cereal. A quelha tem o aspecto de uma telha com inclinação, que é sistematicamente vibrada por contacto da extremidade sobre a mó ou através de um ferrolho. A vibração causada com a rotação da mó permite que os cereais escorreguem constantemente para o interior das mós.[93]



Figura 116. Moinho de vento. (Figueirinha - Ameixial)

Fonte: O Autor.



Figura 117. Moinho de vento. (Cachopo - Tavira)

Fonte: O Autor.

Muitas vezes os moinhos de vento constituíam o complemento dos moinhos de água ou azenhas que de Verão ficavam inoperacionais pela falta de água. E estabeleciam um local importante para

[93] RIBEIRO, Vítor, ed. [et al.] – *Materiais, sistemas e técnicas de construção tradicional. Contributo para o estudo da arquitectura vernácula da região oriental da serra do caldeirão*. Faro: CCDR Algarve/Edições Afrontamento, 2008, p. 148-163.

comunicação entre povoações, era aqui que se divulgavam acontecimentos importantes para a comunidade em geral.

Serão os moinhos de vento reflexo da adaptação dos palheiros circulares a uma função industrial, que aproveita na perfeição a energia renovável do vento?

3.5. CONSTRUÇÕES CIRCULARES EDIFICADAS EM TERRA, PEDRA E COBERTURAS EM TELHA ARTESANAL

As cabanas circulares com processo construtivo idêntico aos palheiros circulares, substituem a cobertura cónica revestida a materiais vegetais por um telhado de uma água em telha de canudo fabricada artesanalmente.[94]

Entre todas as construções de planta circular abordadas, a cabana circular será a tipologia que se considera mais recente e mais generalizado ao período moderno. Sabe-se contudo que a telha encontrou ao longo da história períodos com forte utilização,[95] nomeadamente no período de ocupação islâmica, mas não convence a sua aplicação replicada por construções circulares de pequenas dimensões, que em nada favoreciam a sua utilização habitacional ou agro-pecuária. Dado a sua inconformidade com as ampliações e o seu fraco desempenho térmico e acústico, logo pouco convidativo ao conforto ou à conservação de produtos agrícolas. E para agravar tudo isto muito contribui a inclusão de mais um vão (janela ou boqueirão) no paramento. Considera-se que são argumentos bastante válidos para manter os palheiros circulares de cobertura em materiais vegetais ou apostar nas construções de planta rectangular que permitiam espaços mais amplos e uma evolução mais prática, para aplicar a telha cerâmica.



Figura 118. Cabana circular. (Feteira - Cachopo)

Fonte: O Autor.

[94] Nas cabanas reconfiguradas no final do século XIX ou na primeira metade do século XX.

[95] COSTA, Miguel Reimão – *Casas e montes da serra entre as estremas do Alentejo e do Algarve: forma, processo e escala no estudo da arquitectura vernacular*. Porto: Edições Afrontamento, 2014, p. 289.

Na investigação realizada pelo território de estudo, foi possível confirmar em muitos casos (nomeadamente no Monte do Cravo e na Redonda na freguesia de Cachopo) que são os próprios proprietários a reconfigurar o palheiro circular de cobertura cónica numa cabana circular de cobertura telhada de uma água, no final do século passado. Aliás esta reconfiguração está visível nalguns exemplares observados na Catraia, na Mealha e em Vale João Farto (Tavira), onde a aplicação de materiais de construção actuais (tijolo cerâmico, blocos de betão, argamassas de cimento) é nitidamente evidenciada.

Note-se que não foi encontrada bibliografia com informação de relevo sobre este tipo de construção, declarando que a sua existência nunca terá sido relevante no campo de análise ou então são existências recentes. Aliás a arqueologia em diversos períodos da história faz referência a construções circulares, mas nunca remetem à descoberta desta tipologia por entre vestígios de civilizações antigas. Nomeadamente construções circulares com vestígios de telhas cerâmicas no seu interior.

Na localidade da Corte João Marques (Ameixial), Maria Trindade Venâncio indica uma cabana circular onde o seu avô lhe terá dito que vivera uma família muito pobre no início do século XX. Será pois, considerada uma situação pouco frequente. A sua localização desintegrada da pequena aldeia e num local a meia vertente de um monte, muito desabrigado do vento e com um espaço interior muito reduzido e sem comodidades invoca a uma condição forçada e um caso de extrema necessidade. Além disso a proximidade a uma eira indica a sua origem muito provavelmente num palheiro circular.

A área do território que mais se adensa com este tipo de construção na Serra do Caldeirão, é a freguesia de Cachopo.

3.5.1. CABANAS CIRCULARES

As cabanas circulares como são designadas na Serra do Caldeirão correspondem certamente, conforme foi referido anteriormente, a uma evolução dos palheiros circulares de cobertura cónica em materiais vegetais no intuito de lhe garantir uma menor necessidade de manutenção e uma maior resistência à degradação.

Tal como nos palheiros circulares não se identifica uma localização privilegiada, no entanto, aparecem mais frequentemente próximos das habitações, como área coberta complementar. Actualmente são muito utilizadas como arrecadação para alfaias e utensílios agrícolas ou objectos com uma utilização menos frequente ou obsoletos do uso diário. Se outrora tiveram uma forte utilização como palheiros (dai o tradicional boqueirão ter descido da cobertura, que neste caso seria pouco viável, para ter uma localização privilegiada na parede) é certo que hoje em dia isso foi muito pouco verificado.

As paredes são construídas da mesma forma e utilizando os mesmos materiais, apenas o seu topo superior não está de nível, para permitir a substituição da cobertura cónica em materiais vegetais por uma cobertura de pendente única revestida por telhas cerâmicas de canudo. No interior o pavimento de nível é revestido por grandes lajes de xisto ou está simplesmente em terra batida, em reformulações mais recentes considera uma camada uniforme e regularizada em betão armado.

Esta cobertura seria introduzida com o principal objectivo de visar longevidade de manutenção, porque resiste mais eficazmente aos elementos ambientais (sol e chuva). Não dignifica o conforto térmico

interior relativamente às construções anteriormente referidas. No entanto, já evidencia semelhanças com as habitações actuais, não só por causa do telhado, mas também porque passa, em certos casos, a disponibilizar de mais um elemento de iluminação e ventilação na parede, uma janela. O telhado é assente sobre caniço de canas da ribeira devidamente secas, limpas e atadas entre si, para obter uma superfície regular sem grandes aberturas, sustentadas por troncos de pinheiro ou eucalipto que atravessam o diâmetro da construção com travamento nas paredes.



Figura 119. Janela da cabana circular. (Corte João Marques - Ameixial)

Fonte: O Autor.



Figura 120. Pormenor do tecto interior. (Feteira - Cachopo)

Fonte: O Autor.

A porta respeita as mesmas características das utilizadas nos palheiros circulares e a janela ou boqueirão é obscurecida através de uma portada rudimentar, feita de madeira local de pinho ou azinho. Esta portada é mantida fechada por meio de uma trave que encontra apoio nas ombreiras em dois orifícios. A abertura do vão implica a remoção por inteiro da portada do local onde está adaptada, dado que o sistema não apresenta dobradiças ou outra forma de abertura com fixação no vão na parede.



Figura 121. Cabana circular. (Corte João Marques - Ameixial)

Fonte: O Autor.

Através do levantamento realizado foi possível verificar que as cabanas circulares têm um diâmetro exterior que oscila entre os 3.70 m medido num dos exemplares localizados Vale João Farto (Tavira) e os 5.20 m num dos exemplares existentes em Cachopo (Tavira). As paredes apresentam uma espessura de 50 a 70 cm e uma altura máxima no ponto de cumeeira de 3.30 m (medida exterior) e mínima de 1.30 m.

Serão as cabanas circulares a reformulação possível das construções circulares para melhor resistir no tempo e satisfazer as exigências actuais?

3.6. MATERIAIS UTILIZADOS NAS CONSTRUÇÕES ELEMENTARES DE PLANTA CIRCULAR

Em seguida é apresentada uma listagem dos principais materiais utilizados na edificação das construções elementares de planta circular da serra do Caldeirão, anteriormente referidos. Note-se que são todos materiais extraídos ou colhidos directamente da natureza e sempre muito próximos do local de construção. No caso dos materiais vegetais, estes são colhidos com algum tempo antecedência relativamente à sua aplicação. Devendo cumprir com um bom período de secagem à sombra, sendo totalmente desaconselhada a exposição à radiação solar forte e directa, dado que os materiais vegetais perdem qualidade e durabilidade na aplicação. Excepto a palha de centeio que deverá ser ceifada já completamente seca.

No caso das canas, pinheiros e eucaliptos, os seus troncos devem ser limpos e descascados antes da sua aplicação. O centeio, o junco, a tabua ou a junça, devem ser considerados com a palha limpa na sua maior extensão e cuidadosamente dispostos em molhos longitudinalmente, sem espiga ou semente.



Figura 122.

Designação:	**Pedra de xisto**
Construções onde há aplicação:	Poços, eiras, malhões, fornos circulares, cortelhos circulares, palheiros circulares, moinhos de vento e cabanas circulares.
Local de aplicação:	Paredes ou corpo de poços, eiras, malhões, fornos circulares, cortelhos circulares, palheiros circulares, moinhos de vento e cabanas circulares. Pavimentos de eiras, cortelhos circulares, palheiros circulares, moinhos de vento e cabanas circulares. Cobertura de fornos circulares e cortelhos circulares.



Figura 123.

Designação:	**Pedra olho-de-sapo ou parda morta**
Construções onde há aplicação:	Fornos circulares.
Local de aplicação:	Boca do forno, verdadeira cúpula e pavimento.



Figura 124.

Designação:	**Terra com argila**
Construções onde há aplicação:	Poços, eiras, malhões, fornos circulares, cortelhos circulares, palheiros circulares, moinhos de vento e cabanas circulares.
Local de aplicação:	Paredes ou corpo de poços, eiras, malhões, fornos circulares, cortelhos circulares, palheiros circulares, moinhos de vento e cabanas circulares. Cobertura de fornos circulares e cortelhos circulares.



Figura 125.

Designação:	**Eucalipto**
Construções onde há aplicação:	Choços, palheiros circulares, moinhos de vento e cabanas circulares.
Local de aplicação:	Estrutura dos choços. Coberturas e vãos de palheiros circulares, moinhos de vento e cabanas circulares. Engrenagens, pavimentos e estruturas dos moinhos de vento.



Figura 126.

Designação:	**Pinheiro**
Construções onde há aplicação:	Choços, palheiros circulares, moinhos de vento e cabanas circulares.
Local de aplicação:	Estrutura dos choços. Coberturas e vãos de palheiros circulares, moinhos de vento e cabanas circulares. Engrenagens, pavimentos e estruturas dos moinhos de vento.



Figura 127.

Designação:	**Azinheiro**
Construções onde há aplicação:	Palheiros circulares, moinhos de vento e cabanas circulares.
Local de aplicação:	Coberturas e vãos de palheiros circulares, moinhos de vento e cabanas circulares. Engrenagens, pavimentos e estruturas dos moinhos de vento.



Figura 128.

Designação:	**Loendro**
Construções onde há aplicação:	Choços, palheiros circulares, moinhos de vento e cabanas circulares.
Local de aplicação:	Ripado na estrutura dos choços. Coberturas de palheiros circulares, moinhos de vento e cabanas circulares.



Figura 129.

Designação:	**Cana**
Construções onde há aplicação:	Choços, palheiros circulares, moinhos de vento e cabanas circulares.
Local de aplicação:	Ripado na estrutura dos choços. Coberturas de palheiros circulares, moinhos de vento e cabanas circulares.



Figura 130.

Designação:	**Junco**
Construções onde há aplicação:	Choços, palheiros circulares e moinhos de vento.
Local de aplicação:	Revestimento de choços. Coberturas de palheiros circulares e moinhos de vento.



Figura 131.

Designação:	**Tabua**
Construções onde há aplicação:	Choços e palheiros circulares.
Local de aplicação:	Revestimento de choços. Coberturas de palheiros circulares.



Figura 132.

Designação:	**Junça**
Construções onde há aplicação:	Choços, palheiros circulares e moinhos de vento.
Local de aplicação:	Revestimento de choços. Coberturas de palheiros circulares e moinhos de vento.

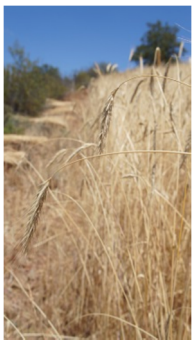


Figura 133.

Designação:	**Centeio**
Construções onde há aplicação:	Choços, palheiros circulares e moinhos de vento.
Local de aplicação:	Revestimento de choços. Coberturas de palheiros circulares e moinhos de vento.



Figura 134.

Designação:	Telha cerâmica
Construções onde há aplicação:	Cabanas circulares.
Local de aplicação:	Coberturas das cabanas circulares.

3.7. CONSTATAÇÕES FINAIS

Os tipos de construções elementares de planta circular, encontrados e estudados na Serra do Caldeirão, reflectem um valor patrimonial e histórico importantíssimo. Além disso é surpreendente a forma como integram o local e a paisagem envolvente, como são ecologicamente sustentáveis na construção e durante a sua existência, recorrendo a manutenções que utilizam materiais naturais e locais, conferindo um conforto interior único (térmico) sem recorrer a tecnologias mais recentes. São também elementos preciosíssimos de estudo, pois revelam técnicas construtivas bastante interessantes e económicas que remontam aos princípios base da construção. É notável como estas construções representam uma tipologia edificatória tradicional que mantém vivos testemunhos válidos das civilizações Mesopotâmica e Grega, que depois de edificada apenas aceita a sua manutenção ou restauro e nunca a sua alteração ou ampliação. Todos os exemplares observados na Serra do Caldeirão ou se encontravam restaurados, ou degradados, ou em ruinas. Dado que não aceitam a evolução e adaptação para casa compacta ou composta.

Outro aspecto interessante foi o facto de se esperar uma organização espacial e uma disposição em conjunto, muito à semelhança do que referia Claude Lévi-Strauss em *Tristes Trópicos* (2001), sobre a aldeia dos Bororo[96], mas nada disso se verificou no Algarve. Todas as construções estão dispersas pelos povoados e algumas vezes completamente isoladas sem respeitar um critério comum de localização, revelando que já não subsistem vestígios de uma cultura ou identidade que indique claramente a presença ou influência de determinados povos na região.



Figura 135. Palheiro circular (Cumeada – Salir)

Fonte: O Autor.

[96] Julgou-se existir, nomeadamente nos palheiros circulares, que são construções mais resistentes ao tempo uma organização espacial evidente, reveladora de culturas ou identidades de civilizações primitivas. SILVANO, Filomena – *Antropologia do espaço*. Lisboa: Celta Editora, 2001, p. 18 a 20.

4 .

INVESTIGAÇÃO DE CAMPO E ANÁLISE COMPARATIVA DE EXISTÊNCIAS DA SERRA DO CALDEIRÃO [97]

Sistematiza-se neste capítulo todo o levantamento de campo efectuado na Serra do Caldeirão, em que as construções elementares de planta circular levantadas são devidamente catalogados por áreas administrativas, indicando o tipo, o local de implantação, e dentro do possível, algumas características físicas e construtivas. Esta informação é complementada com registos fotográficos.

O levantamento de campo não integra a totalidade do território da Serra do Caldeirão, dada a sua vastidão, além de que, nem sempre os seus limites são de fácil definição no terreno, sendo difícil por vezes saber se determinada área ainda a integra ou não, nomeadamente na zona de Serra Chã.[98] Além disso a dificuldade de acessibilidade que existe em alguns locais implicaria uma logística mais exigente e adaptada a cada circunstância (muitas vezes estas construções estão nos locais mais recombridos da Serra). Foi então, escolhido o território mais central da Serra do Caldeirão e com melhores acessos, onde se previa uma maior intensificação dos elementos a estudar. Para uma maior diversidade e rigor de amostragem, houve o cuidado de percorrer localidades de diversos concelhos. Pelo menos, aqueles que mais área integram na Serra do Caldeirão. As áreas pertencentes aos concelhos de Silves e Alcoutim não foram visitadas por estabelecerem áreas limítrofes, e por vezes, dúbias quanto à sua integração na Serra do Caldeirão.

Grande parte das construções visitadas estão muito degradadas, o que, desde logo, comprometia o rigor das medições e toda a análise das suas características originais (o trabalho também manteve sempre um forte compromisso com a segurança, de forma a evitar acidentes). As construções degradadas ou entretanto, modificadas ou adulteradas pelos seus proprietários com técnicas construtivas mais recentes foram também incluídas porque, em muitos casos, correspondem a construções mais antigas, revelando aspectos curiosos de outras épocas que foram incluídos na informação anteriormente redigida. As partes adulteradas não foram consideradas para o presente estudo.

Em cada povoação visitada houve a intenção inicial de fazer o levantamento de todas as construções elementares de planta circular. Mas nem sempre foi possível por integrarem propriedades

[97] Todas as fotografias deste subcapítulo são propriedade do autor.

[98] Serra Chã – território planáltico e menos acidentado da Serra do Caldeirão que se estende para norte e nordeste. Opõe-se ao território de Serra Brava que integra a cordilheira mais acidentada e de vegetação mais densa localizada para sul, confinando directamente com área do Barrocal algarvio. Informação obtida no decurso do percurso pedestre: Barranco do Velho – Rota da Água, em placares informativos.

privadas fechadas ou por impedimento do proprietário. Ainda assim, e quando possível, constam da catalogação, mas sem informações relevantes.

Ressalva-se, também, alguma margem para erro nas medidas apresentadas. Nomeadamente nos diâmetros das construções, que nem sempre são fáceis de aferir, dada a sua configuração e condicionamento no local. Os diâmetros interiores apresentam sempre um maior rigor, ao qual se deve acrescer a espessura da parede, para obter o diâmetro exterior total.

Para medição *in loco* foram utilizados um medidor a lazer e/ou fita métrica convencional. Como meios de deslocação, foram utilizados a bicicleta de montanha, na qual foram percorridos 1358.90 Km e um automóvel, no qual foram percorridos 807.42 Km.

4.1. FICHAS DE CATALOGAÇÃO E LEVANTAMENTO DE CONSTRUÇÕES DE PLANTA CIRCULAR

CONSTRUÇÕES DE PLANTA CIRCULAR - CONCELHO DE ALMODÔVAR

Freguesia de São Barnabé

Nº	Designação	Local	Diâmetro da construção	Tipo de material da parede	Tipo de revestimento da cobertura	Espessura da parede	Altura da parede	Nº de portas (altura/largura)	Nº de janelas (altura/ largura)	Altura máxima interior	Estado de conservação	Observações
1	Forno circular	Felizes	2.10 m (exterior)	Pedra de xisto/terra/ areia/cal	Telha cerâmica	?	1.90 m	1 (0.75 mx0.60 m)	Não tem	?	Razoável	Abertura a norte
2	Cabana circular	Felizes	4.10 m (exterior)	Pedra de xisto/terra	Telha cerâmica	0.60 m	2.80 m (máx.) 2.20 m (min.)	1 (1.10 mx0.90 m)	Não tem	?	Bom	Porta a sudoeste
3	Cabana circular	Felizes	4.30 m (exterior)	Pedra de xisto/terra/ cimento	Telha cerâmica	?	?	?	Não tem	?	Razoável	Cobertura de duas águas
4	Moinho de vento	Felizes	3.50 m (interior)	Pedra de xisto/argila /cal	?	1.26 m (base)	4.60 m (interior)	1 (1.78 mx0.90 m)	2 (?)	?	Mau	Porta a este (1 só piso)
5	Palheiro circular	Monte das Figueiras	3.60 m (exterior)	Pedra de xisto/terra	Palha de centeio (h=2.90 m)	0.55 m	1.80 m (máx.) 1.40 (min.)	1 (0.95 mx0.80 m)	Não tem	?	Bom	Porta a este (70 anos de idade)
6	Palheiro circular	Monte das Figueiras	4.00m (exterior)	Pedra de xisto/terra	Palha de centeio (h= 3.30 m)	0.45 m	1.90 m (máx.) 1.30 m (min.)	1 (1.05 mx0.80 m)	Não tem	3.70 m	Bom	Porta a este

1



2



3



4



5



6



Freguesia de São Barnabé

Nº	Designação	Local	Diâmetro da construção	Tipo de material da parede	Tipo de revestimento da cobertura	Espessura da parede	Altura da parede	Nº de portas (altura/largura)	Nº de janelas (altura/largura)	Altura máxima interior	Estado de conservação	Observações
7	Palheiro circular	Monte das Figueiras	4.50 m (exterior)	Pedra de xisto/terra	Não tem	0,50 m	2.15 m (máx.) 1.20 m (min.)	1 0.55 m (soleira) (1.05 mx0.68 m)	Não tem	?	Mau	Porta a este
8	Palheiro circular	Monte das Figueiras	3.60 m (interior)	Pedra de xisto/terra	Não tem	0.55 m	2.40 m (máx.) 1.80 m (mín.)	1 (1.15 mx0.65 m)	Não tem	?	Mau	Porta a este
9	Palheiro circular	Monte das Soeiras	3.80 m (exterior)	Pedra de xisto/terra	Palha de centeio	?	2.00 m	1 (1.50 mx0.85 m)	Não tem	?	Razoável	Porta a este
10	Moinho de vento	Monte das Soeiras	6.00 m (exterior)	Pedra de xisto/argila /cimento	Telha	?	4.60 m	1 (2.00 mx0.94 m)	2 (?)	?	Bom	Porta a este Janelas norte/sul

7



8



9



10



NOTA: Para o presente estudo foram visitadas na freguesia de São Barnabé, concelho de Almodôvar as seguintes localidades da Serra do Caldeirão: Almuinha, Atalaia, Cansados, Casinha, Felizes, Gavião, Moimentos, Monte das Figueiras, Monte das Soeiras, Pé de Boi e São Barnabé.

CONSTRUÇÕES DE PLANTA CIRCULAR - CONCELHO DE LOULÉ

Freguesia de Ameixial

Nº	Designação	Local	Diâmetro da construção	Tipo de material da parede	Tipo de revestimento da cobertura	Espessura da parede	Altura da parede	Nº de portas (altura/largura)	Nº de janelas (altura/ largura)	Altura máxima interior	Estado de conservação	Observações
11	Moinho de vento	Ameixial	5.20 m (exterior)	Pedra de xisto/argila	?	1.10 m (base)	4.50 m	1 (?x0.83 m)	?	?	Mau	Porta a nordeste
12	Moinho de vento	Ameixial	5.20 m (exterior)	Pedra de xisto/argila /cal	?	1.40 m (base)	4.70 m	1 (?x1.05 m)	?	?	Mau	Porta a nordeste
13	Moinho de vento	Ameixial	5.40 m (exterior)	Pedra de xisto/argila /cal	?	1.50 m (base)	4.60 m	1 (1.80 mx0.95 m)	1	?	Mau	Porta a norte
14	Moinho de vento	Besteiros	5.60 m (exterior)	Pedra de xisto/argila /cal	?	1.40 m (base)	5.00 m	1 (?)	2 (?)	?	Mau	Porta a nordeste Janelas norte/sul
15	Moinho de vento	Cavalos	3.72 m (interior)	Pedra de xisto/argila /argamassa de cimento	?	1.65 m (base)	5.60 m	1 (1.78 mx0.88 m)	3 (0.63 mx0.50 m/1º piso)	2.00 m (r/chão) 2.02 m (1ºpiso) ? (2ºpiso)	Mau	Porta a este 3 pisos Janelas a sul/sudeste e norte
16	Moinho de vento	Cavalos	5.60 m (exterior)	Pedra de xisto/argila /argamassa de cimento	Chapa zincada	? 0.49 m (até à porta)	5.10 m	1 (1.73 mx0.82 m)	2 (?)	**?**	Razoável	Porta a este Janelas norte/sul

11



12



13



14



15



16



Freguesia de Ameixial

Nº	Designação	Local	Diâmetro da construção	Tipo de material da parede	Tipo de revestimento da cobertura	Espessura da parede	Altura da parede	Nº de portas (altura/largura)	Nº de janelas (altura/largura)	Altura máxima interior	Estado de conservação	Observações
17	Cortelho circular	Cavalos	2.00 m (exterior)	Pedra de xisto/terra	Pedra de xisto/terra	0.20 m a 0.30 m	1.00 m	1 (0.40 mx0.47 m)	Não tem	0.78 m	Razoável	Porta a oeste
18	Palheiro circular	Cavalos	3.60 m (interior)	Pedra de xisto/terra	?	0.43 m	1.60 m (máx.) 0.90 m (mín.)	1 (0.90 mx0.70 m)	Não tem	?	Mau	Porta a sudoeste
19	Poço	Cavalos	2.90 m (exterior) 1.63 m (interior)	Pedra de xisto	Não tem	0.63 m	0.80 m (exterior) 2.10 (água)	Não tem	Não tem	?	Razoável	Interrupção no muro a sudoeste
20	Palheiro circular	Corte de Ouro	?	Pedra de xisto/terra	?	?	?	1 (?)	Não tem	?	Mau	Porta a norte
21	Palheiro circular	Corte de Ouro	4.90 m (exterior)	Pedra de xisto/terra	Palha de centeio	0.60 m	1,71 m	1 (1.16 mx0.84 m)	Não tem	?	Razoável	Porta a este
22	Eira	Corte de Ouro	10.50 m	–	–	–	–	–	–	–	Mau	Piso em terra batida

17



18



19



20



21



22



Freguesia de Ameixial

Nº	Designação	Local	Diâmetro da construção	Tipo de material da parede	Tipo de revestimento da cobertura	Espessura da parede	Altura da parede	Nº de portas (altura/largura)	Nº de janelas (altura/largura)	Altura máxima interior	Estado de conservação	Observações
23	Palheiro circular	Corte de Ouro	3.50 m (interior)	Pedra de xisto/terra	?	0.50m	1.40 m	1 (1.00 mx0.82 m)	Não tem	?	Mau	Porta a nordeste
24	Palheiro circular	Corte de Ouro	?	Pedra de xisto/terra	Palha de centeio em esteira	0.55 m	1.80 m	1 (1.10 mx0.84 m)	Não tem	?	Bom	Porta a nordeste
25	Moinho de vento	Corte de Ouro	4.80 m (exterior)	Pedra de xisto/argila /cal	?	1.10 m (base)	4.70 m	1 (1.60 mx0.87 m)	1 (?)	?	Mau	Porta a nordeste Janela a sul
26	Moinho de vento	Corte de Ouro	5.80 m (exterior)	Pedra de xisto/argila	?	?	5.10 m	1 (?)	1 (?)	?	Mau	Porta a nordeste e janela a sul
27	Poço	Corte João Marques	2.74 m (interior)	Pedra de xisto	?	0.50 m a 0.60 m	2.54 m (interior) 0.45 m (exterior)	_	_	?	Razoável	Para rega de horta
28	Cabana circular	Corte João Marques	3.80 m (exterior)	Pedra de xisto/terra	Telha cerâmica	0.52 m	2.35 m (máx.) 1.95 m (min.)	1 (1.10 mx0.85 m)	1 (0.82 mx0.70 m)	?	Bom	Porta a norte janela sudeste

23



24



25



26



27



28



Freguesia de Ameixial

Nº	Designação	Local	Diâmetro da construção	Tipo de material da parede	Tipo de revestimento da cobertura	Espessura da parede	Altura da parede	Nº de portas (altura/largura)	Nº de janelas (altura/largura)	Altura máxima interior	Estado de conservação	Observações
29	Eira	Corte João Marques	11.50m	–	–	–	0.90 m (máx.) 0.80 m (min.)	–	–	–	Mau	Piso em terra batida
30	Cortelho circular	Corte João Marques	3.06 m (exterior)	Pedra de xisto/terra	Pedra de xisto/terra (alt. 0.40m)	0.70 m	1.80 m	1 (0,80 mx0.55 m)	Não tem	1.60 m	Bom	Porta a este
31	Forno circular	Corte João Marques	2.40 m (exterior)	Pedra de xisto/terra/cal	Pedra de xisto/terra	?	1.80 m (máx.) 0.70 m (min.)	1 (?)	Não tem	?	Razoável	Porta a norte
32	Forno circular	Corte João Marques	2.20 m (exterior)	Pedra de xisto/terra	Pedra de xisto/terra (alt. 0.45m)	?	2.12 m (máx.) 0.85 m (min.)	1 (0.60 mx0.58 m)	Não tem	?	Mau	Porta a norte
33	Cortelho circular	Corte João Marques	2.30 m (exterior)	Pedra de xisto/terra	Pedra de xisto/terra (alt. 0.40m)	0.55 m	1.40 m	2 (0.77 mx0.48 m)	Não tem	?	Razoável	2 portas este/oeste
34	Poço	Corte Pinheiro	3.20 m (exterior) 2.25 m (interior)	Pedra de xisto/cal	Não tem	0.52 m	1.60 m (até à água) 0.40 m (exterior)	Não tem	Não tem	?	Razoável	Com água e interrupção no muro

29



30



31



32



33



34



Freguesia de Ameixial

Nº	Designação	Local	Diâmetro da construção	Tipo de material da parede	Tipo de revestimento da cobertura	Espessura da parede	Altura da parede	Nº de portas (altura/largura)	Nº de janelas (altura/ largura)	Altura máxima interior	Estado de conservação	Observações
35	Forno circular	Corte Pinheiro	3.15 m (exterior)	Pedra de xisto/terra	Pedra de xisto/terra	0.55 m (base)	1.60 m	1 (?)	Não tem	?	Mau	Porta a noroeste
36	Moinho de vento	Figueirinha	3.98 m (interior)	Pedra de xisto/argila /cimento/cal	Chapa zincada	1.64 m (base)	5.70 m	1 (1.82 mx0.96 m)	2 0.82 m x0.70 m (2º piso)	1.90 m (r/chão) (1ºpiso) 2.05 m (2ºpiso)	Razoável	Porta a este Janelas a norte/sudeste
37	Eira	Figueirinha	11.80 m	Pedra de xisto	_	0.50 m	_	_	_	_	Razoável	Piso em ladrilho cerâmico
38	Palheiro circular	Figueirinha	3.20 m (interior)	Pedra de xisto/terra	?	0.52 m	1.80 m	1 (1.60 mx0.78 m)	Não tem	?	Mau	Porta a norte
39	Moinho de vento	Figueirinha	3.30 m (interior)	Pedra de xisto/argila /cal	?	1.08 m (base)	4.40 m	1 (1.67 mx0.81 m)	2 (0.55 mx0.54 m)	1.66m (r/chão) 2.40 m (1ºpiso)	Mau	Porta a este Janelas norte/sul
40	Moinho de vento	Figueirinha	5.60 m (exterior)	Pedra de xisto/argila /cal	?	1.15 m (base)	4.35 m	1 (?x0.82 m)	1 (?)	?	Mau	Porta a este Janela a oeste

35



36



37



38



39



40



Freguesia de Ameixial

Nº	Designação	Local	Diâmetro da construção	Tipo de material da parede	Tipo de revestimento da cobertura	Espessura da parede	Altura da parede	Nº de portas (altura/largura)	Nº de janelas (altura/ largura)	Altura máxima interior	Estado de conservação	Observações
41	Moinho de vento	Figueirinha	5.70 m (exterior)	Pedra de xisto/argila /cal	?	1.60 m (base)	5.70 m	1 (1.80 mx0.80 m)	3 (?)	?	Mau	Porta a este Janelas norte/sul /Sudoeste
42	Forno circular	Figueirinha	2.40 m (exterior)	Pedra de xisto/terra/ cal	Pedra de xisto/terra/cimento	0.25 m	1.60 m	1 (0.55 mx0.42 m)	Não tem	?	Razoável	Porta a oeste
43	Forno circular	Figueirinha	3.20 m (exterior)	Pedra de xisto/terra/ cimento	Lajes de xisto/terra	0.35m	1.77 m	1 (0.54 mx0.50 m)	Não tem	?	Mau	Porta a noroeste
44	Forno circular	Matosa	2.80 m (exterior)	Pedra de xisto/terra/ areia/cal	Lajes de xistos/terra/ areia/cal	0.35 m	1.64 m	1 (0.59 mx0.48 m)	Não tem	?	Razoável	Porta a este
45	Malhão	Matosa	1.70 m	Pedra de xisto	_	_	1.12 m	_	_	_	Bom	Parece não concluído
46	Cabana circular	Portela	3.80 m (exterior)	Pedra de xisto/terra	Telha cerâmica	0.60 m	2.70 m	1 (1.70 mx0.90 m)	Não tem	?	Razoável	Porta a este

41



42



43



44



45



46



Freguesia de Ameixial

Nº	Designação	Local	Diâmetro da construção	Tipo de material da parede	Tipo de revestimento da cobertura	Espessura da parede	Altura da parede	Nº de portas (altura/largura)	Nº de janelas (altura/ largura)	Altura máxima interior	Estado de conservação	Observações
47	Moinho de vento	Silveira	2.80 m (interior)	Pedra de xisto/ argila	Não tem	1.45 m(base) 0.90 m(topo)	4.20 m (exterior)	1 (2.10 mx0.90 m	2	?	Mau	Porta a sudoeste
48	Eira	Vermelhos	11.80 m	–	–	–	–	–	–	–	Mau	Piso em terra batida
49	Cabana circular	Vermelhos	4.20 m (exterior)	Pedra de xisto/terra	?	0.65 m	2.50 m (máx.) 2.00 m (min,.)	1 (0.95 mx0.80 m)	1 (1.05 mx0.80 m)	?	Mau	Porta a este Janela a norte

47



48



49



NOTA: Para o presente estudo foram visitadas na freguesia de Ameixial, concelho de Loulé as seguintes localidades da Serra do Caldeirão: Aldeia Nova, Ameixial, Azinhal dos Mouros, Besteiros, Caldeirão, Cavalos, Corgas, Corte d'Ouro, Corte João Marques, Corte Pinheiro, Cortiçadas, Figueirinha, Matosa, Pereirinha, Pero d'Elvas, Pero Ponto, Revezes, Silveira, Vermelhos e Ximeno.

Freguesia de Salir

Nº	Designação	Local	Diâmetro da construção	Tipo de material da parede	Tipo de revestimento da cobertura	Espessura da parede	Altura da parede	Nº de portas (altura/largura)	Nº de janelas (altura/largura)	Altura máxima interior	Estado de conservação	Observações
50	Moinho de vento	Barranco do Velho	5.50 m (exterior)	Pedra de xisto/argila	Não tem	0.70 m (até à porta)	4.20 m (exterior)	? (?x1.00m)	?	?	Mau	Porta a este
51	Palheiro circular	Barranco do Velho	3.80 m (interior)	Pedra de xisto/terra	Não tem	0.55 m	1.30 m (exterior)	?	Não tem	?	Mau	Porta a norte
52	Palheiro circular	Barranco do Velho	4.30 m (interior)	Pedra de xisto/terra	Não tem	0.55 m	2.50 m (máx.) 0.80 m (min.)	1 (1.00 mx1.00 m)	Não tem	?	Mau	Porta a este
53	Palheiro circular	Barranco do Velho	?	Pedra de xisto/terra	Não tem	?	?	1 (?)	Não tem	?	Mau	Telhado com duas pendentes
54	Palheiro circular	Barranco do Velho	?	Pedra de xisto/terra	Não tem	?	?	1 (?)	Não tem	?	Mau	Telhado com duas pendentes
55	Moinho de vento	Cortelha	7.00 m (exterior)	Pedra de xisto/argila /cal	Zinco prata	Base 0.70 m (até à porta)	5.10 m (exterior)	1 (1.90 mx0.95 m)	2 (?)	?	Razoável	Porta a nordeste Janelas noroeste/sul

50



51



52



53



54



55



Freguesia de Salir

Nº	Designação	Local	Diâmetro da construção	Tipo de material da parede	Tipo de revestimento da cobertura	Espessura da parede	Altura da parede	Nº de portas (altura/largura)	Nº de janelas (altura/ largura)	Altura máxima interior	Estado de conservação	Observações
56	Palheiro circular	Cortelha	3.70 m (interior)	Pedra de xisto/terra	Não tem	0.55 m	1.35 m (exterior) 1.60 m (interior)	1 (1.00 mx0.70m)	Não tem	?	Mau	Porta a sul
57	Palheiro Circular	Cumeada	3.20 m (base interior)	Pedra de xisto/terra	Não tem	0.47 m	1.75 m (exterior) 2.00 m (interior)	Não tem	Não tem	?	Mau	Porta a este
58	Moinho de vento	Cumeada	6.10m (exterior)	Pedra de xisto/argila /cal	Chapa de zinco	0.42 m (até à porta)	4.70m	1 (1.80 mx0.82m)	1 (?)	?	Razoável	Porta a sul
59	Palheiro circular	Cumeada	4.20m (interior)	Pedra de xisto/terra	Palha de centeio (3.10m altura)	0.50m	2.00 m	1 (1.00mx0.70m)	Não tem	?	Bom	Porta a norte
60	Moinho de vento	Montes Novos	3.90m (interior)	Pedra de xisto/argila /cal	Não tem	1.50m	5.30m (exterior)	1 (1.80mx0.90m)	3 (?)	?	Mau	Porta a este
61	Palheiro circular	Vale Maria Dias	3.10 m (interior)	Pedra de xisto/terra	Não tem	0.60 m	1.20 m (exterior) 1.00 m (interior)	1 (?x0.70m)	Não tem	?	Mau	Porta a sul

56



57



58



59



60



61



Freguesia de Salir

Nº	Designação	Local	Diâmetro da construção	Tipo de material da parede	Tipo de revestimento da cobertura	Espessura da parede	Altura da parede	Nº de portas (altura/largura)	Nº de janelas (altura/ largura)	Altura máxima interior	Estado de conservação	Observações
62	Palheiro circular	Vale Maria Dias	?	Pedra de xisto/terra	Não tem	0.50 m	1.30 m (exterior)	1 (1.00 mx0.80 m)	Não tem	?	Mau	Porta a norte

62



NOTA: Para o presente estudo foram visitadas na freguesia de Salir, concelho de Loulé as seguintes localidades da Serra do Caldeirão: Barranco do Velho, Besteirinhos, Cabaça, Cortelha, Cortiçadas, Covão, Cumeada, Fornalha, Moita de Guerra, Montes Novos, Pero d'Elvas, Serrinho, Vale da Rosa, Vale Luís Neto, e Vale Maria Dias.

CONSTRUÇÕES DE PLANTA CIRCULAR - CONCELHO DE SÃO BRÁS DE ALPORTEL

Freguesia de São Brás de Alportel

Nº	Designação	Local	Diâmetro da construção	Tipo de material da parede	Tipo de revestimento da cobertura	Espessura da parede	Altura da parede	Nº de portas (altura/largura)	Nº de janelas (altura/ largura)	Altura máxima interior	Estado de conservação	Observações
63	Moinho de vento	Cabeça do Velho	3.20 m (interior)	Pedra de xisto/terra/ cal	Não tem	1.30 m (base) 0.90 m (topo)	3.20 m (exterior)	1 (1.60 mx0.80 m)	?	?	Mau	Porta a este
64	Moinho de vento	Cabeça do Velho	3.80 m (topo) 3.10 m (interior)	Pedra de xisto/terra	Não tem	1.58 m (base)	4.70 m (exterior)	1 (1.70 mx0.90 m)	2 (1.35 mx0.90 m)int.	1.80 m (r/chão)	Mau	Porta a oeste
65	Palheiro circular	Cabeça do Velho	3.30 m (interior)	Pedra de xisto/terra	Não tem Com 2 pendentes	0.65 m (base)	2.85 m (máx.) 1.40 m (mín.)	1 (0.80 mx0.80 m)	Não tem	?	Mau	Porta a este
66	Palheiro circular	Javali	3.40 m (interior)	Pedra de xisto/terra	Não tem	0.55 m	1.40 m (exterior)	1 (0.70 mx0.60 m)	Não tem	?	Mau	Porta a este
67	Palheiro circular	Javali	3.50 m (exterior)	Pedra de xisto/terra	Não tem	0.65 m	1.90 m	1 (0.90 mx0.60 m)	Não tem	?	Mau	Porta a norte

63



64



65



66



67



NOTA: Para o presente estudo foram visitadas na freguesia de São Brás de Alportel, concelho de São Brás de Alportel as seguintes localidades da Serra do Caldeirão: Cabanas, Cabeça do Velho, Cerro da Ursa, Javali, Lajes, Monte Capitães e Parises.

CONSTRUÇÕES DE PLANTA CIRCULAR - CONCELHO DE TAVIRA

Freguesia de Cachopo

Nº	Designação	Local	Diâmetro da construção	Tipo de material da parede	Tipo de revestimento da cobertura	Espessura da parede	Altura da parede	Nº de portas (altura/largura)	Nº de janelas (altura/ largura)	Altura máxima interior	Estado de conservação	Observações
68	Palheiro circular	Almarginho	3.30 m (interior)	Pedra de xisto/terra	? C/2 pendentes	0.60 m	2.60 m (max..) 1.50 m (min.)	1 (?)	Não tem	?	Mau	Porta a sul
69	Cabana circular	Cachopo	3.30 m (interior)	Pedra de xisto/terra	Telha cerâmica	0.55 m	2.30 m (máx.) 1.30 m (min.)	1 (1.50 mx0.85 m)	1 (0.70 mx1.30 m)	?	Mau	Porta a norte Janela a sueste
70	Cabana circular	Cachopo	3.40 m (interior)	Pedra de xisto/terra	?	0.65 m	2.10 m (máx.) 1.90 m (min.)	1 (1.20 mx0.80 m)	1 (0.60 mx1.20 m)	?	Mau	Porta a norte Janela a este
71	Cabana circular	Cachopo	3.30 m (interior)	Pedra de xisto/terra	Telha cerâmica	0.58 m	1.85 m (máx.) 1.80 m (mín.)	1 (1.30 mx0.65 m)	Não tem	?	Mau	Porta a nordeste
72	Cabana circular	Cachopo	3.80 m (interior)	Pedra de xisto/terra	Telha cerâmica	0.70 m	2.50 m (máx.) 1.90 m (mín.)	1 (1.05 mx0.80 m)	1 (1.30 mx0.80 m)	?	Mau	Janela a norte
73	Moinho de vento	Cachopo	6.00m (exterior)	Pedra de xisto/terra/ argila/cal	Palha de centeio	0.60 m (até à porta)	4.50 m	1 (1.70 mx1.05 m)	1	?	Razoável	Porta este Janela a oeste

68



69



70



71



72



73



Freguesia de Cachopo

Nº	Designação	Local	Diâmetro da construção	Tipo de material da parede	Tipo de revestimento da cobertura	Espessura da parede	Altura da parede	Nº de portas (altura/largura)	Nº de janelas (altura/largura)	Altura máxima interior	Estado de conservação	Observações
74	Moinho de vento	Cachopo	5.50 m (exterior)	Pedra de xisto/terra	?	0,90 m (meio)	4.30 m	1 (?x0.95 m)	?	?	Mau	Porta a este
75	Moinho de vento	Cachopo	4.50 m (exterior)	Pedra de xisto/terra	?	1,20 m (meio)	4.20 m	1 (?x0.80 m)	1 (?)	?	Mau	Porta a este
76	Moinho de vento	Cachopo	5.20 m (exterior)	Pedra de xisto/terra	?	1.10 m (base)	4.20 m	1 (1.55 mx1.00 m)	1 ?	?	Mau	Porta a este
77	Palheiro circular	Catraia	3.80 m (interior)	Pedra de xisto/terra	Não tem	0.55 m	1.80 m (máx.) 0.70 m (mín.)	1 (1.50 mx0.80 m)	Não tem	?	Mau	Porta a norte
78	Cabana circular	Catraia	4.50 m (exterior)	Pedra de xisto/terra/ cimento	Telha cerâmica	?	2.32 m (mín.) ? (máx.)	1 (1.65 mx0.90 m)	Foi fechada	?	Bom	Porta a norte
79	Moinho de vento	Catraia	2.65 m (interior)	Pedra de xisto/terra	?	1.30 m (base)	4.90 m 1.90 m (1º piso) 2.10 m(2º piso)	1 (1.70 mx0.90 m)	1 (?)	?	Mau	Porta a oeste

74



75



76



77



78



79



Freguesia de Cachopo

Nº	Designação	Local	Diâmetro da construção	Tipo de material da parede	Tipo de revestimento da cobertura	Espessura da parede	Altura da parede	Nº de portas (altura/largura)	Nº de janelas (altura/largura)	Altura máxima interior	Estado de conservação	Observações
80	Moinho de vento	Catraia	3.10 m (interior)	Pedra de xisto/terra	?	1.25 m (base)	4.60 m (2º pisos interiores)	1 (?)	1 (?)	?	Mau	Porta a oeste
81	Moinho de vento	Catraia	2.60 m (interior)	Pedra de xisto/terra/cal	?	1.25 m (base) 1.00 m (topo)	4.20 m	1 (1.65 mx0.85 m)	2 (1=0.50 mx0.50 m)	1.90 m (2º piso)	Mau	Porta a este
82	Moinho de vento	Catraia	2.60 m (interior)	Pedra de xisto/terra/cal	?	1.30 m (base)	4.20 m	1 (1.50 mx0.85 m)	2 (1=0.50 mx0.50 m)	1.90 m (2º piso)	Mau	Porta a este Janelas a norte/sul
83	Cabana circular	Feteira	4.10 m (exterior)	Pedra de xisto/terra	Telha cerâmica	0.55 m	1.50 m (min.) 3.30 m (máx.)	1 (1.15 mx0.73 m)	Não tem	?	Razoável	Porta sudoeste
84	Forno circular	Fonte do Corcho	2.30 m (exterior) 1.45 m (interior)	Pedra de xisto/argila Tijolos de burro (interior)	Telha fibro/cimento	0.20 m	1.90 m	1 (0.50 mx0.45 m)	Não tem	0.60 m	Bom	Porta a norte
85	Palheiro circular	Mealha	5.60m (interior)	Pedra de xisto/terra	?	0.56 m	1.90 m (exterior) 1.80 m (interior)	1 (1.48 mx1.00m)	Não tem	?	(Paredes boas)	Porta sudeste

80



81



82



83



84



85



Freguesia de Cachopo

Nº	Designação	Local	Diâmetro da construção	Tipo de material da parede	Tipo de revestimento da cobertura	Espessura da parede	Altura da parede	Nº de portas (altura/largura)	Nº de janelas (altura/ largura)	Altura máxima interior	Estado de conservação	Observações
86	Malhão	Mealha	1.35 m	Pedra de xisto/terra	–	–	1.70 m (pedras) 2.20 m (c/lata)	–	–	–	–	–
87	Malhão	Mealha	1.40 m	Pedra de xisto/terra	–	–	2.00 m (pedras) 2.65 m (estátua)	–	–	–	–	Topo com elemento esculpido
88	Palheiro circular	Mealha	3.80 m (exterior)	Pedra de xisto/terra	? 3.25 m (só tem os paus)	0.64 m	2.10 m (máx.) 1.50 m (min.)	1 (1.17 mx0.90 m)	Não tem	?	Razoável	Porta a sudeste
89	Palheiro circular	Mealha	5.00 m (exterior)	Pedra de xisto/terra	Palha de centeio	0.74 m	1.30 m	1 (0.95 mx0.90 m)	Não tem	?	Razoável	Porta a noroeste
90	Cabana circular	Mealha	3.44 m (interior)	Pedra de xisto/terra	Não tem	0.55 m	3.20 m (máx.) 1.50 m (mín.)	1 (0.98 mx0.85 m)	Não tem	?	Mau	Porta norte
91	Palheiro circular	Mealha	3.30m (interior)	Pedra de xisto/terra	Palha de centeio (3.10 m altura)	0.58 m	1.47 m	1 (1.20 mx0.93 m)	Não tem	?	Razoável	Porta norte

86



87



88



89



90



91



Freguesia de Cachopo

Nº	Designação	Local	Diâmetro da construção	Tipo de material da parede	Tipo de revestimento da cobertura	Espessura da parede	Altura da parede	Nº de portas (altura/largura)	Nº de janelas (altura/ largura)	Altura máxima interior	Estado de conservação	Observações
92	Palheiro circular	Mealha	3.63 m (interior)	Pedra de xisto/terra	Não tem	0,60 m	1.80 m	1 (?x0.64 m)	Não tem	?	Mau	Porta a norte
93	Cortelho circular	Mealha	2.00 m (exterior)	Pedra de xisto/terra	Terra/pedras/cal (h=0.60 m)	?	1.00 m	1 (?)	Não tem	?	Razoável	Porta a oeste
94	Palheiro circular	Mealha	4.00 m (exterior)	Pedra de xisto/terra	Centeio (h=3.20 m)	0.60 m	2.10 m (máx.) 0.80 m (mín.)	1 (1.00 mx0.90 m)	Não tem	?	Razoável	Porta a nordeste
95	Palheiro circular	Mealha	3.38 m (interior)	Pedra de xisto/terra	Não tem	0.58 m	2.00 m (máx.) 1.00 m (mín.)	1 (0.70 mx0.69 m)	Não tem	?	Mau	Porta a nordeste
96	Cortelho circular	Mealha	1.90 m (exterior)	Pedra de xisto/terra	Terra/cal	?	1.25 m	1 (?)	Não tem	?	Razoável	Porta a noroeste
97	Cabana circular	Mealha	4.60 m (exterior)	Pedra de xisto/terra	?	0.60 m	3.00 m (máx.) 1.80 m (min.)	1 (?)	Não tem	?	Mau	Porta este

92



93



94



95



96



97



Freguesia de Cachopo

Nº	Designação	Local	Diâmetro da construção	Tipo de material da parede	Tipo de revestimento da cobertura	Espessura da parede	Altura da parede	Nº de portas (altura/largura)	Nº de janelas (altura/ largura)	Altura máxima interior	Estado de conservação	Observações
98	Palheiro circular	Mealha	3.50 m (interior)	Pedra de xisto/terra	?	0.50 m	1.50 m	1 (?x0.80 m)	Não tem	?	Mau	Porta a sudeste
99	Palheiro circular	Mealha	?	Pedra de xisto/terra	Palha de centeio c/2 pend (h=3.30 m)	0.54 m	3.40 m (max.) 1.22 m (min.)	1 (1.00 mx0.77 m)	Não tem	?	Mau	Porta a norte
100	Palheiro circular	Mealha	3.10 m (interior)	Pedra de xisto/terra	Palha de centeio (h=3.20 m)	0.68 m	1.70 m (máx.) 1.60 m (min.)	1 (1.60 mx0.93 m)	Não tem	3.50 m	Bom	Porta a este mas não original
101	Palheiro circular	Mealha	2.96 m (interior)	Pedra de xisto/terra	Tela impermeabilizante (h=3.00 m)	0.60 m	1.75 m (máx.) 0.80 m (min.)	2 (1.62 mx0.84 m) (orig.0.88 mx0.72 m)	Não tem	3.90 m	Razoável	Porta norte/sul
102	Cabana circular	Mealha	4.60 m (exterior)	Pedra de xisto/terra/ cimento	Telha cerâmica	0.60 m	2.66 m (máx.) 1.64 m (min.)	1 (1.30 mx0.81 m)	1 (0.80 mx0.93 m)	?	Razoável	Porta e janela a este
103	Palheiro circular	Mealha	3.52m (interior)	Pedra de xisto/terra	?	0.52 m	1.62 m (máx.) 0.80 m (min.)	1 (0.94 mx0.76m)	Não tem	?	Mau	Porta noroeste

98



99



100



101



102



103



Freguesia de Cachopo

Nº	Designação	Local	Diâmetro da construção	Tipo de material da parede	Tipo de revestimento da cobertura	Espessura da parede	Altura da parede	Nº de portas (altura/largura)	Nº de janelas (altura/ largura)	Altura máxima interior	Estado de conservação	Observações
104	Palheiro circular	Mealha	4.00 m (interior)	Pedra de xisto/terra	?	0.58 m	2.60 m (máx.) 1.00 m (min.)	1 (0.87 mx0.72 m)	Não tem	?	Mau	Porta sudeste
105	Palheiro circular	Mealha	4.40 m (exterior)	Pedra de xisto/terra	Só com paus e canas	0.67 m	1.75 m (máx.) 1.47 m (min.)	1 (0.90 mx0.77 m)	Não tem	?	Razoável	Porta sudeste
106	Palheiro circular	Mealha	4.90 m (exterior)	Pedra de xisto/terra	Só com paus de eucalipto e loendro	0.58 m	1.80 m (máx.) 1.15 m (min.)	1 (1.10 mx0.97 m)	Não tem	?	Razoável	Porta a sul
107	Palheiro circular	Mealha	5.40 m (exterior)	Pedra de xisto/terra	?	0.57 m	1.70 m (máx.) 1.10 m (min.)	1 (0.95 mx0.82 m)	Não tem	?	Mau	Porta a sul
108	Palheiro circular	Mealha	4.70 m (exterior)	Pedra de xisto/terra	Palha de centeio (h=3.30 m)	0.52 m	2.20 m (máx.) 1.55 m (min.)	1 (1.10 mx0.87 m)	Não tem	?	Razoável	Porta a nordeste C/buqueirão
109	Palheiro circular	Mealha	5.00m (exterior)	Pedra de xisto/terra/ cimento	Palha de centeio (h=3.25 m)	0.58 m	1.90 m (máx.) 1.30 m (min.)	1 (1.17 mx0.90 m)	Não tem	?	Razoável	Porta a poente C/buqueirão

104



105



106



107



108



109



Freguesia de Cachopo

Nº	Designação	Local	Diâmetro da construção	Tipo de material da parede	Tipo de revestimento da cobertura	Espessura da parede	Altura da parede	Nº de portas (altura/largura)	Nº de janelas (altura/ largura)	Altura máxima interior	Estado de conservação	Observações
110	Palheiro circular	Mealha	?	Pedra de xisto/terra	Palha de centeio	?	?	1 (?)	Não tem	?	Mau	Porta a norte
111	Palheiro circular	Mealha	?	Pedra de xisto/terra	?	?	?	1 (?)	Não tem	?	Razoável	Porta a norte
112	Cabana circular	Mealha	?	Pedra de xisto/terra/ cimento	Telha nova	?	?	1 (?)	Não tem	?	Restaurado	Porta a sul
113	Forno circular	Medronheira	2.20 m (exterior)	Pedra de xisto/terra	Pedra de xisto/terra (h=0.40 m)	0.45 m	1.70 m	1 (?)	Não tem	?	Mau	Porta a oeste
114	Forno circular	Medronheira	2.20 m (exterior)	Pedra de xisto/terra	Pedra de xisto/terra (h=0.50 m)	0.50 m	1.60 m	1 (?)	Não tem	?	Mau	Porta a poente (interior c/tijoleira cerâmica)
115	Poço	Medronheira	2.20 m (exterior)	Forra em cimento	Não tem	?	?	Não tem	Não tem	?	Bom	Poço de abastecimento à povoação

110



111



112



113



114



115



Freguesia de Cachopo

Nº	Designação	Local	Diâmetro da construção	Tipo de material da parede	Tipo de revestimento da cobertura	Espessura da parede	Altura da parede	Nº de portas (altura/largura)	Nº de janelas (altura/ largura)	Altura máxima interior	Estado de conservação	Observações
116	Poço	Medronheira	1.10 m (interior)	Pedra de xisto	Não tem	0.50 m	Variável (1.20 m até à água)	Não tem	Não tem	?	Razoável	Acesso para a horta
117	Poço	Medronheira	2.90 m (interior)	Pedra de xisto	Não tem	0.70 m	0.40 m (1.00 m até à água)	Não tem	Não tem	?	Bom	Acesso nascente/ horta
118	Palheiro circular	Monte do Cravo	3.30 m (interior)	Pedra de xisto/terra	Palha de centeio (h=3.10 m)	0.60 m	2.30 m (máx.) 1.30 m (mín.)	1 (1.20 mx0.60 m)	Não tem	?	Mau	Porta a norte
119	Palheiro circular	Monte do Cravo	4.20 m (interior)	Pedra de xisto/terra	?	0.65 m	2.10 m (máx.) 0.70 m (mín.)	1 (1.10 mx0.67 m)	Não tem	?	Mau	Porta a norte
120	Cabana circular	Monte do Cravo	3.80 m (exterior)	Pedra de xisto/terra	Telha cerâmica	0.60 m	2.70 m (máx.) 2.50 m (min.)	1 (1.69 mx0.92 m)	Não tem	?	Mau	Porta a noroeste
121	Palheiro circular	Monte do Cravo	5.60 m (exterior)	Pedra de xisto/terra	?	0.70 m	1.95 m	1 (0.90 mx0.70m)	Não tem	?	Mau	Porta sudeste

116



117



118



119



120



121



Freguesia de Cachopo

Nº	Designação	Local	Diâmetro da construção	Tipo de material da parede	Tipo de revestimento da cobertura	Espessura da parede	Altura da parede	Nº de portas (altura/largura)	Nº de janelas (altura/largura)	Altura máxima interior	Estado de conservação	Observações
122	Palheiro circular	Navalha	3.90 m (exterior)	Pedra de xisto/terra	?	0.50 m	1.60 m (máx.) 0.70 m (mín.)	1 (?)	Não tem	?	Mau	Porta a este
123	Palheiro circular	Navalha	3.00 m (interior)	Pedra de xisto/terra	?	0.60 m	1.75 m	1 (1.50 mx0.70 m)	Não tem	?	Mau	Pota a este
124	Cabana circular	Redonda	4.60 m (exterior)	Pedra de xisto/terra	Telha cerâmica	?	2.70 m (máx.)	1 (?)	Não tem	?	Razoável	Porta a este
125	Palheiro circular	Redonda	4.40 m (exterior)	Pedra de xisto/terra	?	0.60 m	1.10 m (máx.) 0.20 m (mín.)	1 (1.00 mx0.75 m)	Não tem	?	Mau	Porta a este
126	Cabana circular	Redonda	3.80 m (exterior)	? Com reboco cimento	Telha cerâmica	0.55 m	3.15 m (máx.) 2.00 m (mín.)	1 (1.70 mx1.00 m)	Não tem	?	Resta urado	Porta a norte
127	Palheiro circular	Vale João Farto	?	?	?	?	2.40 m (máx.) 2.10 m (mín.)	1 (0.85 mx0.80m)	1	?	Mau	Porta a este

122



123



124



125



126



127



Freguesia de Cachopo

Nº	Designação	Local	Diâmetro da construção	Tipo de material da parede	Tipo de revestimento da cobertura	Espessura da parede	Altura da parede	Nº de portas (altura/largura)	Nº de janelas (altura/ largura)	Altura máxima interior	Estado de conservação	Observações
128	Cortelho circular	Vale João Farto	1.80 m (exterior)	Pedra de xisto/terra	Pedra de xisto/terra	?	1.97m	1 (?)	Não tem	?	Razoável	Porta a norte
129	Cabana circular	Vale João Farto	3.70 m (exterior)	Pedra de xisto/terra/ tijolo cerâmico	Telha cerâmica	0.60 m	?	1 (?)	1 (?)	?	Razoável	Porta a este e janela a norte

128



129



NOTA: Para o presente estudo foram visitadas na freguesia de Cachopo, concelho de Tavira as seguintes localidades da Serra do Caldeirão: Almarginho, Cachopo, Castelão, Catraia, Corte João Velho, Currais, Estragamanténs, Feiteira, Fonte do Corcho, Mealha, Medronheiro, Monte do Cravo, Monte da Ribeira, Navalha, Pero Chumaço, Redonda e Vale João Farto.

SEGUNDA PARTE

OPERAÇÃO URBANISTICA

5 .

LOCAL DE INTERVENÇÃO – BARRANCO DO VELHO

O presente capítulo, dedica-se ao estudo do local onde se tenciona intervir e à área envolvente no que diz respeito ao núcleo urbano que integrará, mais concretamente à localidade do Barranco do Velho, na freguesia de Salir e no concelho de Loulé.



Figura 136. Vista sul e enquadramento na encosta da aldeia. (Barranco Velho – Salir)

Fonte: O Autor.



Figura 137. Uma das entradas na aldeia. (Barranco Velho – Salir)

Fonte: O Autor.

No presente estudo considera-se uma observação atenta aos fenómenos naturais e humanos, a um conjunto de factores e particularidades que poderão despertar reacções dentro do mundo existente; natural, urbano e demográfico. Numa tentativa de encontrar a resposta e as premissas para desenvolver um projecto de um empreendimento de turismo em espaço rural, na tipologia de refúgios de turismo cultural e de natureza, que integre harmoniosamente o local.

Não foi encontrada muita bibliografia que esmiuçasse informação sobre a aldeia, apenas um estudo protagonizado em 1932, por Mariana Amélia Machado Santos, enquanto estudante da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, no entanto apesar da idade, considera-se um importante documento que nos dá uma descrição cuidada de uma outra época e ajuda a complementar uma abordagem actual. Enfim, pouca mas de relevante qualidade para a investigação.

Não sendo sede de freguesia perde todo um estatuto de interesse, histórico, cultural, económico e social, ainda para mais, integrando uma área interior da Serra do Caldeirão. A sua importância no âmbito do concelho de Loulé, não é mais que um fragmento que compactua da identidade endossada ao

conjunto de tantas outras pequenas povoações que constituem a Serra e genericamente lhe conferem a mesma imagem e descrição.



Figura 138. Vista poente da aldeia. (Barranco Velho – Salir)

Fonte: O Autor.



Figura 139. Vista interior da aldeia. (Barranco Velho – Salir)

Fonte: O Autor.

Relativamente às construções circulares, também a povoação do Barranco do Velho é pontuada por estas singulares edificações. No Serro das Eiras, um dos pontos mais altos a sul e mais expostos aos ventos predominantes, tal como o nome indica, podemos encontrar inúmeras eiras circulares dos habitantes locais. A norte, no ponto mais alto encontram-se vestígios de um moinho de vento, que foi incorporado na estação de abastecimento de água. Os poços e os palheiros circulares são elementos que se podem encontrar na periferia da malha urbana da pequena aldeia.

5.1. IDENTIDADE

Não foi possível descobrir, com certeza, a origem do nome "Barranco do Velho", aliás considera-se estranha a designação, dado que a povoação encontra a sua localização no alto de um monte, contrariamente ao significado do termo, barranco. A palavra barranco, de origem pré-romana, significa[99]; sulco feito no solo pelas enxurradas, o termo é também utilizado pela população da Serra para designar uma pequena linha de água localizada num profundo vale ou à generalidade das ribeiras que compõem o vasto sistema montanhoso. No entanto esta é uma constatação actual, que nada impede que a origem da localidade não provenha de um dos barrancos da circunvalação. Relativamente ao termo, velho, a memória popular remete para um princípio primitivo onde um homem muito idoso habitara o lugar.

[99] PERFEITO, Abílio Alves Bonito [et al.] – *Dicionário da Língua Portuguesa 2011*. Porto: Porto Editora, 2010, p. 216.

Sabe-se contudo, que o local já há muito deve ser ocupado, porque num serro adjacente, designado de Serro das Pedras, foram encontrados vestígios de civilizações neolíticas (dois menires, adornos de osso e xisto).[100]

Em plena Serra do Caldeirão a aldeia do Barranco do Velho, destaca-se pelo cheiro da terra e pela brisa fresca repleta de oxigénio proveniente da floresta, aqui mais que abundante, adocicada pelo aroma das flores. Terra de cortiça que evidencia logo num primeiro olhar, toda a sua riqueza num casario muito diversificado de onde sobressai com alguma frequência um ou outro edifício de tamanho ou elegância que indiciam a casa de um lavrador. O local marca também a diferenciação no clima, para quem se entranha na Serra uma temperatura mais fresca, brisa constante e humidade mais abundante, para quem desce para o barrocal um clima mais ameno com temperaturas mais elevados e menor humidade. Os ventos predominantes são do quadrante norte, na estação fria os ventos de sul, são normalmente sinónimo de aguaceiros nas terras altas.



Figura 140. O sobreiro é a árvore predominante nas encostas da aldeia. (Barranco Velho – Salir)

Fonte: O Autor.



Figura 141. Na malha urbana é possível observar diversos tipos de casa do lavrador. (Barranco Velho – Salir)

Fonte: O Autor.

Uma aldeia marcada pelo espaço onde tudo parece desafogado, as ruas estreitas surgem apenas muito reprimidamente no núcleo urbano mais antigo, mas por escassos metros. Por outro lado o sossego e a tranquilidade marcam o local, num excelente revigorante para o stress de outras paragens.

Nos anos 1980/90 nos meses de Junho, Julho e Agosto, a povoação marcava a entrada no Algarve para milhares de portugueses que se deslocavam do centro e do norte de Portugal para umas férias desejadas, depois de um ano de intenso trabalho. O Barranco do Velho estabelecia paragem quase

[100] SANTOS, Mariana Amélia Machado – *O Barranco do Velho.Tentativa de estudo duma pequena região portuguesa.* Coimbra: Coimbra Editora, 1932, p. 6-7.

obrigatória para respirar, depois de uma longa viagem pela Estrada Nacional nº2 (Chaves-Faro), anunciando o cenário paradisíaco de belas praias de água quente.

5.2. LOCALIZAÇÃO

Dista a 30 km a Norte da sede do distrito de Faro, com as seguintes coordenadas: N 37º 14' 31.1"/ W 7º 56' 19,6".

Embora localizada já em plena Serra do Caldeirão, a aldeia do Barranco do Velho representa para muitos o pórtico de entrada na Serra para quem vem do Algarve litoral. No entanto a ascensão à Serra já fora iniciada para quem vem de Sul dez quilómetros (aproximadamente) antes, na povoação do Alportel ou por outro troço em Querença, por estradas que contornam a sinuosidade dos montes sem receios, adoçando a contemplação e revelando uma pequena parte da beleza natural onde se insere e para onde encaminha. Existem outras entradas na Serra no entanto parecem não assumir tão grande importância, quanto aquela que se implementa pela Estrada Nacional nº2 (EN2).



Figura 142. A amabilidade de receber está sempre expressa nas gentes da serra.

Fonte: O Autor.



Figura 143. Vista sobre a Serra do Caldeirão na periferia da aldeia do Barranco do Velho.

Fonte: O Autor.

Deduz-se que a aldeia aglomera-se numa primeira fase, num pódio natural a meia encosta orientada a sul, depois propaga-se e expande-se ao longo da EN2 e numa terceira e última fase pela Estrada Nacional nº124 (EN124). Estas importantes vias de comunicação estabelecem o seu principal elemento regulador. A localização numa encruzilhada estratégica define o encontro de quem vêm e

estabelece rumo para quem vai para importantes centros urbanos do Algarve (Faro, São Brás de Alportel, Tavira, Loulé, Silves) e do Alentejo (Almodôvar, Beja, Castro Verde). A aldeia é ainda ponto importante no percurso de quem ocasionalmente percorre o país por estradas menos movimentadas e classificadas de Património Nacional. Por tudo isto a aldeia do Barranco do Velho garante um dinamismo e um desenvolvimento no tempo que sobressai relativamente a outras localidades da Serra.

Localizada a uma atitude de 500 m do nível médio das águas no mar, impõe-se num ponto alto, estendendo-se pelas vertentes orientadas a Nascente e Sul, onde se observa orgulhosamente um profundo vale, repleto de sobreiros de uma riqueza incalculável, dialogando à distância com a sede da freguesia, Salir.

A aldeia dispersa-se por entre a vegetação numa integração harmoniosa e num respeito mútuo, tornando-se uma esplêndida estância de repouso, onde não pode haver lugar à preguiça. As caminhadas são proveitosas na contemplação da paisagem e de toda uma fauna que cruza com frequência os caminhos, tais como os pintassilgos, os melros, os pardais, as cotovias, o cuco, as perdizes, os coelhos, as lebres, as raposas, as lagartixas, entre muitos outros.



Figura 144. Os caminhos nas imediações são de uma paisagem única. (Barranco Velho – Salir)

Fonte: O Autor.



Figura 145. As aves são frequentemente observáveis. (Barranco Velho – Salir)

Fonte: O Autor.

5.3. DEMOGRAFIA, POPULAÇÃO RESIDENTE E VISITANTES

A população em permanência na aldeia deverá em pouco ultrapassar a meia centena de pessoas, distribuídas por trinta e três habitações. A população activa fixa uma pequena parcela, evidenciando maioritariamente o grupo de pessoas em idade de reforma, que quase atingem as três dezenas.

A população activa, na sua grande maioria trabalha noutros pontos da região do Algarve, promovendo

pela aldeia, durante os dias úteis uma imagem desértica, onde apenas os idosos deambulam nas ruas ou agrupam-se à sombra e em pátios a conversar e a rever vidas passadas. É curiosa a hospitalidade e a entreajuda destas gentes, muito habituada diariamente a contactar com pessoas de outras regiões.

Com casa em condições habitáveis no Barranco do Velho existem mais dez famílias que pontualmente passam curtos períodos de tempo (fim-de-semana ou férias).

A aldeia garante aproximadamente trinta postos de trabalho, onde a mão-de-obra em parte vêm de aldeias ou povoações próximas.

Localizada num ponto estratégico relativamente a diversas estradas, impõe-se com forte afluência de visitantes que exploram o interior do Algarve desconhecido. Os visitantes são na sua grande maioria turistas britânicos, holandeses e alemãs ou portugueses em viagem ou a praticar desporto onde os pontos de maior afluência são o restaurante e café "A Ti Bia", o snack-bar "Ponto de Encontro", a igreja "Nossa Senhora da Conceição", o Parque Temático da Serra do Caldeirão e a estação de Biodiversidade do Barranco do Velho.



Figura 146. Cruzamento da Estrada Nacional nº2 com a Estrada Nacional nº124, principal local de concentração de pessoas. (Barranco Velho – Salir)

Fonte: O Autor.



Figura 147. Estabelecimento mais activo dentro da aldeia. (Barranco Velho – Salir)

Fonte: O Autor.

Curiosamente durante o levantamento de informação e inquerição no local não foi detectada a presença de crianças inseridas na população residente, soubesse contudo da existência de três ou quatro e outras tantas que afluem à aldeia com famílias que mantém residência ocasional.

5.4. ESPAÇO URBANO

O espaço urbano da aldeia do Barranco do Velho deve-se considerar com limites pouco definidos e

repartido por seis núcleos distribuídos, por áreas mais ou menos abrangentes, onde o seu desenvolvimento está inteiramente relacionado com fenómenos naturais (disponibilidade das áreas com relevo menos acidentado e zonas mais protegidas aos ventos frios de nortada), com as infra-estruturas que as acedem ou atravessam, naturalmente com a estrutura fundiária onde assenta e fonte económica que os promove. A uma altitude mais baixa, inserido num denso sobreiral e relativamente distante da EN2, encontra-se o núcleo fundador, o velho Barranco,[101] terá sido aqui que a povoação inicialmente mais se densificou. O acesso é realizado por um caminho pavimentado que termina logo que o contacta, em seguida um emaranhado de pequenas e estreitas ruelas estabelecem o acesso a uma série de habitações maioritariamente térreas, com telhados de uma ou duas pendentes, caiadas pelo interior e pelo exterior, de portas baixas e janelas pequenas e na sua maioria degradadas. Este núcleo é aquele que está mais comprimido, subordinado a uma área de relevo menos acidentado a meia encosta do monte. Existe aqui a casa do lavrador mais desafogada e facilmente reconhecível pelos telhados de quatro águas e a pequena casa vernacular amontoada e forçada a gerir o pequeno espaço.



Figura 148. As ruas estreitas do núcleo fundador da aldeia. (Barranco Velho – Salir)

Fonte: O Autor.



Figura 149. Vista geral do núcleo fundador. (Barranco Velho – Salir)

Fonte: O Autor.

Em 1944, depois de significativos melhoramentos e construção de vários troços a EN2 adquire o estatuto de uma das mais importantes estradas de Portugal, percorrendo o país de Norte a Sul pelo interior, visando a modernização e dinamização num momento que automóvel era cada vez mais utilizado. Esta estrada construída em 1878, estabelecia numa face inicial uma ligação muito limitada entre Faro e Castro Verde, num pavimento empedrado.[102] A população recorda como a aldeia e outras tantas localidades vieram naturalmente beneficiar desta importante obra de comunicação, aliás segundo

[101] Velho Barranco – termo designado ao núcleo urbano provavelmente mais antigo e denso. SANTOS, Mariana Amélia Machado – *O Barranco do Velho. Tentativa de estudo duma pequena região portuguesa.* Coimbra: Coimbra Editora, 1932, p. 18.

[102] SANTOS, Mariana Amélia Machado – *O Barranco do Velho. Tentativa de estudo duma pequena região portuguesa.* Coimbra: Coimbra Editora, 1932, p. 17.

Henrique Guerreiro[103], o Barranco do Velho integra na época uma das mais importantes estações rodoviárias a Sul do país, mediante a sua localização estratégica, movimentado diariamente largas quantidades de pessoas.

A aldeia, junto da estrada, próximo do cruzamento que direccionava para os mais importantes centros urbanos algarvios (Faro e Silves) e a nascente do núcleo fundador, começa a ganhar expressão no crescimento de outro núcleo urbano, que até então estava muito reprimido. Para este impulso, também muito contribuiu a construção do edifício da Junta Autónoma de Estradas para apoio à manutenção da Estrada Nacional, durante a sua beneficiação. Ainda hoje este constitui a área urbana de maior expressão da aldeia, e a maior densificação habitacional. Também aqui e à semelhança do local onde surgiu a aldeia, os edifícios de piso térreo predominam perante aqueles que têm dois pisos, no entanto por espaços públicos mais abertos, onde se mesclam edificações ricas e pobres, bem conservadas e degradadas.

Ainda na época que a Estrada Nacional assume toda uma importância é protagonizado no ponto mais alto do monte e curiosamente nas proximidades de outro cruzamento importante (Tavira, Beja), por pessoas mais abastadas, uma série de edifícios bem projectados que viriam a enobrecer a aldeia. Uma igreja (Igreja de Nossa Senhora da Conceição), duas grandes casas de lavradores, uma residencial e uma estação de abastecimento de automóveis. Ainda hoje podem ser observados no local estes edifícios, todos eles em boas condições, onde apenas a estação de serviço desapareceu. Edifícios bem concebidos de dois pisos, utilizando materiais nobres e com arranjos exteriores.



Figura 150. Igreja de Nossa Senhora da Conceição. (Barranco Velho – Salir)

Fonte: O Autor.



Figura 151. Uma das casas de lavrador mais emblemáticas. (Barranco Velho – Salir)

Fonte: O Autor.

A partir daqui a aldeia desenvolve-se sem planeamento para Sul, Este e Nordeste por núcleos pouco definidos e por edificação modesta e dispersa, onde predomina a arquitectura popular improvisada, que articula materiais tradicionais e locais com industriais, e onde predomina apenas o piso

[103] Henrique Guerreiro – proprietário da residencial/restaurante/café "A Ti Bia". Um dos estabelecimentos com maior sucesso na aldeia do Barranco do Velho.

térreo. As estradas nacionais integram a aldeia como avenidas que revelam o aparente urbano e o social da população.

Um dos edifícios mais recentes (excluindo pontualmente alguma habitação) é o Centro Comunitário de Nossa Senhora da Conceição, inaugurado em 2004; uma instituição que presta apoio a pessoas idosas e zela pelos mais desfavorecidos. Localizado no estremo Nordeste da aldeia, é aquele que expressa maior área de ocupação por razões naturalmente inerentes à sua função. Preserva a cércea predominante (1 piso) e dinamiza para além de outros edifícios comerciais a aldeia do Barranco do Velho.

5.5. COMUNICAÇÕES

Conforme anteriormente referido os acessos à aldeia do Barranco do Velho são estabelecidos essencialmente pela EN2 e pela EN124, que não esgotam as possibilidades de proveniência nem destino. A partir destas saem caminhos pavimentados ou em terra batida que encaminham aos pontos mais recatados da aldeia. Depois todo um emaranhado de caminhos pedonais fornece o acesso à parte antiga ou então ao espaço das hortas, da fonte, do quintal e da instalação dos animais domésticos.

É interessante a rede de caminhos seculares ladeados por muros de pedra solta, dotada de deslumbrantes encruzilhadas por entre a mata e os sobreiros de sombras reconfortantes de abrigam uma diversificada fauna e flora.



Figura 152. Estrada Nacional nº2 na entrada da aldeia. (Barranco Velho – Salir)

Fonte: O Autor.



Figura 153. Caminhos secundários na envolvente. (Barranco Velho – Salir)

Fonte: O Autor.

5.6. ECONOMIA LOCAL

Continua a ser a silvicultura uma das grandes bases no impulso económico, nomeadamente a exploração

dos montados, onde a extracção da cortiça com distinção da melhor do mundo, constitui uma das principais fontes de rendimento local. Constitui emprego sazonal (Junho, Julho) para muitos homens que se distribuem pelas cercanias da Serra, num trabalho exigente, desde a tiragem da cortiça nos sobreiros e sobreiras (árvore maior), passando pelo carreiro e concluindo no empilhamento cuidadoso próxima da casa do proprietário. A partir do mês de Agosto é possível observar inúmeras, grandes e boas pilhas de cortiça no Barranco do Velho, prontas para vender a industriais, que ocorrem pontualmente ao local na esperança de realizar bons negócios e adquirir bom produto. O medronheiro constitui também outra fonte de rendimento, neste caso para os mais desfavorecidos. De Outubro a Novembro a apanha do medronho e respectiva entrega nas destilarias, traduz-se na produção de uma excelente aguardente e o incremento de um rendimento extra no orçamento de muitas famílias.[104]

Os estabelecimentos de alojamento turístico e comerciais são outra forte componente económica, que estimulam algum emprego e por outro lado, garantem paragem de pessoas, promovendo turisticamente a aldeia e a Serra do Caldeirão. Destaque para a residencial/restaurante/café "A Ti Bia", o snack-bar "Ponto de Encontro", o estabelecimento de turismo rural "Casa das Fontes", o estabelecimento comercial "Lojinha de Artesanato da Serra".

Também contribuindo para a economia local, mas de uma forma indirecta, podem ser mencionadas instituições de carácter público como a Associação de Produtores Florestais da Serra do Caldeirão e o Centro Comunitário de Nossa Senhora da Conceição ou de carácter privado como a Associação de Caça de Barranco do Velho, o Club Motard e a carpintaria do Barranco do Velho.

Apesar de não parecer muita a dinâmica em torno da vivacidade económica, certo é que constituem dentro da generalidade das povoações da Serra do Caldeirão uma das mais beneficiadas.



Figura 154. Centro Comunitário de Nossa Senhora da Conceição. (Barranco Velho – Salir)

Fonte: O Autor.



Figura 155. Snack-bar "Ponto de Encontro". (Barranco Velho – Salir)

Fonte: O Autor.

[104] SANTOS, Mariana Amélia Machado – *O Barranco do Velho. Tentativa de estudo duma pequena região portuguesa.* Coimbra: Coimbra Editora, 1932, p. 11.

5.7. QUALIDADE DE VIDA

Se as infra-estruturas nestas localidades da Serra não estabelecem qualidade de vida, o contacto com a natureza, a tranquilidade e a distância da poluição dos grandes centros urbanos, certamente estabelecem um forte argumento, para uma visita mais demorada ou umas pequenas férias. A saúde mental e física neste tipo de espaço ganham anos de vida.

5.8. TRANSFORMAÇÕES RELEVANTES

Como a aldeia se insere numa região interior com fraca apetência e movimentação de pessoas, uma captação de investimento medíocre e distanciada de interesses económicos ou imobiliários, os fenómenos ocorrem lentamente, dando tempo de adaptação ou pelo contrário morrem sem induzir impacto. Note-se por exemplo um caso concreto: a autarquia tentou dinamizar a aldeia através da construção de um parque temático que daria a conhecer às pessoas as principais actividades económicas da região. Como não houve uma divulgação e uma promoção de toda a região, as pessoas não encontravam argumentos válidos para se deslocar apenas por um parque temático que viriam em duas horas. Logo não aumentou o fluxo de pessoas e o parque temático ficou ao abandono.

Outro aspecto curioso é a existência de seis fontes com nascente natural, onde apenas duas estão inseridas em espaço urbano. Normalmente estes elementos importantes na subsistência das pessoas, têm tendência a integrar o espaço urbano quando existem expansões, nomeadamente antes de existir rede pública de abastecimento de água. Neste caso em concreto a expansão privilegiou uma aproximação a uma via de comunicação em deferimento de encurtar distância ou mesmo a envolvência de um elemento sempre importante, independente da época.



Figura 156. Fonte do Chafariz. (Barranco Velho – Salir)
Fonte: O Autor.



Figura 157. Fonte da Catraia. (Barranco Velho – Salir)
Fonte: O Autor.

Nota-se que as principais transformações no espaço urbano estão normalmente relacionadas com o melhoramento, embora que muito reservado, de um negócio que tem progredido no tempo. Por exemplo expansão e melhoramento do espaço em volta da residencial/restaurante/café "A Ti Bia" e requalificação de uma antiga casa de lavrador com cerca adjacente para incorporarem um alojamento de turismos rural, "Casa das Fontes". Fora disto, a revitalização ou transformação do espaço é muito tímida subjacente a uma mera manutenção, reabilitação ou melhoramento das habitações existentes e no seu relacionamento com o espaço publico.

5.9. DIAGNÓSTICO E CRÍTICA GERAL

Barranco do Velho é um assentamento urbano da Serra do Caldeirão que privilegia de uma localização estratégica, tanto pelas vias de comunicação que a atravessam e implementam uma ágil movimentação para qualquer ponto do Algarve e Alentejo. Esta representa uma das melhores portas de entrada na Serra. Além do mais a aldeia estabelece uma fisionomia que integra a paisagem de uma forma muita harmoniosa, incutindo em certos pontos um equilíbrio quase cortante.

Considera-se um local muito aprazível ao investimento e ideal para acolher um projecto que vise a valorização e dinamização de uma Serra muito rica em paisagens naturais, em história milenar, em património edificado e gastronomia. Um local que valoriza qualquer projecto de investimento ligado ao património e o turismo cultural e natural.

5.10. ANÁLISE DO LOCAL DE INTERVENÇÃO

O local de intervenção integra uma vasta área com 13,40 Ha, inserida no espaço urbano da aldeia do Barranco do Velho, isenta de edificações e de rara vegetação, dado que já foi alvo de uma escavação para nivelamento de uma área central, no intuito de acolher vastas pilhas de cortiças. Orientado para Sudeste e Sudoeste, num dos pontos mais altos da aldeia, dispõe-se em anfiteatro numa localização bastante protegida dos ventos predominantes de Norte (gélidos e desconfortáveis). Implantando-se numa das zonas mais emblemáticas da aldeia, com proveitosa vista sobre um dos cruzamentos da EN2 com a EN124. Uma das zonas mais movimentadas economicamente e de paragem para muitos automobilistas. Próximo também da igreja de Nossa Senhora da Conceição e da sua mata de ciprestes verdejantes, na orientação Sudoeste.



Figura 158. Vista norte do terreno que serve de base ao projecto a desenvolver no âmbito da dissertação. (Barranco Velho – Salir)

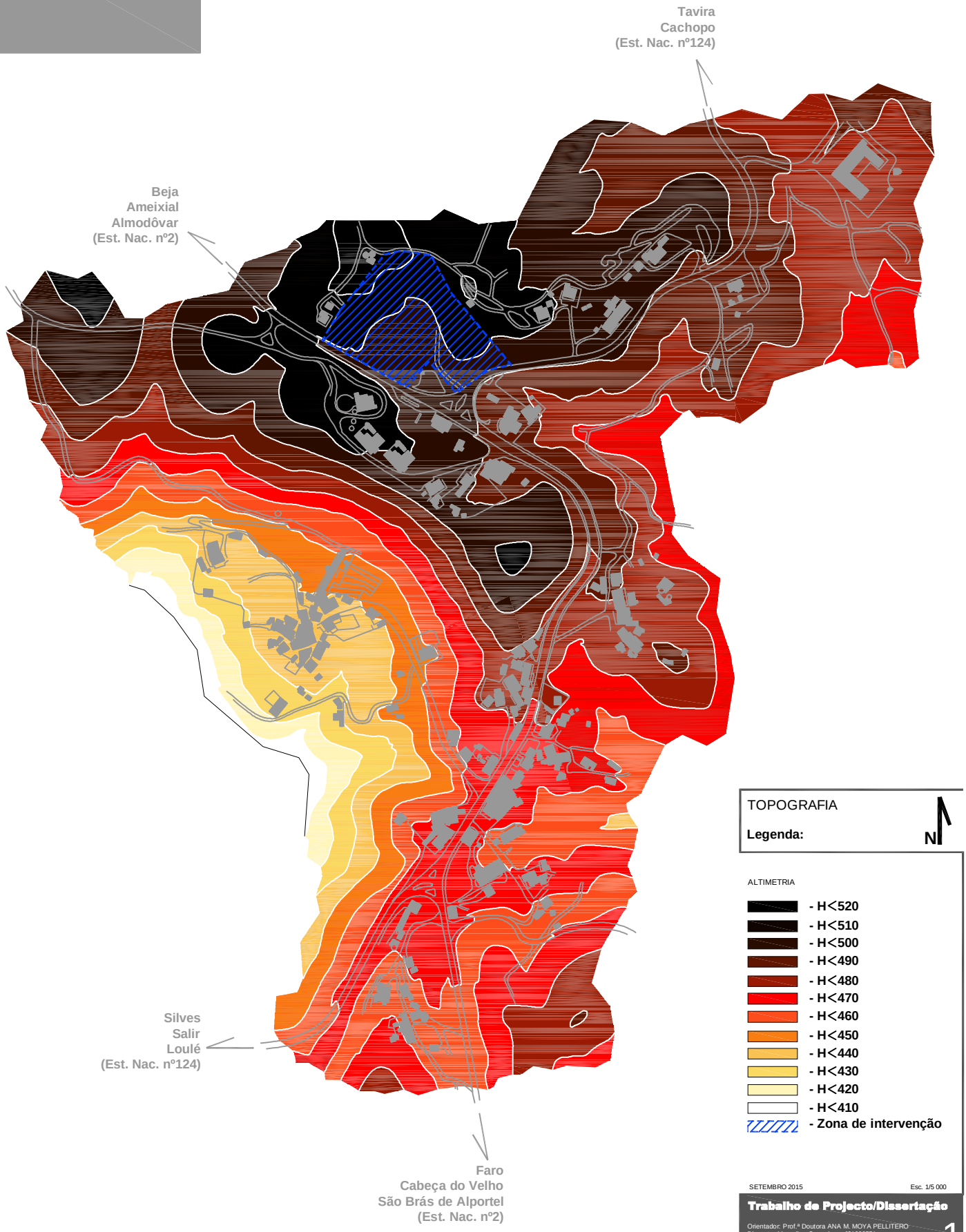
Fonte: O Autor.

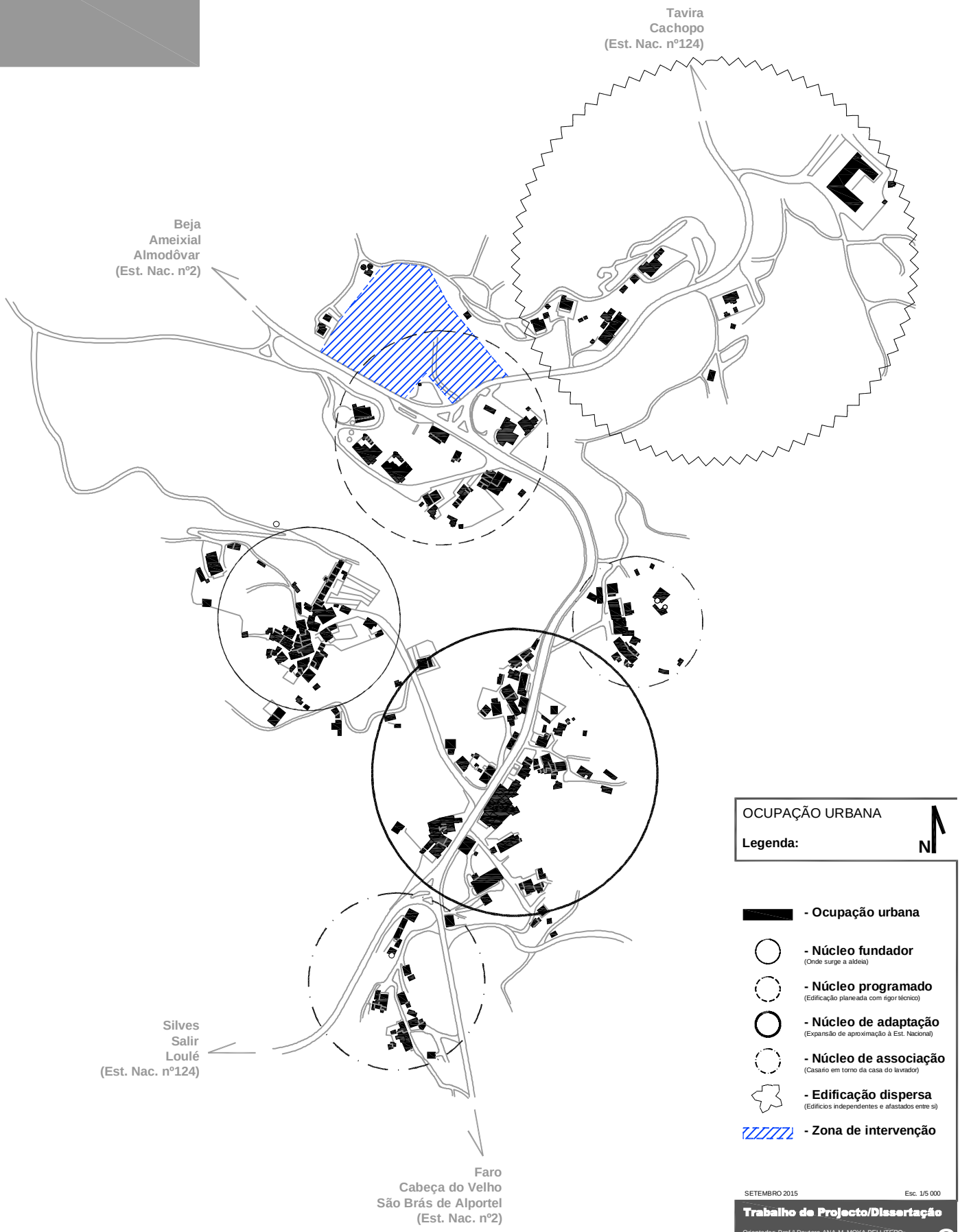


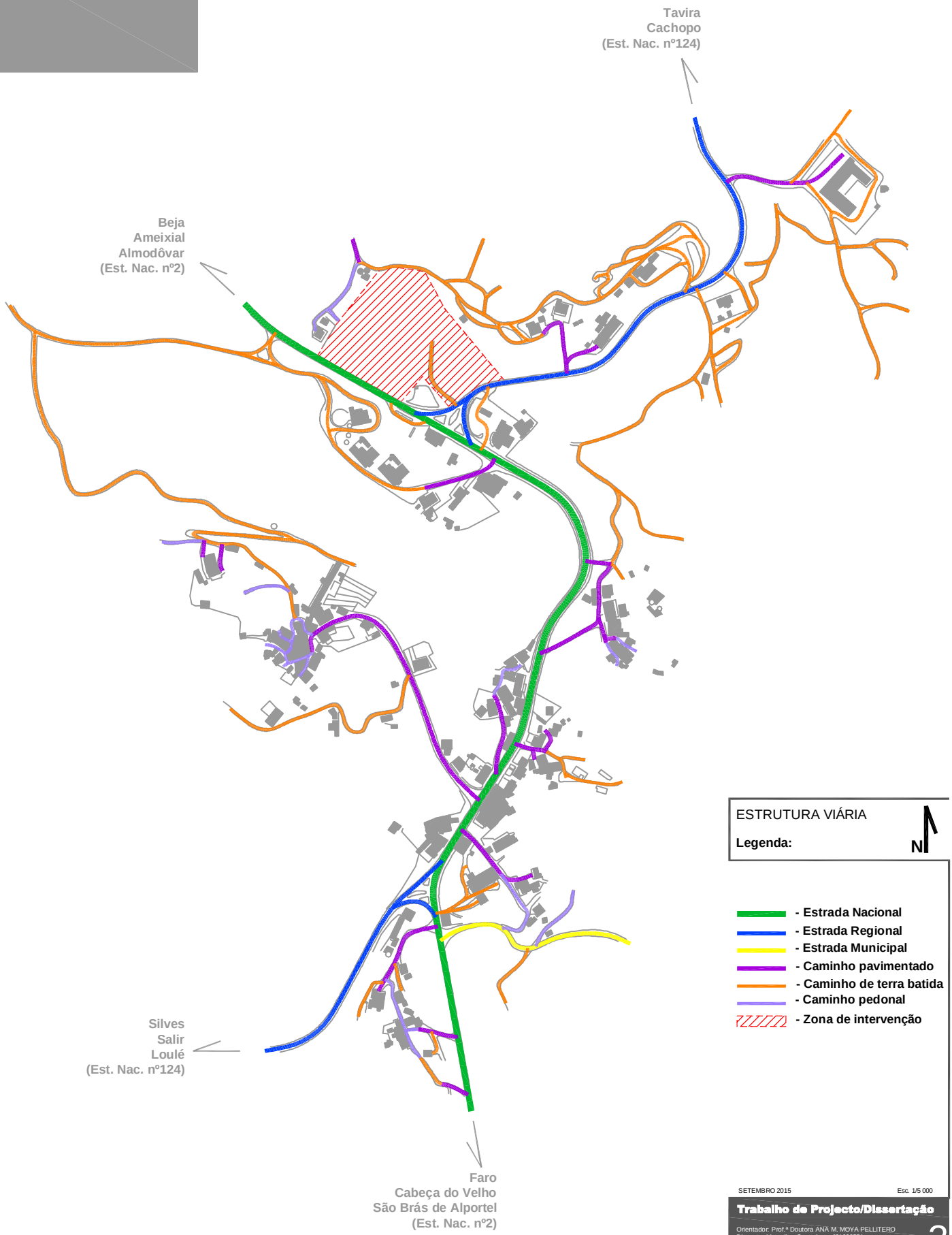
Figura 159. Vista nascente do terreno que serve de base ao projecto a desenvolver no âmbito da dissertação. (Barranco Velho – Salir)

Fonte: O Autor.

Nas seguintes páginas são apresentados uma série de planos de análise urbanística, na relação do local de intervenção com todo o espaço urbano da aldeia do Barranco do Velho, nomeadamente o estudo topográfico, a ocupação urbana, a estrutura viária, os usos urbanos, a concentração habitacional, o número de pisos, a observação paisagística, o enquadramento no Plano Director Municipal de Loulé, os factores naturais, a afluência e movimentos humanos, a insolação e os ventos e a localização de construções circulares.


Tavira
Cachopo
(Est. Nac. nº124)
Beja
Ameixial
Almodôvar
(Est. Nac. nº2)
Silves
Salir
Loulé
(Est. Nac. nº124)
Faro
Cabeça do Velho
São Brás de Alportel
(Est. Nac. nº2)
TOPOGRAFIA
Legenda:
N
ALTIMETRIA
- H<520
- H<510
- H<500
- H<490
- H<480
- H<470
- H<460
- H<450
- H<440
- H<430
- H<420
- H<410
- Zona de intervenção
SETEMBRO 2015
Esc. 1/5 000
Trabalho de Projecto/Dissertação
Orientador: Prof.ª Doutora ANA M. MOYA PELLITERO
Discente: Marcelino Gonçalves nº21000551
INSTITUTO SUPERIOR MANUEL TEIXEIRA GOMES
1


Tavira
Cachopo
(Est. Nac. nº124)
Beja
Ameixial
Almodôvar
(Est. Nac. nº2)
Silves
Salir
Loulé
(Est. Nac. nº124)
Faro
Cabeça do Velho
São Brás de Alportel
(Est. Nac. nº2)
OCUPAÇÃO URBANA
Legenda:
N
- Ocupação urbana
- Núcleo fundador
(Onde surge a aldeia)
- Núcleo programado
(Edificação planeada com rigor técnico)
- Núcleo de adaptação
(Expansão de aproximação à Est. Nacional)
- Núcleo de associação
(Casario em torno da casa do lavrador)
- Edificação dispersa
(Edifícios independentes e afastados entre si)
- Zona de intervenção
SETEMBRO 2015
Esc. 1/5 000
Trabalho de Projecto/Dissertação
Orientador: Prof.ª Doutora ANA M. MOYA PELLITERO
Discente: Marcelino Gonçalves nº21000551
INSTITUTO SUPERIOR MANUEL TEIXEIRA GOMES
2



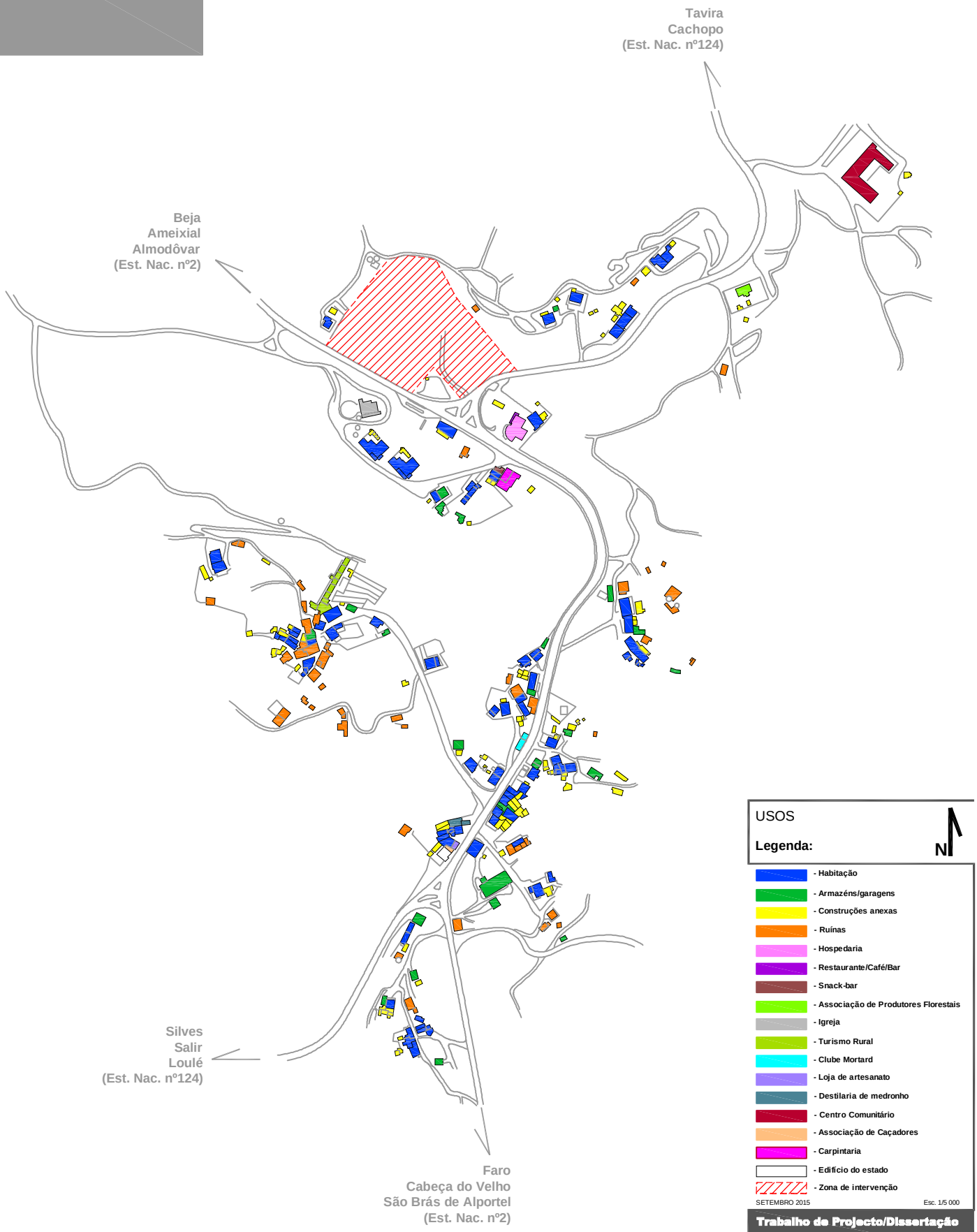
SETEMBRO 2015 Esc. 1/5 000

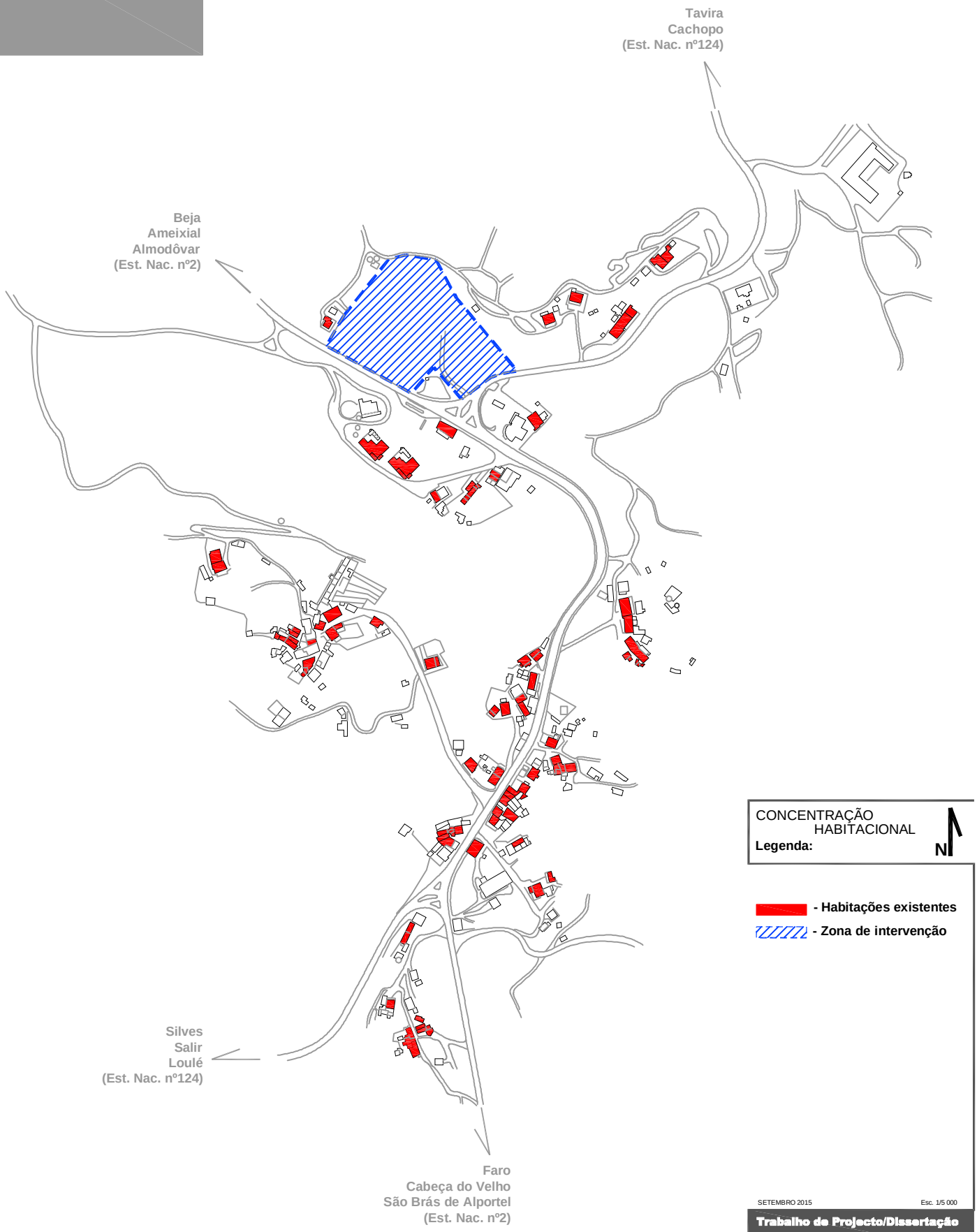
Trabalho de Projecto/Dissertação

Orientador: Prof.ª Doutora ANA M. MOYA PELLITERO
Discente: Marcelino Gonçalves nº21000551

INSTITUTO SUPERIOR MANUEL TEIXEIRA GOMES

3


Tavira
Cachopo
(Est. Nac. nº124)
Beja
Ameixial
Almodôvar
(Est. Nac. nº2)
Silves
Salir
Loulé
(Est. Nac. nº124)
Faro
Cabeça do Velho
São Brás de Alportel
(Est. Nac. nº2)
USOS
Legenda:
N
- Habitação
- Armazéns/garagens
- Construções anexas
- Ruínas
- Hospedaria
- Restaurante/Café/Bar
- Snack-bar
- Associação de Produtores Florestais
- Igreja
- Turismo Rural
- Clube Mortard
- Loja de artesanato
- Destilaria de medronho
- Centro Comunitário
- Associação de Caçadores
- Carpintaria
- Edifício do estado
- Zona de intervenção
SETEMBRO 2015
Esc. 1/5 000
Trabalho de Projecto/Dissertação
Orientador: Prof.ª Doutora ANA M. MOYA PELLITERO
Discente: Marcelino Gonçalves nº21000551
INSTITUTO SUPERIOR MANUEL TEIXEIRA GOMES
4



CONCENTRAÇÃO HABITACIONAL

Legenda:

N

- Habitações existentes

- Zona de intervenção

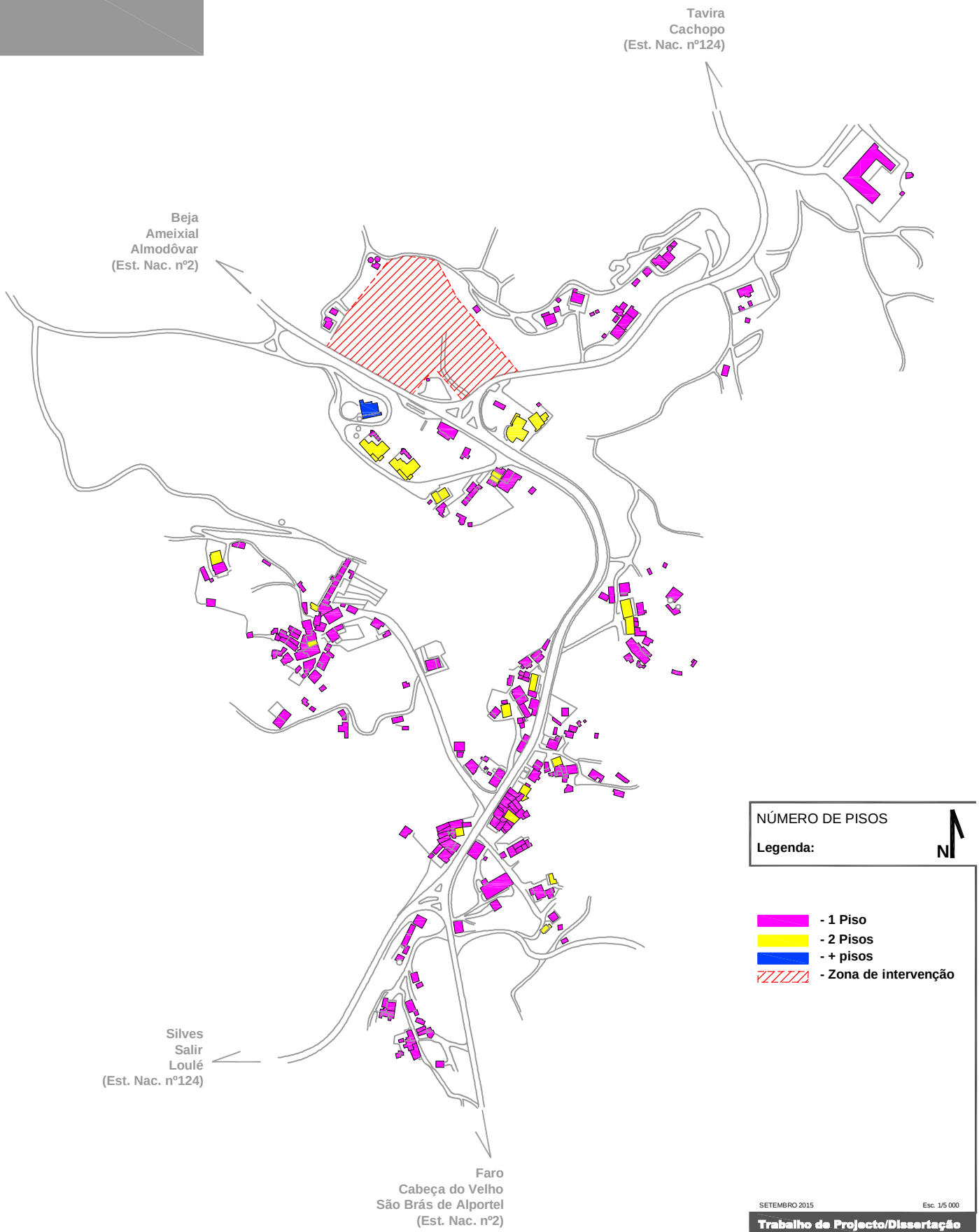
SETEMBRO 2015 Esc. 1/5 000

Trabalho de Projecto/Dissertação

Orientador: Prof.ª Doutora ANA M. MOYA PELLITERO
Discente: Marcelino Gonçalves nº21000551

INSTITUTO SUPERIOR MANUEL TEIXEIRA GOMES

5



NÚMERO DE PISOS

Legenda:

N

- **1 Piso**
- **2 Pisos**
- **+ pisos**
- **Zona de intervenção**

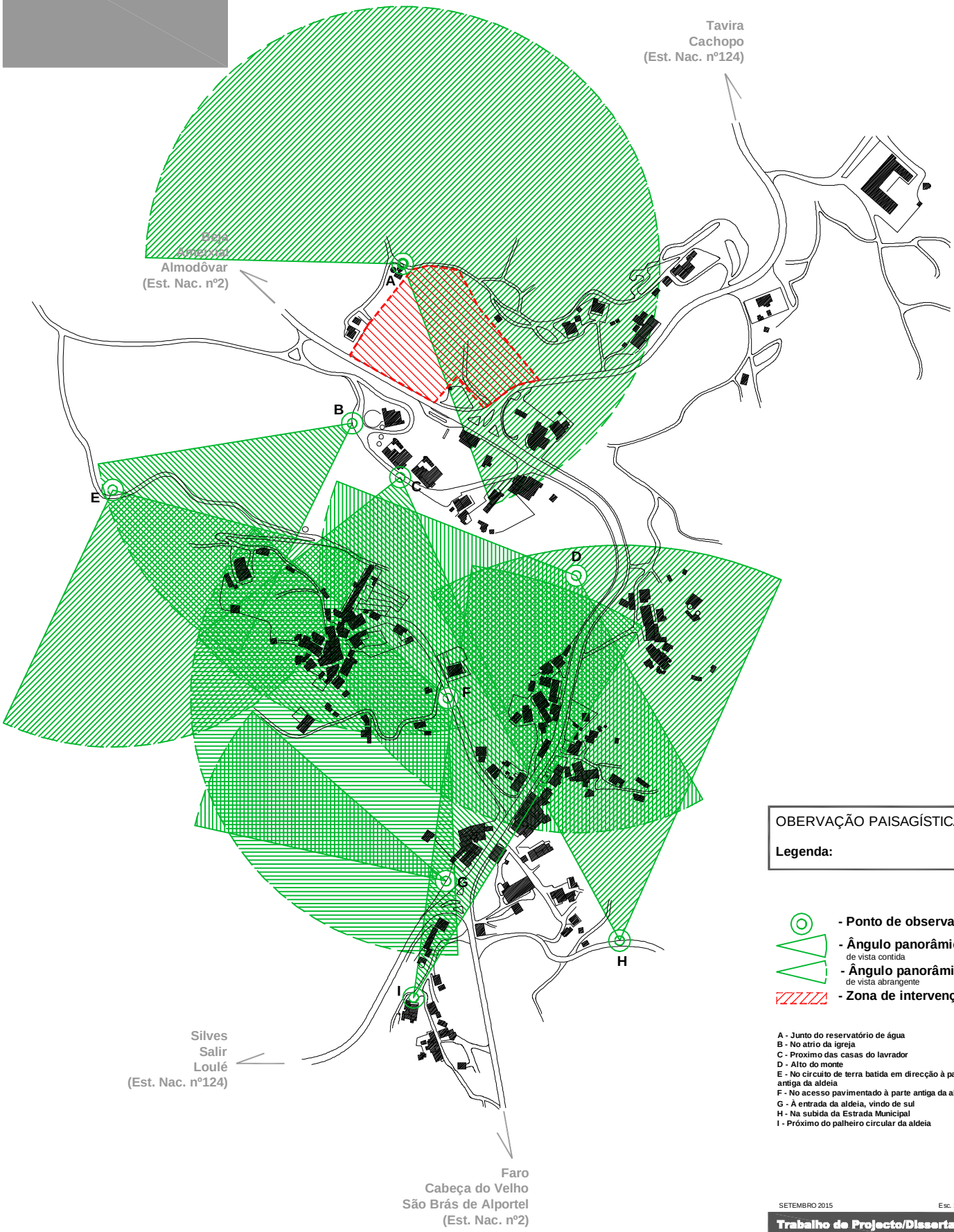
SETEMBRO 2015 Esc. 1/5 000

Trabalho de Projecto/Dissertação

Orientador: Prof.ª Doutora ANA M. MOYA PELLITERO
Discente: Marcelino Gonçalves nº21000551

INSTITUTO SUPERIOR MANUEL TEIXEIRA GOMES

6



OBERVAÇÃO PAISAGÍSTICA

Legenda: N

- **Ponto de observação**
- **Ângulo panorâmico** de vista contida
- **Ângulo panorâmico** de vista abrangente
- **Zona de intervenção**

A - Junto do reservatório de água
B - No atrio da igreja
C - Proximo das casas do lavrador
D - Alto do monte
E - No circuito de terra batida em direcção à parte antiga da aldeia
F - No acesso pavimentado à parte antiga da aldeia
G - À entrada da aldeia, vindo de sul
H - Na subida da Estrada Municipal
I - Próximo do palheiro circular da aldeia

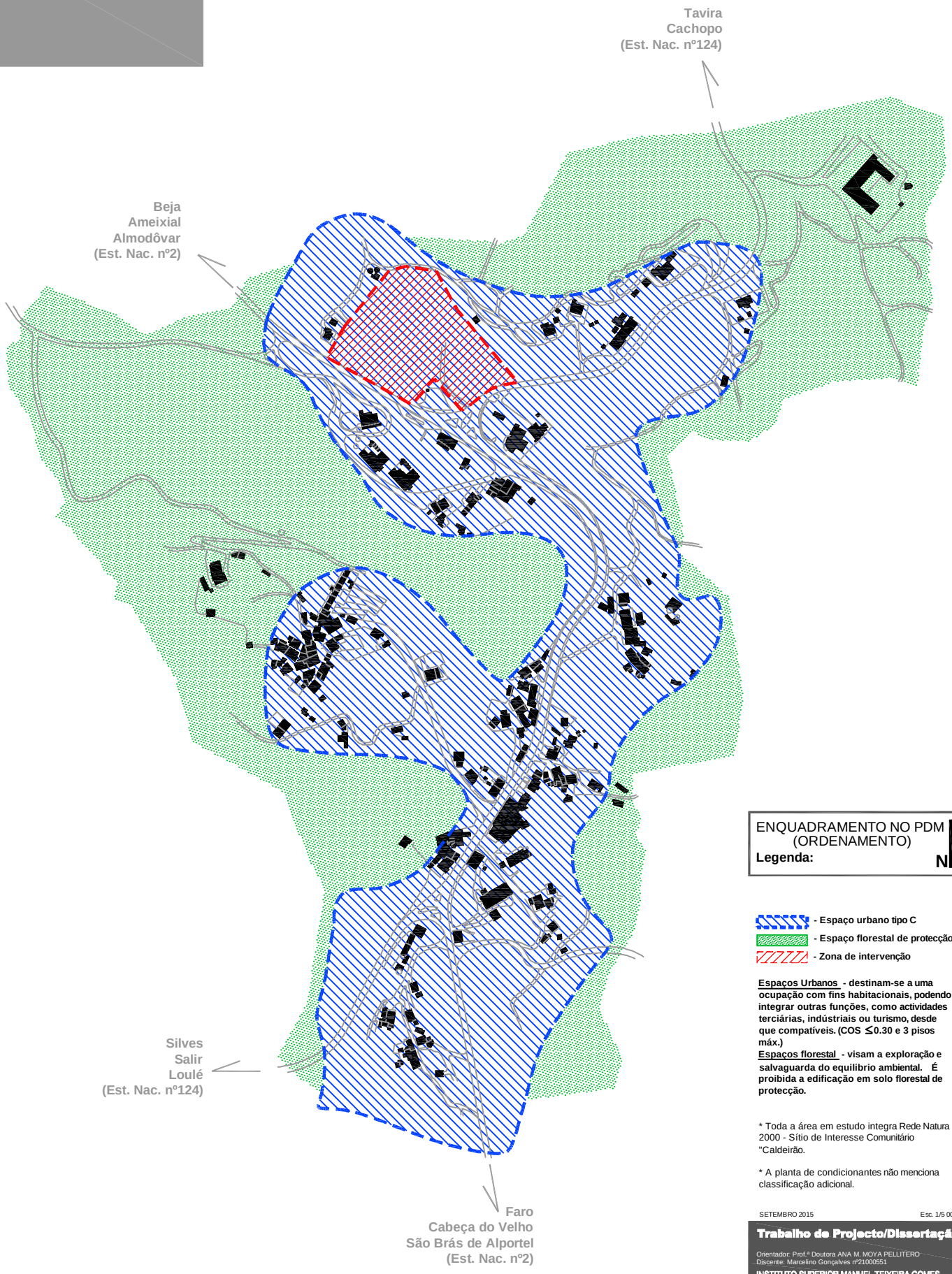
SETEMBRO 2015 Esc. 1/5 000

Trabalho de Projecto/Dissertação

Orientador: Prof.ª Doutora ANA M. MOYA PELLITERO
Discente: Marcelino Gonçalves nº21000551

INSTITUTO SUPERIOR MANUEL TEIXEIRA GOMES

7



ENQUADRAMENTO NO PDM
(ORDENAMENTO)

Legenda:

N

- **Espaço urbano tipo C**
- **Espaço florestal de protecção**
- **Zona de intervenção**

Espaços Urbanos - destinam-se a uma ocupação com fins habitacionais, podendo integrar outras funções, como actividades terciárias, indústriais ou turismo, desde que compatíveis. (COS ≤0.30 e 3 pisos máx.)

Espaços florestal - visam a exploração e salvaguarda do equilibrio ambiental. É proibida a edificação em solo florestal de protecção.

* Toda a área em estudo integra Rede Natura 2000 - Sítio de Interesse Comunitário "Caldeirão.

* A planta de condicionantes não menciona classificação adicional.

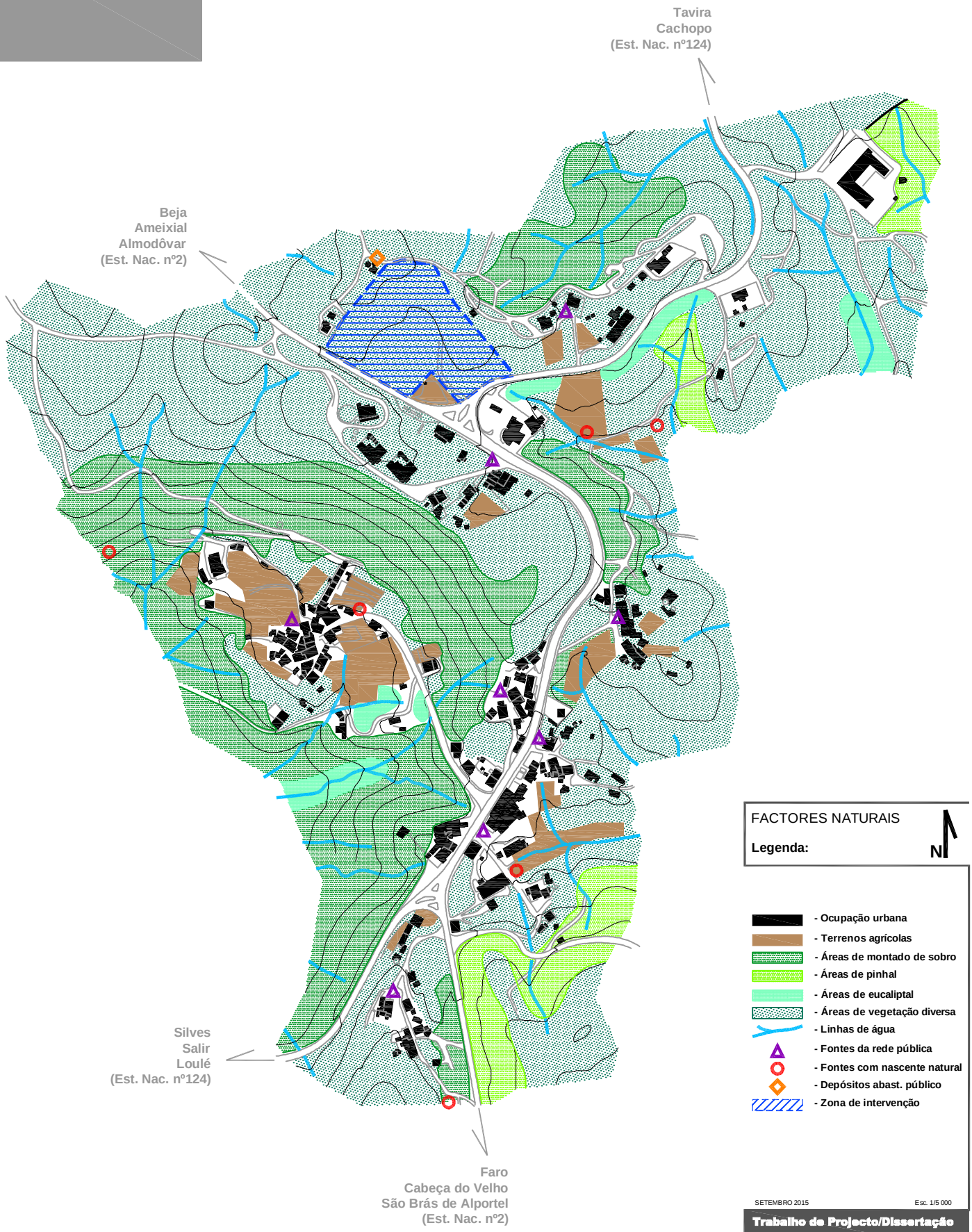
SETEMBRO 2015 Esc. 1/5 000

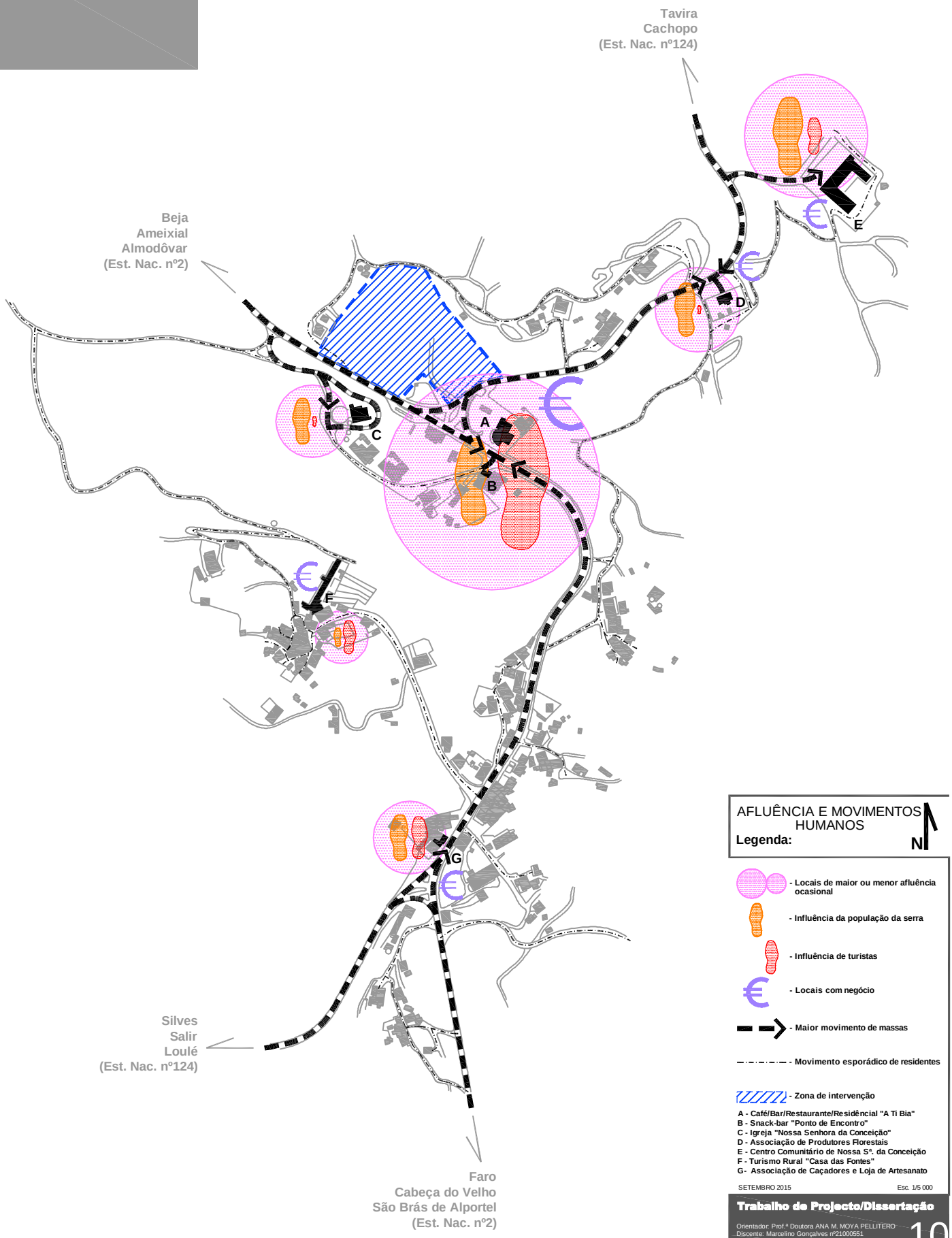
Trabalho de Projecto/Dissertação

Orientador: Prof.ª Doutora ANA M. MOYA PELLITERO
Discente: Marcelino Gonçalves nº21000551

INSTITUTO SUPERIOR MANUEL TEIXEIRA GOMES

8


Tavira
Cachopo
(Est. Nac. nº124)
Beja
Ameixial
Almodôvar
(Est. Nac. nº2)
Silves
Salir
Loulé
(Est. Nac. nº124)
Faro
Cabeça do Velho
São Brás de Alportel
(Est. Nac. nº2)
FACTORES NATURAIS
Legenda:
N
- Ocupação urbana
- Terrenos agrícolas
- Áreas de montado de sobro
- Áreas de pinhal
- Áreas de eucaliptal
- Áreas de vegetação diversa
- Linhas de água
- Fontes da rede pública
- Fontes com nascente natural
- Depósitos abast. público
- Zona de intervenção
SETEMBRO 2015
Esc. 1/5 000
Trabalho de Projecto/Dissertação
Orientador: Prof.ª Doutora ANA M. MOYA PELLITERO
Discente: Marcelino Gonçalves nº21000551
INSTITUTO SUPERIOR MANUEL TEIXEIRA GOMES
9



AFLUÊNCIA E MOVIMENTOS HUMANOS

Legenda:

N

- Locais de maior ou menor afluência ocasional
- Influência da população da serra
- Influência de turistas
- Locais com negócio
- Maior movimento de massas
- Movimento esporádico de residentes
- Zona de intervenção

A - Café/Bar/Restaurante/Residêncial "A Ti Bia"
B - Snack-bar "Ponto de Encontro"
C - Igreja "Nossa Senhora da Conceição"
D - Associação de Produtores Florestais
E - Centro Comunitário de Nossa Sª. da Conceição
F - Turismo Rural "Casa das Fontes"
G- Associação de Caçadores e Loja de Artesanato

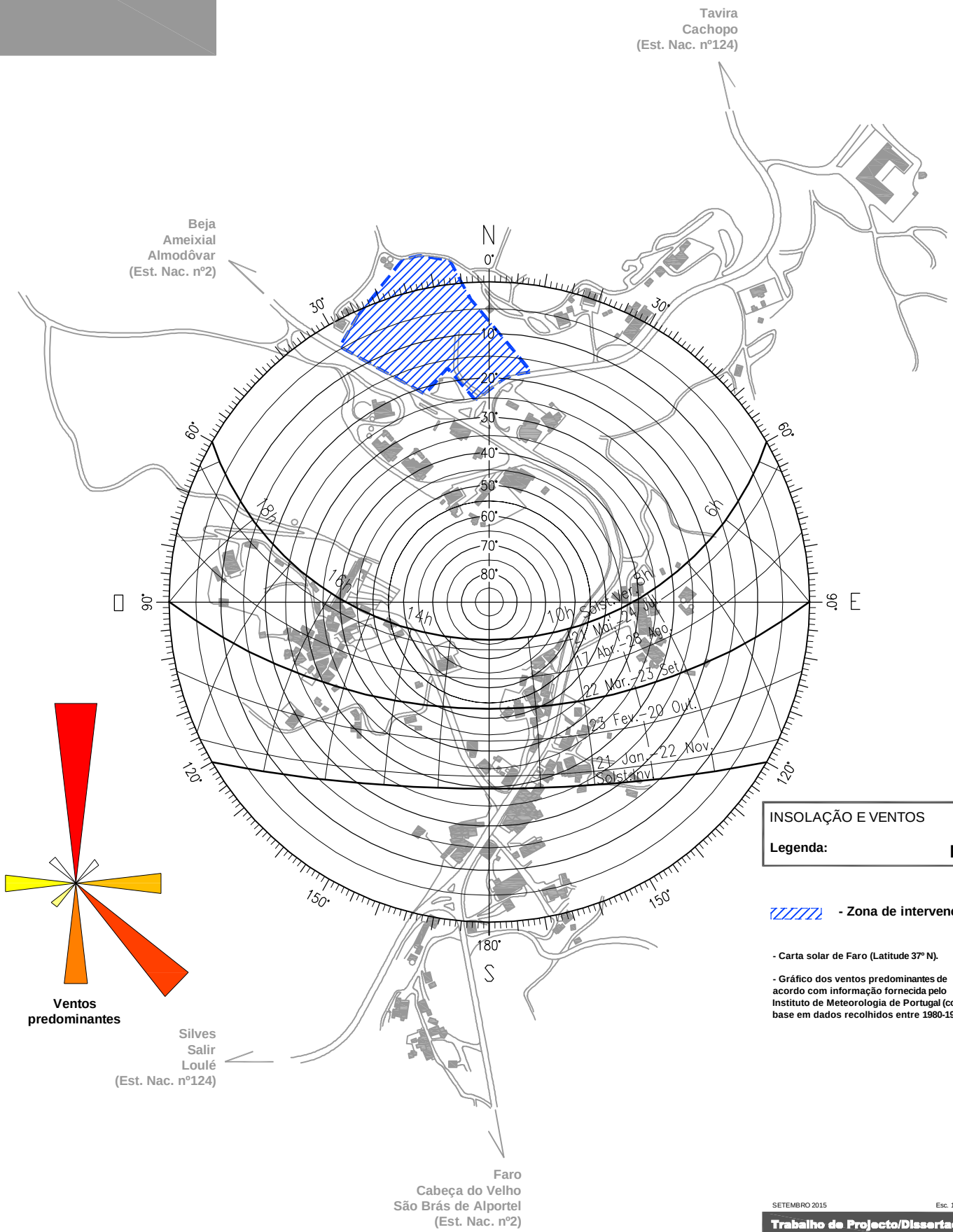
SETEMBRO 2015 Esc. 1/5 000

Trabalho de Projecto/Dissertação

Orientador: Prof.ª Doutora ANA M. MOYA PELLITERO
Discente: Marcelino Gonçalves nº21000551

INSTITUTO SUPERIOR MANUEL TEIXEIRA GOMES

10



Ventos predominantes

INSOLAÇÃO E VENTOS

Legenda:

N

- Zona de intervenção

- Carta solar de Faro (Latitude 37º N).

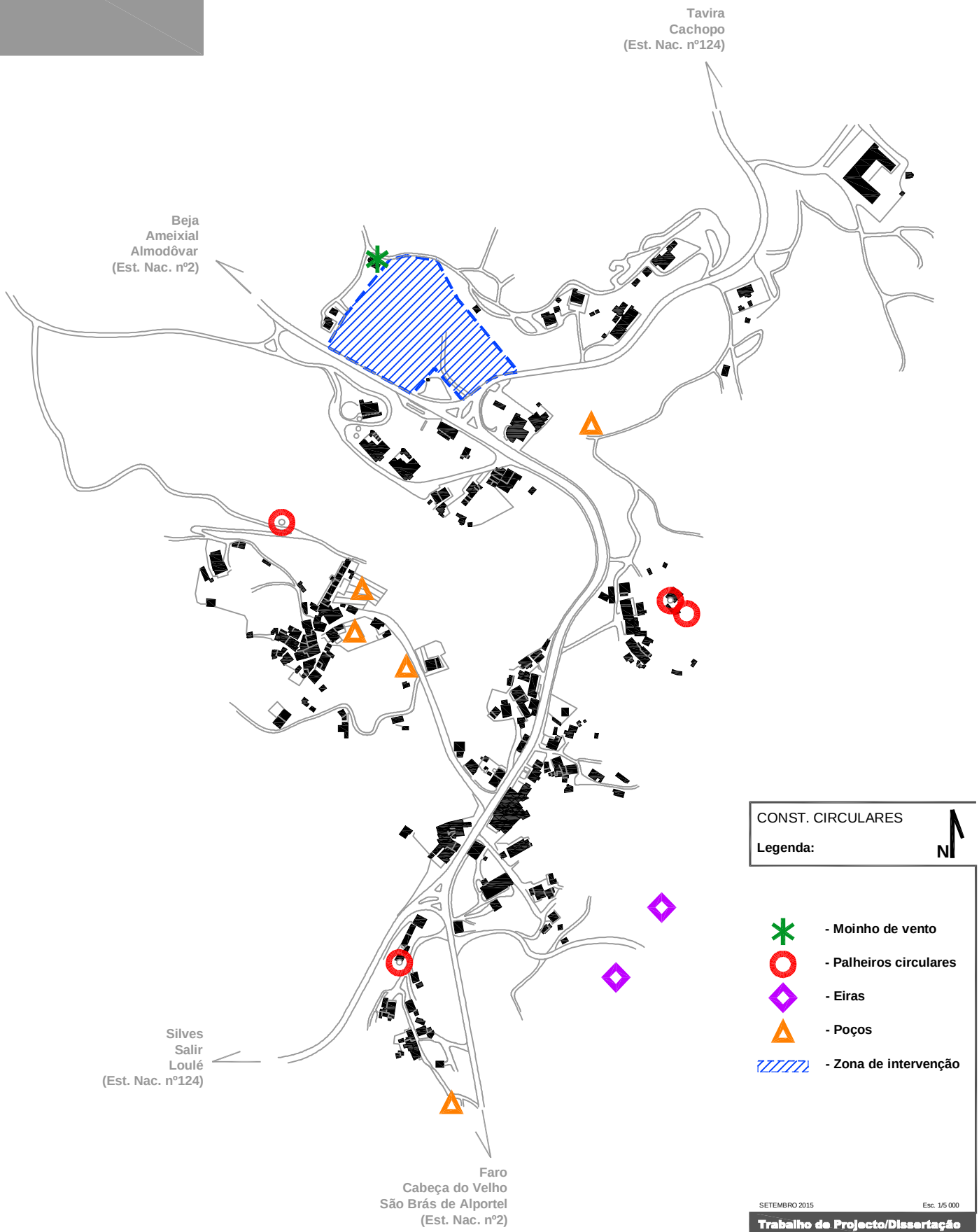
- Gráfico dos ventos predominantes de acordo com informação fornecida pelo Instituto de Meteorologia de Portugal (com base em dados recolhidos entre 1980-1993).

SETEMBRO 2015 Esc. 1/5 000

Trabalho de Projecto/Dissertação

Orientador: Prof.ª Doutora ANA M. MOYA PELLITERO
Discente: Marcelino Gonçalves nº21000551
INSTITUTO SUPERIOR MANUEL TEIXEIRA GOMES

11


Tavira
Cachopo
(Est. Nac. nº124)
Beja
Ameixial
Almodôvar
(Est. Nac. nº2)
Silves
Salir
Loulé
(Est. Nac. nº124)
Faro
Cabeça do Velho
São Brás de Alportel
(Est. Nac. nº2)
CONST. CIRCULARES
Legenda:
N
- Moinho de vento
- Palheiros circulares
- Eiras
- Poços
- Zona de intervenção
SETEMBRO 2015
Esc. 1/5 000
Trabalho de Projecto/Dissertação
Orientador: Prof.ª Doutora ANA M. MOYA PELLITERO
Discente: Marcelino Gonçalves nº21000551
INSTITUTO SUPERIOR MANUEL TEIXEIRA GOMES
12

6 .

PROGRAMA E CONCEITO PARA UM EMPREENDIMENTO DE TURISMO EM ESPAÇO RURAL
REFÚGIOS DE TURISMO CULTURAL E DE NATUREZA

Mediante o estudo da localidade onde se tenciona intervir, cabe agora conceptualizar a proposta para desenvolver um empreendimento de turismo em espaço rural, mais concretamente numa tipologia inovadora, que pretende alojar e acolher os seus clientes em pequenas unidades, designadas de refúgios de turismo cultural e de natureza. A inovação por si só, pretende atrair um novo segmento de turismo, que conjugue o interesse na cultura de uma região e o contacto directo com as suas riquezas naturais. A inovação actualmente é encarada com sucesso, propondo experiências novas, neste caso direccionada a um público que enquadre uma faixa etária entre os 20 e 45 anos, ainda com boa actividade física e com uma escolaridade mais elevada, com interesse em culturas mais reservadas, mas não menos interessantes. Dando a conhecer o património urbano, histórico, gastronómico e etnográfico, ao mesmo tempo que pretende dinamizar economicamente toda a região da Serra do Caldeirão, divulgando a extrema qualidade dos seus produtos tradicionais e estabelecimentos, nomeadamente de restauração e talvez propiciar a abertura de novos.

Impõe-se aqui um desafio numa nova tipologia que não vem especificada directamente na actual redacção do Decreto-lei nº39/2008 de 7 de Março, mas que se entende que deve estabelecer o seu enquadramento legal, dado que estipula o regime jurídico para instalação, exploração e funcionamento de empreendimentos turísticos no espaço rural, a par da Portaria nº937/2008 de 20 de Agosto.

6.1. O PROGRAMA

Propõe-se a realização de um projecto de arquitectura para um empreendimento de turismo em espaço rural de raiz, constituído por várias unidades de alojamento individuais, designadas de refúgios de turismo cultural e de natureza e um edifico de acolhimento e apoio aos refúgios.

De base ao projecto disponibiliza-se um terreno com uma área de 13,40 hectares, inserido na área urbana da aldeia do Barranco do Velho, em plena Serra do Caldeirão. Onde deverão ser implantados os respectivos edifícios de forma harmoniosa, respeitando a morfologia do terreno e salvaguardando os elementos naturais existentes.

O projecto deverá encontrar inspiração nas construções elementares de planta circular estudadas e encontradas na Serra do Caldeirão, considerar uma organização espacial que promova o convívio e a interacção dos ocupantes, privilegie o seu contacto com a natureza e recrie ambientes muito particulares que possibilitem reviver os nossos antepassados. Mas respondendo naturalmente às exigências higiénicas/sanitárias actuais e cumprindo os regulamentos em vigor.

O edifico de acolhimento e apoio aos refúgios deverá considerar áreas de trabalho que não entrem em colisão com as áreas de alojamento, laser e convívio, que devem ser inspiradoras, sossegadas, acolhedoras e refugiadas de elementos negativos que prejudiquem o descanso ou a recuperação de energia. Este edifício deve ainda prever áreas designadas a actividades exteriores ao empreendimento de forma a promover a divulgação da Serra do Caldeirão. Os refúgios devem ser pequenas construções que satisfaçam minimamente as necessidades de alojamento, integrando distintas áreas do terreno por forma a rentabilizar a sua extensa área. No conjunto estes edifícios e toda a intervenção deverão integrar harmoniosamente o espaço rural e não colidir com os regulamentos e a legislação em vigor, nomeadamente:

- O regime jurídico de instalação, exploração e funcionamento de empreendimentos turísticos – Decreto-Lei nº39/2008 de 7 de Março na sua republicação actual;

- A Portaria nº937/2008 de 20 de Agosto, que estabelece os requisitos mínimos a observar pelos estabelecimentos de turismo no espaço rural;

- O regulamento do Plano Director Municipal de Loulé;

- O regulamento geral das edificações urbanas;

- O Decreto-Lei nº163/2006 de 8 de agosto, que tem por objecto a definição das condições de acessibilidade para pessoas com mobilidade condicionada;

- Os conceitos técnicos nos domínios do ordenamento do território e do urbanismo deverão seguir Decreto-Regulamentar nº 9/2009 de 29/05.

6.2. O CONCEITO

Como não poderia deixar de ser, a conceptualização e materialização do empreendimento de turismo em espaço rural, na tipologia de refúgios de turismo cultural e de natureza, recorre ao estudo protagonizado em torno das construções elementares de planta circular da Serra do Caldeirão. Neste projecto são colocadas de parte as técnicas de construção utilizadas com o vulgar betão armado e alvenarias de tijolo cerâmico e evitados, dentro do possível, a utilização de materiais industrializados, para reintroduzir e reivindicar a pureza dos materiais e técnicas da arquitectura vernacular. Paredes de alvenaria de pedra de

xisto irregular aparelhada com travamento entre si e sem estrutura interna, no exterior com acabamento em pedra à vista e no interior com acabamento em reboco de argamassa de cal aérea gorda e areia e respectiva caiação final a branco. Coberturas em matérias vegetais com revestimento em palha de centeio, estruturadas por vigamento em madeira de eucalipto ou pinho e ripagem de canas limpas, com acabamento à vista. Nos pavimentos interiores considera-se para sua regularização a aplicação de lajes de pedra de ardósia por todos os compartimentos, fixas por colas específicas para garantir uma maior resistência e durabilidade, nos pavimentos exteriores de terraços e imediatos às construções, aplicação das calçadas de xisto.



Figura 160. Calçada de xisto existente. (Valeira – Tavira)

Fonte: RIBEIRO, Vítor, ed. [et al.] – *Materiais, sistemas e técnicas de construção tradicional.* Faro: CCDR Algarve/Edições Afrontamento, 2008.



Figura 161. Calçada de xisto recém-feita. (Cachopo – Tavira)

Fonte: Fonte: RIBEIRO, Vítor, ed. [et al.] – *Materiais, sistemas e técnicas de construção tradicional.* Faro: CCDR Algarve/Edições Afrontamento, 2008.

Os vãos serão concebidos em madeira de pinho ou azinho, sendo as portas maciças e as janelas, todas elas pequenas, com vidro duplo e portadas interiores de protecção em madeira maciça de pinho.

Na formalização todos os edifícios recorrem impreterivelmente à forma circular e a volumetrias decorrentes das construções elementares de planta circulares estudadas, que lhe conferem inspiração para um modelo de arquitectura que lhe permita libertar um pouco mais a forma, mas sem descorar as limitações impostas pelas técnicas construtivas e materiais utilizadas, deixando facilmente reconhecível sua proveniência.



Figura 162. Amostragem de vão a considerar. (Serra do Caldeirão)

Fonte: RIBEIRO, Vítor, ed. [et al.] – *Materiais, sistemas e técnicas de construção tradicional.* Faro: CCDR Algarve/Edições Afrontamento, 2008.

7 .

PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO DA PAISAGEM

O local de intervenção sobressai a Norte e numa posição mais elevada do ponto de maior afluência de pessoas na aldeia do Barranco do Velho, ocupando as encostas orientadas para sudeste e sudoeste de dois dos montes mais altos da aldeia. Assumindo naturalmente uma localização estratégica, abrigada dos ventos desconfortantes do quadrante Norte. E dispondo-se em anfiteatro para sul, consagra uma considerável área plana sensivelmente ao centro onde será implantado o edifício de acolhimento e apoio, assumindo este uma localização ideal para apoio a todo o empreendimento turístico, onde tudo se conecta com ele, ficando visível de todos os pontos da envolvente imediata.

O principal acesso para pessoas e veículos é mantido onde existe, a Sul do terreno, dada a sua melhor localização. Apenas será alargado de forma a possibilitar o estacionamento automóvel pelo seu desenvolvimento longitudinal, junto da berma direita, aproveitando a sombra das árvores existentes e a plantar. Este caminho em brita fina de xisto, possibilitará o acesso de veículos automóveis desde o cruzamento da EN124 com a EN2 até ao edifício de acolhimento e apoio, inserido no empreendimento turístico, onde se prevê um amplo largo para manobras. A partir daqui a circulação de veículos motorizados será inviabilizada, passando a existir apenas caminhos pedonais para circulação de pessoas e bicicletas para acesso às diversas unidades de alojamento que dispersam a área de intervenção. Esta rede de caminhos mais estreitos possibilitará a ligação a outros existentes, permitindo inclusive desviar por escassos metros a Via Algarviana, por forma a passar pelo interior do empreendimento, sob um melhor circuito que evitará os caminhantes de voltar a atrás para visitar a igreja de Nossa Senhora da Conceição. Na requalificação propõe-se a construção de uma ponte em madeira a Oeste do terreno para ligação directa e segura à zona da igreja, ao atravessar a EN2 num dos pontos mais elevados do terreno. Verifica-se que a EN2 rasga o terreno na confrontação Sudoeste a uma profundidade significativa, possibilitando a construção da ponte de uma forma muito pacífica, integrada na paisagem e pouco dispendiosa. Note-se que os caminhos pedonais serão em terra batida, à semelhança da vasta rede de caminhos e encruzilhadas existentes, podendo ser necessário construir muros de pedra de xisto para suportar a sua plataforma em zonas de terreno mais inclinadas e instáveis.

As unidades de alojamento individuais foram agrupadas em quatro conjuntos de três e acomodadas em zonas mais abrigadas do terreno, em pontos estratégicos aproveitando a vista fabulosa sobre a envolvente e numa posição sobre elevada relativamente ao edifício de acolhimento e apoio, para que este no centro recrie a grande praça para convívio e que todos possam ocorrer a ela sempre que observem acontecimentos. Cada conjunto de três unidades de alojamento compreende um pequeno

agrupamento identificado pela existência de uma construção elementar de planta circular estudada e reproduzido fielmente. Cada agrupamento consagra um pequeno espaço público em torno das unidades de alojamento, pavimentado com calçada de xisto para convidar ao convívio exterior entre ocupantes.

Por todo o terreno, junto das unidades de alojamento, de caminhos e em linhas de água sem expressão, é ponderada a plantação de árvores, tais como o sobreiro e o pinheiro, e arbustos como o medronheiro, bem como a preservação de toda a floresta de maior porte existente, de forma a criar pequenos microclimas, zonas de sombra para lazer e estacionamento, abrigo aos ventos predominantes ou simplesmente para ocultar elementos que prejudiquem a paisagem. Zonas mais abertas no terreno poderão ser semeadas de centeio para todos os anos possibilitar a reabilitação das coberturas. Ao mesmo tempo que cria uma paisagem muito interessante - de Inverno e Primavera um prado verdejante, de Verão e Outono uma encosta amarelada - tudo isto sem necessidade de grande manutenção ou consumo de água.

513.77
511.97
514.39
511.41
VIA ALGARVIANA
507.64
507.04
506.99
506.61
506.04
507.38
509.07
506.21
510
VIA ALGARVIANA
506.39
505.01
(ÁREA DO TERRENO = 13 408.95 m2)
503.39
498.28
504.71
502.84
497.84
504.31
500
ESTRADA NACIONAL Nº2
ESTRADA NACIONAL Nº124
490.90
504.45
491.51
501.17
489.87
496.90
502.88

LEVANT. TOPOGRÁFICO
Localização da área de intervenção

Legenda:

N

- **Área de intervenção (13.40 ha)**
- **Linha de água s/expressão**
- **Árvores existentes**
- **Infraestruturas de circulação**
- **Edifícios urbanos existentes**

SETEMBRO 2015 Esc. 1/500

Trabalho de Projecto/Dissertação

Orientador: Prof.ª Doutora ANA M. MOYA PELLITERO
Discente: Marcelino Gonçalves nº21000551

INSTITUTO SUPERIOR MANUEL TEIXEIRA GOMES 13

PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO DA PAISAGEM

Barranco do Velho - Salir - Loulé



QUADRO DE ÁREAS TOTAIS E ÍNDICES

ÁREA DE INTERVENÇÃO	13 408.95 m2
ÁREA TOTAL DE CONSTRUÇÃO (ATC)	1 888.60 m2
ÁREA TOTAL DE IMPLANTAÇÃO (ATI)	2 690.50 m2
ÁREA IMPERMEABILIZADA (AI)	2 207.50 m2
VOLUMETRIA TOTAL (EV)	6 609.75 m3
COEFICIENTE TOTAL DE AFECTAÇÃO DO SOLO (CAS)	0.20
COEFICIENTE TOTAL DE OCUPAÇÃO DO SOLO (COS)	0.14
COEFICIENTE TOTAL DE IMPERMEABILIZAÇÃO DO SOLO (CIS)	0.16
CAPACIDADE MÁXIMA DO EMPREENDIMENTO (HÓSPEDES)	36
ÁREA DE ESTACIONAMENTO	137.85 m2

PLANO DE URBANIZAÇÃO

Legenda:

N

- **Área de intervenção** (Área = 13 408.95 m2)
- **Unidades de alojamento** (Área bruta de construção = 782.95 m2)
- **Edifício de acolhimento e apoio** (Área bruta de construção = 803.35 m2)
- **Réplica construção elementar** (Área bruta de construção = 145.25 m2)
- **Á. técnica - energias renováveis** (Área máxima de ocupação = 157.05 m2)
- **Caminho - veículos e pessoas** (Área máxima de ocupação = 1 038.05 m2)
- **Caminhos pedonais** (Área máxima de ocupação = 738.00 m2)
- **Áreas de calçada de xisto** (Área máxima pavimentada = 525.35 m2)
- **Áreas de vegetação autóctone** (Área mínima de ocupação = 8 167.60 m2)
- **Muros ou valados de suporte**
- **Linha de água sem expressão**
- **Desvio Via Algarviana**
- **Árvores**

SETEMBRO 2015 Esc. 1/500

Trabalho de Projecto/Dissertação

Orientador: Prof.ª Doutora ANA M. MOYA PELLITERO
Discente: Marcelino Gonçalves nº21000551

INSTITUTO SUPERIOR MANUEL TEIXEIRA GOMES 14

PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO DA PAISAGEM

Barranco do Velho - Salir - Loulé



AA1

AGRUPAMENTO DE ALOJAMENTO 1

Designação - Monte da eira
Área de alojamento = 194.50 m2

Alojamento 1 - T1 = 60.55 m2
Alojamento 2 - T2 = 65.50 m2
Alojamento 3 - T3 = 68.45 m2

AA2

AGRUPAMENTO DE ALOJAMENTO 2

Designação - Monte do choço
Área de alojamento = 194.50 m2

Alojamento 4 - T3 = 68.45 m2
Alojamento 5 - T1 = 60.55 m2
Alojamento 6 - T2 = 65.50 m2

AA3

AGRUPAMENTO DE ALOJAMENTO 3

Designação - Monte do malhão
Área de alojamento = 194.50 m2

Alojamento 7 - T3 = 68.45 m2
Alojamento 8 - T2 = 65.50 m2
Alojamento 9 - T1 = 60.55 m2

AA4

AGRUPAMENTO DE ALOJAMENTO 4

Designação - Monte do poço
Área de alojamento = 199.45 m2

Alojamento 10 - T3 = 68.45 m2
Alojamento 11 - T2 = 65.50 m2
Alojamento 12 - T2 = 65.50 m2

EAA

EDIFÍCIO DE ACOLHIMENTO E APOIO

Área de implantação = 1605.35 m2
Área de construção = 803.35 m2

AER

ÁREA PARA ENERGIAS RENOVÁVEIS

Área de implantação = 157.05 m2
Área de construção = 51.00 m2

DESENHO DE PAISAGEM

Legenda:

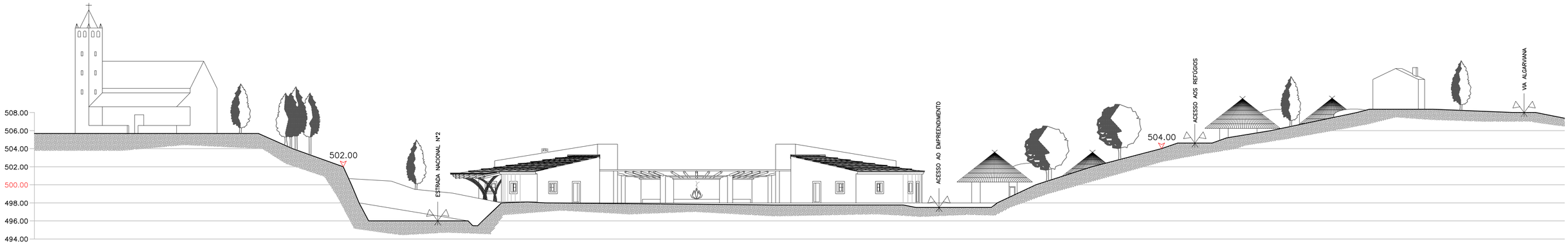
- **Área de intervenção** (Área = 13 408.95 m2)
- **Caminho - veículos e pessoas** (Brita fina de xisto)
- **Caminhos pedonais** (Terra batida)
- **Áreas em calçada de xisto**
- **Áreas de vegetação autóctone** (Sobreiro, pinheiro, medronheiro)
- **Área de relva**
- **Espelho de água**
- **Muros ou valados de suporte** (Pedra de xisto)
- **Linha de água sem expressão**
- **Árvores**

SETEMBRO 2015 Esc. 1/500

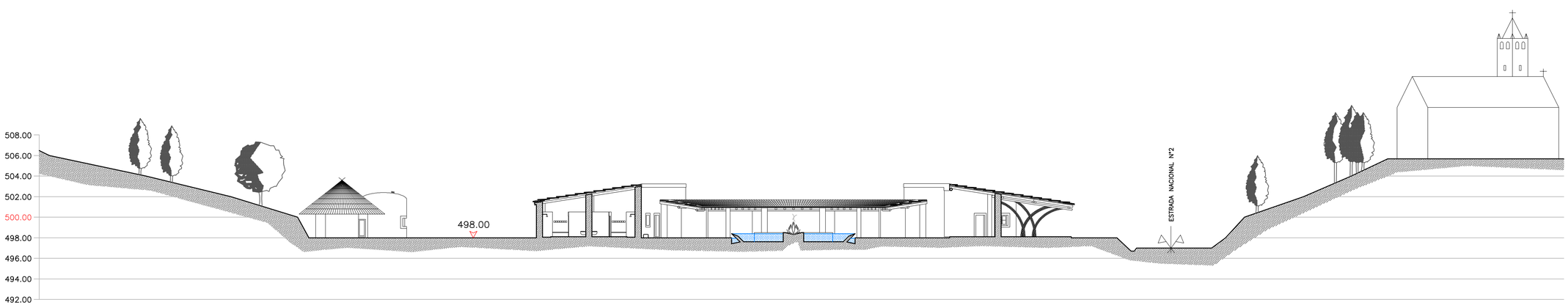
Trabalho de Projecto/Dissertação

Orientador: Prof.ª Doutora ANA M. MOYA PELLITERO
Discente: Marcelino Gonçalves nº21000551

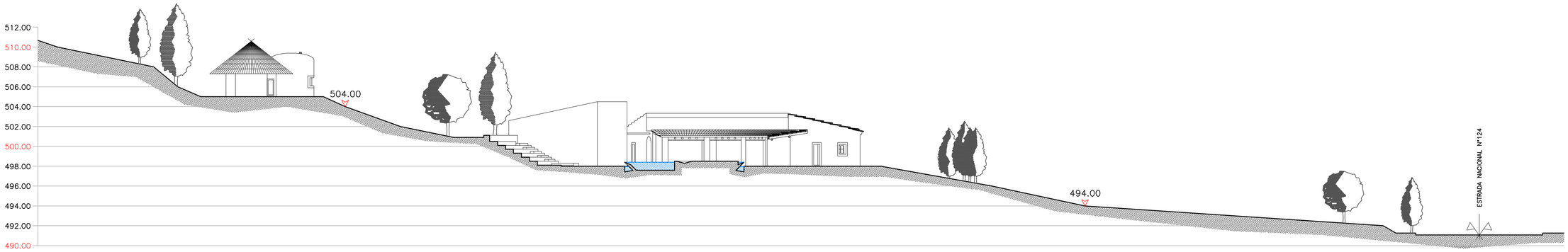
INSTITUTO SUPERIOR MANUEL TEIXEIRA GOMES 15



PERFIL 1



PERFIL 2



PERFIL 3

SECÇÕES LONGITUDINAIS

Legenda:



SETEMBRO 2015 Esc. 1/250

Trabalho de Projecto/Dissertação

Orientador: Prof.ª Doutora ANA M. MOYA PELLITERO
Discente: Marcelino Gonçalves nº21000561

INSTITUTO SUPERIOR MANUEL TEIXEIRA GOMES

16

8.

DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA ARQUITECTÓNICA

A proposta arquitectónica apela por uma atractiva e elegante fusão entre a tradição milenar do lugar com a sensibilidade contemporânea e a utilização de materiais tradicionais, elegantes e nobres existentes na Serra do Caldeirão.

As unidades de alojamento individuais terão sido idealizadas a partir da inspiração nos palheiros e fornos circulares, que renascem numa nova conceptualização agrupada, garantindo residências autónomas e privadas de alojamento. Existem três tipos diferentes de unidades, num jogo que recoloca em planta três circunferências de diâmetros diferentes, organizando-lhe a compartimentação interior em disposições alternadas. Dado isto, as diferentes unidades serão implantadas no terreno e agrupadas a três, obtendo quatro núcleos que dispersam o empreendimento, por locais estratégicos.

Recorrendo às mesmas técnicas construtivas que as construções estudadas; paredes de pedra de xisto irregular aparelhada pelo exterior e pelo interior e na conjugação de dois tipos de cobertura - cobertura em palha de centeio e cobertura em verdadeira cúpula de pedra de xisto e revestimento exterior com terra com elevado teor de argila, é possível conceber originalmente três compartimentos de forma circular, um quarto, uma instalação sanitária e uma pequena kitchenette. Os dois primeiros compartimentos são acolhidos sob a cobertura em materiais vegetais e a kitchenette incorpora o elemento totalmente erigido em pedra e terra de forma a possibilitar o manuseamento seguro de lume (fogão) no seu interior. Pelo interior, as paredes serão rebocadas com argamassa de cal aérea gorda e areia e acabamento em caiação branca, no exterior o aparelho em pedra deve ser aparente sem qualquer revestimento. O quarto recebe iluminação e ventilação natural através de uma janela instalada na cobertura, na simulação de um boqueirão, a cozinha através de um pequeno vão praticado da parede e a instalação sanitária sem iluminação natural, fará a renovação de ar interior através de ventilação forçada instalada nas paredes de forma discreta.

Valorizando a aplicação de materiais locais e equipamentos de produção artesanal, prevê-se que a os materiais e equipamentos industrializados sejam introduzidos ao mínimo, de preferência ocultados e quando não for possível, de linhas muito simples. Exemplo da sanita, do fogão, do lava-louças e tudo aquilo que está relacionado com a parte eléctrica. Para aquecimento de águas sanitárias e produção de energia eléctrica deve ser considerada uma zona técnica resguardada no empreendimento com painéis solares e fotovoltaicos que satisfaça minimamente cada unidade de alojamento, que deve apenas utilizar

energias renováveis.

A cobertura em palha de centeio abrangendo o quarto e a instalação sanitária, cria no exterior espaços em terraços cobertos na intercepção das paredes, junto da entrada e nas laterais, possibilitando a edificação do tradicional poial, no seu abrigo. Incentivando o sentar no exterior, o convívio e a contemplação da envolvente. As unidades de alojamento individuais consideram tectos altos no interior e envolvimento exterior por vegetação autóctone, motivando a vontade de respirar e favorecendo a sensação de liberdade, que dignificada pela observação envolvente da paisagem serrana, ajuda na captação de sinergias e na actuação das forças benéficas do lugar.

O edifício de acolhimento e apoio será o centro do empreendimento turístico, funcionando como a praça comunitária para onde tudo converge. Concebido a partir de um planeamento circular, prevê quatro áreas destintas, duas cobertas, onde uma é repartida para acolhimento e encaminhamento das pessoas que entram ao empreendimento e apoio às unidades de alojamento individuais (limpeza e manutenção), e outra é repartida por um refeitório e um estabelecimento de bebidas (snack-bar), para fornecer refeições aos seus utentes e visitantes e proporcionar momentos de convívio. E duas áreas descobertas, compreendendo um anfiteatro para acolhimento de eventos culturais, palestras, sessões informativas ou educativas e workshops e uma praça central em torno da qual se formaliza todo o edifício, iniciado a partir de um espaço circular central que objectiva a colocação de grandes fogueiras, ladeadas por um grande espelho de água circular para reflectir a luz das chamas, invocando de noite dinamismo na luminosidade e nas sombras, promovendo um ambiente místico. Esta ideia recria o conceito de Vitrúvio na "cabana primitiva" e segue o raciocínio de Frank Lloyd Wright, onde o edifício subordina o seu desenvolvimento em torno da lareira. Na frente do anfiteatro e posteriormente ao espelho de água o edifício contempla uma *stoa* ou pórtico circular, constituída por diversas paredes/pilares que sustentam uma cobertura em materiais vegetais (palha de centeio), dignificando de dia, sombra à área central em volta do espelho de água, ao mesmo tempo que obturam e emolduram do interior da praça os belos enquadramentos paisagísticos, para onde o edifício se abre. Além do mais, permite a instalação de telas brancas que recolhem ou se abrem desde a cobertura até ao chão, possibilitando do anfiteatro assistir a eventos e espectáculos com tecnologias média. Recreando a ideia do "mito da caverna" de Platão (428-348 a.C).

Este edifício de maiores dimensões orienta-se para sudeste, onde se abre à aldeia do Barranco do Velho e a toda uma paisagem de montes e vales com floresta, revelando parte do património natural da Serra do Caldeirão. Amplamente contemplada da praça central, do anfiteatro e de todas as unidades de alojamento.

Outro ponto muito interessante e observável do local de implantação do edifício de apoio e acolhimento é o da igreja de Nossa Senhora da Conceição e sua mata envolvente, para onde foi orientada

a esplanada coberta de apoio ao refeitório e ao snack-bar. Ainda que o edifício se rasgue pontualmente para visionamento de algumas unidades de alojamento que ponteiam o empreendimento.

Está prevista uma área de balneários que pode servir de apoio às unidades de alojamento, mas também a caminhantes ou ciclistas que acedam ao empreendimento para fazer roteiros turísticos ou culturais pela Serra do Caldeirão ou mesmo de apoio à Via Algarviana.

Os materiais e técnicas construtivas que tornam possível a edificação deste edifício, são as mesmas utilizadas nas unidades de alojamento individuais. Que dadas as suas limitações obrigam a um extenso rendilhado e a muita compartimentação com áreas modestas e de paredes de elevada espessura. Também a guarnição em torno dos vãos (portas e janelas) deve considerar uma moldura em pedra de seixo branco. O seixo branco é uma pedra dura branca de acabamento vidrado, semelhante ao mármore de Estremoz, mas de pequenas dimensões que se encontra com alguma frequência na superfície dos solos da Serra do Caldeirão, para o efeito deve ser extraída a maiores profundidades onde é encontrada em maiores dimensões. Sendo necessário depois lamina-la e regulariza-la para aplicação na guarnição. Este aspecto estético tem como principal objectivo minimizar o impacto e cortar a leitura das grandes superfícies de paramentos de tom acastanhado em pedra de xisto.



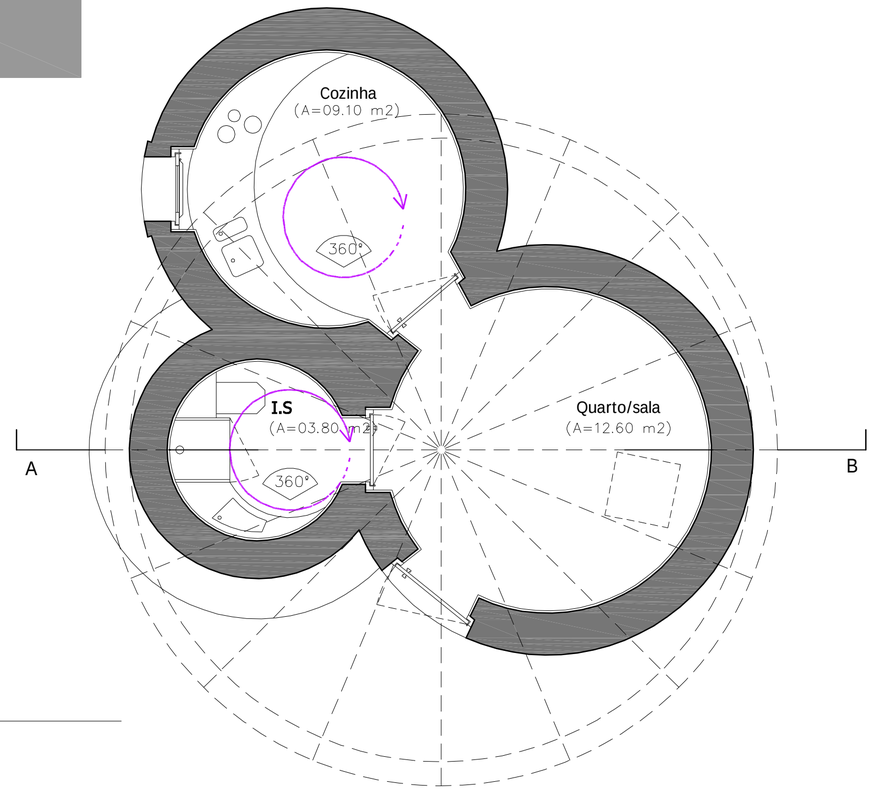
Figura 163. Acabamento exterior para as paredes.

Fonte: O Autor.

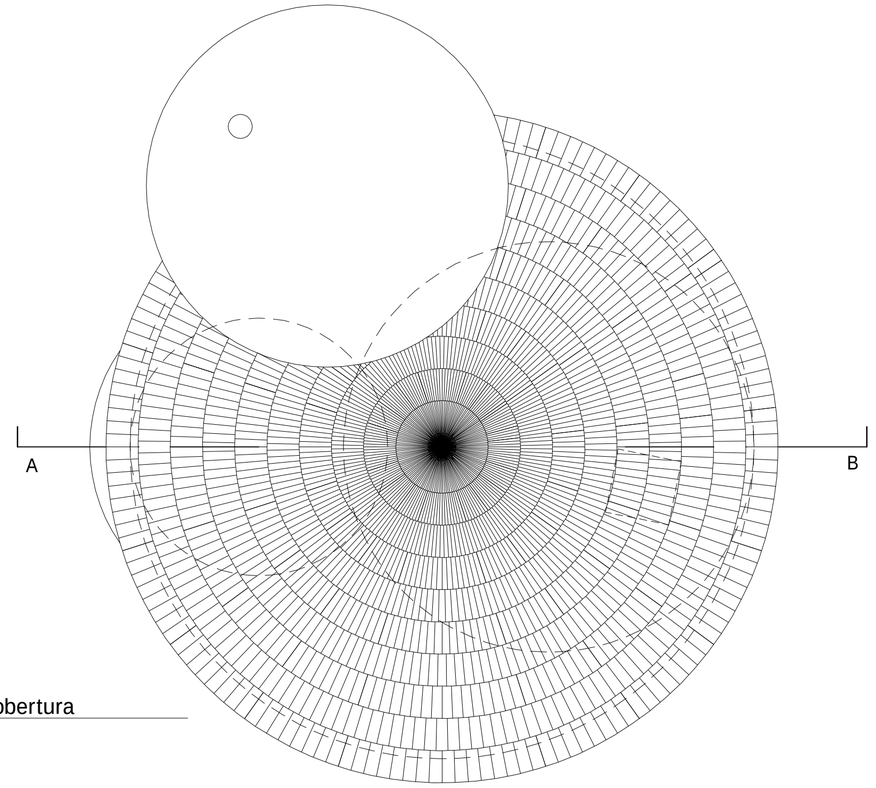


Figura 164. Amostragem da pedra de seixo branco a aplicar na guarnição de vãos.

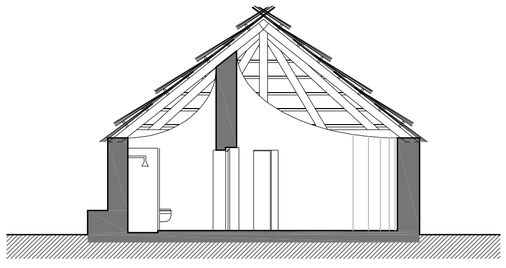
Fonte: O Autor.



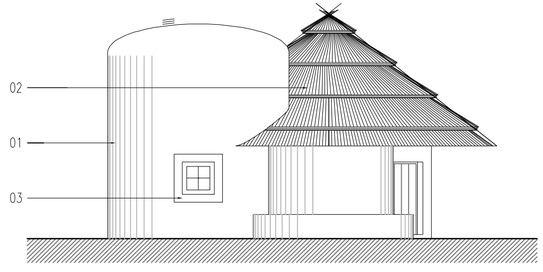
Planta

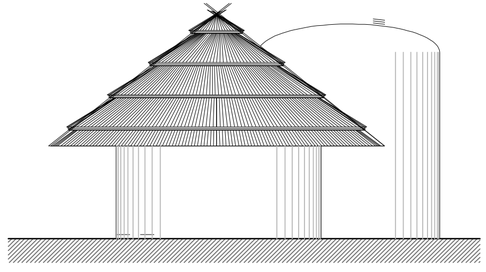


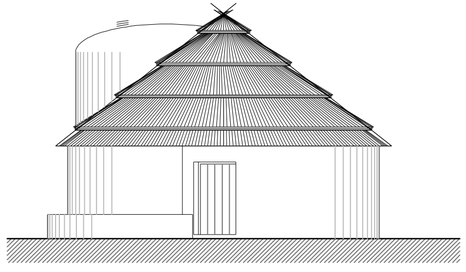
Planta da cobertura



Corte A-B







Alçados

UNIDADE DE ALOJAMENTO (T1)

Legenda:

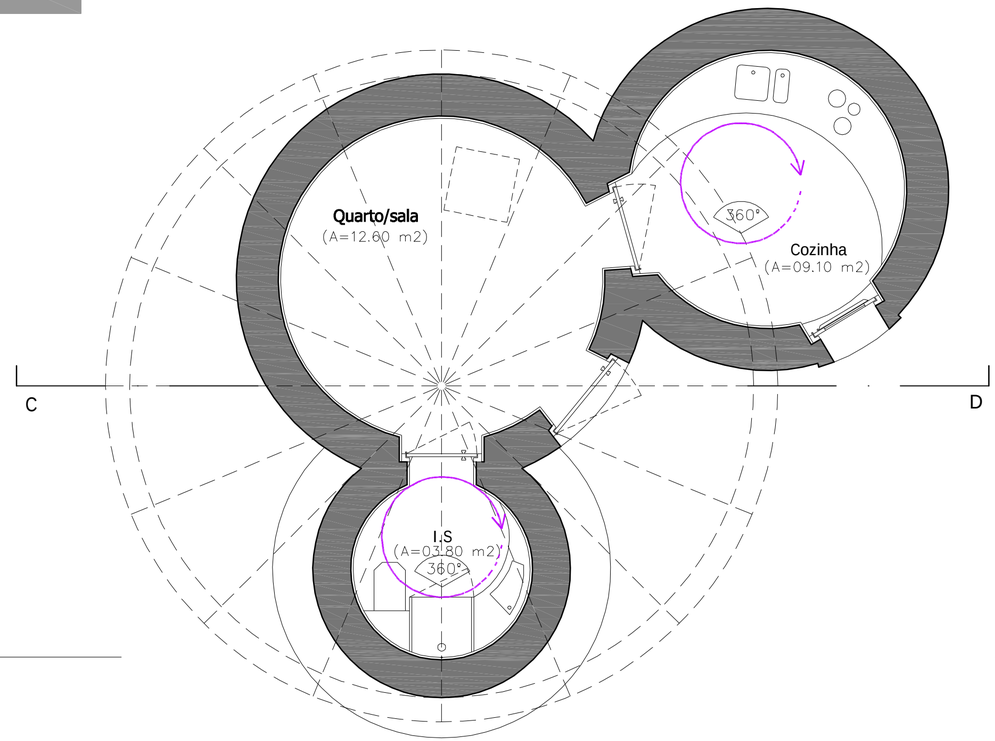
1– Parede em xisto aparente sem reboco.
2– Cobertura inclinada com revestimento a manchinhas de centeio.
3– Guarnização de vão em seixo branco. (com pedra o maior possível)
4– Os pavimentos interiores serão em ardósia.

SETEMBRO 2015 Esc. 1/50 e 1/100

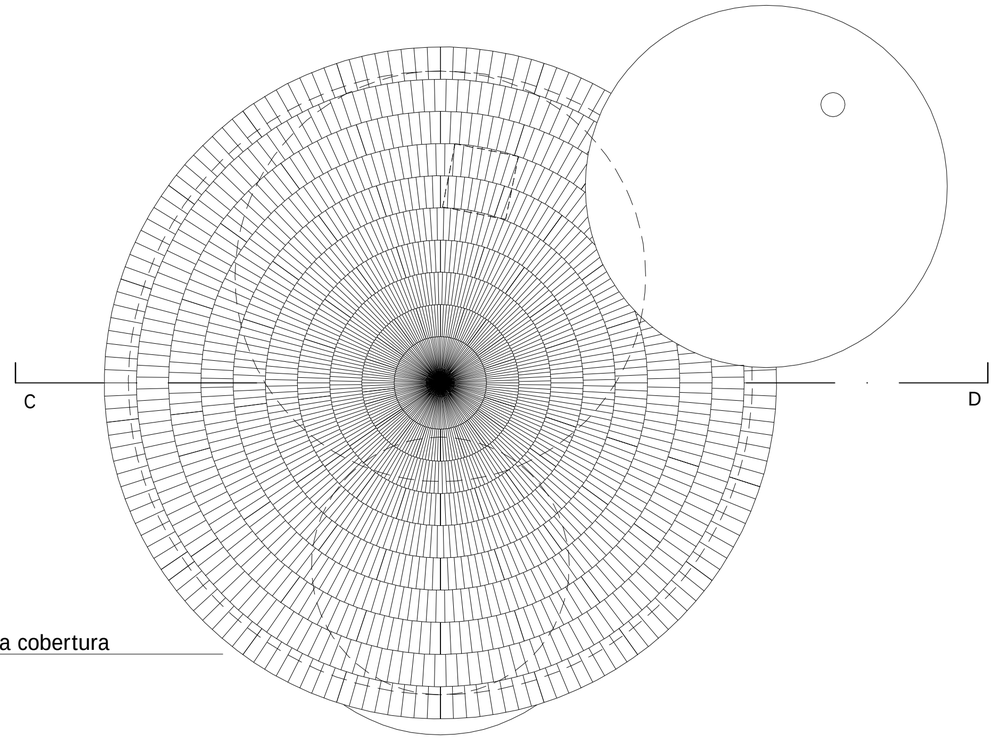
Trabalho de Projecto/Dissertação

Orientador: Prof.ª Doutora ANA M. MOYA PELLITERO
Discente: Marcelino Gonçalves nº21000561

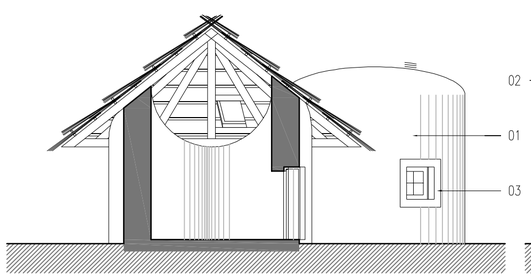
INSTITUTO SUPERIOR MANUEL TEIXEIRA GOMES 17



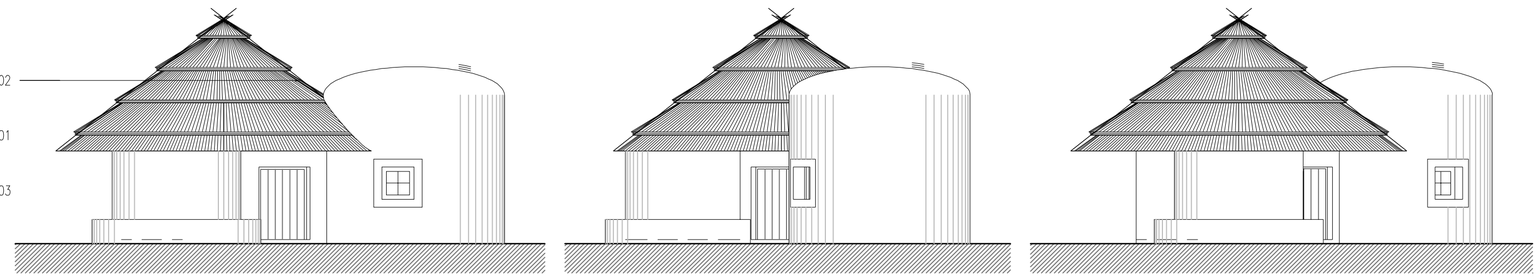
Planta



Planta da cobertura



Corte C-D



Alçados

UNIDADE DE ALOJAMENTO (T2)

Legenda:

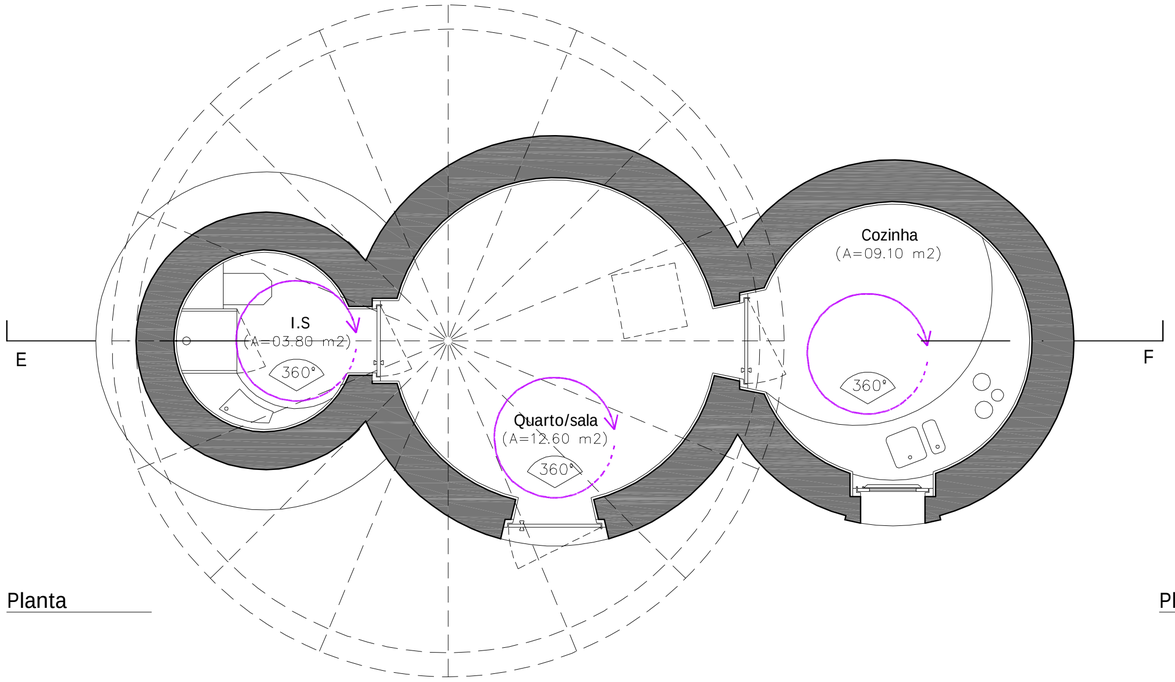
1– Parede em xisto aparente sem reboco.
2– Cobertura inclinada com revestimento a manchinhas de centeio.
3– Guarnização de vão em seixo branco. (com pedra o maior possível)
4– Os pavimentos interiores serão em ardósia.

SETEMBRO 2015 Esc. 1/50 e 1/100

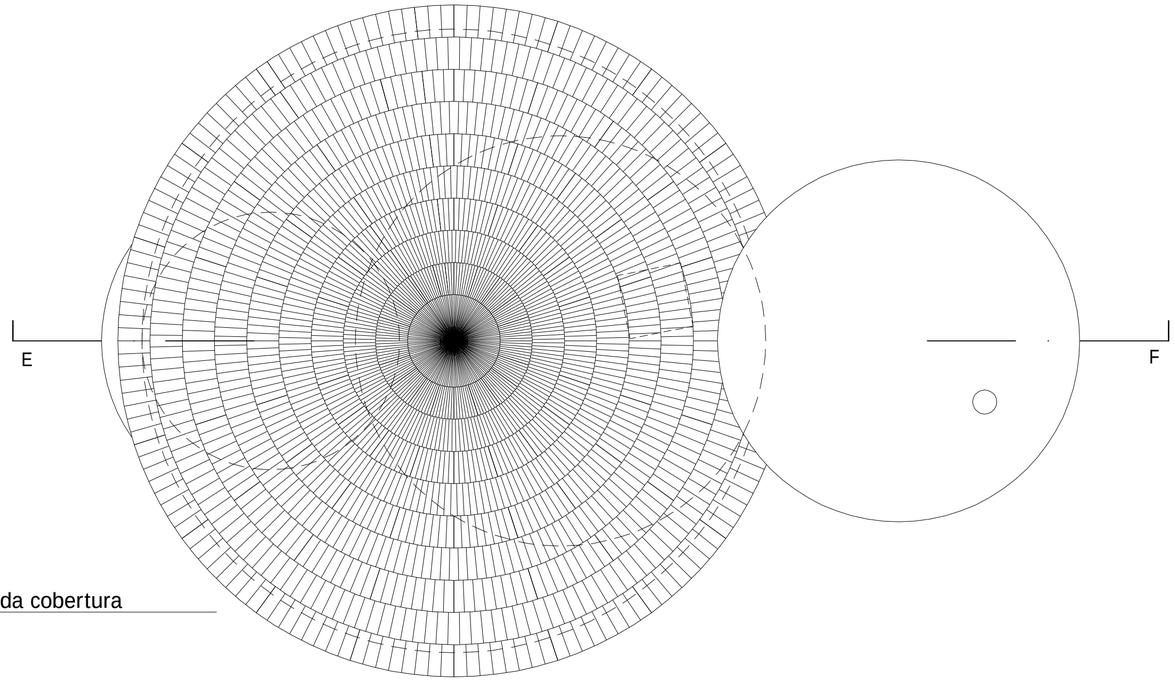
Trabalho de Projecto/Dissertação

Orientador: Prof.ª Doutora ANA M. MOYA PELLITERO
Discente: Marcelino Gonçalves nº21000551

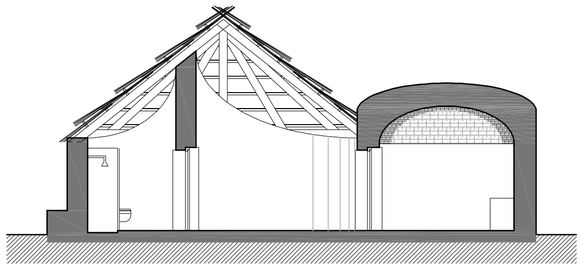
INSTITUTO SUPERIOR MANUEL TEIXEIRA GOMES 18



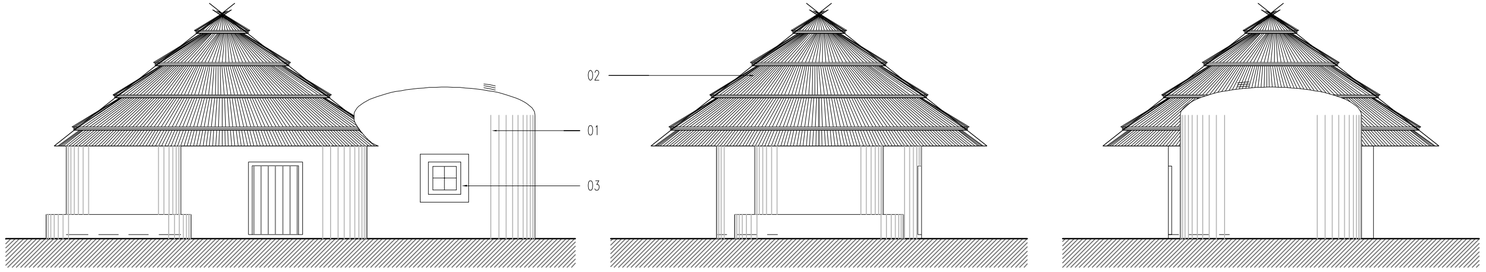
Planta



Planta da cobertura



Corte E-F



Alçados

UNIDADE DE ALOJAMENTO (T3)

Legenda:

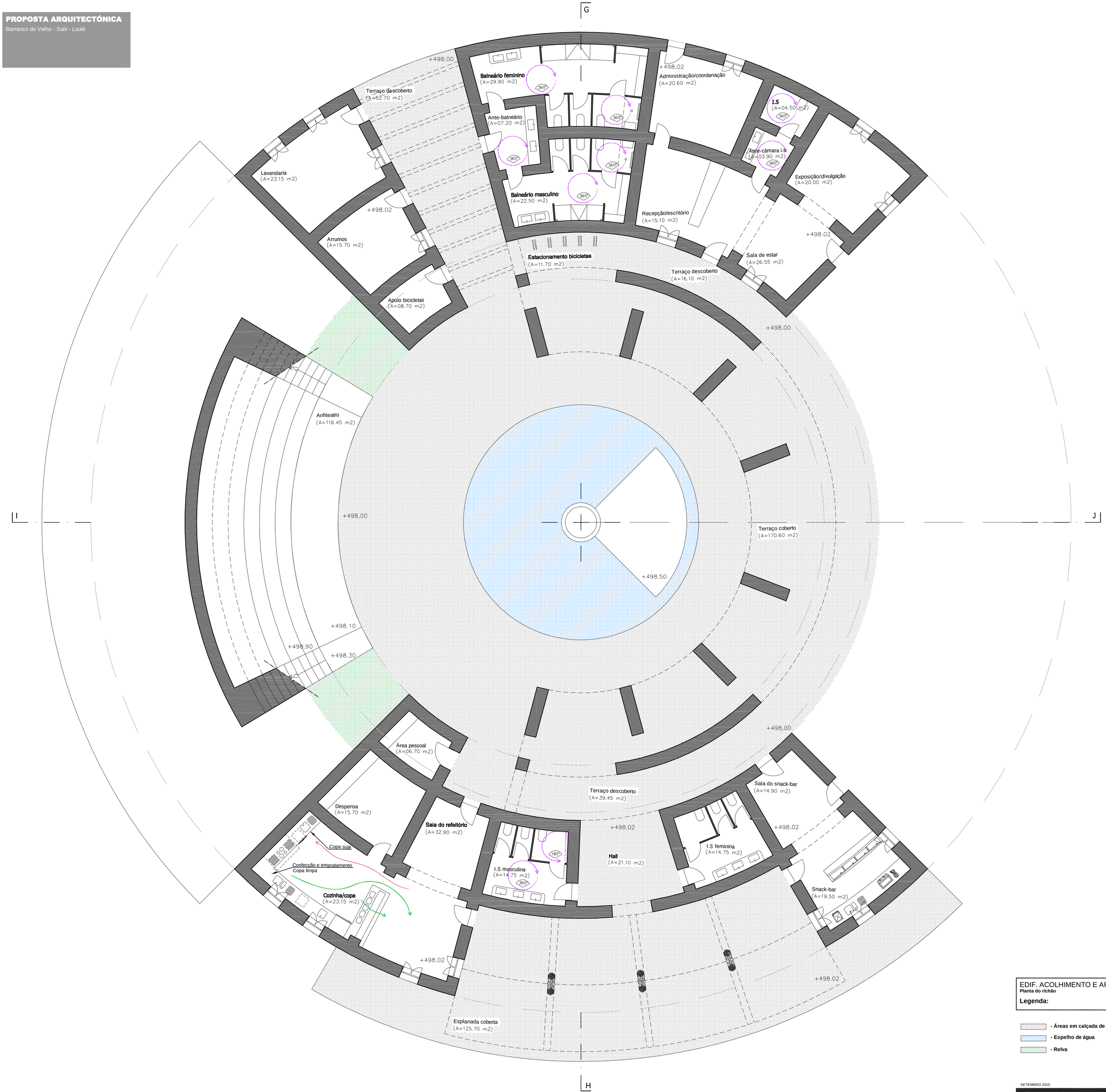
1– Parede em xisto aparente sem reboco.
2– Cobertura inclinada com revestimento a manchinhas de centeio.
3– Guarnização de vão em seixo branco. (com pedra o maior possível)
4– Os pavimentos interiores serão em ardósia.

SETEMBRO 2015 Esc. 1/50 e 1/100

Trabalho de Projecto/Dissertação

Orientador: Prof.ª Doutora ANA M. MOYA PELLITERO
Discente: Marcelino Gonçalves nº21000551

INSTITUTO SUPERIOR MANUEL TEIXEIRA GOMES 19



EDIF. ACOLHIMENTO E APOIO
Planta do *r/chão*

Legenda:

- **Áreas em calçada de xisto**
- **Espelho de água**
- **Relva**

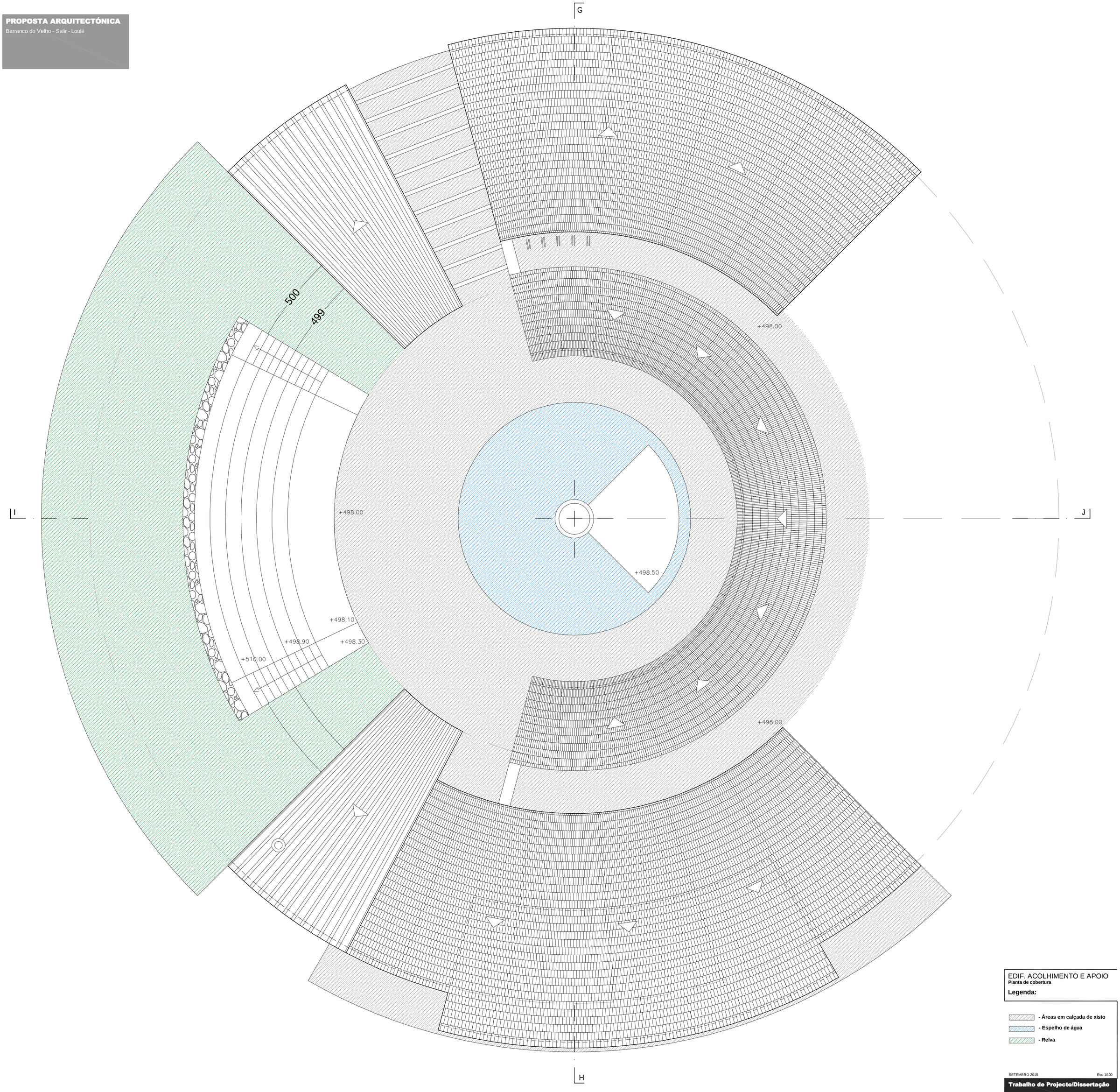
SETEMBRO 2015 Esc. 1/100

Trabalho de Projecto/Dissertação

Orientador: Prof.ª Doutora ANA M. MOYA PELLITERO
Discente: Marcelino Gonçalves nº21000551

INSTITUTO SUPERIOR MANUEL TEIXEIRA GOMES

20



EDIF. ACOLHIMENTO E APOIO
Planta de cobertura

Legenda:

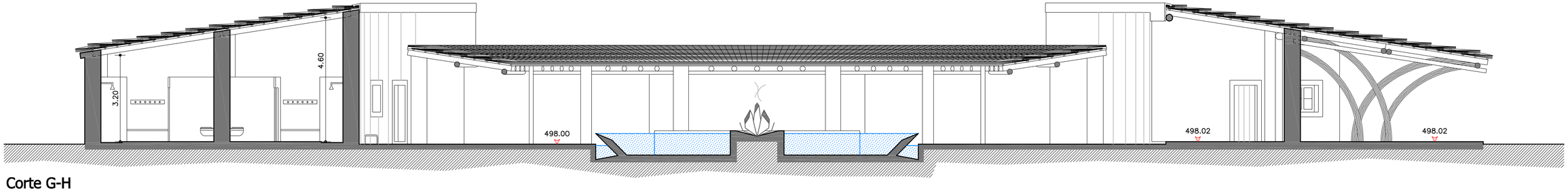
- **Áreas em calçada de xisto**
- **Espelho de água**
- **Relva**

SETEMBRO 2015 Esc. 1/100

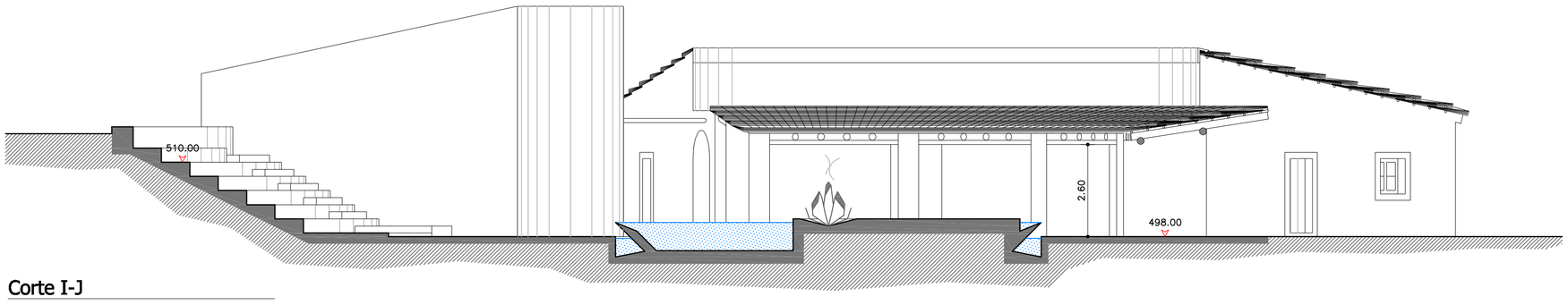
Trabalho de Projecto/Dissertação

Orientador: Prof.ª Doutora ANA M. MOYA PELLITERO
Discente: Marcelino Gonçalves nº21000551

INSTITUTO SUPERIOR MANUEL TEIXEIRA GOMES 21



Corte G-H



Corte I-J

EDIF. ACOLHIMENTO E APOIO
Cortes

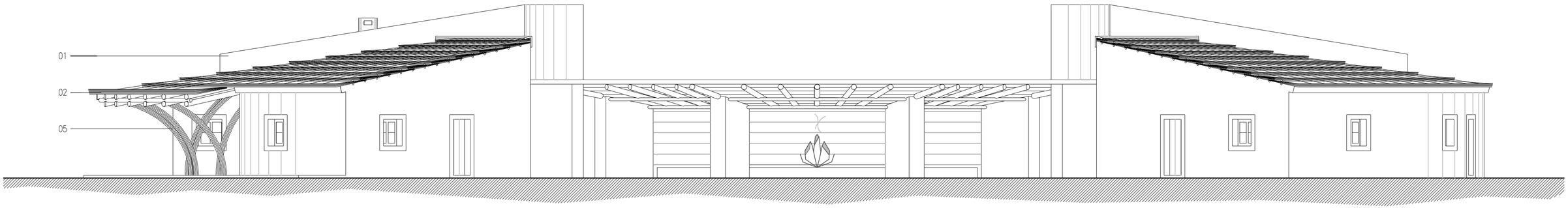
Legenda:

SETEMBRO 2015 Esc. 1/100

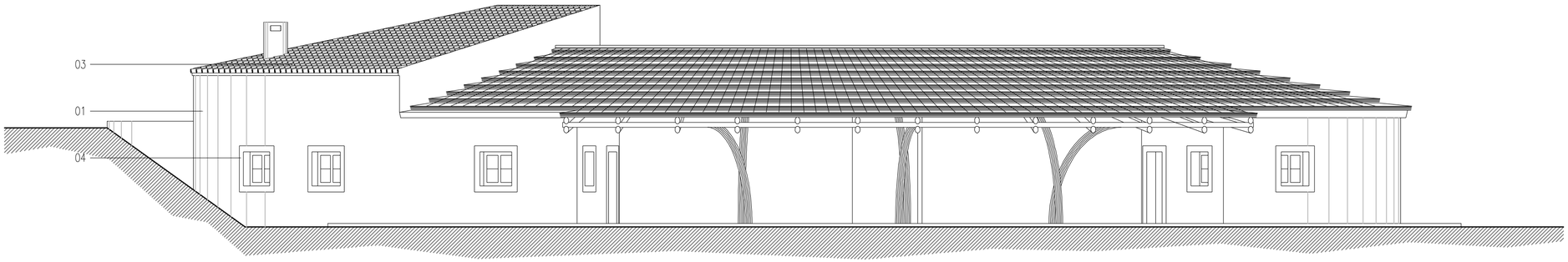
Trabalho de Projecto/Dissertação

Orientador: Prof.ª Doutora ANA M. MOYA PELLITERO
Discente: Marcelino Gonçalves nº21000551

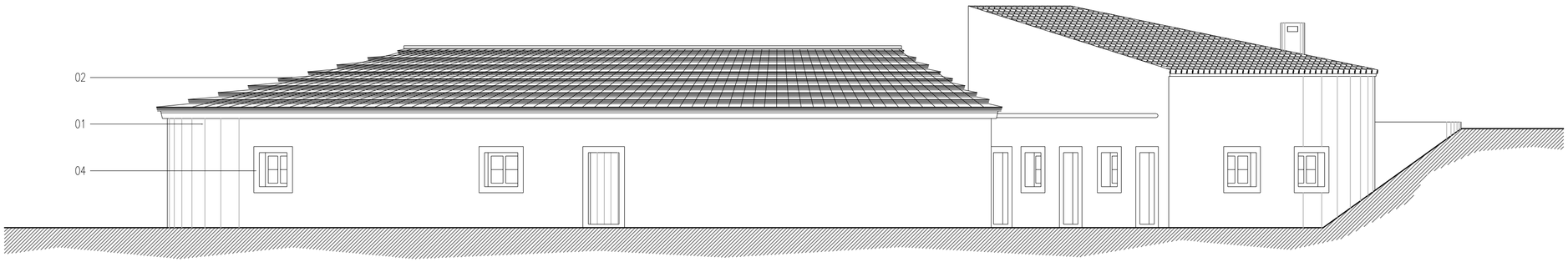
INSTITUTO SUPERIOR MANUEL TEIXEIRA GOMES 22



Alçado Sudeste



Alçado Sudoeste



Alçado Nordeste

EDIF. ACOLHIMENTO E APOIO
Alçados

Legenda:

1– Parede em xisto aparente sem reboco.
2– Cobertura inclinada com revestimento a manchinhas de centeio.
3– Cobertura inclinada revestida a telha cerâmica de canudo antiga.
4– Guarnização de vão em seixo branco. (com pedra o maior possível)
5– Pilares em varas de eucalipto (NOTA: esta solução estrutural deve ser verificada e ensaiada em obra de forma a melhorar o seu desempenho relativamente a forças horizontais. Caso não apresente segurança deve ser substituida por outra solução).

SETEMBRO 2015 Esc. 1/100

Trabalho de Projecto/Dissertação

Orientador: Prof.ª Doutora ANA M. MOYA PELLITERO
Discente: Marcelino Gonçalves nº21000551
INSTITUTO SUPERIOR MANUEL TEIXEIRA GOMES

23

CONCLUSÃO

Tudo indica que as construções elementares de planta circular existentes na Serra do Caldeirão e provavelmente em muitas outras regiões, expressam os princípios base da construção, dada a sua longa existência a par da história. Nomeadamente as semelhantes aos palheiros circulares, que já são identificadas na estação arqueológica do Cerro do Castelo de Santa Justa, datada do terceiro milénio a.C. (Idade do Cobre) onde os arqueólogos analisaram os seus vestígios. Este achado comprova no território de estudo a sua longa permanência por estas terras, mas pondera-se ainda que a sua utilização terá sido implementada muito antes, em particular na materialização dos choços ou choças, amplamente associadas ao período Neolítico (10000 a.C – 3000 a.C). Não mencionando os cortelhos e os fornos, que pelas suas características construtivas, reivindicam descendência de templos e túmulos do quarto milénio a.C. da civilização Mesopotâmica, mas que não se conseguiu estabelecer um período no qual terão sido implementadas no território de estudo. Naturalmente que as existências encontradas na Serra do Caldeirão não são oriundas destas épocas, mas representam uma herança de valores e conhecimentos ancestrais, decorrente de um aperfeiçoamento sistemático no tempo, respondendo até ao século anterior com grande eficiência às solicitações impostas na sua utilização.

Foi interessante constatar, a enorme quantidade de construções elementares de planta circular existentes no território estudado, contemplar e especular como um conceito primigénio chega à actualidade e como o primitivismo ainda impera em toda a sua formalização individual, numa particular intimidade com a paisagem natural e urbana, estabelecendo-lhe um valor realmente icónico no local. Por tudo isto, considera-se que as construções elementares de planta circular constituem elementos importantes no património edificado, merecedores de protecção e reabilitação, além de que, o desprezo e a sua avançada degradação ameaçam o seu desaparecimento definitivo a curto prazo.

A sua preservação e reabilitação, nomeadamente os palheiros circulares e moinhos de vento, podem ainda servir de argumento para assumir um elemento identitário, ajudando a dinamizar economicamente e a promover a Serra do Caldeirão no contexto turístico, à semelhança do que foi feito noutras regiões e com os mesmos ou outros elementos construídos. Exemplo dos famosos “Espigueiros” que se tornaram símbolo icónico, representativo do património edificado de arte popular, claramente associado às paisagens da região do noroeste peninsular (Minho) e em particular ao Parque Natural da Peneda – Gerês.

Num mundo que cada vez mais implora por intervenções mais contidas e menos invasivas em termos ambientais, foi possível verificar, através deste trabalho que existe uma certa tendência para complicar a intervenção na esfera da edificação/urbanização, incutida por tendências ou soluções mais implementadas. Sabe-se contudo que as exigências aumentaram e evoluíram no tempo, mas que existe

muito conhecimento milenar que consegue facilmente responder às exigências actuais ou até melhora-las, podendo ser aproveitado para gratificar a qualidade de vida humana, mas normalmente colocadas de parte por força de interesses económicos. Aliás, observa-se claramente como se pode fazer muito com quase nada. Analisando a construção das construções elementares de planta circular, verifica-se como utilizando as suas técnicas construtivas e materiais locais pode contribuir para uma forte diminuição nos custos, face a uma construção tradicional que utilize o betão armado. O seu fornecedor de materiais é a natureza e a despesa fica quase resumida, tão-somente, à mão de obra. Aliás com impacto ambiental e uma emissão de CO2 quase nula, face a outras construções onde os materiais provenientes da industrialização predominam e o transporte até ao local da obra marcam com fortes emissões de poluentes. Os benefícios não se traduzem apenas durante a fase de construção, mas também após. O desempenho térmico, acústico e higrométrico interior único apresentam fortes vantagens para a saúde e bem-estar do seu ocupante. Representando além do mais uma excelente eficiência energética para manter um ambiente e atmosfera agradável, sem recorrer a tecnologias e materiais mais recentes. Além do mais, confere-se uma imagem muito peculiar, acolhedora, reconfortante e interessante do ponto de vista estético.

Mas como em tudo existe vantagens e desvantagens, relativamente à tecnologia actual de construção e matérias industrializados o arquitecto fica neste caso, bem mais limitado na liberdade imaginativa, na plasticidade volumétrica, na dimensão do espaço, abertura de vãos, na altura do edifício e nas instalações técnicas. As construções em pedra e materiais vegetais dificilmente escondem cablagem técnica e as coberturas em palha representam algum risco na segurança, nomeadamente em termos de segurança contra risco de incêndio, afastando a utilização de lume e a necessidade de evitar curto-circuitos eléctricos ou o sobre aquecimento de cabos. Exigindo protecção extra ou passagem e aplicação em áreas que não apresentem perigo.

Outra limitação na utilização das técnicas construtivas das construções elementares de planta circular, está no erigir das grandes metrópoles. O recurso a estes métodos tradicionais não é de todo possível para grandes edifícios ou grandes obras, conforme anteriormente descrito, porque exigem grandes quantidades de materiais que satisfaçam as solicitações, tornando-se impossível no âmbito da disponibilidade. Serão sempre soluções mais reservadas para o meio rural ou para construções até porte médio.

Foi impressionante constatar como um território que aparentemente não tem interesse, depois de uma observação mais atenta nos revela e ensina tanto, despertando para uma humildade rica que nos deixa impressionados e com muita vontade de explorar além daquilo que comummente se conhece. E isto, será apenas uma pequena amostra da riqueza que a Serra do Caldeirão nos reserva por todo o seu território.

BIBLIOGRAFIA

. ALBRECHT, Benno; BENEVOLO, Leonardo - A*s origens da arquitectura*. Lisboa: Edições 70, 2002.

. ASENSIO, Paco – *Tadao Ando*. Barcelona: Loft Publications, 2004.

. BASTOS, Cristiana – Os montes do nordeste algarvio. Lisboa: Edições Cosmos, 1993.

. BEINHAUER, Peter – *Atlas de detalhes construtivos. Nova edição*. 2ª Edição. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL, 2012.

. BLÁZQUEZ, José Maria – *Tartesos y los orígenes de la colonización fenicia en occidente*. Salamanca: Ediciones Universidad, 1975.

. CALADO, Margarida; SILVA, Jorge Henrique País da – *Dicionário de termos de arte e arquitectura*. Lisboa: Presença, 2005.

. CAMPOS, Maria José – *Cachopo e a sua história. Apontamentos monográficos*. Tavira: Tipografia Tavirense, 2005.

. CASTRO, Celestino; MARTINS, Pires Artur; TORRES, Fernando - *Arquitectura popular em Portugal*. Volume 2. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004.

. CHING, Francis D. K. – *Dicionário visual de arquitetura*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 2006.

. COSTA, Francisco Dias – *Floridas na pedra. A hidrografia do Vascão e a Serra do Caldeirão ou Um*. Faro: Associação "In Loco", 1996.

. COSTA, Miguel Reimão – *Casas e montes da serra entre as estremas do Alentejo e do Algarve: forma, processo e escala no estudo da arquitectura vernacular.* Porto: Edições Afrontamento, 2014.

. COSTA, Miguel [et al.] – *Património rural construído do baixo guadiana*. Vila Real de Santo António: Editora do Rio Guadiana, 2004.

D'ALFONSO, Ernesto; SAMSA Danilo – *Guia de história da arquitectura. Estilos arquitectónicos*. Barcarena: Editorial Presença, 2006.

. DAVIES, Penelope J. E. [et al.] – *A nova história da arte de Janson*. Lisboa: Fundação Calouste

Gulbenkian, 2010.

. DIAS, Jacinto Palma – *Moda e anti-moda na arquitectura popular do Algarve. Al'-ulyã*. Loulé: Arquivo Histórico Municipal de Loulé. Nº 1 (1992).

. FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Ana – *A casa popular do Algarve. Espaço rural e urbano, evolução e actualidade*. Faro: CCDR Algarve / Edições Afrontamento, 2008.

. FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Ana – *Arquitectura no Algarve*. Faro: CCDR Algarve / Edições Afrontamento, 2005.

. FERNANDES, Maria Alice; KHAWLI, Abdallah; SILVA, Luís Fraga – *A viagem de Ibn Ammâr de São Brás a Silves*. São Brás de Alportel: Câmara Municipal de São Brás de Alportel, 2007.

. FERNÁNDEZ, Francisco Alejo [et al.] – *Cultura andaluza. Geografia, história, arte, literatura, música, cultura popular*. Sevilla: Editorial MAD, S.L., 2003.

. FERREIRA, Vítor Matias; FREITAS, Eduardo - *A Serra do Caldeirão. Roteiro sócio-cultural*. Faro: Associação "In Loco", 1999.

. GALHANO, Fernando; OLIVEIRA, Veiga Ernesto – *Arquitectura, in LIMA. A arte popular em Portugal*. Volume 1. Lisboa: Editorial Verbo [s.d.].

. GALHANO, Fernando; OLIVEIRA, Veiga Ernesto – *Arquitectura tradicional portuguesa.* 2ª Edição. Lisboa: Publicações Dom Quixote, Lda., 1994.

. GALHANO, Fernando; OLIVEIRA, Veiga Ernesto; PEREIRA, Benjamim – *Construções primitivas em Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994.

. GALHANO, Fernando; OLIVEIRA, Veiga Ernesto - *Tecnologia tradicional portuguesa. Sistemas de moagem*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983.

. GIRÃO, Aristides de Amorim – *Geografia de Portugal*. Porto: Portucalense, 1941.

. GIobalalgarve Cooperação e Desenvolvimento, S.A – *Vilas e aldeias. Algarve rural*. Faro: Globalgarve Coorperação e Desenvolvimento, S.A, 2003.

. GOITIA, Fernando Chueca – *Protótipos na arquitectura greco-romana e a sua influência no mundo ocidental.* Lisboa: Ulmeiro Universidade, 1996.

. GOLDFINGER, Myron – *Arquitectura popular mediterrânea*. Barcelona: Gustavo Gili, Editorial S.L, 1993.

. GONÇALVES, Victor Manuel dos Santos – *Cerro do castelo de Santa Justa: um povoado calcolítico fortificado no alto Algarve oriental. Noventa séculos entre a serra e o mar*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, 1997.

. GUERREIRO, Manuel Viegas – *Uma excursão à serra do Algarve*. 2ª Edição. Loulé: Câmara Municipal de Loulé, 1991.

. GYMPEL, Jan – *História da arquitectura da antiguidade aos nossos dias*. Colónia: Konemann Verlagsgesellschaft mbH, 2001.

. JODIDIO, Philip – *Architecture now*. *Houses*. 1ª Edição. Cologne: Taschen, 2009.

. JODIDIO, Philip – *Green. Architecture now*. 2ª Edição. Cologne: Taschen, 2012.

. KAHN, Lloyd – *Shelter*. California: Shelter Publications, Inc, 2000.

. KUNZ, Martin Nicholas – *Cool hotels. África*. New York: teNeues Publishing Company, 2005.

. LEMAÎTRE, Jean – *O novo rosto da Serra do Caldeirão*. Faro: Associação "In Loco", 1995.

. LITTLEFIELD, David – *Manual do arquitecto. Planejamento, dimensionamento e projecto*. 3ª Edição. Porto Alegre: Bookman, Companhia Editora, 2008.

. LOURO, Estanco – *O livro de Alportel, monografia*. 3ª Edição. São Brás de Alportel: Câmara Municipal de São Brás de Alportel, 1996.

. MACIEL, Justino M. – *Vitrúvio. Tratado de arquitectura*. 3ª Ed. Lisboa: Instituto Superior Técnico, 2009.

. MAGALHÃES, Joaquim Romero – *Algarve económico 1600-1773*. Lisboa: Estampa, 1993.

. MAIA, Maria Garcia Pereira – *Levantamento da carta arqueológica de Cachopo*. Tavira: Campo Arqueológico de Tavira, 2000.

. MARQUES, Maria da Graça Maia – *O Algarve da antiguidade aos nossos dias*. Lisboa: Colibri, 1999.

. MASIERO, Roberto - *Estética de la Arquitectura*. Madrid: A. Machado Libros, S.A., 2003.

. MINGUET, Josep Maria – *Fachadas.* Barcelona: Instituto Monsa de Ediciones, 2010.

. MOLA, Francesc Zamora – *The sketch book*. Barcelona: Loft Publications, 2010.

. MOUTINHO, Mário – *A arquitectura popular portuguesa*. 2ª Ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1985.

. NEVES, José Manuel das – *Houses. Mário Martins*. Lisboa: Uzina books, 2011.

. NEVES, José Manuel das – *Portuguese contemporary houses*. Lisboa: Uzina books, 2013.

. NOBRE, José – *Cabanas, casulhos e palumbares na terra de Miranda*. Parque Natural do Douro Internacional: Instituto da Conservação da Natureza, 2004.

. OLIVER, Paul – *Dwellings: the vernacular house world wide*. 2ª Edição. New York: Phaidon Press Limited, 2003.

. PEREIRA, Angelina, ed. [et al.] – *As vias do Algarve da época romana à actualidade*. São Brás de Alportel: Câmara Municipal de São Brás de Alportel / CCDR Algarve, 2006.

. PEREIRA, Pedro Cantinho; DIOGO, Cláudia – *Apontamentos de metodologia da investigação*. Portimão: Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes, 2011.

. PERFEITO, Abílio Alves Bonito [et al.] – *Dicionário da língua portuguesa 2011*. Porto: Porto Editora, 2010.

. PESSOA, Fernando Santos – *Algarve: paisagens e espaços naturais.* Faro: CCDR Algarve, 1999.

. PRISTA, Pedro – *Terra palha cal, ensaios de antropologia sobre materiais de construção vernacular em Portugal.* Lisboa: Edições Argumentum, 2014.

. QUEIROZ, Jorge; SANTOS, Marta – *Cidade e mundos rurais. Tavira e sociedades agrárias*. Tavira: António Coelho Dias, S.A. / Câmara Municipal de Tavira, 2010.

. RAPOSO, Isabel - *Guia da reabilitação e construção. Cidade de Loulé*. Loulé: Câmara Municipal de Loulé / Faculdade de Arquitectura / Universidades Técnica de Lisboa, 2005.

. RIBEIRO, Vítor, ed. [et al.] – *GTAA sotavento - Síntese dos trabalhos 2001-2007*. Faro: CCDR Algarve / Edições Afrontamento, 2008.

. RIBEIRO, Vitor, ed. [et al.] – *Materiais, sistemas e técnicas de construção tradicional: contributo para o estudo da arquitectura vernácula da região oriental da Serra do Caldeirão*. Faro: CCDR Algarve / Edições Afrontamento, 2008.

. RYKWERT, Joseph - *A casa de adão no paraíso. A ideia da cabana primitiva na história da arquitectura*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

. SANTOS, Mariana Amélia Machado – *O Barranco do Velho. Tentativa de estudo duma pequena região portuguesa.* Coimbra: Coimbra Editora, 1932.

. SCHLEIFER, Simone – *Pequenas casas ecológicas*. Madrid: Evergreen GmbH, 2008.

. SILVANO, Filomena – *Antropologia do espaço.* Lisboa: Celta Editora, 2001.

. SIMÕES, João Miguel – *História económica, social e urbana de Loulé*. Loulé: Arquivo Municipal de Loulé, 2012.

. TASCHEN, Laszlo – *Arquitectura moderna A-Z*. Koln: Taschen, 2010.

. VIDELLA, Àlex Sanchez – *Arquitectura contemporánea*. Barcelona: Loft Publications, 2013.

. VEIGA, Sebastião P. M. Estácio - *Antiguidades monumentais do Algarve.* Faro: Universidade do Algarve, 2005.

INFOGRAFIA

. ESCOBAR, Juan A. Calatrava - Arquitectura y naturaleza. El mito de la cabaña primitiva en la teoría arquitectónica de la Ilustración. Universidade de Granada: A Gazeta de Antropologia. [Em linha]. [consult. 2015-05-12]. Disponível em: http://www.ugr.es/~pwlac/G08_09JuanA_Calatrava_Escobar.html.

. MIGUEL, Jorge Marão Carnielo - Casa e lar: a essência da arquitectura. Revista Vitruvius. [Em linha]. [consult. 2015-06-20]. Disponível em:http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.029/746.

. HOLZ, Ingrid Herzog - Mais sobre a cabana primitiva... Arqhabitação. [Em linha]. [consult. 2015-06-08]. Disponível em: http://arqhabitacao.blogspot.pt/2007/07/mais-sobre-cabana-primitiva.html.

. VARGAS, Rodrigo - La Cabana Primitiva Y algumas derivadas. Blog Arquitectura entre d'Altres solucion. [Em linha]. [consult. 2015-05-11]. Disponível em: http://jaumeprat.com/la-cabana-primitiva-y-algunas-derivadas/ (Tradução feita pelo autor).

. Percursos pedestres. Site Câmara Municipal de São Brás de Alportel. [Em linha]. [consult. 2015-06-19]. Disponível em: http://www.cm-sbras.pt/pt/menu/220/percursos-pedestres.aspx.

. MARTINS, A. - Cerro do Castelo de Santa Justa. Site da Direcção-Geral do Património Cultural. [Em linha]. [consult. 2015-06-07]. Disponível em: http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/69679/

. MESQUITA, José Carlos Vilhena - O Remexido e a resistência Miguelista no Algarve. Blog Algarve-História e cultura. [Em linha]. [consult. 2015-06-12]. Disponível em: http://algarvehistoriacultura.blogspot.pt/2009/10/o-remexido.html.

. SANTANA, Joana - Gestão e Conservação da Biodiversidade de Florestas Mediterrânicas: o caso dos Sobreirais da Serra do Caldeirão. Naturlink: ERENA – Ordenamento e Gestão de Recursos Naturais, S.A. [Em linha]. [consult. 2015-06-23]. Disponível em: http://naturlink.sapo.pt/Natureza-e-Ambiente/Fauna-e-Flora.